

ELIETE MAROCHI

**A EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICA DE
PAULO BARRETO**

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras Teoria Literária/ Literatura Brasileira da Universidade Federal, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Teoria Literária.

Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis, junho de 2000.

“A experiência jornalística de Paulo Barreto”

Eliete Marochi

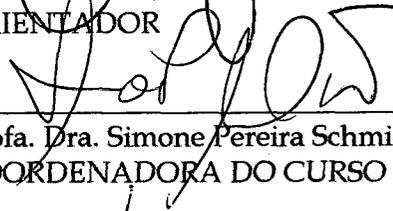
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

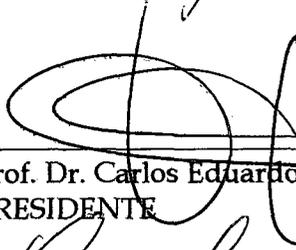


Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela
ORIENTADOR

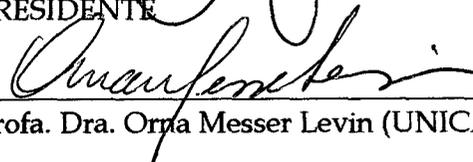


Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

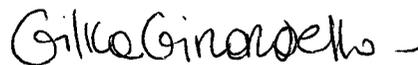
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela
PRESIDENTE



Profa. Dra. Orna Messer Levin (UNICAMP)



Profa. Dra. Gilka Girardello (UFSC)

Prof. Dr. Marco Antonio Casteli (UFSC)
SUPLENTE

Dedico este trabalho à minha mãe,
D. Nilza que me apoiou em todos
os momentos. E à minha filha,
Flora, que me impulsionou à
terminá-lo.

AGRADECIMENTOS

— Ao mestre, orientador e amigo Carlos Eduardo Capela, por sua paciência, compreensão e porque acreditou em mim mais do que eu pude acreditar.

— À amiga e professora Tereza Virginia de Almeida por sua compreensão e pela porta que me abriu, aceitando minhas decisões.

— À minha irmã e “ouvido”, Elizabete, que escutou com paciência e compreensão todas minhas queixas e lamentações.

— À minha amiga Chirley, que me emprestou livros e compartilhou comigo suas dúvidas e conhecimentos à respeito de João do Rio.

— Aos amigos Róbison e Luísa pelo apoio dado desde o início do curso.

— Ao Professor Raúl Antelo por sua atenção, dicas e pelo empréstimo de livros raros.

— À Dedé e Vera e aos Orixás pela ajuda espiritual.

— Ao Cnpq, por ter financiado esta pesquisa.

— À Coordenação, aos funcionários e aos professores do Curso de Pós-Graduação em Letras, pela atenção, pelo carinho e paciência.

— E ao Vilson, meu companheiro e amigo de todas as horas.

SUMÁRIO

1) Introdução.....	6
2) Jornal e Jornalismo na Bela Época Brasileira.....	13
3) Profissão Jornalista ou A Profissão de Paulo Barreto.....	31
4) Breve Trajetória de Paulo Barreto na Imprensa.....	53
5) O Jornalismo Como Vivência e Experiência.....	63
6) As Máscaras.....	85
7) A Reportagem.....	97
8) Jornalismo e Cinema.....	112
9) Para Concluir.....	119
10) Bibliografia.....	124
11) Anexos.....	129

RESUMO

O objetivo da presente Dissertação é fazer uma análise dos textos meta-jornalísticos de Paulo Barreto, de acordo com o conceito de experiência, de Walter Benjamin e Henri Bergson. Os textos reunidos em anexo são em sua maioria inéditos e estão organizados cronologicamente. Foram por mim pesquisados e coletados das páginas de jornais cariocas e paulistanos, no período compreendido entre 1899 e 1922.

INTRODUÇÃO

A minha motivação para entrar para a pós-graduação veio através de uma curiosidade e de uma atração pela literatura francesa decadente do final do século XIX. O gosto pelo estilo despertou-me a curiosidade em saber o que estaria acontecendo nesta mesma época, em termos de literatura, no Brasil. Aos poucos, o caminho foi se abrindo para este período, até então tão desconhecido por mim, da literatura nacional. Tive muitas surpresas ao descobrir que essa mesma literatura da qual eu gostava era fonte de inspiração para escritores brasileiros e que o Rio de Janeiro também tivera a sua “belle époque”. Nestas andanças pelo Rio antigo cheguei a João do Rio. O primeiro livro com que travei contato foi *A Alma Encantadora das Ruas*, e em seguida, *As Religiões do Rio*, e fascinei-me com suas crônicas sobre a cidade carioca.

Talvez por eu ser graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, chamou-me atenção o fato de Paulo Barreto ter sido um jornalista. Inúmeras questões me vieram à cabeça, a respeito desse jornalismo praticado no início do século: a notícia, o fato, eram notadamente trabalhados literariamente, mas de que modo eram colhidas as informações? Como eram feitas as pautas no jornal? Como se fazia a reportagem? Como era feito esse jornalismo que abria espaço nas suas páginas para crônicas literárias? Seria a crônica o carro chefe do jornalismo? Como se trabalhava com a veracidade dos fatos? E as fontes?

Outra coisa que muito me chamou a atenção foi a questão dos pseudônimos: o fato de criar um personagem para desenvolver o trabalho jornalístico, e no caso de Paulo Barreto, eram vários personagens, múltiplos eus, agindo nas colunas e páginas de periódicos cariocas. Por que mascarar-se? Qual era o sentido em criar personagens para falar de coisas e fatos reais? Sem dúvida, tais perguntas eram feitas pela jornalista, mas foram, de certa forma, o impulso inicial para o desenvolvimento de todas as minhas leituras e do meu projeto inicial de entrada para o curso de pós-graduação.

Ao longo de minha pesquisa algumas perguntas foram se tornando irrelevantes; outras, até hoje permanecem sem respostas concretas, e novas perguntas se formaram ao conhecer melhor o autor no decorrer dos cursos e do meu aprofundamento na obra barretiana.

Os textos e as crônicas de João do Rio me fizeram ver que o jornalismo da virada do século, por ser uma nova instituição, agora desenvolvida em ritmo industrial, era feito e criado através de: a) imitação de periódicos franceses, americanos e portenhos; b) as crônicas e matérias jornalísticas eram prolongamentos de idéias e modos narrativos retirados da literatura européia; c) que o flâneur e o detetive, figuras tão típicas da literatura, foram inspiração para os jornalistas desenvolverem ou criarem o jornalismo investigativo e a reportagem; d) o novo arsenal tecnológico “comunicativo”, como o telégrafo, o telefone, o cinematógrafo e até mesmo o automóvel dinamizaram a produção e criaram um ritmo “vertiginoso” — ditando novos ritmos de trabalho e de observação para a composição de textos —, dando início ao desenvolvimento das primeiras técnicas do jornalismo e, finalmente, que o jornal, e seu “stado nascendi”, formava-se através da vivência¹ dos escritores na cidade, como veremos demonstrado nos capítulos a seguir.

Ao pesquisar toda a extensão da obra de Paulo Barreto, percebi que inúmeras vezes o tema de suas crônicas e de seus artigos ou colunas voltava-se para o jornalismo. Eram reflexões acerca da profissão, do jornal e do jornalismo que se desenvolviam ao longo dos anos (1899-1921) em que

¹ Vivência ou *Erlebnis*, de acordo com o conceito de Walter Benjamin, se manifestaria na “impressão forte, que precisava ser assimilada às pressas, produzindo efeitos imediatos”.

atuou na imprensa carioca. Denomino tais crônicas como constituintes de sua “experiência”² como jornalista.

Ao longo de seus vinte e dois anos de imprensa, Paulo Barreto está constantemente colocando ao seu “público leitor” a problemática do jornalismo e da profissão de jornalista. Ele analisa carta de leitores, faz conferências sobre o jornalismo e luta por um melhoramento e uma “profissionalização” da atividade, critica a imprensa ante determinados problemas mal abordados, aconselha jovens jornalistas, aponta erros cometidos pela revisão e pela tipografia, entre inúmeras outras questões.

Tanto suas reflexões como suas “vivências” proporcionadas pelo jornalismo formaram escola no Brasil. Muitos historiadores, pesquisadores, como, por exemplo, Brito Broca, Raimundo Magalhães ou Cremilda Medina, asseguram que João do Rio foi o criador do jornalismo investigativo e responsável pela origem da reportagem no Brasil. Esse trabalho visa discutir a “experiência jornalística” de Paulo Barreto, que seria a inspirador de seu trabalho como cronista, contista, teatrólogo e jornalista.

Por se tratar de um material fragmentário, tendo como fio condutor os conceitos de experiência e de vivência, optei também pelo método benjaminiano de “construção historiográfica”. Partindo do pressuposto de

² No conceito benjaminiano. *Erfahrung*, pode ser definido como “conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra como numa viagem”: “o sujeito integrado numa comunidade que dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo”.

que a “história é o objeto de uma construção”, passei a buscar nos livros uma coletânea de materiais, criando uma “constelação” de fragmentos de uma série de obras da literatura brasileira e francesa, da história do Rio de Janeiro, depoimentos de amigos do autor, pesquisas realizadas sobre João do Rio, e, por fim, textos teóricos que pudessem ajudar-me na composição final de meu trabalho.

Na segunda parte da Dissertação, apresento uma coletânea de textos de Paulo Barreto, muitos inéditos, que chamo de “Jornalismo Visto Por Dentro”, nos quais suas reflexões giram em torno do jornalismo praticado no período compreendido entre 1899 e 1922. Esta coletânea é resultado de uma pesquisa e de uma pré-seleção de acordo com o tema escolhido. Não foi possível encontrar todos os textos relacionados ao jornalismo, devido a grande dificuldade de acesso a tais textos e muitas vezes porque a coletânea de periódicos da Biblioteca Nacional, onde foi realizada tal pesquisa, estava incompleta. O material reunido compreende um total de 42 textos publicados nos seguintes jornais: “Gazeta de Notícias”, “A Notícia”, “A Revista da Semana”, “A Ilustração Brasileira”, “O Paiz”, “A Pátria”, algumas colaborações ao diário paulistano “O Commercio de São Paulo”.

Minha maior satisfação reside no resgate de tais textos antigos, por se tratar de uma pequena parte, porém significativa da história do jornalismo no nosso país.

O resultado final é o que se apresenta nas páginas a seguir, talvez ainda não tão bem lapidado como eu gostaria, mas o melhor que eu podia fazer dentro de minhas possibilidades.

“Tudo quanto o homem exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser do texto; mas fica sempre uma dívida, e os sentidos possíveis são muitos”.

Bernardo Soares

Capítulo I

Jornal e Jornalismo na Bela Época Brasileira

“A imprensa, esse engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestigeador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinori e a estupidez das multidões”.

Lima Barreto

Uma das inúmeras mudanças ocorridas na virada do século XX, no Brasil afetou o jornalismo, que recebeu uma dose extra de oportunidades para o seu crescimento e desenvolvimento. A passagem do século aposentou o velho jornal artesanal¹, clorótico e partidário² dos tempos da monarquia para ceder

¹ Luiz Edmundo, no livro *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, traça um pequeno panorama de como era feito esse jornalismo artesanal que aos poucos vai se industrializando no Brasil: “O jornal, na alvorada do século, ainda é a anêmica, clorótica e inexpressiva gazeta da velha monarquia, uma coisa precária, chã, morna, vaga e trivial. Poucas páginas de texto, quatro ou oito, apenas. Começa, geralmente, pelo artigo de fundo, um artigo de sobrecasaca, cartola e *pince-nez*, ar imponente e austero, mas rigorosamente vazio de opinião: espécie de *puzzle* de flores de retórica, que foliculares escrevem com o dicionário de sinônimos do lado e um jogo de raspadeiras de outro, literatura cor de rosa e que os homens mais ou menos letrados do país sorvem, logo de manhã cedo, ainda em *robe de chambre* e chinelo cara de gato no bico do pé, acavalando nos beques estremunhados, enormes *pince-nez* de tartaruga, babando de admiração pela obra-prima e a dizer: Sim, senhores, a isto é que se pode chamar antiquíssimo de fundo! Paginação sem movimento ou graça. Colunas frias, monotonamente alinhadas, jamais abertas. Títulos curtos. Pobres. Ausência quase absoluta de subtítulos. Vaga clicheterie. Desconhecimento das manchetes e de outros processos jornalísticos, que já são, no entanto, conhecidos nas imprensas adiantadas no norte da Europa. Tempo de soneto na primeira página, dedicado ao diretor principal da folha...”

² João do Rio também comenta a esse respeito: “A princípio, o jornal era o redator-chefe, que por sua vez era um homenzinho político. O homem continuava os seus discursos, seus ódios através da folha. O resto do pessoal era a massa anônima, enfeitada por um ou outro poeta importante, encarregada de trazer o seu displicente concurso ao mourejar dos servos da gleba tipográfica”. IN: “O Jornalismo Por Dentro”. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, 12/Mai/1909.

espaço à imprensa industrial. Essa “modernização” da imprensa estava ligada às transformações do país, à ascensão burguesa e ao avanço das relações capitalistas, como veremos a seguir.

Desde 1873, o Brasil passara a receber um verdadeiro afluxo de capital europeu destinado sobretudo a empréstimos governamentais, sendo que uma parte do montante era destinada à instalação de meios de comunicação e de transporte e para o incremento das indústrias extrativas e ao beneficiamento de matérias-primas³. Essa injeção de capital estrangeiro auxiliou a compra de máquinas mais potentes que possibilitaram a formação da “grande imprensa”, com cunho comercial e montagem industrial⁴. Obviamente, a modernização da imprensa estava ligada aos interesses hegemônicos dos países europeus e dos americanos, pois o jornalismo era empregado como instrumento de apoio à mudança estrutural que a implantação do capitalismo exigia:

“A economia capitalista, como não poderia deixar de ser, tornou-se global. Ela consolidou essa sua característica de forma mais intensa durante o século XIX, à medida que foi estendendo suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta transformando assim essas áreas de modo mais profundo. Sobretudo, essa economia não reconhecia fronteiras, funcionando melhor onde nada interferia na livre movimentação dos fatores de produção. O capitalismo era

³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989; pg. 44.

⁴ O processo de montagem industrial é detalhado por Werneck Sodré: “O jornal vai para as prensas, onde se tira a matriz e obtida esta, coloca-se no molde, em que se despeja o chumbo quente, formando o bloco de cada página. Pronta esta primeira parte, a estereotipia, entra a folha nas prodigiosas máquinas rotativas Marinori, máquinas montadas no fundo do térreo do edifício, ao lado da rua do Ouvidor, além de imprimir, contam e dobram, um por um, todos os exemplares que vão saindo aos milhares. WERNECK, S. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 3ª ed.; pg. 266.

assim não só internacional na sua prática, mas internacionalista na sua teoria.”⁵

Essa nova expansão europeia foi de um avanço acelerado sobre as sociedades tradicionais, de economia agrária, que rapidamente foram dragadas pelos ritmos “vertiginosos” da industrialização e das novas tecnologias por ela desenvolvidas. O capitalismo exigia um “modelo padrão de cidade” e de comportamentos. Para tornar possível instituir os novos hábitos de consumo e as recentes ideologias provindas do novo sistema de governo, ou seja, a República, a máquina jornal provou ser o veículo capaz de fazer a integração entre as necessidades do governo e da população.

No caso brasileiro, esse novo processo econômico ocorreu no governo de Rodrigues Alves, antigo conselheiro do Império. A “Regeneração”, como ficou conhecida, “era o correspondente desse surto amplo de entusiasmo capitalista e da sensação das elites de que o país havia se posto em harmonia com as forças inexoráveis da civilização e do progresso”⁶.

Essa estabilização efetivava-se através do discurso cientificista e dos ideais positivistas. Rodrigues Alves cercou-se de pessoas capazes e notáveis para assegurar o bom andamento da mudança no centro da Capital Federal.

⁵ APUD: SEVCENKO, N. *História da vida Privada no Brasil*. Hobsbawn, E. *The Age of Empire*; pg. 41

⁶ IDEM. pg. 34.

Pereira Passos, eleito prefeito, era o responsável pelo planejamento urbano; Osvaldo Cruz, médico higienista, ficou com o saneamento; Lauro Muller tornou-se o engenheiro responsável pelas obras de maior capacitação do porto e o Barão do Rio Branco era quem cuidava dos assuntos internacionais.

Muito se tem falado e escrito sobre as mudanças sociais e urbanísticas de Pereira Passos, nosso Hausmann tropical, e não é do meu interesse alongar-me no tema, mas é importante, ao menos, enumerar os processos gerais, conforme Nicolau Sevchenko, que permearam a metamorfose na cidade: a) condenação de hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; b) negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; c) política de rigorosa exclusão dos grupos populares da área central da cidade, que foi praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas; d) um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com Paris⁷.

O grande marco triunfal e simbólico do empreendimento “civilizador e progressista” de Pereira Passos foi a inauguração da Avenida Central. A Avenida era o “cenário cinematográfico” onde se representava o progresso: um corredor imponente de prédios “suntuosamente” decorados, com um comércio

⁷ SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão*. pg. 30

variado e luxuoso, com amplas calçadas para o desfile dos “encantadores”, e o asfalto onde se desfilava com toda a pompa o símbolo máximo da “modernidade”: o automóvel. Nas sacadas dos prédios, a perspectiva delineava a extensão da Avenida, que desembocava no mar. Significativamente a avenida estava aberta para o mar, de onde desembarcavam toda a sorte de mercadorias provinda das capitais européias. Toda essa sorte de mercadorias entrava no país com o firme propósito de realizar o grande sonho de consumo das camadas mais abastadas da população da cidade.

Depois da abertura da avenida, todo um padrão de vida se fazia necessário. A cidade vivia agora sob a ditadura do dinheiro, sendo instituídos, com vigor crescente, novos hábitos que rompiam com a antiga tradição da cidade colonial, resultando numa desenfreada busca pelo poder monetário, em detrimento dos limites éticos. É o que observa o narrador de *A Vida de Jacques Pedreira*, do ficcionista João do Rio:

“O Rio de Janeiro é outro depois da Avenida Central. (...) Em regra geral, não havia senão ambições relativas. Com a abertura das avenidas, as ambições, os vícios jorraram. Já não há mais rapazes. Há homens que querem furiosamente enriquecer e esses homens são ao mesmo tempo pais e filhos. Faz-se uma sociedade e constituem-se capitais com violência. É uma mistura convulsionada, em que uns vindo do nada trabalham, exploram, roubam para conquistar com o dinheiro o primeiro lugar ou para pelas posições conquistar o dinheiro⁸.”

⁸ RIO, João do. *A Vida de Jacques Pedreira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; São Paulo: Scipione: Instituto Moreira Sales, 1992; pg. 37.

No vale-tudo instaurado pela República Brasileira, em seus primórdios, o país assistiu à política do Encilhamento e à somatória dos empréstimos externos sendo usados por “muitos vindos do nada” para construir suas fortunas pessoais. Havia também outros, que precisavam encontrar primeiramente posições de destaque social para depois lançar-se a cargos mais “especulativos” e, obviamente, existia ainda um terceiro grupo, formado por aqueles que nunca fariam parte dos jogos especulativos, e se tornariam a massa de trabalhadores assalariados.

Na fase de infância das relações capitalistas, cuja produção ainda era pequena, o capital comercial assumia indiscutível primazia. A grande parte dos comerciantes portugueses era dona de jornais cariocas e estava interessada nas mudanças assumidas por Rodrigues Alves, principalmente para que a cidade “civilizada” tornasse um atrativo para os estrangeiros.

A mudança “progressista” de Pereira Passos privilegiava apenas o coração da cidade. Aos pobres, retirados de seus casarões centrais, restou apenas juntar os caixotes de madeira — das mercadorias européias — pedaços reaproveitáveis dos escombros e seus poucos bens e encontrar um novo lugar

para habitar. Os morros que cercavam a cidade foram o lugar que encontraram para construir, com o material juntado, suas moradas.

Para a elite — políticos, comerciantes e fazendeiros — camada que realmente se beneficiava com a mudança urbana, o clima era de euforia. A matéria de Ferreira da Rosa, na revista *Kosmos*, demonstra que além do entusiasmo da renovação da capital da Primeira República, as transformações traziam consigo uma renovação de cunho estético e moral:

“Haviam-se apagado todas as esperanças de uma regeneração material da cidade que de tão feia já se refletia no ânimo de seus habitantes, perdidos os estímulos do bom gosto, todos absorvidos na luta pela vida, sem preocupações de conforto, sem cultura estética, sem costumes de elegância.

O Dr. Pereira Passos operou o milagre da transformação: corrigiu hábitos grotescos, e substituindo ruas hediondas por outras belas, inteiramente novas. Os cariocas estão mudando de cidade, sem mudar de território”.⁹

De que maneira o jornalismo interagiu com essas mudanças ocorridas na capital, e como isso era feito?

A grande norma do jornalismo vigente era acompanhar o trabalho de *desterritorialização* da cidade, pois, sendo o jornal reflexo da sociedade, seu trabalho era complementar ao do governo e dos comerciantes, visando a remodelação ou a remoção dos costumes da antiga matriz social. O jornal atuava no sentido de forjar um novo sistema compatível com o gosto médio

⁹ ROSA, Ferreira. *Revistas Kosmos*, fevereiro de 1905, s/pg.

dos leitores, desenvolvendo novas práticas culturais organizadas em torno do capital, promovendo o aumento do consumo de novos valores culturais, inclusive dos próprios jornais. Nesta mesma época, ocorre também a introdução dos anúncios de publicidade, onde se divulgam os mais diversos produtos à disposição no mercado.

Esses novos valores culturais, provindos da Europa e sobretudo da França, eram rapidamente assimilados pela população, que rapidamente desenvolveu um gosto francófilo evidente. A camada da elite brasileira passou a viver sob a ditadura do *chic*, do “bom-gosto” e do “bom-tom”. A imprensa ditava as regras do jogo, construindo padrões estéticos, através de seu corpo letrado que produzia seus textos com base na literatura de costumes e nos jornais franceses.

Do ponto de vista político, por outro lado, a imprensa incorporou o capitalismo rapidamente, porém era forçada a acomodar-se ao poder político que mantinha, ainda, uma estrutura pré-capitalista, como explica Werneck Sodré. O resultado disso foi o aparecimento de órgãos com tendências conservadoras ou radicalmente oposicionistas. Não era, contudo, um jornalismo político, sua única preocupação estava no “fato político”, voltado àqueles que estavam no poder. O que criava uma dimensão restrita, pois girava

em torno de questões pessoais. Testemunha dessa bizarra situação é a crônica “A Futilidade da Informação e os Seis Ministros” que espelha tal papel que se prestava o jornalismo:

“A multidão, o povo, quando qualquer tipo chega a uma posição notável, ou gosta de saber a canalhice que o fez galgar tão rapidamente o alto posto ou, quando não há canalhice, só se preocupa de como vive o cidadão em plena evidência. É a curiosidade da vida alheia, a hereditariedade latina.(...) Um jornalista prático vai ao pior inimigo do homem desconhecido e pede um *dossier* de calúnias, ou então mune-se de um *book-notes* e, em plena apoteose do funcionalismo saudador, indaga:

— Quantas horas dorme V.Ex.^ª? Qual o seu livro de cabeceira? O seu prato preferido? Passeia a pé, em fiacre ou de automóvel?¹⁰

Ainda conforme João do Rio, aliás de seu cronista Joe, o jornalismo tornava-se mais virulento e, nesse sentido ele ora endeusava determinados sujeitos, ora os destruía:

“O nosso jornalismo está, sob esse ponto de vista cada vez mais longe dessa estreita feição de órgãos e partidos, não há sacrifícios possíveis, não há artigos de fundo, e os jornais são à americana e à européia, empresas industriais de informação pública”¹¹.

A empresa jornalística montada com fins lucrativos produzia folhas muito diferentes das ligadas a grupos políticos, característica do período anterior, como foi o caso do jornal **Cidade do Rio**, em que as oscilações

¹⁰ RIO. João do. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Porto: Livraria Chardon, 1909; pg. 77.

¹¹ JOE. *Cinematographo*, Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*, 25/Abr/1909.

opinativas de José do Patrocínio variavam de acordo com a melhor oferta. Com o desenvolvimento das máquinas rotativas de impressão, o empreendimento jornalístico tornou-se empresarial: baixaram os custos por exemplar, armaram-se redes de coletas de informação. Um outro fator de extrema importância foi a publicidade, que assumiu papel de relevo no que diz respeito aos custos editoriais. O público passou a ser informado das ofertas dos bens de consumo, o jornal os seduzia para o consumo, induzindo à compra de todo arsenal de instrumentos de intervenção psicológica que se pudesse utilizar, como melhor explica Nilson Lage:

“ O jornal-empresa pode, assim, abarcar vasta gama de opiniões, mas seu caráter não revolucionário está assegurado por dois bons motivos: deve remunerar o capital apreciável nele investido, e tira sua renda basicamente da veiculação de bens materiais e ideológicos produzidos por entidade de características semelhantes”¹²

Desta forma, o jornal, tal qual o conhecemos instituía-se — a informação, críticas, opiniões, reportagens sensacionais sobre crimes, entrevistas tornavam-se mais um produto à venda no mercado cotidiano.

¹² LAGE, Nilson. *A Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1985; pg. 13.

O Público

As mudanças ocorridas no jornalismo e nas novas “políticas” de vendagem adotados pelos jornais-empresas estavam diretamente relacionadas a um novo perfil de leitor, ou seja, do público-alvo do jornal. O testemunho, outra vez, é de João do Rio:

“O jornal é humano; é um ser humano de milhares de seres (...) como é humano não basta ao jornal possuir a admiração dos que o lêem; necessita ter a confiança daqueles que o procuram, porque o jornal é mais dos seus leitores do que de seus redatores ou proprietários. O seu público não é o governo que caiu ou se levantou, não é o partido que dissolve ou se desagrega; não é o limitado grupo de amigos que o adulam e o cercam: o seu público é a multidão desconhecida, que raras vezes ou nunca teve o ensejo de ver qualquer deles que por meio do jornal todos os dias lhe transmitem impressões, lhe sugestionam idéias, lhe fortalecem o ânimo, lhe proporcionam conforto, lhe alimentam a esperança e lhe inculcaram coragem.”¹³

Delineam-se então as primeiras noções de público de massa. Como o jornal procurava satisfazer as necessidades desse novo público? É interessante notar que o novo público leitor e os novos editores estão se definindo mutuamente e, ao fazê-lo, o que produz uma mescla dos diversos ideais dos leitores com as ideologias dos editores, historicamente balizadas pelo

¹³ RIO, João do. “Crônica de Aniversário”, Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*, 02/Ago/1902.

jornalismo literário. A relação de necessidade que esse novo periodismo despertava no novo público, ampliado — e que dele necessitava para seu êxito — era função das preferências, gostos e disposições estéticas dos leitores. A resposta a estes podem ter se apoiado como enquetes de opinião, que serviam para confirmar ao público o seu direito de opinar, julgar, além de orientar os redatores do jornal sobre seus leitores.

O jornalista deveria ser, como o chamou João do Rio, o “eu-novidadeiro”, responsável por fazer a ponte entre o mundo “real” e a novidade, o fato, o acontecimento. Devia ainda criar entrevistas com pessoas de destaque social para satisfazer as curiosidades do público:

“Ao voltar de ver os velhos jornais, vi, sobre a mesa, os novos, os do dia. Era, em cada um, maior o desejo de chamar o leitor; era, em cada página, um trabalho desabrido para fazer o novo, o sensacional, e era, principalmente, o jornal escrito todo ele feito da primeira coluna à última, pela vontade inteligente e coesa de um grupo. Eu caí numa cadeira, com saudade do tempo em que não existia, apavorado diante do renovado e diário problema:

— Que faremos de novo amanhã?”¹⁴

Este pequeno trecho ilustra bem a diferença entre os antigos e os novos jornais. O campo do novo jornalismo se abria para novos espaços e atividades: o surgimento das reportagens sensacionalistas; a cobertura imediata de crimes ocorridos na cidade; o esporte que torna-se notícia; a transformação da cidade e

¹⁴ RIO. João do. “Geração de Jornalistas”. São Paulo: *Commercio de São Paulo*, 12/Fev/1912.

de seus vários aspectos que dão vida às crônicas diárias; os perfis da vida de políticos e pessoas notáveis, que começam a ser editados através das enquetes e “interviews”; e a grande coqueluche da moda, suscitada nos leitores através da emergente coluna social.

Nessa nova fase, a expansão e a mobilidade das notícias se tornava mais rápida com a ajuda de todo o arsenal tecnológico que a “modernidade” apresentava para dar maior agilidade à cobertura das notícias. O jornal passou a usar a fotografia e a caricatura para ilustrar as matérias, suavizando a diagramação pesada dos antigos matutinos e auxiliando na diversão dos leitores. O uso da caricatura, aceito como elemento visual de peso informativo, traria a contribuição de caricaturistas que se tornaram ilustres. Os jornais de maior tiragem reservavam generosos espaços de primeira página para desenhos que funcionavam como atrativos — com traços de humor ou documental — e como foco de atenção para chamar os leitores para as notícias políticas.

Os instrumentos comunicativos como o telefone, o telegrafo e o automóvel ajudavam na construção de notícias vindas do exterior e de lugares mais distantes da cidade, dinamizando a produção e a cobertura jornalística. Pois sendo o jornal um produto industrial que necessita sair todos os dias para

cobrir a demanda do mercado, deveria acompanhar a dinâmica do progresso e a rapidez dos fatos:

“O jornalismo carioca tem progredido mais nestes dez anos que nos trinta anteriores (...) O público, porém, começou a demonstrar desejos de mais alguma coisa, surgiu a concorrência à venda, concorrência que, à falta de inventiva, erige em atrativo a imitação (...) A caricatura, a *interview*, o noticiário alarmante, a fotografia instantânea, as revelações escandalosas, as reportagens de costumes, tudo nos *actae diuturnae* da cidade.”¹⁵

Como disse João do Rio, o jornal exigia a “imitação” da vida. Além do mais a fotografia, a caricatura, as reportagens, os escândalos formavam os meios de representação da vida urbana. Afinal, o jornal era e é o “espelho” e a miragem da sua audiência, a “caricatura” ideal de seus leitores, ou ainda, — para citar novamente João do Rio — o “reflexo de um povo”. O jornal refletia o mundo reificado e o devolvia à sociedade em forma de mercadoria.

As novas técnicas de impressão e edição também barateavam o custo final do produto. Um acabamento mais bem cuidado, produzido por um parque gráfico mais eficiente e, ainda, uma linguagem menos densa, foram fatores que aumentaram o consumo diário das camadas alfabetizadas. Com essas novas estratégias desenvolvidas pelo jornalismo, criava-se, como diz Sevcenko, “uma

¹⁵ RIO, João do. *O Jornalismo que Viaja*. Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*. 03/ Mar/1907.

opinião pública sequiosa de juízo e orientação dos homens de letras que preenchiam as redações dos jornais”¹⁶.

Por trás de toda essa engrenagem empresarial, obviamente existia uma necessidade de integrar o “público leitor” aos anseios e ideais republicanos. Os jornais desempenhavam o papel de “farol das democracias”, “os guias da agitação sem rota das multidões”. Pelo menos, essa era a opinião de João do Rio, num discurso sobre o jornalismo, de 1915, em Buenos Aires:

“No nosso excesso democrático são os governos transitórios, as administrações inconsistentes, a arte fantasia menos considerada, os deuses, as leis, os costumes materia em respeito discutida. Nada resiste, tudo se esboroa para de novo erguer-se no móvel areal da opinião. Só fica de pé sempre, firme, definitivo, cada vez maior e mais formidável o jornalismo pastor das almas, o jornalismo supremo, o jornalismo tirano, o Jornal-Rei. Surjam idéias de diamante, apareça, à luz solar criações admiráveis, desabrochem à flor da terra sonhos portentosos, realizem os homens obras de super humano esforço. Se o jornal não os quiser ver, sonhos, idéias, criações, esforços tudo é como se não existisse. Há uma sentença de morte: o silêncio do Rei. Sacrifiquem-se os corações, dediquem-se as almas às causas justas, brilhe em bondade, em honradez, em gênio, alguém. Se o jornalismo quer ver d’outro modo, vê, como faz do mau bom e do péssimo ótimo. Um simples repórter pode assassinar por desfastio a reputação de grandes e fazer a glória transitória do anônimo, para a verdade, para a mentira, indiferentemente, confundindo heróis e bonecos, frioleiras e energias”¹⁷.

O jornalismo era o grande manipulador das massas, cabendo a ele a decisão de informar o que melhor lhe aprouvesse, de acordo com os objetivos “democratizantes” dos órgãos comunicativos e de acordo com os desejos de

¹⁶ SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989. pg. 34.

¹⁷ RIO, João do. *Sésamo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves: 1917.

seus leitores, pois como atesta Haug, “as massas somente são manipuladas por força de seus próprios interesses”¹⁸.

E nisso o jornalismo parece ter sido muito bem sucedido. Encontrou seu lugar na sociedade, servindo de ponte para a implantação de ideais pró ou anti governamentais, de acordo com os interesses dos redatores-chefes e diretores de jornal.

A imprensa pode ser lida como a representação da superfície, na mesma forma de organização da cidade, com suas ruas centrais e burocráticas ou comerciais, com suas pequenas praças e parques: lugares de ócio e de reencontro. Com suas avenidas e prédios suntuosos, de ruas estreitas e criminosas. Nesta representação da cidade construída com letras, encontra-se as mais diversas vozes, seja através de discursos políticos e sátiras ferinas, seja através de matérias sensacionalistas ou crônicas.

Desta forma, a imprensa expandia-se pela cidade, neste processo de *reterritorialização*, ganhando cada vez mais espaço, tomando o lugar e privatizando a comunicação social, preocupada em abranger todos os espaços urbanos e criando matérias que correspondessem ao gosto médio de seus

¹⁸ HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: UNESP, 1997; pg. 16.

leitores, constituindo uma “audiência”, ou como hoje chamamos, um “púbhco-alvo”, de uma das primeiras manifestações massivas de nosso século.

Capítulo II

Profissão: Jornalista

ou

“A Profissão de Paulo Barreto”

“Bastará um pouco de análise das almas para ver que os grande artistas são na sua essência, almas de generais, de santos, de heróis — condutores messiânicos. A força da inteligência dá-lhes tremendas propriedades. Restringindo, sintetizando a vontade, qualquer artista podia ser só general, só santo, só herói. Como essa força, porém, projeta-se num campo imenso da compreensão e abarca a humanidade, o Artista fica o general sem batalhas, o santo sem milagres, o herói sem provas imediatas e sente profundamente a calamidade. Por isso, não há Artista que não seja ensinador, e não há absolutamente nenhum digno deste grave e austero nome que não seja um moralizador.”

João do Rio

“O jornalista é um pobre diabo sem descanso? Perfeitamente. Mas é também o poder social permanente, o civilizador, o semeador de idéias, de nomes, de triunfos, de desastres e só há que notar no moderníssimo aparelhamento do periodismo brasileiro muita gente com pretensão de ser jornalista, talvez mais do que com pretensões a bacharel, a médico e a professor.”

João do Rio

“Qualquer profissão é uma batalha. Esta de letras e jornalismo onde há tanto perigo escrevendo absolutamente de ouvido, há ainda mais batalha que as outras. Não há tempo senão para dizer o que sente e vive.”

João do Rio

Um fato significativo ocorrido no começo do século foi a intensa proliferação de jornais, revistas e hebdomadários. Apenas para exemplificar, em 1901, ano da fundação do *Correio da Manhã*, há um total de 25 diários circulando na cidade, este número significativamente aumenta a cada ano, de maneira que em 1908 o total de folhas quase dobraria, chegando a 42 o número de jornais diários somente no Rio de Janeiro. Esta expansão substantiva mereceu comentário de João do Rio:

“E o que é mais espantoso, os jornais aparecem, revistas, magazines, hebdomadários de crítica, de esporte, de caricatura, de sátira ferina, de devaneio escolar, de combate e de modas de ensino, de desaforo (...) Alguns morrem alguns

números depois, ou saem só uma vez, ou nem mesmo essa vez saem na convicção dos proprietários. Outros vingam, prosperam, brotam, fazem-se fortes, vão de vela panda pelo vento da popularidade, à caminho dos ideais e do veio do ouro, a mais agradável ancora para fundear no dominio dos nobres sentimentos. E dessa nevrose de publicidade, da epidemia de fazer jornais, epidemia com crises violentas — o certo, o palpável, definitivo é que dia a dia aumentam no Brasil o número de publicações periódicas, dia a dia as capitais do Estado mostram mais gazetas e o Rio apresenta agora um fenômeno único na sua vida, pois nunca, jamais, em tempo algum teve tantos jornais, tantas revistas, tantos diários¹.

O jornal passou a ser uma fonte de renda para os letrados que recebiam por colunas escritas, crônicas, artigos e peças publicitárias. Tanto na visão de João do Rio como de outros escritores contemporâneos deste processo, a passagem do meio literário para o meio de comunicação podia ser, em parte, explicada como recurso de sobrevivência. É o que se depreende, por exemplo, da crônica publicada no *Jornal do Commercio*, intitulada “Sem Rumo”, assinada por G., que detalhava a condição de escritor:

“Tenho pena de quem vive da pena (...) em Portugal ou no Brasil um escritor ou artista podem viver perfeitamente, mas fazendo-se amanuense ou escrevente de tabelião (...) visto que não temos ainda a profissão literária (...) todos os nossos escritores, mesmo os mais respeitadas, não vivem das letras e ganham o pão no exercício de outros officios.”²

Os outros officios à disposição do intelectual brasileiro eram ou serviços públicos, amanuenses, cargos políticos, diplomáticos ou as redações de revistas

¹ RIO, João do. “Cinematografo”. *Gazeta de Noticias*, 25/04/1909.

² Apud: SEVCENKO, N. *A Literatura Como Missão*: pg. 90.

e jornais. Lima Barreto acrescentaria ainda, por intermédio da personagem de Isaías Caminha, que a procura pelo jornalismo era também motivada pelo *status* social que o exercício jornalístico proporcionava a quem o praticava: “todos se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo mundo (...) eles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho³”(...)

A profissionalização do escritor era mais uma das consequências da “modernidade”, em versão brasileira. Como nas relações de troca da ordem capitalista, qualquer atividade que reverta o tempo dispendido em valor monetário pode ser considerada uma atividade produtiva, pois a renda garante o sentido profissional da atividade humana. Neste sentido, a profissionalização do escritor tornou-se uma fatalidade e as redações de jornal se transformaram em ambiente de trabalho dos “homens das letras” finisseculares.

Perseguindo a biografia de Paulo Barreto, fica evidente que o jornalismo esteve sempre em seu caminho. Em 1899, o jovem Paulo Barreto, então com 18 anos, iniciou sua carreira jornalística. Talvez levado pelas circunstâncias do momento ou porque a situação financeira de sua família exigissem — filho de pequenos burgueses: o pai professor e a mãe dona de casa —, ou talvez

³ BARRETO, Lima. *Recordações de Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha; 1997; pg. 90.

inspirado pelo trabalho de seu tio Ernesto Sena, destacado jornalista da época, ou ainda do parente José do Patrocínio, que tanto se destacara no jornalismo, no periódico *A Cidade do Rio*, que teve momentos de brilhantismo nos anos anteriores.

Foi o próprio Patrocínio quem lhe abriu as portas do jornal para seu primeiro emprego. O jovem entusiasmado, repleto de novas idéias, retiradas da literatura e de periódicos franceses, tinha a intenção em começar a sua carreira com um “manifesto literário radical” em *A Cidade do Rio*, mas foi dissuadido por Patrocínio, como recorda, anos mais tarde, na coluna “Cinematographo”:

“(…) A primeira vez que vi Alcindo Guanabara era ainda um menino, com grandes pretensões infantis. Tinha uma roda de café, queria aparecer com um manifesto literário, dessa enorme sandice dissuadiu-me Patrocínio com a bondade sugestiva de um santo diante da rebeldia.”⁴

Estreou, então, com uma crítica da peça de Ibsen, *Casa de Bonecas*, encenada por uma diva portuguesa — Lucinda Simões — no teatro Santana. A crítica tinha um estilo “bombástico e paradoxal”, de acordo com João Carlos Rodrigues. Paulo Barreto permaneceu na *Cidade do Rio* cerca de um ano e meio. Entre janeiro de 1901 e março de 1902, trabalhou consecutivamente nos jornais *O Paiz*, *O Correio Mercantil*, e em alguns outros pequenos jornais como *O Tagarela*, onde escrevia a coluna “O Diário de Paulo Barreto”.

⁴ JOE, “Cinematographo”. Rio de Janeiro. *Gazeta de Notícias*, 14/Jun/1908

No início da carreira de jornalista, na *Cidade do Rio*, Paulo Barreto apareceu como um defensor do realismo e do naturalismo contra os românticos e principalmente contra os simbolistas:

“O naturalismo é a “arte sã” e só o Realismo fará a liberdade plena do escritor (...) o ataque às convenções, aos imitadores, aos impotentes”. E sua função como escritor e jornalista seria “plantar convincentemente o naturalismo, o realismo d’arte no torrão mole e indolente do Brasil com toda a nossa alma moça de 20 anos, nem que para isso precisasse aparecer de chicote na mão”⁵.

A fonte de inspiração no Realismo e em outros escritores europeus é confirmada pelo testemunho de seu grande amigo Gilberto Amado:

“Paulo Barreto achou o jornal. Foi um derivativo para a sua grande alma de artista. Nasceu com o sonho maravilhoso. Viveu os primeiros anos da mocidade com ânsia ilustre de criar. Leu os livros divinos que contam as fábulas da imaginação e as da realidade. Leu tudo isso e queria criar, precisava atuar nesta civilização que se forma aos solavancos e às quedas, Paulo Barreto amanheceu um dia curioso e inédito”⁶

Entre os livros aos quais Gilberto Amado se refere, a maior parte era de origem cultural européia e sobretudo francesa. A livraria Garnier, da qual o

⁵ BARRETO, Paulo. “O Realismo”, *Cidade do Rio*, 31/08/1899.

⁶ AMADO, Gilberto. *A Chave de Salomão e Outros Escritos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 4º ed., 1971: pg. 29

jovem Barreto era freguês, era a responsável por fazer a ponte literária entre Brasil e França, como lembra o historiador J. Needell:

“Os editores, tipógrafos e livreiros cariocas eram em sua maioria franceses. Naturalmente, promoviam em suas lojas obras e periódicos franceses da mesma forma que promoviam o estilo francês nos periódicos cariocas, no que se refere ao formato, ilustração e conteúdo. Tais locais, muito mais do que as viagens realizadas pelos membros da elite, também explicam como os brasileiros se mantinham a par das tendências literárias francesas: os estabelecimentos da Garnier e Briguelet eram a ligação vital com a Paris literária.”⁷

Entre as inúmeras leituras de Paulo Barreto, é possível detectar a influência de Honoré de Balzac em suas primeiras narrativas. Balzac era um excelente modelo a ser seguido, pois além de seu objetivo de “esboçar um quadro geral exato e fiel ao da vida vivida”, a fim de constituir a fisionomia da sociedade/cidade francesa, havia inclusive esboçado um retrato do jornalismo francês em *Ilusões Perdidas*⁸.

Paulo Barreto parece ter seguido o conselho de mestre Balzac em suas primeiras críticas de teatro e de literatura:

“Seja duro e espirituoso durante um ou dois meses, e se verá sobrecarregado de convites, de diversões com as artistas, será cortejado pelos amantes delas (...) Dentro de três dias, se formos bem sucedidos, você poderá, com trinta piadas impressas à razão de três por dia, fazer um homem maldizer a vida. Poderá obter favores das atrizes dos seus quatro teatros, poderá fracassar uma boa peça e fazer toda Paris acorrer a uma péssima (...) Os livreiros e editores estão também nas

⁷ NEEDELL, J. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

⁸ RÓNAI, Paulo. *Um Grande Homem da Província em Paris*. In: BALZAC, H. *A Comédia Humana*, Vol. VII. São Paulo: Globo, 1990: pg. 17.

mãos dos jornalistas (...) Mostre talento e perspegue em dois ou três jornais diferentes que ameacem qualquer especulação de Dauriat ou um livro com o qual ele conta, e há de vê-lo subindo até sua mansarda e lá se instalar como uma clematite. (...) São esses os benefícios da profissão de jornalista. Não é só preciso talento, mas uma grande sorte para nele penetrar.”⁹

Suas primeiras críticas são citadas por alguns autores como ácidas e duras, característica que chamou atenção de seu público. Anos mais tarde, João do Rio contaria o início de sua trajetória na imprensa, falando de si mesmo na terceira pessoa, pressentindo o seu futuro sucesso como jornalista:

“Um jornalista admirável dizia aos rapazes a quem ajudava a estréia.

Trabalhe, escreva, esforce-se durante seis meses. Se ao caminho deste tempo não tiver recebido nenhuma carta anônima, quebre a perna, porque é um pastrana.

Esse jornalista, José do Patrocínio, disse o mesmo a um inseparável amigo meu quando, menino estudante, pretendia escrever no seu jornal. O meu amigo riu com certo acanhamento e publicou um artigo insuportável de citações e crânice. Depois de lê-lo teve vergonha, e ia, não sei se dormir ou suicidar-se. Mas o gerente lhe entregou uma carta. Era anônima. Chamava-o de todos os horrores imagináveis. Trêmulo, pálido, o rapaz relia o papel imundo quando Patrocínio rebentou pela gerência.

— Que é isso?

— Uma carta anônima.

— A quem?

— A mim.

Houve um tumular silêncio. Depois Patrocínio meteu a mão no bolso.

— Você escreve que ninguém compreende. O seu artigo não presta. Mas seria um crime não o animar. Uma carta anônima ao primeiro artigo! Nunca vi estréia assim! Tome cem mil réis. Você vai longe.¹⁰”

⁹ BALZAC, H. *A Comédia Humana*. Vol. VII. São Paulo: Globo, 1990; pgs. 267, 268.

¹⁰ JOE, “Os Dias Passam”. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, 06/Ago/1911.

A despeito do incentivo e do otimismo de Patrocínio, os primeiros anos de exaustivo trabalho no jornalismo parecem tê-lo decepcionado, levando-o à resolução de “cavar” algo um pouco mais solene e mais tranquilo para sua alma de artista.¹¹ O Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores, “remodelava” o Corpo Diplomático e Paulo Barreto aproveitou a oportunidade para pleitear um cargo diplomático:

“O jornal dava-me a impressão do turbilhão, onde fosse preciso bracejar incessantemente. E eu via a inveja forjando a calúnia sórdida, sentia a peçonha dos literatos e masculados, a ignorância recalcitrante dos políticos, a trama da ambição e do negócio. Teria de viver toda a vida assim; resistiria, naufragaria? E eu que sonhava escrever livros importantes!”¹²

Ficou conhecido pela história literária que Paulo Barreto fora recusado por ser “mulato”, “gordo” e “homossexual” e tais adjetivos não

¹¹ Um soneto publicado em 26/Set/1903, em *A Revista*, pode ser um perfil interessante do jovem repórter:

“Quando sai a Gazeta, arranja a pose
E, assestando o monóculo solene
Vai discutir o Teóphile e o Taine
Nas mesas do Paris, das 9 às 12

Contestar-lhe o saber não há quem não ouse;
Atrevido, não há quem lhe condene
A crítica, as razões e a *mise-en-scène*
De afamado doutor em *quelque chose*

O seu ar de pontífice dos novos
Faz perder o equilíbrio ao Camerino
Faz o Simas andar pisando em ovos

Dizia-me o Chacon num grande apuro
Paulo Barreto é um crítico ferino
É João Ribeiro do futuro!

¹² RIO, João do. *A REVISTA DA SEMANA*, “A Minha Primeira Entrevista e o Meu Primeiro Pedido”, Abril, 1913.

corresponderiam à imagem ideal do diplomata idealizado pelo Barão do Rio Branco. Paulo Barreto, em 1913, recontaria a entrevista com o Barão e deixaria claro que a imaturidade e a falta de apoio de pessoas influentes foram fatores que comprometeram sua carreira diplomática.

O jornal tornou-se novamente possibilidade de emprego em 1903, quando Nilo Peçanha o indicou para trabalhar na *Gazeta de Notícias*, um jornal de grande porte, com ritmo industrial. Nesta gazeta, preferida da elite, de tendência liberal, Paulo Barreto teria sua mais longa jornada no jornalismo, onde permaneceu até 1915. Iniciou com uma coluna intitulada *A Cidade*, assinada pelo anônimo X, onde comentava os fatos da cidade em plena demolição. O trabalho de X deve ter sido o grande inspirador para o nascimento de João do Rio, em novembro de 1903.

A Influência Francesa

João do Rio não foi o primeiro pseudônimo de Paulo Barreto, mas foi, com certeza, o mais famoso. A começar pelo pseudônimo, já se percebe a

íntima correspondência entre o autor e a cidade. Paulo Barreto criou um “João” do “Rio” para observar, registrar, narrar o Rio de Janeiro. A atração por essa paixão urbana está de acordo com as tendências literárias do momento. Como foi dito antes, João do Rio estava fortemente influenciado pela literatura francesa¹³ do período anterior e muitas de suas narrativas estão ocupadas em seguir os ritos determinantes do “mito Paris”.

Podemos definir a “narrativa moderna” como sendo o “relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível de si mesmo, através do espelho que encontra em seus semelhantes retratados pelo relato”.¹⁴ Tais relatos se davam através de caminhadas e vivências pela cidade. Pois como esclarece Schorske, em seu estudo, *La Idea de Ciudad en el Pensamiento Europeo*, a cidade “com seus horrores e suas glórias, suas belezas e fealdades, era o terreno essencial da vida moderna para os intelectuais que se determinavam à tarefa de experimentá-la com seus próprios corpos”. O moderno era também uma forma de experimentar a mudança social, tecnológica e espacial do capitalismo¹⁵.

¹³ Raúl Antelo, no livro *João do Rio – O dândi e a especulação*, aponta também a influência do cosmopolita Enrique Gómez Carriló (1873- 1927).

¹⁴ LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995: pg. 106.

¹⁵ SCHORSKE, Carl. “*La Idea de Ciudad en el Pensamiento Europeo: de Voltaire a Spengler*”, em *Punto de Vista*, nº 30, Buenos Aires, jul-out. 1987.

A cidade é um tema recorrente nos meios e produções literárias francesas do fim/começo de século. No rastro da história de antigos narradores míticos, os escritores do fim do século XIX utilizaram antigos modelos narrativos para compor suas epopéias modernas, que traziam a força da observação e da imaginação na narração de suas experiências. A nova vida que se iniciou com o industrialismo e o *declassement* sofrido pelo artista — que após a Revolução Francesa havia se desvinculado do patronato —, obriga-o a sobreviver de seus próprios recursos. Os escritores franceses do final do século XIX experienciavam o início da transformação do ambiente urbano: às portas do capitalismo, numa fase de expansão da industrialização, onde o ritmo do progresso desestabilizava a estrutura arcaica da cidade, e conseqüentemente os antigos modos de vida e de classes sociais. Neste novo ambiente, segundo Roger Caillois, no ensaio “Paris, mito moderno”, já não havia mais espaço para uma literatura romântica, e houve, efetivamente, uma promoção do ambiente urbano à qualidade épica. Formou-se, então, uma “poetização da vida urbana moderna”.¹⁶

O primeiro passo dado pelos escritores franceses foi a aproximação da literatura erudita da literatura popular, retirando desta suas leis de gênero, as

¹⁶ CAILLOIS, R. *O Mito e o Homem*. “Paris: Mito Moderno”. Lisboa, Edições 70, 1972, pg. 113

suas linhas de força e sobretudo, a sua maneira prática na imaginação, na sensibilidade e na ação. Disso resultou o surgimento de obras tanto na literatura popular quanto na literatura erudita com as mesmas tendências, com os mesmos impulsos, e com os mesmos “mitos”, ou seja, a cidade de Paris. Para exemplificar basta lembrar das fisiologias, livros populares, em formato de bolso, das quais fala Benjamin, que pululavam pela cidade, às quais deram origem às “fisiognomias” de escritores consagrados onde Paris é a personagem principal.¹⁷ O êxito dessa realização pode ser visto pela proliferação de vários títulos das obras do período¹⁸.

Há muitas evidências de que por trás da inspiração dos escritores franceses — ao ver a cidade transformar-se, devido à industrialização e aos ideais capitalistas — estava justaposta a idéia de registrar a cidade com seus usos e costumes, ruas e ruelas, antes da transformação a fim de constituir-lhe um registro histórico. Nesse sentido, o relato de Maxime du Camp é muito rico:

“Certa vez, sobre a Pont Neuf, ocorreu-lhe a possibilidade do desaparecimento da bela cidade: concebeu, então, o plano de escrever sobre Paris o livro que os historiadores não haviam escrito sobre suas cidades: ocorreu-lhe quão extraordinário seria hoje uma descrição de Atenas no tempo de Péricles, de Cartago no tempo de Barca, de

¹⁷ CAILLOIS, R. *O Mito e o Homem*. Ob. Cit Lisboa, Edições 70, 1972, pg. 113

¹⁸ A título de exemplificação, recorro à alguns dos títulos mais famosos: H. Lucas, *Les Prisons de Paris*, 1841; Eugene Sue, *Les Mystères de Paris*, 1842; Vidocq, *Les Vrais Mystères de Paris*, 1852; X. de Montépin, *Les Viveurs de Paris*, 1854; A.Dumas, *Les Mohicans de Paris*; Gabioriau, *Les Esclaves de Paris*, 1876. etc.

Alexandria no tempo de Ptolomeu, de Roma no tempo dos cesares...”¹⁹

Encontra-se tanto em Maxime du Camp quanto nos ensaios de Baudelaire, publicados nos jornais parisienses e reunidos no livro *O Pintor da Vida Moderna*, que Caillois batizou de “teoria do caráter épico da vida moderna”, o mesmo estilo de inspiração para a idéia baudelairiana de modernidade. Nestes ensaios, Baudelaire teceu as principais características para apreender a “vida moderna”. O artista da vida moderna é aquele que concentra sua visão e energia na sua moral, suas emoções, no instante que passa e em todas as sugestões de eternidade que ele contém: “para que a modernidade seja digna de se tornar antigüidade, é preciso extrair dela a beleza misteriosa que a vida humana coloca involuntariamente”. A cidade ideal de Baudelaire, segundo Benjamin, era Roma, que ocupava primeiro lugar em sua obra. Sua predileção por Roma viria provavelmente das obras de Piranesi, onde as ruínas não restauradas aparecem junto à cidade moderna. Porém, da antigüidade era necessário saber retirar apenas a “arte pura, a lógica, o método geral”, pois ao se mergulhar fundo demais nela, perde-se a memória do presente, abdica-se dos valores e dos privilégios fornecidos pelas

¹⁹ APUD. BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire - Um lirico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987; pg. 84.

circunstâncias, pois quase toda a nossa originalidade nos vem da marca que o tempo imprime nas nossas sensações”²⁰.

Baudelaire acrescentava que para fazer o “esboço de costumes” de seu tempo, o artista deveria buscar na representação da vida burguesa e nos espetáculos da moda a sua inspiração. O gênio do artista pintor de costumes é de natureza mista (...) observador, errante, filósofo, (...) por vezes, é poeta; mais freqüentemente se aproxima do romancista e do moralista; ele é o pintor da circunstância e de tudo aquilo que ela sugere de eterno” e para isso, na pintura deveria estar incluída a moda da época: o vestuário, os gestos, os olhares, a atitude, a constituição humana e, ainda, “na unidade que se chama nação, as profissões, as castas, a variedade”²¹ Ou seja, a atitude que o artista moderno deveria ter era de uma interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno:

“Não faltam assuntos nem cores para fazer epopéias. O pintor que procuramos será capaz de extrair da vida de hoje sua qualidade épica fazendo-nos sentir como somos grandiosos e poéticos em nossas gravatas e em nossas botas de couro legítimo”²²

²⁰ BAUDELAIRE, C. *O Pintor da Vida Moderna*. Lisboa: Vega, 1993.

²¹ APUD. BERMAN, Marshall. *Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986; 3º ed.; pg. 139.

²² IDEM nota 38; pg. 16

Ao artista cabia, em primeiro lugar, experienciar as coisas com olhos de uma inocente criança, que se deslumbra com o que vê, sem julgamentos, apenas sentindo suas emoções:

Remontemos, tanto quanto possível, por um esforço retrospectivo da imaginação, às nossas mais jovens e matinais impressões (...), a criança vê tudo como se fosse uma novidade, está sempre ébria (...) Nada se assemelha mais àquilo que chamamos inspiração, do que a alegria que uma criança absorve a forma e a cor (...) Mas o gênio não é senão a infância reencontrada, sem restrições, a infância dotada agora, para se exprimir, de órgãos viris e de espírito analítico, que lhe permite ordenar o conjunto de dados involuntariamente recolhidos”

Baudelaire buscava encontrar, através do olhar infantil, o processo de imaginação poética. O reencontro com o estado infantil evocava a “memória voluntária” reencontrada por um ato de vontade. “O trabalho retrospectivo da memória e da imaginação se confundem — lembrando o estudo clássico de Aristóteles, segundo o qual a parte da alma à qual pertence a memória é a mesma da qual nasce a imaginação.²³”

Balzac, para Baudelaire, representava o único artista verdadeiramente heróico da vida moderna, pois Balzac não era daqueles que tentavam se manter distantes das pessoas comuns, mas, antes, mergulhava mais fundo nas vidas delas do que qualquer outro artista já o havia feito antes, e os ingredientes introduzidos em sua obra compõe um misto de sua experiência, memória e

²³ BOLLE. W. *Fisiognomia da Metrópole Urbana*: pg. 329.

imaginação. Balzac tinha por objetivo esboçar um quadro geral e fiel ao da vida vivida. Alguns de seus personagens eram “reais” e, ao mesmo tempo, muito contribuíam para o caráter imaginativo da vida coletiva. Baudelaire, no ensaio de 1855, intitulado *Progresso*, relata uma pequena “história” do grande gênio, de onde se pode apreender um pouco do processo criativo balzaqueno:

“É uma história a respeito de Balzac (...) que se surpreendeu um dia diante de um belo quadro — uma tristonha cena de inverno, uma terrível nevasca, cabanas salpicadas de gelo e camponeses de aspecto vulgar; e depois de observar a casinha de cuja chaminé se erguia um modesto fio de fumaça, ele gritou: “Como isso é belo!”, e prosseguiu “mas o que eles fazem nessa cabana? Quais são os seus pensamentos? Suas aflições? Tiveram um boa colheita? Sem dúvida eles têm conta a pagar”.²⁴

A observação, a curiosidade, a criação em cima de uma cena real são algumas das características para a composição da obra balzaqueana. Baudelaire, no entanto, via em Balzac mais um visionário do que um observador:

“Todos os seus livros formam um único livro, livro luminoso, profundo, onde vemos ir e vir, andar e mover-se, com um infundo quê de assombro e de terrível misturado com o real, toda a nossa civilização contemporânea”.²⁵

A força da epopéia balzaqueana atuava no sentido verso-reverso nos seus leitores, ou seja, assim como a inspiração do autor provinha do *modus vivendi* da sociedade coletiva, por outro lado seus leitores transformaram-se em

²⁴ IDEM nota 39; pg. 138.

²⁵ APUD: CAILLOIS, Ob.Cit; pg. 121.

seus seguidores, não só na França, mas em outros lugares do mundo, como em Veneza e na Rússia, onde chegaram a se formar círculos de homens e mulheres que distribuíam entre si os papéis das personagens *Comédia Humana* e se empenhavam em viver à sua imagem e semelhança.

Alguns desses ritos criados por estes escritores, como a “flanerie” e o dandismo espalharam-se pelo mundo. A “flanerie” “instaura” o rito do passeio na cidade: o artista ao caminhar pela cidade traça um itinerário — um discurso — no decorrer do passeio. O passeio ordena para o artista o caos da nova cidade, estabelecendo articulações, junturas, pontes entre espaços (e acontecimentos) desarticulados.

O “flâneur” é a máscara do herói que passeia na multidão, “o homem das multidões”, que vagueia ao acaso. Imerso em pensamentos, sua distinção é a de não ter destino, fazer da rua a sua morada, ao mesmo tempo não ter “ocupação” e assimilar, neste movimento, todas as destinações e encontrando nisso sua “ocupação”, principalmente porque precisa sobreviver. A “flanerie” é um despertar do escritor para o movimento e a particularidade das ruas e dos passantes na cidade, “em busca de aspectos humanos, das impressões marcadas quer pelas celebridades que a rua cria, quer pela língua falada ou pelas revoltas que ela testemunha. A cidade, a nova “Babilônia moderna”, vista

muitas vezes como um monstro a ser decifrado, abarca milhares de pessoas, que formam a multidão, uma cidade gigante que não pára nunca é o cenário de onde o “flâneur” retira sua inspiração e sua sobrevivência.

Ou, — como diz Benjamin — ele olha para a cidade “como quem vai a feira, pensa que é para olhar, mas, na verdade, já é para procurar um comprador”.

Na dialética da “flanerie”, por um lado, o homem se sente olhado por tudo e por todos, como se fora o suspeito; por outro, ele é o totalmente insondável, o escondido²⁶. Ele observa sem ser observado e sem ser somente um observador:

“O observador é um príncipe que goza por todo o lado do seu estatuto de incógnito.” (...) Pode-se também compará-lo, ele mesmo, a um espelho tão imenso quanto esta multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência que, em cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça móvel de todos os seus elementos. É um *eu* insaciável do *não eu* que, a cada instante, o manifesta e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia”.²⁷

Como já foi dito anteriormente, a literatura de João do Rio estava marcada por estes aspectos da influência literária francesa. Como ele confessou, em 1904, na crônica “A Rua”, editada no livro *A Alma*

²⁶ BOLLE, Willie. *Fisiognomia da Metropole Moderna*. pg. 188

²⁷ Idem.. pg. 18

Encantadora das Ruas, foi através das leituras de Balzac²⁸ que “despertou para a pulsão de vida existente nas ruas” e da “flanerie”: “eu fui um pouco desse tipo complexo e, talvez por isso, cada rua para mim é um ser vivo e imóvel”. Nas ruas buscava os aspectos humanos, as impressões marcadas quer pelas celebridades que a rua criava, quer pela língua falada ou pelas revoltas que ela testemunhava:

“Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim todas as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais as do homem.”²⁹”

Por isso, já em seus primeiros trabalhos jornalísticos, o rito da “flanerie” é atentamente praticado pelo discípulo brasileiro. No início de sua carreira jornalística, João do Rio passa a representar as ruas do Rio de Janeiro como o

²⁸ Apenas para dar um pequeno exemplo, basta comparar um trecho pequeno da crônica de abertura do livro *A Alma Encantadora das Ruas*, intitulada “A Rua”, como um outro pequeno trecho da *História dos Treze*, de Honoré de Balzac:

“Há em Paris certas ruas tão desonradas quanto pode sê-lo um homem culpado de infâmia, pois existem ruas nobres, ruas simplesmente honestas, ruas jovens sobre cuja moralidade o público ainda não formou opinião, ruas assassinas, ruas mais velhas que velhas viúvas endinheiradas, ruas estimáveis, ruas sempre asseadas e ruas sempre sujas, ruas operárias, trabalhadoras mercantis. As ruas de Paris têm, enfim, qualidades humanas, e suas fisionomias nos sugerem certas idéias contra as quais nos vemos indefesos”.

E Em João do Rio encontramos:

“Oh! Sim as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambiguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue...”

²⁹ RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997; pg. 53.

“fator de vida na cidade com todos os atributos sensíveis da alma”. Desta forma, a assimilação dos ritos literários europeus motivava o jornalista a sair às ruas e delas retirar o material para suas produções diárias.

Na literatura européia, a cidade tornara-se o espaço lúdico do “flâneur” que contracenava com a multidão, estampando retratos claros e precisos de várias cenas urbanas. A “flanerie” e a investigação detetivesca tornaram-se alicerces básicos para a constituição do jornalismo, formando quadros diários da capital da republicana, ao qual indiretamente revelaria e desvendaria os problemas emergenciais neste novo espaço inaugurado pelo nova conjuntura capitalista.

Desta forma, animado pela literatura francesa, João do Rio introduziu-se no jornalismo, criando uma espécie de passagem de um meio literário a outro. Da literatura erudita à literatura de massa, isto é, a crônica, que será estudada nos próximos capítulos.

Capítulo III

Breve Trajetória de Paulo Barreto na Imprensa Brasileira

“Confesso que não amo ninguém, que não tenho parente, que considero idiotíssima toda ciência econômica, que não acredito no apoio oscilante das amigadas, que vejo em Você, bolchevista brasileiro, um errado, um egoísta. Mas vendo os homens igualmente na sua torpeza, só diferenciando e respeitando a Inteligência, sem a menor estima por aquele “chauffeur” ou aquele deputado, eu seria incapaz de os caluniar ou de os socorrer. Por quê? Porque dentro de mim há aspiração confusa de toda humanidade, de que vocês são parcelas combatentes, porque eu penso claramente, livre de partidos, o que é sonho e pesadelo da Humanidade, graças tanto aos ministros como aos que desejam acabar com o os ministros.”

João do Rio

“ Porque eu leio os jornais e só neles aprendi a meditar na vida e a perdoar e a amar os homens. Porque os jornais conseguem dar-me a impressão global da alma das cidades. ...O jornal fala de todos, do ministro, grande estadista enquanto estiver na pasta, e do miserável que quebrou a perna do famigerado gatuno e do anônimo que passa”.

João do Rio

A trajetória de Paulo Barreto no jornalismo, como exposto, iniciou-se logo em sua adolescência, período resgatado pelo próprio autor através de suas lembranças.¹ João do Rio trabalhava para diversos jornais, assinando colunas em periódicos diferentes, percorrendo os diversos espaços da cidade. Alcançou o sucesso junto ao público através de suas matérias sensacionalistas, visitando, para compô-las, favelas e lugares sórdidos, desconhecidos e até mesmo misteriosos para seu “público leitor” — a elite carioca. Seu trabalho torna

¹ Consultar no Anexo a esse respeito nas crônicas: A Minha Primeira Entrevista e o Meu Primeiro Pedido, pg.88 (A Revista da Semana, Abr/ 1913. Jornais de Crianças: pg. 99; (Gazeta de Notícias; 28/Fev/1915).

conhecida a miséria, as religiões, a dura realidade da periferia, os movimentos culturais da cidade oculta, com o que ele ganhava, por outro lado, a notoriedade no meio elegante da cidade. Seu primeiro sucesso junto ao público foi a série de reportagens “*As Religiões do Rio*”, pioneiro exemplo de jornalismo investigativo nos diários cariocas. Quando editou essas crônicas em livro, chegou a vender oito mil exemplares, número considerado elevadíssimo para a época. Assim, João do Rio criou seu estilo sensacionalista bem adequado ao gosto da *belle époque* brasileira.

Outra inovação realizada pelo autor eram as enquetes e “*interviews*” com pessoas notáveis da cidade e, anos após, do mundo. Para isso, ele tinha um argumento — a satisfação da curiosidade de seu público:

Com isso, João do Rio revolucionou o jornalismo carioca. Rompendo com as tradicionais reflexões de gabinete, saiu em busca de histórias que aconteciam em todos os lugares da cidade velha e nova. A fase inicial de sua carreira permitiu que ele conquistasse respeito do público, e uma audiência cativa, sendo amado por uns e odiado por outros. Em 1910, com apenas 29 anos, sua originalidade trouxe-lhe os louros da fama, quando foi eleito o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras.

Logo após sua entrada na Academia e sua notoriedade junto à alta sociedade carioca, de acordo com Gilberto Amado, teve início uma segunda fase de sua carreira, na qual os aspectos sórdidos e miseráveis da periferia perderam espaço para o mundo dos salões, da *coqueterie*, da celebração da *high life* carioca. Passou a alimentar o narcisismo de seu público com mexericos, comentários de festas elegantes, com reflexões irônicas e galantes das rodas “bem freqüentadas”, com dicas de modas e etiquetas em colunas sociais.

Na *Gazeta de Notícias*, ficou conhecido como “diabo da atualidade” ou “folhetinista da vida” preencheu a vaga de todas as cadeiras da profissão: repórter, cronista, redator, colunista social e, finalmente, diretor de jornalismo.

Concomitante ao trabalho na *Gazeta*, assinava colunas no jornal *A Notícia*, escrevia crônicas e publicava traduções de Oscar Wilde na revista *Kosmos* e, ocasionalmente escrevia para o periódico paulistano *Commercio de São Paulo*.

Após exercer durante três anos o cargo de diretor de jornalismo, pediu demissão da *Gazeta de Notícias*, e à convite de João Lage, estreou em *O Paiz*, com um artigo bombástico, “Opiniões de um Jornalista Impossível”². e criou a

² Artigo transcrito no Apêndice: pg. 112.

coluna “O Instante”, assinada por Joe, no jornal *A Rua*. Alguns meses depois, apareceu a verdadeira causa de sua saída na Gazeta: era agora diretor, no Brasil, da *Revista Atlântida*, “mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil, sob o alto patrocínio de S. Exas. os ministros das Relações Exteriores e Fomento de Portugal”³.

Em *O Paiz*, Paulo Barreto inaugurou *Pall Mall Rio*⁴, uma das primeiras colunas sociais do país, assinada por *José Antonio José*, o pseudônimo que escrevia sobre a *performance* dos “encantadores e encantadoras” da sociedade carioca, nos circuitos *chics* da cidade. Os saraus, as noitadas no Lírico, no Municipal, os *five o'clocks* e as recepções elegantes do Itamarati ganhavam um tratamento diferenciado pelo colunista, que descrevia os lugares num estilo decadentista, repleto de adjetivos, e palavras estrangeiras. Documentava a presença dos “encantadores”, descrevendo os modelos da moda carioca, edificada no “*way of life*” francês, com o objetivo de documentar os salões, para o futuro pesquisador da época:

“Num ambiente tão elegante, acentuo o meu único fim na crônica mundana, deixar de fato para o futuro a reprodução de alguns quadros da vida elegante e guardar os nomes de certas personalidades, cujo brilho não passa dos salões, para que futuros historiadores possam um dia escrever do refinamento e da distância de um pequeno grupo social da primeira república”.

³ Apud RODRIGUES, J. C. João do Rio — Uma Biografia, pg. 189. (REVISTA ATLANTICA, ano I, nº 01)

⁴ Cf. Rodrigues, por volta de 1900, Jean Lorrain, jornalista parisiense, a quem Paulo Barreto muito admirou. ao voltar de Nice, escrevera uma série de perfis de personalidades e descrições de efemérides a quem chamou *pall-malls*, publicadas no *L'Echo de Paris*.

A coluna social era o espaço no jornal em que se comemorava a consagração ou o saldo “positivo” do trabalho conjunto entre o Estado e o jornalismo na regeneração dos costumes, ou seja, a adesão da classe burguesa aos novos padrões exigidos pelo “progresso”:

“O exito de agora — documentos para servir a história amanhã, quando a história tiver de dizer a transformação americana e super elegante da sociedade.”

A coluna de José Antonio José foi uma das mais controversas de sua carreira. Foi alvo de vários ataques por uma outra modalidade da imprensa brasileira, a imprensa do pastiche, caricatural e hostil. Em pouco tempo de vida, José Antonio José largou da pena. Reuniu, porém, uma coletânea das melhores crônicas, daquelas que servissem como registro de seu tempo no volume *Pall Mall Rio*.

Em 1918, participou da criação do vespertino *Rio-Jornal*. Ao que parece teve uma vida breve: dois meses após o lançamento, um racha entre Azevedo Amaral e Georgino Avelino daria um fim ao periódico. Sua participação, no entanto, limitou-se à diagramação e à escolha das pautas diárias. Neste mesmo ano, passa também a colaborar em *A Revista da Semana*.

João Lage, após o término da Primeira Guerra, em 1918, possibilitou a João do Rio a cobertura internacional da conferência do armistício, em

Versalhes. O roteiro da viagem iniciava com uma visita a Portugal. Como Lisboa estava enfrentando um sério problema político, que o prendeu na capital portuguesa por quase um mês, João do Rio acabou perdendo a abertura da conferência em Versalhes. Atento aos problemas portugueses, no momento conhecido como a Intentona Portuguesa, o repórter cobriu os acontecimentos, entrevistando populares desconhecidos, líderes operários, monarquistas, católicos, o presidente da República e o amigo Guerra Junqueiro.

As vivências de João do Rio parecem ter lhe proporcionado o faro jornalístico desde sua juventude. *Faro*, na linguagem jornalística, pode ser definido como “capacidade de antecipar informações pelo convívio com os fatos em movimento histórico; e a fidelidade do repórter pode ser traduzida como observação da realidade e captação de dados objetivos, exteriores ao observador”.⁵ Conforme João Carlos Rodrigues, a cobertura da Intentona Portuguesa é exemplo do melhor jornalismo praticado na época. A participação, a cobertura e as reportagens resultantes desse encontro das maiores potências mundiais, foram, mais tarde, publicadas em três volumes, *Na Conferência da Paz*.

⁵ MEDINA, Cremilda. Notícia: um produto à venda, pg.69.

Nas suas andanças pela Europa, João do Rio ainda visitou a Bélgica, onde fez entrevistas com o rei Alberto e o prefeito Adolphe Max, e Roma, onde entrevistou inúmeras personalidades, encerrando com chave de ouro: uma entrevista com o papa Bento XV, no Vaticano.

Em março de 1920, a *Revista Atlantida* foi suspensa, próximo da data em que João do Rio afastou-se de *O Paiz*. Em 15 de setembro deste mesmo ano, o Rio de Janeiro ganhava um novo periódico matutino: *A Pátria*, sendo o maior acionista do grupo o Sr. Paulo Barreto⁶. Ponto máximo da hierarquia jornalística, João do Rio ocupava agora o cargo de diretor-presidente. *A Pátria* tinha sua própria oficina, no Largo da Carioca. O conselho editorial era composto por Villas-Boas, Aureliano Machado e o deputado mineiro Francisco Valadares.

João do Rio costumava atribuir muita importância ao jornalismo de Buenos Aires, porque para ele enquanto a imprensa brasileira esforçava-se em ser o espelho “despedaçante de Paris”, os portenhos realizavam periódicos mais originais e centralizadores:

“Os jornaes de Buenos Aires prendem o país à capital. Qualquer um deles, por menor que seja a sua tiragem, sai para quase dez milhões de habitantes e tem o direito de julgar que

⁶ Cf. Rodrigues, o quadro de acionistas de *A Pátria*, era assim dividido: Paulo Barreto 15%; os jornalistas Pimenta de Mello e Aureliano Machado cada um com 7.5% e o editor Villas Boas com 6.5%. O lusitano Visconde de Moraes e o empresário teatral italiano Walter Mocchi, somados à Banca Italiana di Sconto, e o Banco Francês e Italiano e o Banco Nacional Ultramarino não chegam a perfazer 5% das ações.

informa e faz opinião não em só em Buenos Aires mas na Argentina”.⁷

Talvez decorra disso, a idéia em lançar um jornal que, segundo ele, era feito para defender os interesses do Brasil inteiro, um “jornal nacional”, contra a “apatia, o carrancismo, o negociismo e o imbecilismo”:

“É preciso pensar no Brasil como pensamos em nós mesmos. O meu desejo é que esse jornal seja o incêndio das idéias e das vontades do Brasil inteiro!”⁸

João do Rio não teve muito tempo para sedimentar sua experiência de “empresário das letras”, só o tempo de gestação do jornal, pois nove meses após a fundação de *A Pátria*, Paulo Barreto foi vítima de um enfarto dentro de um automóvel — o símbolo máximo do progresso — na “correria” da vida vertiginosa da modernidade.

⁷ RIO João do. *A Imprensa Argentina*, **Gazeta de Noticias**.05 05-1915

⁸ RIO. João do. *Agora*, **A Pátria**, 23/06/1922.

Capítulo IV

O jornalismo como vivência e experiência

*“Muitas vezes, vendo a astúcia das Musas, eu meditei sobre o quadro surpreendente de Gustave Moreau — **Les Muses Quitant Apollon**. Era para mim toda a vida moderna. No cume do Helicon, o Deus perfeito sentado sob os loureiros tênues, parece de uma tristeza fria sem remissão. Descendo o monte as Nove Musas, donas da arte, descem como tangidas pela Fatalidade. As que estão mais próximas de Apollo voltam-se e olham com saudade. As que já não o vêem, na encosta, olham o céu. A que está em embaixo baixa os olhos para a flauta, reliquia de harmonia. À frente, a primeira agita o ramo de louros.*

As musas desertaram do Helicon. Sim. Mas não julguemos que para abandonar os homens, mesmo os bárbaros da América, que só pensam em ganhar. Elas emigraram do sonho perfeito para dar vida à realidade rítmica da existência.”

João do Rio

“Sim! Andamos a falar , a cada passo, do progresso, do nosso adiantamento em várias coisas, e esquecemos, com lamentável descaso, a obra colossal do jornalismo, a sua direta ação na transformação material da cidade, na mudança nos usos, dos costumes, a verdadeira obra da civilização que a sua constância realizou e, principalmente, o exemplo estupendo da sua própria metamorfose”.

João do Rio

O jornal foi um espaço que se enraizou nas cidades em vias de modernização do começo do século, como afirma Julio Ramos:

“o periódico moderno como nenhum outro espaço discursivo do século XIX, cristalizou a temporalidade e a espacialidade segmentadas distintivas da modernidade. O periódico moderno materializa — e fomenta — a dissolução do código e a explosão dos sistemas estáveis de representação”.¹

O periódico passou a estabelecer o *novo* como princípio de organização de seus objetos tanto informativos quanto publicitários; chegando inclusive a *deslocalizar* o processo comunicativo — como a disposição gráfica do material editado. Cabia ao jornalismo explorar os acontecimentos da cidade, com a

¹RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en la América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, s/d; pg. 122.

máxima urgência, sendo eles políticos, policiais, esportivos ou sociais, e relatá-los ao leitor, vendendo a novidade.

Este mundo abstrato criado por este processo comunicativo se configuraria de um modo distinto do real, seria algo nunca totalmente experimentado pelos leitores no campo de sua existência cotidiana. As novidades e notícias se dariam através da experiência do narrador e estas seriam incorporadas ao mundo subjetivo sem uma real vivência dos fatos.

O periódico passou a ser uma “condição de unidade” da nova cidade. Em suas páginas estariam representados todos os aspectos espaciais e sociais da cidade. No jornal quem se comunica com o público é tanto o profissional das letras, o jornalista especializado na busca da informação, quanto o político, o dono do jornal, o comerciante, o artista, etc. Nele encontra-se a cidade *desterritorializada* em um só espaço congruente, onde o leitor visita a cidade, sem precisar percorrer seus caminhos. Ou seja, o jornal torna-se um dispositivo moderno com o poder de articulação dos inúmeros fragmentos sociais.

A “alma” da cidade estaria nos pequenos anúncios² — de onde seriam retiradas as próximas pautas —, na valorização da pluralidade de assuntos, na

² Ver no Anexo, pg. 22. “A Leitura da Manhã”. *Gazeta de Notícias*, 25/02/1908.

disseminação de expressões novas, na polifonia, na fragmentação, no resíduo, e também na singularidade.

Para Walter Benjamin, o jornalismo consistia em “isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor”³. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuiriam para esse resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo linguístico. Segundo ele, na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação, refletia-se a crescente atrofia da experiência.

Pois, para Benjamin, esse tipo de recurso informativo diferia muito das antigas formas narrativas, que além de transmitir um acontecimento, integravam-se à vida do narrador, e eram passadas aos ouvintes enquanto experiência. No final do século XIX, porém, diz Benjamin, a filosofia vinha realizando uma série de tentativas para se apropriar da verdadeira “experiência”, em oposição àquela que se manifesta na vida normatizada, desnaturada, das massas civilizadas. Tais tentativas foram também chamadas de “filosofia de vida”. Segundo ele, a obra de Proust era a medida necessária para resgatar ou restaurar a figura do narrador na atualidade. Pois em sua obra

³ BENJAMIN, W. Obras Escolhidas. *Charles Baudelaire - Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Ob. Cit. pg. 107.

estavam os aspectos que integravam suas memórias individuais a memórias coletivas, o que caracterizaria a “experiência”.

Henri Bergson destacava-se no século XIX por estudar a experiência com um caráter científico. Para ele, a “estrutura da memória era considerada matéria definitiva para a estrutura filosófica da experiência”. A experiência se formaria antes com dados acumulados na memória, e com frequência inconscientes, do que com dados isolados fixados na memória⁴.

Bergson separava a memória de duas formas: por uma parte, a *imagem-lembrança*, aquela que armazenava o passado por efeito de uma necessidade natural. Através dela se tornaria possível o reconhecimento intelectual de uma percepção já experimentada”; nela nos refugiríamos todas as vezes que precisássemos buscar uma certa imagem de nossa vida passada.

Mas, como toda percepção é um prolongamento numa ação nascente, e à medida que as imagens se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criando novas disposições para agir. Assim se forma, por outra parte, a *memória experiência*, que é de uma ordem diferente e que “deposita no corpo numa série de mecanismos, inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações

⁴ Idem: pg. 105

anteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpolações possíveis”. Quando essa memória entra em jogo, e toda a consciência de todo um passado de esforços armazenados no presente emerge, ainda é uma memória, mas uma memória profundamente diferente da primeira, sempre voltada para a ação assentada no presente e considerando apenas o futuro⁵.

Mas como se caracteriza a experiência para Benjamin?

Em primeiro lugar, Benjamin diferenciou “vivência”, *Erlebnis*, da experiência, *Erfahrung*, sendo que a primeira se manifestaria na “impressão forte assimilada às pressas, produzindo efeitos imediatos”, enquanto a *Erfahrung* seria, então, “o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra como numa viagem”; “o sujeito integrado numa comunidade que dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo”.⁶

Ante esta definição, poderíamos classificar as crônicas diárias da “psicologia urbana” de João do Rio como *Erlebnis* — vivência —, ou seja, o registro “apressado” diário de suas caminhadas pela cidade. Como comenta

⁵ BERSON, H. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990; pg. 62-63.

⁶ BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire - Charles Baudelaire - Um Lírico no Auge do Capitalismo*; pg. 146.

Davi Arrigucci, os olhos do cronista estavam treinados para o flagrante do cotidiano:

“preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos. O cronista é um cínico de passagem; se expressa de súbito, ao se deparar com o catalizador de emoção poética. Por isso sua prosa, em sua continuidade fluida, tem um ritmo que se destaca o tempo forte da visão — imagem súbita, iluminação, epifania, — no espaço urbano e dessacralizado da vida moderna⁷”

A necessidade da rápida assimilação dos fatos pelo cronista divide-se em dois tempos diferentes: o primeiro, a captação do instante e o segundo pela intenção de durabilidade, de registro histórico. Arrigucci explica esse primeiro momento da crônica:

“é o tempo do êxtase, do rapto, do momento iluminado, do instantâneo fotográfico, espécie de tempo congelado, cristalizado em imagem, mas destinado a passar, pois é apenas um instante do movimento sem parada da existência, por isso mesmo associado, interiormente, a um sentimento de fugacidade irreparável das coisas e a um travo de melancolia”.⁸

Obviamente isso é característico da “temporalização da modernidade”, onde cada presente precisa ser vivenciado já que ele é um momento de transição, como explica Gumbrecht, “pois é um presente que sofre uma transformação do seu passado que é e que será potencialmente modificado pelo seu futuro”.⁹ A vivência seria então marcada pela forte impressão do momento

⁷ ARRIGUCCI, D. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Cia das Letras, 1987: pg.36.

⁸ Idem. pg.35.

⁹ GUMBRECHT, H.U. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed.34, 1998: pgs. 15/16.

aliada à *memória lembrança* de Bergson, que seria o que daria o tom, o sentido do texto:

“o momento que se esgarça está preso a um tecido de lembranças: coisas passadas e vividas, experiências ressuscitadas no instante. O passado que aflora relembra o corpo que sentiu primeiro, reavivando-se o prazer primordial dos sentidos, e assim se reatam sensações adormecidas”¹⁰

João do Rio confirma esse pensamento na sua receita para uma boa crônica:

“os sentimentos, para serem interessantes, devem ter o grilhão do momento do passado e do futuro, a recordação, a ansiedade. A alma vive entre o que foi e o que será, e dores e alegrias e risos e lágrimas do presente mais fundamente se sentem pela recordação do passado e a certeza ansiada do que há de vir.”¹¹

No *trottoir* do jornalista pela grande cidade, ele assimilava a rápida mudança e o resultado de sua impressão era somado com a observação, memória, lembrança e imaginação. Beatriz Sarlo lembra que o mesmo se dava com as produções culturais argentinas:

“Com efeito, a ficção e também a poesia não só se construíram com materiais ideológicos experienciais que, de algum modo, formam parte de um patrimônio comum transformado esteticamente, mas também os mesmos textos funcionam como formadores ativos de fantasias sociais. Identificações morais e psicológicas se suscitam no processo de leitura e é possível pensar que tenham uma permanência mais duradoura que a do momento de consumo e de prazer”¹².

¹⁰ Idem nota 31.

¹¹ RIO, João do. *Sésamo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917; pg. 105.

¹² SARLO, B. *El Imperio de los Sentimientos*. Catalogos Editora: Buenos Aires, 1985; pg. 23. (A tradução é de minha autoria).

A cidade que rapidamente se levantava perdia o terreno de suas antigas tradições e abria espaço para o consumo, a estetização padronizada e novos costumes. Ante esse novo mundo que nascia com a era moderna, marcado também pela entrada de novas tecnologias que modificariam o cotidiano, incertezas e perplexidades eram provocadas nos seus cidadãos. Cabia ao cronista estar com sua percepção visual e auditiva atentas a cada instante e com seu olhar gravar as coisas passageiras na memória, pois as possibilidades de não ver mais a velha cidade criavam uma espécie de saudosismo de seu tempo:

“Nada mais inquietante do que a mudança — porque leva a gente amarrada essa esperança, essa tortura vaga que é a saudade. Aquela mudança era, entretanto, maior do que todas, era uma operação da cirurgia urbana, era para modificar inteiramente o Rio de outrora, a mobilização do próprio estomago da cidade para outro local.”¹³

Enquanto a crônica se construía em cima da possibilidade de uma vida nova em detrimento de uma vida antiga, o jornalismo parecia acompanhar a mesma marcha. Raúl Antelo entende que o cronista, na tentativa de reler a cidade como um caleidoscópio, “busca um limiar de equivalências entre experiência e sensibilidade”, isto por consequência da própria escrita moderna que está “ancorada no princípio da liberdade de experiência e na ambição de um elo indissociável entre ser, dizer e fazer que exigia como condição de sua

¹³ RIO, João do. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Livraria Chardon: Porto, 1909; pg. 213.

própria possibilidade, uma nova dimensão política do sensível. Um modo singular e iluminador da política afetar o sentir e o agir do homem moderno”¹⁴. A experiência jornalística de Paulo Barreto delineava-se também a partir dessa perspectiva e seria marcada pelos acontecimentos que iriam se desenvolvendo ao longo de sua vida e carreira.

As crônicas reunidas no anexo, e aqui em questão, em que o autor trabalha com o meta-jornalismo, poderiam ser melhor definidas pelo conceito de *Erfahrung* ou experiência. Tais crônicas refletem uma parcela da preocupação de João do Rio com o futuro do jornalismo, mesclado à sua experiência que se acumulava com o decorrer dos anos.

Vimos que o periódico dessa época dava os primeiros passos para o que hoje em dia se concebe como jornalismo. Com todas as mudanças ocorridas nos jornais e nas formas jornalísticas no começo do século, muitos ajustes e adaptações ainda seriam necessários, pois à medida que se efetuava a prática cotidiana da atividade é que se estabelecia as novas regras e técnicas. Como a escrita meta-textual utiliza-se de uma linguagem que questiona a si própria, que se revisa, que se critica e se sugere, as crônicas de João do Rio tornaram-se

¹⁴ ANTELO, R. *A Alma Encantadora das Ruas* - introd. – texto inédito.

neste caso, veículo ideal para combinar os ingredientes necessários à crítica e ao elogio aos meios de comunicação jornalística.

Durante 22 anos Paulo Barreto dedicou-se diariamente ao jornalismo. A sua obra, como escreve José Carlos Rodrigues, “abrange quase todos os gêneros: a reportagem, a entrevista, a crônica de costumes, o conto, a novela, o romance”¹⁵. Desde quando ingressou na profissão, aos 18 anos, até sua morte, o jornalismo foi sua vida e a questão sobre a própria profissão esteve sempre presente em sua obra. Desde muito cedo estampava suas crônicas, com reflexões acerca do passado, do presente e do futuro do jornalismo.

O acúmulo ou a somatória de suas reflexões resulta numa produção de textos esparsos, escritos no decorrer de sua carreira profissional, em diversos periódicos, acerca do jornalismo, do jornal e de jornalistas. Muitas vezes construídos com a oralidade de uma conversa de bar, ou de jornalistas entre si ou ainda entre o jornalista e um cidadão — quer seja este representante da classe política, comercial, etc. Numa mescla lúdica entre realidade e ficção, embranchas, memórias, críticas e reivindicações panfletárias, através dos “esplendores e misérias” do jornalismo, compondo, inconscientemente, o relato da experiência do narrador.

¹⁵ RODRIGUES, J. C. “A Flor e o Espinho”, in RIO, João do. *Histórias de Gente Alegre*, José Olympio, 1981: pg.xv.

Mas, afinal, qual seria o resultado de sua experiência? Quais foram as ações desencadeadas pela sua experiência?

A preocupação com o jornalismo parece persegui-lo desde o início de sua carreira e se cristaliza no livro, *O Momento Literário*, publicado em 1905, no qual realiza enquetes com os escritores da época, onde uma pergunta-chave reina absoluta: “*O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?*”

As enquetes realizadas com autores famosos do momento — como Olavo Bilac, Sylvio Romero, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, entre outros — levam-no a concluir que muitos dos escritores viam o jornalismo de uma maneira positiva ou negativa de acordo com o sucesso nele obtido:

“os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo (...) São geralmente os poetas, os poetas que tendem fatalmente a ver o seu mercado diminuído — porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem”¹⁶

João do Rio estava consciente da importância que o jornal assumia na formação da cidade e de seus cidadãos, o que também o levaria a concluir, no pós-fácio do livro, que a tarefa assumida pelo jornalismo era de “educador

¹⁶ IDEM: pg. 329.

social” que papel do jornalista era o de seguir “ensinando a ler, a escrever, fazendo compreender e fazendo ver” os ângulos “possíveis” de uma mesma realidade.

Como o jornalismo não se realizaria por um dom, ou por um trabalho político — como no passado — mas sim como uma profissão sujeita à concorrências, medida e avaliada por esforços e produção prestadas, dependente de avaliações constantes de seu público e de seu editor, a profissão merecia ser pensada e questionada através de crônicas, artigos e matérias. E também defendida e valorizada para que pudesse cada vez mais se tornar realmente uma “profissão”, com melhores salários para que aqueles que nela estavam pudessem desempenhar bem o seu papel, e não fazer do jornalismo apenas uma posição para ascensão a um cargo político melhor remunerado. João do Rio, constantemente, defendendo a profissão, reivindicava profissionalismo contra o diletantismo, o aventurismo e o oportunismo, chegando, em certas ocasiões a culpabilizar os colegas pela falta de organização e de união para uma luta adequada por seus direitos:¹⁷

“jornalista carioca é o único que não se defende. Quando é um deles a fundar um novo diário, os pedidos de quanta influência política há são logo atendidos, preterindo nomes

¹⁷ Ver no apêndice os artigos: *Cinematographo - Terça* (1/9/1907), pg. 16; *Cinematographo - Terça* (8/11/1909), pg. 29; *Cinematographo - Quarta* (8/8/1909), pg. 45; *O Charuto das Filipinas*, pg. 59; *Paiz de Jornalistas* (6/11/1915), pg. 101.

honestos de profissionais. Quando é um cidadão qualquer, deputado ou bolsista, que funda o jornal sem saber o seu valor, então é uma lástima: a lista do pessoal é do começo ao fim de estreantes transitórios.”¹⁸

O jornal tornava-se mais um processo social dotado de profundas implicações ideológicas, onde a expressão do grupo dominante assumia o caráter determinante. Como o jornal não era somente a transmissão ou comunicação de notícias e informação da atualidade, mas também a comunicação de idéias, opiniões e juízos críticos, era necessário também discutir assuntos relativos a ética, moral¹⁹ e comportamento no jornalismo.

Sua opinião acerca do jornalismo era muito semelhante à de Sylvio Romero:

“ o jornalismo tem sido o animador, o protetor e, ainda mais, o criador da literatura brasileira (...) É no jornal que têm todos estreado os seus talentos; nele é que todos têm polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escrita, dele é que muitos têm vivido ou ainda vivem ainda; por ele, o que mais vale, é que todos se têm feito conhecer, e, o que é tudo, poderia ser mais se houvesse uma junção de forças; é por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste desgraçado país entregue, imbele, quase sempre à fúria de politiqueros sem saber, sem talento, sem tino, sem critério e, não raro, sem moralidade.”²⁰

O jornalismo para Paulo Barreto podia ser definido através de uma simples equação matemática:

¹⁸ Ver Anexo. *O Charuto das Filipinas*; pg. 59

¹⁹ “É sempre bom discutir moral. Cada um tem sua moral, de modo que da discussão sempre sai mais moral ou menos moral — o que é o suprasumo da moralidade. Anexo: *O Noticiário*; pg. 55.

²⁰ IN: *O Momento Literário*; pg. 49.

literatura & política = jornalismo

jornalismo & política = desenvolvimento mental do país²¹

Conforme sua visão e conhecimento, as relações entre o jornalismo e a política haviam se estreitado: os políticos passaram a valorizar a crônica e o valor manipulativo dos jornais enquanto os homens de letras passaram a se interessar pelos valores da pátria. E a troca se dava também no nível de interesses pessoais, tanto do jornalista quanto do político:

“Os literatos usaram da troça, da ironia, e sem um fito proposital, trataram menos da temperatura e mais da sua pátria. Bem contra a vontade, vendo que na crônica, a opinião insuspeita de um homem de letras acima dos interesses de partidos e das celebradas “conveniências políticas” era muito mais lida que o grave artigo de fundo; os homens de governo começaram de se interessar por ella. De modo que hoje é absolutamente impossivel encontrar um homem de letras, que não tenha com a preocupação da sua arte a preocupação de política. Os da geração feita ou estão na Câmara como o grande Coelho Neto, como o ilustre Felix Pacheco, ou ocupam nos jornais lugares em que tratam á vontade de assumptos políticos. Olavo Bilac é o mais prudente, e, entretanto, ninguém nega a Bilac serviços de alcances diplomáticos muito maiores que o de vários diplomatas de carreira. Os novos, no período em que é bonito achar detestável discutir eleições, já perderam essa velha mania boemia, começam com a preocupação dos altos destinos da sua terra. E daí uma ligação cada vez mais íntima entre a literatura e a política. Não pode, aliás, deixar de ser assim.”²²

A cada dia que passava, João do Rio reforçava sua opinião que o jornalismo era um agente determinante para o bom desenvolvimento da democracia:

²¹ Apêndice, pg. 54. In: *Literatura e Política* (7/8/1910); pg. 52

²² Ver Anexo; pg. 60 — João do Rio, *Commercio de São Paulo*, “Literatura e Política”; 07/Ago/1910.

“Talvez eu seja um idealista em erro. Mas imprensa alguma, de qualquer país, sintetiza para tão amplamente a ardente arte que não concretizaram as repúblicas gregas, nenhuma exprime como a de Buenos Aires o que o jornalismo deve ser, ouvido e respeitado pelos outros como por si mesmo: a força vigilante, permanente e guiadora das democracias.”²³

Motivado pelo interesse em ver o seu país dar os primeiros passos para a democracia e saber da influência do jornal neste processo, Paulo Barreto colocava todo o seu interesse em batalhar por uma imprensa calcada em cima de um conceito mais democrático, defendendo a vitalidade, a dramaticidade e a ironia no jornalismo, vistas enquanto recursos de qualidade informativa.

João do Rio parece ter sempre equilibrado sua tarefa de crítico com ataques e defesas de sua profissão. Como ele mesmo garantia, sua maior qualidade como jornalista era a sinceridade:

“Pode ser que não seja de boa ética jornalística a sinceridade. O que tem me dado apoio à minha argumentação sempre foi e é exatamente a minha sinceridade. Os meus amáveis colegas podem urrar, infamar, salivar. O público dá-me razão.”²⁴

Sua sinceridade e sua notoriedade junto ao público foram alguns dos ingredientes necessários para que João do Rio arrumasse um grande número de inimigos a combatê-lo, como explica Nilo Scalzo:

“A visão controvertida, sugerida pelo homem João do Rio desde os tempos em que inicia a carreira jornalística e literária, acabou determinando prejuízos para o escritor. Se houve admiradores que lhe louvaram, desde os primeiros

²³ Anexo, pg. 107 — João do Rio, *Gazeta de Notícias*, “A Imprensa Argentina”, 5/ Mai/1915

²⁴ Anexo, pg. 124. *A Pátria*, “Bilhete”. 13/11/1920.

escritos, a originalidade dos temas e, sobretudo a elegância da linguagem, houve também detratores que se apegaram às fraquezas do homem para contestar-lhes as qualidades profissionais.²⁵”

As agressões impressas contra João do Rio, segundo sua confissão, não o incomodavam, embora seus biógrafos digam o contrário, e muitas delas se caracterizariam por ridicularizar seu suposto homossexualismo e sua cor mulata:

“A vida ensinou-me a inutilidade de ler agressões. (...) É uma questão de *self-control*. Se em torno de um sujeito há preocupação, sinal é que esse sujeito atrapalha, irrita, incomoda, é um valor. Para que zangar?²⁶”

Sua maior zanga, no entanto, estava na posição intermediária a que jogo do jornalismo o submetia. Estar sempre a meio caminho entre o editor-chefe e o público o incomodava muito, pois isso tolhia sua liberdade de expressar-se de acordo com suas próprias idéias, como se pode perceber em muitas crônicas reunidas em anexo²⁷:

“Quando ataca um é para impor outro. No fundo defende sempre. Não há profissão mais auxiliar, mais serventuária, em todo o orbe! Nunca os jornalistas trabalham exclusivamente para o seu próprio interesse. Eles são sempre o sócio dos ídolos de um dia. Elogiando ou decompondo em política servem os interesses dos outros”.²⁸

²⁵ SCALZO, Nilo. *O Estado de São Paulo*, “As Duas Imagens de Um Jornalista”, 2/8/1981.

²⁶ Anexo; pg. 38. JOE, *Gazeta de Notícias*. “Cinematographo, Quarta”, 13/6/1909

²⁷ Consultar Anexo: “Opiniões de Um Jornalista Impossível” (14/8/1915), pg. 96: “Paiz de Jornalistas” (6/11/1915); “Profissões” (20/5/1916); “Carta” (22/7/1916); “As Imprevistas Ironias do Jornalismo” (2/12/1916).

²⁸ Anexo; pg. 105. JOE, *Revista da Semana. Profissões* (20/5/1916).

Com o somar dos anos sua pena foi se tornando mais voluntariosa, crítica e ousada. Seu interesse estava voltado, segundo ele, ao desenvolvimento do país, por isso tornou-se um “patriota”. Em suas conferências internacionais esse era o tema com que abrihantava sua platéia, sobre o que discorria em muitas de suas matérias jornalísticas:

“Eu creio na palavra e no seu arcangélico poder. E por isso cada vez mais as palavras que digo procuro entregar a sinceridade de meus sentimentos e das minhas idéias. Palavras leva-as o vento... Algumas que eu utilizo vão tão cheias de dor, de pena, de esperança, de sangue, do desejo, que me dá a vaidade para julga-las por terra. E então eu as repito uma sobre a outra, sempre a mesma com outras muitas para o desperdício do vento. E torno a repeti-las. E insisto, com a fátuidade de que elas venham um dia, monte ou marco, a fazer alguém dizer: quantas palavras e quantos sentimentos para erguer uma idéia justa! Há quase três lustros, num trabalho incessante e poliforme, desde o meu primeiro artigo até agora, no conto, na crônica, na impressão mundana, frívolo ou grave, entusiástico ou triste, há na minha obra um desejo único na sombra de uma palavra fundamental. Essa palavra é: patriotismo.”²⁹

Di Cavalcanti, sobrinho de sua tia Eponina, é a testemunha que relata a pátria com a qual sonhava João do Rio:

“Assisti muitas vezes João do Rio exaltar-se na antevisão de um país surgindo inédito no mundo, povoado de parques industriais, cidades paradisíacas com os melhores teatros, grandiosas avenidas, gente elegante badalando pelas calçadas, com jomais material e intelectualmente belos e perfeitos.”³⁰

²⁹ RIO, João do. *Sésamo*. pg. 159.

³⁰ APUD. RODRIGUES, J.C. *João do Rio - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996; pg. 233

Junto a esse sonho, João do Rio acreditava poder ampliar o papel da imprensa, para além de sua categoria informativa e documental, dotando-a de função educadora e instrumental adequada para dar redéas e freios necessários ao bom andamento do progresso e da democracia.

“Da imprensa surgiu a democracia contemporânea — a plana igualdade de todos os seres, de todos os valores diante do deus único, que é a Imprensa. E assim fez ela, para ser o Artista Onipotente, o creador de todas as tragédias e de todas as comédias, o folhetinista da vida, e principalmente e escultor dessa coisa amorfa, poderosa, terrível que se chama — Opinião Pública.”³¹

Mas de que maneira participar de um processo, tendo que ser ao mesmo tempo espectador e um possível agente de mudanças?

Depois de 20 anos na prática jornalística, lutando por direitos, conhecendo os segredos e artimanhas da profissão, e tendo se tornado uma figura pública, João do Rio parecia, finalmente, estar apto para colocar suas idéias em ação. Após uma tentativa fracassada de pleitear um cargo de embaixador em Lisboa, acabou por fundar um jornal batizado de *A Pátria*. No nome já estampa sua principal preocupação, e de acordo com a teoria de Walter Benjamin, essa ação corresponderia ao ponto máximo de sua carreira:

“Na vida, quanto mais cedo alguém formular um desejo, tanto maior será a possibilidade de que se cumpra. Quando se projeta um desejo distante no tempo, tanto mais se pode esperar por sua realização. Contudo, o que nos leva longe no tempo é a experiência que o preenche e o estrutura. Por isso, o desejo realizado é o coroamento da experiência.”³²

³¹ RIO, João do. *Sésamo: Oração dos Faróis*.

³² BENJAMÍN, W. Charles Baudelaire - *Um Lírico no Auge do Capitalismo*; pg. 129.

Desta maneira, efetivava-se sua experiência como um homem do jornal. As páginas de *A Pátria* não resistiriam muito tempo, devido a pressões e ameaças que passou a receber de políticos em geral e, principalmente, graças a morte de Paulo Barreto, em 1921, que encerrou a carreira deste folhetinista da vida diária. Vivendo e exercitando sua profissão diariamente, com certeza Paulo Barreto cumpriu sua tarefa junto ao seu público e ao seu conceito de jornalismo, ao qual, me parece, sempre se manteve fiel:

“O jornalismo é assim de sacrificio na sua base, sendo reflexo da sociedade agitada nos seus múltiplos apertos, de atraso, de adeantamento, de excesso, de ideal, de visão prática, de poesia, de rancor, de entusiasmo, de desanimo, de ironia, algumas vezes atrasadíssimo, doutras tão bom como em qualquer parte do tempo. Ideal capaz de condensar hiperestesiada todas as características da raça.”³⁵

³⁵ ANEXO; pg. 37. RIO, João do. *O Jornalismo por Dentro*, **Gazeta de Notícias**, (12/15/1909).

Capítulo V

As Máscaras

“Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não.

Para criar, destruí-me, tanto me exteriorizei dentro de mim; que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena viva onde passam vários atores representando várias peças.

Fernando Pessoa

“Tudo o que é profundo ama o disfarçe.”

Nietzsche

“O mundo é uma admirável construção de interpretações apenas”.

João do Rio

Cremilda Medina observa que nos textos de João do Rio existe “a presença forte de um autor e não um repórter como narrador”. Nesta afirmação estão implícitas duas idéias bastante interessantes. A primeira e mais óbvia está na ênfase do autor, e não do repórter. Sim, João do Rio foi um caso típico de alguém numa situação limite. Ele foi, como afirmam todos os estudiosos de sua obra, o introdutor da reportagem no Brasil — sendo esta uma das grandes novidades no processo de comunicação social — porém, não obstante este esforço, e ironicamente, nunca perdeu sua superioridade e autoridade de artista.

Paulo Barreto criava pseudônimos que ora encobriam ora revelavam sua experiência. Ora assumia o papel de “flaneur” e percorria as ruas da cidade para descortinar-lhes o mistério ou a dura realidade de seus moradores; ora

vestia-se no melhor figurino europeu e circulava pelos espaços elegantes da sociedade na máscara do dândi, seguindo os passos ritualísticos dessa superior “ordem monástica”, instituída pelos escritores europeus, dispensada da moral vulgar e empenhada na conquista de um novo lugar para o artista nesta nova sociedade.

O dandismo, como se sabe, é antes de tudo um “culto a si mesmo”, onde o ator social pode desempenhar o papel de ser do contra e, ao mesmo tempo, um disseminador de novos valores ou antivalores, pregando frívolidades e ironias, destacando-se pela ousadia, pela irreverência e pela inteligência aguçada.

Neste sentido, o artista está constantemente ultrapassando o jornalista. O jornalista está impregnado dessa personalidade artística que lhe gabaritava fazer o relato de sua experiência. Porém, como os limites desse tipo de relato ficam muito próximos entre a privacidade do autor e a vida pública, um recurso utilizado seria o de construir máscaras para si mesmo, a fim de se preservar e, também, de ganhar um espaço mais lúdico para poder brincar com personagens fictícios, dando asas à imaginação.

O primeiro mistério que a máscara deixaria implícito seria de “esconder o rosto com um rosto falso”, o segundo seria o jogo de julgar-se outro. E

destacar-se pela figura do outro foi uma das características mais marcantes na obra de Paulo Barreto. Na imprensa, constantemente inaugurava novas colunas para novos espaços da cidade e a cada uma delas atribuía a um autor diferente.

Renato Cordeiro Gomes prefere atribuir o uso das máscaras sociais ao objetivo capitalista: “o pseudônimo é a máscara para atrair compradores, como a fachada moderna das avenidas para atrair o capital estrangeiro. Paulo Barreto, então, intensificava o gosto e o prazer do disfarce em seus mais de dez pseudônimos: multiplicando-se para conquistar o mercado”¹.

De uma forma ou de outra, a máscara se torna um artifício a mais na busca do dinheiro, mas também funciona como uma espécie de mimetismo. A máscara, como diz Caillois, é, frequentemente, o instrumento utilizado para as metamorfoses e desempenha as mesmas três funções principais do mimetismo ocorrido nos insetos: ela camufla, disfarça e intimida². Nas sociedades primitivas, cada vez que o “ator” veste-se com uma máscara imediatamente ele representa os episódios de uma marcha imaginária, transmutando seus gestos e atitudes de acordo com a máscara vestida em cada ocasião, adequando-se aos dados de uma liturgia tradicional.

¹ GOMES, R.C. *João do Rio - Velas do Vício, Ruas da Graça*, pg. 42

² CAILLOIS, R. *Intenciones*. Sur: Buenos Aires, 1980; pg. 29.

“As três funções da máscara estão quase sempre sobrepostas” e garantem o anonimato ao portador, liberando energias desconhecidas que substituem a personalidade de fachada e traem sua natureza mais profunda”³.

As máscaras literárias, abrem as portas ao atrevimento, à audácia, permitem falar das palavras e gestos proibidos, permite adentrar nos lugares mais recônditos e desprezados da sociedade e desnudá-los. Os motivos da utilização da máscara literária são muitos, e se estendem desde a escrita política clandestina à pornografia, desde o ofuscamento brincalhão a sérios distúrbios da personalidade.

No caso de Paulo Barreto, a sua principal máscara transfigurou-se na sua pessoa, ele tornou-se João do Rio. E a máscara, como uma boneca russa, desdobrava-se em novas máscaras que se desprendiam da figura principal. Cabia ao autor mascarado observar cada lugar com “olhos-espelhos”, refletindo os fragmentos de cada lugar da cidade, com posturas e atos diferentes, num mimetismo imediato com o lugar:

“O favorável é ser apenas um espelho onde a humanidade se mira tal qual pensa ser.

Não há ninguém que tenha o topete de dizer que um espelho perde o brilho e a individualidade por mostrar a quem se mira a sua cara exatamente. Ora, a cara é uma ilusão, como a beleza, a fealdade, e o proprio espelho. Que mal em ser um delicado espelho bisauté de almas como elas se julgam?”⁴

³ Idem, pg. 29.

⁴ ANEXO, pg. 50. “Cinematographo - Paz e Amor”. *Gazeta de Noticias*. (25/7/1909).

Porém, para ser espelho é necessário refletir o que se vê, talvez por isso a utilização das máscaras tenha sido também reflexo do caráter carioca ou da “fisionomia cinematográfica da cidade”, que era constituída de pessoas que, segundo ele, usavam máscaras de acordo com situações e interesses próprios:

“Eu conhecia o mordedor, o explorador com nome de jornalista, o vigarista elegante, o ladrão jogador sustentado por mulheres caras e falando de honra, uma infinidade de servicinhos rendosos e inconfessáveis que rendem desde as mais gordas máquinas das advocacias administrativas até a larga gorgeta dos conventilhos. Não só. Vira a melhor gente com várias caras, financeiros, damas do tom, altos políticos — porque todos nós temos várias caras: a cara de entrar no lírico, a cara de manifestação, a cara de ver o credor, a cara de mergulhar em certas portas...”

No jornal, o jogo da mascarada teve início com Claude, em *A Tribuna*, de Alcindo Guanabara. Claude era o pseudônimo de crítico ácido e áspero ao romantismo e ao simbolismo, a favor do realismo. Comentava livros, peças de teatro, concertos e exposições de pintura. Em 1903, nasceu João do Rio, como foi mostrado anteriormente. Mais tarde, em 1904, apareceu, pela primeira vez, Barão de Belfort, o dândi milionário, que no decorrer do tempo seria promovido a príncipe, encarnando talvez um desejo de aristocracia, de riqueza, a sabedoria e irreverência do autor. Joe, o cinegrafista das letras, está mais ligado as inovações tecnológicas, e principalmente ao cinematógrafo. Constitui

um tipo mais americanizado, ligado ao instante, ao momento, que percorre as modernas avenidas cariocas, da política e dos mesmos becos lugubres que João do Rio. Em 1912, Joe passa a assinar a coluna “O Instante”, que havia sido inaugurada por Paulo José, um comentarista político dos fatos do governo da República, na mesma linha editorial de Simeão, outro pseudônimo de vida mais curta.

Em 1915, o matutino *O Paiz*, surge o controverso José Antonio José, cronista social do *grand monde* elegante do Rio de Janeiro, com sua coluna *Pall-Mall Rio*. Após o episódio desdenhoso de Humberto de Campos, que satirizava violentamente o colunista através de uma paródia ferina no vespertino *O Imparcial*, com uma coluna intitulada Pelle-Molle, assinada por “João Francisco João”, José Antonio José desdobrou-se em Mle. Renata Gomes, na *Revista Ilustrada*, onde comentava sobre os figurinos e as regras básicas do bom-tom dos encantadores da cidade.

Nos textos, as diferenças entre um e outro são percebidas pelos temas e pelos espaços distintos da sociedade que freqüentam. Ou, no caso de Godofredo de Alencar e do Barão de Belfort, estes aparecem nas colunas de José Antonio José, nos textos de João do Rio, nas peças de teatro, opinam, entretêm e criam independência do autor, “passeando” por vários lugares da

obra do autor. Godofredo de Alencar chega a ser autor do livro *Crônicas de Godofredo de Alencar*.

Godofredo de Alencar é um personagem forte e marcante na obra barretiana, marcado por leituras nietzschianas, é também um jornalista e cronista. Alguns autores o consideram alter-ego de Paulo Barreto. Na obra barretiana é possível — tanto em jornais quanto em livros e peças teatrais — rastrear a biografia de Godofredo de Alencar, que tem seu início no prefácio do suposto autor:

“Antonio Maria Godofredo de Alencar nasceu no Rio, tem trinta anos, é solteiro. Viajou em vez de ser bacharel. Temperamento lírico-irônico. A ironia é o lirismo da desilusão. Feliz porque quer ser feliz. Suficientemente desconhecido de seus amigos íntimos. Talvez almejasse a fama, se não odiasse a pior das vulgaridades: a literária. Não quer nada porque quer tudo. Daí escrever algumas vezes por excessos de ócios cheio de pensamento. Não publicaria jamais, entretanto, uma página. Figura de romance como todas as reais, que não copiam os romances. Para tentar um criador de ficções que, decerto, dele faria outro personagem, interiramente diverso do original. Assim pensando cuidaram os amigos em lhe publicar algumas frases, observações, alegorias. Na vida, só as idéias e as imagens contam. O resto é realização. O público leitor encontra destarte a história de Godofredo de Alencar através das palavras que o seu cérebro e coração formaram em dois ou três meses.”⁵

Além de Godofredo, outra máscara famosa e irreverente foi o dândi Barão de Belfort. Pensado e construído ao estilo wildeano, destacava-se na sociedade, como já exposto anteriormente, por ser rico, solteiro, e pela

⁵ ALENCAR, G. *Crônicas e Frases de Godofredo de Alencar*. Lisboa: Bertrand, 1916.

inteligência e astúcia. Suas frases de efeito, amiúde paradoxais e temperadas com muita ironia, sempre deixavam seus interlocutores “reflexivos”.

Porém, João do Rio utiliza-se também de outra espécie de disfarce em seus textos, recorrendo a máscaras um pouco menos nítidas, e que ainda me parecem inexploradas. São dos personagens não identificados em seus textos que, geralmente, aparecem no início das suas matérias, através de um pequeno diálogo e dão o tom para o início do desenvolvimento do tema. Esse recurso é muito utilizado por João do Rio, que coloca a voz e a opinião de personagens coletivos que surgem a cada texto e se fazem presentes em cada imagem, deslocando-se e circulando pelo texto inteiro. Essas vozes são apenas identificadas como políticos, passantes da rua, jornalistas, amigos, etc. Muitas vezes esse procedimento é utilizado para uma possibilitar a introdução de discussão para um assunto, ou então a avaliações do autor colocadas na voz de um segundo personagem, o que o isenta da responsabilidade da opinião:

“Há alguns meses um velho político muito cortez, segredou-me:

— Meu caro amigo, estamos vencedores!

— Como?

— O presidente tem medo da imprensa e mandou reconhecer todos os jornalistas. A camara está cheia de jornalistas!

— Não exagerará V. Ex?

— Exagero? V. é ingênuo! Há duzentas e nove cadeiras e duzentos e treze deputados jornalistas!⁶

⁶ ANEXO, pg. 101. RIO, João do. Paiz de Jornalistas. **O Paiz**, 6/11/1915.

Mais adiante, usa o recurso do diálogo como formador da pauta da referida matéria:

— “Deixei o velho político extremamente cortez, desejoso de estudar o assunto. Não há como assuntos inúteis para interessar-me.”⁷

É interessante observar essa passagem do uso de um recurso literário para a técnica jornalística. A influência de Wilde é clara. Sabe-se que João do Rio era um seguidor do mestre inglês, para quem a arte deveria ser vivida, e para tanto era necessário estetizar a vida. Como explica Raúl Antelo:

“Se arte e moral não estão apenas diferenciadas mas, acima de tudo hierarquizadas, é coerente com esse raciocínio não só que o artificial supere o natural mas que, além disso a própria reflexão se defina como representação artística.”⁸

Funde-se um estilo de nítida marcação teatral, associando a crônica ao teatro. Passa-se então à estetização da vida, o valor de arte adotado como critério. Embora a obrigatoriedade da rápida produção diária de textos vai aos poucos separando o escritor profissional do criador. E isso resulta num processo onde a estética passaria a se alimentar, de forma cada vez mais decidida, da experiência cotidiana.

⁷ Idem.

⁸ ANTELO, R. *João do Rio e o Belo em Máscara*. Folha de São Paulo, 2/11/1986.

Para essa representação de fatos da vida cotidiana, o recurso do uso de máscaras parece ter sido uma boa solução neste grande “baile de máscaras” do início do processo da modernidade e da democracia que ora se implantava no Brasil, no sentido de preservação da própria personalidade.

Mas também esse recurso, tanto retirado da literatura européia para se disfarçar quanto da característica do povo, parece ter sido o meio que João do Rio encontrou para viabilizar seu projeto pessoal de permear o jornalismo com literatura, mesclando à informação um certo apuro formal e rigor estilístico:

“Se a minha acção no jornalismo brasileiro pode ser notada é apenas porque desde o meu primeiro artigo assinado João do Rio eu nunca separei jornalismo de literatura, e procurei sempre fazer do jornalismo grande arte.⁹”

⁹ RIO, João do. *Agora*, 23/06/1922.

Capítulo VI

A Reportagem

“Sim, há homens que são obrigados a usar gravata, colarinho, roupas decentes, que correm sem cessar buscando a nova de um acontecimento — bando lívido de caçadores de escândalos, tristes viajantes de curiosidades miúdas”.

Joe

“A imprensa é a força porque é a inteligência. É o clarin vivo da humanidade que toca a alvorada dos povos e proclama em alta voz o império do Direito. Não conta com a noite, senão, para no fim dela, saudar a aurora; antevê o dia e adverte o mundo.”

Victor Hugo

Como já foi dito páginas atrás, nos estudos e nos manuais da história da imprensa brasileira a João do Rio é atribuída a responsabilidade pelo aparecimento, nos diários, da técnica da reportagem no Brasil:

“O cronista por excelência do “1900” brasileiro seria Paulo Barreto (João do Rio). E uma das principais inovações que ele trouxe para a imprensa literária foi a de transformar a crônica em reportagem — reportagem por vezes lírica e com vislumbres poéticos.¹”

Entre seus amigos, críticos e contemporâneos há uma certa unanimidade quanto ao estilo adotado por João do Rio, como comprova mais uma vez Gilberto Amado:

“Chamemo-lo mestre da graça intelectual, ironia e sátiras misturadas, o mestre da arte de transformar o jornal em obra de arte; o filósofo leviano, o formulador sarcástico das

¹ BROCA. B. *A Vida Literária no Brasil — 1900*, pg. 247

pequenas sínteses históricas do nosso tempo, o jornalista mais venturoso que ainda desabrochou num homem de letras.”²

Através destas opiniões é possível comprovar que pelo menos dois objetivos de Paulo Barreto foram realizados com sucesso. O primeiro, como ficou demonstrado anteriormente, a tentativa de transformar o jornalismo em “arte”. E o segundo, de fazer do jornalismo e da crônica pequenas sínteses históricas de sua época. É o que Bezerra de Freitas chamou de “estética do milagre animador”, pois segundo ele Paulo Barreto julgava que a obra de arte era completamente inútil quando não exprimia, através de uma personalidade, as aspirações do mundo, os sentimentos de beleza e de moral da época em que surgia³ :

— A minha obra só podera ser vista, em conjunto, dentro de dez anos. Aí verão, talvez, que eu tentei ser o reflexo tumultuário de transformações e que nos meus livros não está a obra prima, mas está em todos os seus aspectos morais, mentais, políticos, sociais, mundanos, ideológicos, práticos — a vida do Rio...⁴

Através desta estética que pretendia deixar um retrato histórico de seu tempo, a reportagem seria um instrumental adequado para complementar a

² AMADO, G. *A Chave de Salomão e Outros Escritos*. José Olympio: Rio de Janeiro; 1971; pg.31

³ RIO, João do. *O Bebê de Tarlatana Rosa*. Prefácio de Bezerra de Freitas. Lux: Rio de Janeiro: 1925, pg. 20

⁴ IDEM, pg. 20

informação detalhes minuciosos e verdadeiros de como era e se fazia a vida carioca.

Embora seja difícil uma definição específica de reportagem, o conceito barretiano viria de encontro com o conceito de reportagem atual adotado por Nilson Lage, por exemplo:

“A reportagem compreende desde a simples complementação de uma notícia — uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com seus antecedentes, consequentes ou correlatos — até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente”.⁵

João do Rio costumava atribuir o aparecimento desta nova prática jornalística ao fato de ela ser o instrumento capaz de satisfazer os anseios de novidade do público:

“O público quer uma nova curiosidade. As multidões meridionais são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros sintomas da agitação e da nevrose. Há da parte do público uma curiosidade malsã, quase excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. Precisamos saber? Remontamos logo às origens, desventramos ídolos, vivemos com eles. A curiosidade hoje é uma ancia... Ora o jornalismo é o pai dessa nevrose, porque transformou a crítica e fez a reportagem. Uma e outra fundiram-se — há neste momento a terrível reportagem experimental.”⁶

⁵ LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. Ática: São Paulo, 1985; pg. 16.

⁶ RIO, João do. *O Momento Literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905; pg. XI.

O jornalismo revitalizou-se com a reportagem. A reportagem dava um sabor mais “moderno” à notícia porque além de satisfazer a “curiosidade malsã” do público acrescentava um ritmo mais “aventureiro” ou “detetivesco” à informação:

“ A força dos grandes jornais está inteiramente nos telegramas e na reportagem. Reportagem principalmente. Uma notícia de suicídio tem mais leitores que a crônica laborada. O jornalismo carioca tem um genero em início — o da investigação e o das enquetes como as faz a “Gazeta de Notícias”. A grande base é a reportagem de polícia”.⁷

De acordo com Henry Stanley, a reportagem é responsável por dar à informação um maior movimento, interesse, originalidade, vibração, emotividade e novidade ao acontecimento, dando-lhe maior clareza e profundidade. Para João do Rio o jornalismo era o reflexo da sociedade. A reportagem era uma espécie de lente capaz de captar os múltiplos aspectos que a constituíam. Conforme sua opinião, o jornalismo era feito de atrasos, adiantamentos, excessos, ideais, visões práticas, poesia, rancor, entusiasmo, desânimo e ironia. Era o “ideal capaz de condensar hiperestasiado todas as características da raça”⁸.

O processo da reportagem, além de captar as “características da raça”, que eram devolvidas ao público leitor filtradas pela “fantasia de verdade moral”

⁷ ANEXO, pg.17. RIO, João do. “Cinematographo – Terça”. *Gazeta de Noticias*, 01/09/1907

⁸ RIO, João do. “O Jornalismo por Dentro”. *Gazeta de Noticias* 12/05/1909

do jornalista, era narrado com a desenvoltura de história, como um fragmento de romance ou conto⁹, fazendo “espetáculo” da vida real:

João do Rio, que arriscava algumas previsões do futuro, como é o caso do conto “O Dia de Um Homem em 1920”, acreditava que a reportagem constituiria as bases para a literatura do futuro:

“O literato do futuro é o homem que aprendeu a ver, que sente, que aprendeu a sentir, que sabe porque aprendeu a saber, cuja fantasia é um desdobramento moral da verdade, misto de impossibilidade e sensibilidade, eco da alegria, da ironia, da curiosidade, da dor do público — o repórter”¹⁰.

Com o novo mundo que antevia, repleto de tecnologias e o homem cada vez mais atribulado de funções em busca de poder e dinheiro, a reportagem, a entrevista, o jornalismo, enfim, seria o grande responsável pela propagação da informação. Devido a velocidade vertiginosa que as coisas assumiam ante o progresso, esta seria a literatura do futuro. Mas, de que modo concebê-la para que pudesse interessar muitos leitores?

A reportagem seria um caminho possível, pois para João do Rio esta sempre havia sido o forte das grandes obras, desde a *Odisseia* até os romances

⁹ Na atualidade, entre as principais características que a reportagem deve apresentar, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari apontam as mais significativas: “predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, e a objetividade dos fatos narrados”, e frisam:

“Conforme o assunto ou objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem.” IN: LIMA, E.P. *Páginas Ampliadas*. Editora da UNICAMP: Campinas, 1995; pg. 28

¹⁰ RIO. João do. *Momento Literário*, pg.330

de Zola e Balzac. Com a reportagem era possível fazer um retrato mais detalhado e preciso dos fatos, enriquecendo tanto à informação quanto a narração. É possível, neste momento, lembrar que Zola se revelou um jornalista extraordinário (ou “documentador”, como ele chamava a si mesmo) no caso Dreyfus. Foi incansável na sua busca de informações, devorando detalhes ao ponto de saber tanto quanto qualquer um dos juizes, promotores e advogados que cuidavam do caso. Esta técnica dos escritores europeus era agora novamente transvestida para outro meio, o jornal, para se transformar na “literatura do futuro”.

O jornalista, poderia ser considerado então o “observador do mundo”. Uma espécie de detetive, estava em toda parte, registrando acontecimentos, fatos, datas, nomes, a fim de informar, entreter e divertir seus leitores:

O repórter — e o repórter é o jornalista — é o jornal, é a vida — faz o reclamo do baile, da festa, da associação, do político, mesmo dos que mais o merecem e dos que não o merecem absolutamente, o reporter assiste a tudo”¹¹.

A literatura o ajudaria no sentido de melhor formar esse quadro “real” da sociedade em que vivia, com seus mais diferentes tipos de pessoas, a fim de constituir a “fisionomia cinemática da cidade”. Para constituir seu produto final, João do Rio buscava nas fontes literárias o material necessário para a

¹¹ RIO. João do. “O Jornalismo que Viaja”. *Gazeta de Notícias* 03/03/1907

formação de um texto artístico, informativo e ainda didático. Por isso, buscava em Homero sua inspiração, já que, como ele mesmo dizia: “Balzac não inventou mais que Homero em toda a sua imensidade.(...) Homero é a revelação equilibrada, dos homens, das formas dos homens”. Ele confessava que sua leitura diária de Homero era a mesma que a bíblia para os protestantes: “acabarei sabendo de cor Homero”, pois nos seus poemas estavam “os modelos de todas as feições humanas”.¹²

Se, por um lado, Homero contribuía com os modelos de caracterizações das feições humanas, também ajudava a compreender, de uma maneira mais abrangente, a raça humana. Com Homero era possível também aprender como construir um discurso mais populista, não desconsiderando idéias para atender as necessidades, de diferentes tipos de pessoas, adotando um critério mais “político” à reportagem:

“E porque Homero denomina Ulysses o orador certo do êxito? Porque fala sempre com “as idéas admissíveis”. Ulysses jornalista defenderá todos os absurdos — porque não ha na vida normal nada mais admissível que o absurdo. Você jornalista é pura e simplesmente, mesmo que não o queira, o homem porta-voz de milhares de vontades desencontradas e, conseqüentemente, para ter leitores, tem de ser absurdo”¹³.

¹² RIO. João do. “A Chegada”. *Gazeta de Notícias*, 29/04/1915.

¹³ RIO, João do. “Carta”. *O Paiz*; 22/07/1916

Porque ao falar para muitos, e ser um “porta voz de milhares vontades desencontradas” não era uma tarefa fácil. Neste sentido, João recorria a recursos encontrados em Homero, como ele mesmo afirma na citação acima, que o jornalista precisava ser “absurdo”. A explicação desta lição, retirada da Antiguidade e simultâneamente do “moderno” pensamento europeu, pode ser encontrada no artigo “Paz e Amor”, publicada na *Gazeta de Noticias*, em 25/7/1909¹⁴:

“Não ser do contra evita qualquer sorte de humilhações. Ser um admirador perceptivo prepara o cavalheiro para o papel de imprescindível. O sujeito que seja admirador de tudo: dos anarquistas e dos banqueiros, dos socialistas e dos capitalistas, dos crentes e ateus, dos chefes dos partidos políticos e dos chefes de classes sendo também venerador dos que querem ser chefes, realiza a perfeição”.

Porém, tal perfeição não se revelava fácil na vida pública de um jornalista. Principalmente quando havia a intenção de defesa de ideais e valores patrióticos velados. E o jornalismo, como João do Rio costumava lamentar-se, era como uma faca de dois gumes, quando se fazia uma agressão a alguns, fazia-se a defesa de outros:

“Quando ataca um é para impor outro. No fundo defende sempre. Não há profissão mais auxiliar, mais serventúria, em todo o orbe! Nunca os jornalistas trabalham exclusivamente para o seu próprio interesse. Eles são sempre o sócio para os ídolos de um dia. Elogiando ou descompondo em política servem os interesses de outros”.¹⁵

¹⁴ Ver Anexo, pg. 47.

¹⁵ Anexo, pg. 121. “Profissões”. *Revista da Semana*, 20 5 1916.

Um recurso amplamente utilizado, não só por João do Rio, era o de falar através de textos e tratados antigos, que além de exemplificar e prevenir, ajudava na isenção de uma boa dose da responsabilidade da opinião. Principalmente quando se tratava da conscientização das possibilidades do regime democrático.

Como observou Angel Rama, nesta época, na Europa, tornou-se comum consolidar a ideologia do presente através da busca dos discursos do passado, principalmente quando se evocava a passagem do regime aristocrático para o novo regime burguês, ou seja, a democracia:

“Uma vez assim definido, obviamente era possível evocar aos gregos do tempo de Péricles que haviam sido os primeiros em exercer o sistema político e haviam estabelecido um de seus modelos.”¹⁶

Uma vez definido o movimento democrático na Europa e agora no Brasil, tornava-se aqui também possível a evocação do passado grego, já que o modelo mais tradicional, desta vez, repousava na experiência da antiguidade. Embora, hoje saibamos que este tipo de comparação não serve como padrão de medida, devido a inúmeras diferenças históricas e temporais, na época de João

¹⁶ RAMA, A. *Las Mascaras Democraticas del Modernismo*, pg. 81.

do Rio parecia aceitável, quando dizia — “nada mais parecido com uma democracia do que outra democracia”¹⁷:

“A pretensão de ateniense da América do Sul e a nossa doença oratória, quase nos forçariam a optar por Atenas, E — *mirable dictu!* na Avenida Rio Branco, como no *agora* da cidade de Pallas, é tão idêntico o estado das almas, apesar de vinte e três séculos de intervalo, que o menos observador dos escritores poderia pintar fielmente o nosso momento, traduzindo apenas Aristofanes”¹⁸.

Rama ainda mostra, via Nietzsche, o modo como a processo de democratização ao largo do século revisava a História como um “guarda-roupa de teatro”, utilizando-se dos estilos e recursos de outras épocas para mascarar-se. Ou seja, que procurava “suplantar o texto do passado com a “interrupção moderna”, como um meio de fazer sua a mensagem que já não lhe pertencia e que necessitava adequar os seus impulsos a seus secretos desejos, a sua ideologia”¹⁹.

Nas artes e na literatura, o desenvolvimento de liberação do processo democrático atuava da mesma maneira: utilizando as máscaras do guarda-roupa histórico na constituição do campo da “erótica moderna”. Ou seja, que esta eclosão cultural finisecular era uma forma desmesurada do desejo, do gozo e do apetite pelo poder, em um tempo em que haviam sido abatidas as barreiras

¹⁷ RIO, João do. “Como nos Tempos de Aristophanes”, *O Paiz*, 28/03/1917.

¹⁸ IDEM.

¹⁹ IDEM. pg. 83

religiosas e éticas e que parecia presenciar uma ilimitada liberdade dentro dos setores superiores da sociedade.

Segundo Angel Rama, foi Nietzsche quem observou este dado importante à respeito do exercício democrático. Este regime possibilitava o desenvolvimento de capacidades individuais, acentuando a competitividade e gerando expectativas constantes. Vale reproduzir a descrição nietzschiana de democracia:

“épocas em que o indivíduo está persuadido do que é capaz de fazer, mais ou menos, qualquer coisa, que esta a altura de quase todas as tarefas, em que cada um ensaia, improvisa, ensaia de novo, ensaia com prazer, em que toda a natureza cessa e se converte em arte.”²⁰

Este conceito nos permite entender que indivíduos isolados ou atrelados a algum tipo de poder eram levados a acreditar numa maior possibilidade de atuação em tal regime político. Neste sentido, o jornalista encontrava-se num lugar privilegiado. Ele tornara-se uma das figuras da sociedade mais “aptas” a utilizar esse arsenal e tentar realmente ser o porta-voz dessas milhares de vozes e desempenhar um papel importante na sociedade, tentando abrir-lhes os olhos.

A conjugação de antigos textos juntamente com a técnica da reportagem utilizada por escritores europeus trariam ao jornalismo uma dinâmica

²⁰ APUD: RAMA, A. *Las Mascaras Democráticas del Modernismo*, pg.81

informativa mais alerta para os possíveis desenlaces sociais. A reportagem tornara-se um exercício democrático: o repórter percorria as ruas em busca das informações, encaminhava-se aos locais dos fatos, estava, enfim, presente aos acontecimentos dando ouvidos a pessoas envolvidas com a situação, possibilitando aos leitores conhecer o fato de um modo mais abrangente. E de outro lado, usando o exemplo do antigo transformado no novo como uma metáfora para fazer ver os problemas do passado como fonte de interpretação para o presente e o futuro.

O resultado disso são as “famosas” reportagens sensacionaistas de João do Rio, onde atuam as mais diversas vozes da sociedade: do político, do jornalista, dos passantes de rua, do mendigo, das prostitutas, dos africanos, das madames da alta sociedade, dos rapazes encantadores, homens de negócio, etc que compunham o quadro que formaria o registro cinematográfico da cidade. Seus textos revelam não só a problemática social em seus vários matizes como o registro da linguagem popular falada nos salões e nas ruas da capital carioca.

Em resumo poderia dizer que estas características formavam um texto mais “democrático”. Obviamente tinham por intenção criar um caminho que pudesse abrir mentes e conscientizar pessoas através do descortinamento da realidade, principalmente periférica, visando um “bom” andamento da

democracia e também fazendo valer a função jornalística de educadora da multidão. Fazendo valer suas teorias, o “conceito” de reportagem entendido por João do Rio permanece tão presente que poderia ser explicado por um de nossos atuais teóricos da comunicação:

“A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica.”²¹

²¹ MEDINA, Cremilda in Lima, E.P. *Páginas Ampliadas*. 2ªed.

Capítulo VI

Jornalismo e cinema

“O momento social é o cinematographo, com os films e as legendas escriptas naquelle espantoso vernáculo dos cinemas. Para ter o público é preciso ser como o cinematographo, inclusive as legendas.”

João do Rio

Na Avenida Central e em outras ruas importantes da capital brasileira espalhavam-se os cinematógrafos. Aliás o cinematógrafo tornara-se a grande coqueluche, “um delírio atual”, uma verdadeira febre, como se dizia na época.

O cinematógrafo aparecera no Brasil nos últimos anos do século XIX e a cada dia aperfeiçoava-se mais. À medida que novos aparelhos vinham chegando, novas salas eram abertas na cidade. Em 1907, os *films* começavam a ser exibidos simultaneamente com o fonógrafo e já se previa a possibilidade de criar um “cinematógrafo-falante”. Alguns acontecimentos já começavam a ser noticiados: a primeira grande filmagem no Brasil foi o desembarque no Rio de Janeiro do General Júlio Roca, ex-presidente da Argentina e, neste mesmo ano, o celulóide parece ter sido muito empregado para registrar os fatos cotidianos, num tom mais noticioso .¹

Os jornalistas sentiam a possibilidade de um maior crescimento e desenvolvimento de tal empresa. A novidade de poder ver os acontecimentos

¹ Alguns títulos exibidos nos cinematógrafos podem nos servir de exemplos: *A Greve; No País do Carvão; Os Terremotos no Chile; Manobras do Exército Espanhol; Horroroso Incêndio*. Para maior detalhes ver: ARAÚJO, V. P. - *A Bela Época do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976, pg. 196.

projetados numa tela encantava ao mesmo tempo que preocupava aos que sobreviviam da pena. Olavo Bilac demonstrava esse sentimento em *A Notícia* :

“Decididamente estão contados os nossos dias, ó cronistas, escritores de artigos de fundo, noticiaristas e mais operários do jornal escrito! Já se anuncia bem de perto o jornal futuro, falado e cinematografado, entrando rapidamente pelos olhos e ouvidos, graças à ação combinada dos fonógrafos e das fitas Pathé. Já os artigos longos cansam a atenção do público leviano. Quase todos os leitores dos jornais diários limitam a curiosidade à leitura dos telegramas, das curtas notícias, nas quais, em poucas palavras, se diz o que se ouve nas câmaras e nas ruas”.²

Já se podia sentir os efeitos da modernidade, a tecnologia ganhava espaço e a cada dia mais novidades apareciam para desbancar outras. Ante a ameaça da perda de poder do jornal escrito, os cronistas obrigavam-se a criar um estilo mais breve e leve. A notícia, trazida em parcelas diárias, obrigava os textos a se curvarem ante uma certa padronização da linguagem, com frases e parágrafos mais curtos, utilizando mais os verbos de ação e frases rápidas e de efeito, como a linguagem pulsante do telégrafo.³

Ao observador das ruas, o repórter ou o cronista, era necessário o registro dos fatos, que embora “explicassem tudo, não havia mais tempo para reflexões”⁴. Um novo olhar redimensionou o jornalismo. O cinematografo realizava a mágica que criava no espectador o desejo de perceber a rua como

² APUD: PONTES, E. *A Vida Exuberante de Olavo Bilac*, pg.427.

³ ANTELO, R. *O Dândi e a Especulação*, pg. 23.

⁴ RIO, João do. *Cinematographo*. crônicas cariocas. Livraria Chardon: Porto, 1909, pg. X.

um prologamento do filme que acabara de ver e traduzir rigorosamente o que viu para a sua percepção cotidiana. O olhar tornava-se mais atento às imagens, pois como diria Bergson: “a reflexão está nos olhos”.

A rapidez com que o cinematografo captava, colhia as informações, parece ter despertado em João do Rio a necessidade de evoluir da crônica para a cinematografia, já que este era o “resultado resultante de um resultado moderno”:

“A chronica evoluiu para a cinematographia (...) Com o delírio apressado de todos nós, é agora cinematographica, — um cinematographo de letras, o romance da vida do operador dos factos, da vida alheia e da fantasia — mas romance que o operador é personagem secundario arrastado na torrente dos acontecimentos. Esta é a sua feição, o desdobramento das fitas, que explicam tudo sem reflexões”.⁵

Para João do Rio, o cinematógrafo ajudava a perpetuar um clima de alegria e entusiasmo, funcionava como um “arrolador da vida atual”, desobrigando o público a pensar e refletir: “um rolo de cem metros na caixa de um cinematografista vale cem mil vezes mais que um volume de história — mesmo porque não tem comentários filosóficos”. Dessa despreensão do público, o cinematógrafo gera “o grande panorama da vida, figurado pela ilusão, que é a única verdade resistente no mundo subsolar.”

⁵ Idem: s/p.

Enquanto Bilac lamentava os progressos do arsenal técnico e do jornalismo, como demonstrou Flora Sussekind no ensaio, *O Figurino e a Forja*⁶, João do Rio antecipava-se em jogar com o tempo e as novas tecnologias mais expressivas. Criou um novo personagem, Joe, o cinegrafista da vida e dos fatos. Em 1907, ele inaugurou no jornal *A Gazeta de Notícias* a coluna “Cinematographo”, uma página inteira que saía aos domingos. A coluna funcionava como um diário da semana. Era constituída de pequenos artigos referentes a acontecimentos de cada dia.

Suas crônicas funcionavam com o aparelho do cinematógrafo que captava as imagens do momento. A solução encontrada para que o jornalismo não perdesse o terreno para o cinematógrafo era a imitação ou a mimese para ganhar a opinião pública. Theodor Adorno, anos mais tarde, perceberia, nos seus estudos sobre a indústria cultural, que esta elegeria a imitação como algo de absoluto. Aliás, a imitação era um fenômeno ou uma síndrome da população. João do Rio criticava e aprovava o ato imitativo, mesmo porque, além de ser um sintoma geral, o escritor e o jornalista eram os primeiros a usar de tal artifício:

“Hoje está provado que nós só usamos gravata por uma questão de imitação. Mas a imitação vai até as escolhas dos

⁶ IN: VÁRIOS AUTORES, *Sobre o Pré-Modernismo*. Fundação Casa Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 1988, pg.31-47.

gestos, a entonação vocal, as frases, ao andar sem indicar do imitador uma verdadeira doença”⁷.

E se o cinematógrafo imitava a vida para se reproduzir, o jornalismo imitaria o cinematógrafo para vender.

“O jornalismo e o cinema são mesmo as duas grandes artes americanas — instrumentos admiráveis da plasmação de idéas, inoculadores de animo nas multidões, transformadores esplendidos. O que na Grecia de Pericles eram o orador e o comediographo é hoje o jornal, o que na França era o theatro é hoje o cinema. Jornal e cinema — tudo. E o cinema é o jornal em figuras e o jornal é o cinema em leitura”⁸.

Porque além do recurso cinematográfico possuir a facilidade de captação e memorização do momento, tornando-se um ótimo aliado para o registro das transformações que vinham ocorrendo na cidade, o cinema era também forte aliado na manipulação das massas urbanas.

⁷ RIO, João do. *Cinematografo*, pg. 162.

⁸ RIO, João do. *Agora A Pátria*, 23/06/1922.

Para Concluir

“A verdade é uma necessidade de que ninguém faz uso. Não há propriamente verdade, fator positivo, há um infinito desdobrar de ilusões que no suceder das épocas temos por verdades, aliás mais ou menos relativas”...

João do Rio

Não gostaria que minhas observações finais a respeito desse trabalho fossem determinantemente encaradas como uma conclusão. Pois, como pude perceber a cada dia, as reflexões crescem, mudam e amadurecem, mas nunca chegam a um ponto final.

Os textos analisados aqui podem e devem receber diferentes interpretações de cada um que os ler. Minhas interpretações pessoais seguem a tendência de alguns críticos literários que vão buscar o modelo gerador da obra, a biografia do autor e a pesquisa de pontos específicos peculiares a determinadas “preocupações” do autor.

Dentre os variados temas que Paulo Barreto abordou, os textos escolhidos têm tema específico, e formam parte de um registro público que configura uma pequena parte da história do jornalismo no nosso país. Creio que são textos que, em sua época, foram eficazes e que abriram espaço para uma possível avaliação do jornalismo. A mim, particularmente, me surpreende o uso deste recurso tão atual. Pois, recentemente, vimos os grandes jornais brasileiros cederem espaço aos *ombudsmen*, que seriam os profissionais responsáveis por uma tarefa, posso dizer, um pouco mais

desenvolvida e elaborada, porém semelhante a um trabalho que exerceu Paulo Barreto.

Estes tipos de textos tornaram-se uma das possíveis formas de presença crítica dentro do periódico, criando no público um novo horizonte de expectativas. Esta tarefa, porém, de responder aos interesses de um grande e variado número de leitores, obedecendo aos princípios básicos de informar, entreter e ainda empregar materiais lingüísticos, ideológicos e literários, não é das mais fáceis. Embora não haja possibilidade de saber o tipo de retorno de tais textos, principalmente se lembrarmos que eles competiam com uma série de outras alternativas culturais: o teatro, os costumes, a coluna social, a matéria policial de cunho sensacionalista, o esporte, creio, de qualquer forma, que devem ter sido de valia, principalmente à classe jornalística que tinha o privilégio de ver problemas pertinentes a sua atividade, tais como salários, reivindicações, e assuntos de ética e moral, colocados em discussão.

Para nós, jornalistas e leitores de hoje, que temos as informações veiculadas nos periódicos em estilo industrial, todas obedecendo aos padrões regulares do *lead*, e seguindo uma mesma sistemática de produção de notícia, a preocupação de Paulo Barreto de fazer do jornalismo uma “arte” e algo mais “humano”, abre uma nova possibilidade de repensar o

jornalismo atual, chamando a atenção para questões e problemas hoje tão negligenciados por nossa imprensa, mormente os de caráter ético.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO/ HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

AMADO, Gilberto. *A Chave de Salomão e Outros Escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

ANTELO, Raul. *O dândi e a especulação*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1989.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *A Bela Época do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ARRIGUCCI, Davi Jr. *Enigma e Comentário - Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990. Vols. 1 e 2.

BALZAC, Honoré. *A Comédia Humana*. vols. VII, VIII e IX. São Paulo: Globo, 1990.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro, São Paulo: Publifolha, 1997.

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. Lisboa: Vega, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, 3ª ed.

BERSON, Henri. *Matéria e Memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I — Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire — Um lírico no auge do capitalismo*. Vol.III São Paulo: Brasiliense, 1989, 2ªed.

_____ *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Taurus, 1984.

BOLLE, Willie. *Fisiognomia da Metropole Moderna*. São Paulo: Edusp, 1994.

BROCA, Brito. *A vida Literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Serviço de Documentação, 1956.

CAILLOIS, Roger. *O Mito e o Homem*. Lisboa, Edições 70, 1972..

_____ *Intenciones*. Sur, Buenos Aires, 1980.

CARVALHO, Elysió de. *Ensaio*. Brasília: Universa - UCB, 1997.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados. (O Rio de Janeiro e a República que não foi)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Dar (el) Tiempo_I. La Moneda Falsa*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro de Meu Tempo - vol 1 ao 5 - 2. ed*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FARIAS, Gentil Luís de. *A Presença de Oscar Wilde na Belle Époque Literária Brasileira*. São Paulo, Pannartz, 1978.
- GADAMER, Hans-George. *Mito y Razón*. Paidós Ibérica: Barcelona, 1997.
- GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio - Vieras do Vício, ruas da graça* - Rio de Janeiro, Relume -Dumará, 1996.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: ED. 34; 1998
- HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- LIMA, Edvaldo Pereira Lima. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- MAGALHÃES Jr, Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MARTINS, Luís. *João do Rio - Uma Antologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia: Um produto à venda - jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- _____. *Símbolos e Narrativas*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.
- MELLO, José Marques. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MESSER, Orna. *As Figurações do Dândi*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*, São Paulo: Brasiliense, 1984
_____. *Las Mascaras Democraticas del Modernismo*.
Montevideo: Arca Editorial, 1985.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *A Alma Encantadora das Ruas*. Org. Raúl Antelo. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

_____. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Livraria Chardon: Porto, 1909.

_____. *O Momento Literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905

_____. *Pall Mall Rio: o inverno carioca de 1916*. Rio de Janeiro: Villas Boas, 1917.

_____. *Potugal D'Agora*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

_____. *A Profissão de Jacques Pedreira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; São Paulo: Scipione: Instituto Moreira Sales, 1992

_____. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

_____. *Sésamo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en América Latina — Literatura e política en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, s/d.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio - Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

ROOT, Deborah, *Cannibal Culture - Art, Appropriation, and the Commodification of Difference*. United States of America: Westview press, 1996.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias* (intelectuais arte e meios de comunicação). São Paulo: Edusp, 1997.
_____. *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, Buenos Aires: Nueva Vision, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão* (Tensões sociais e criação cultural na Primeira República) 3º ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
_____. *A Capital Irradiante: Técnicas, ritmos e ritos do Rio*. In: *A História da Vida privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SCHORSKE, Carl. *La idea de ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler*, em *Punto de Vista*, nº 30, Buenos Aires, jul-out., 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, 3º ed.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VÁRIOS AUTORES, *A Crônica - O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

VELOSO, Mônica Pimentel. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

WEBER, Eugen. *França - Fin-de-siècle*. São Paulo: Cia das letras, 1988.

Anexos

Nota: A ortografia utilizada nos anexos obedece as regras gramaticais da período em questão. Por opção, mantenho as matérias como foram concebidas.

SUMÁRIO

DATA	PERIÓDICO	COLUNA	TÍTULO	PG.
02/08/1902	O Tagarela		Diário de Paulo Barreto	01
04/02/1905	Gazeta de Noticias		O Grão	03
03/04/1907	Gazeta de Noticias	Pequena Chronica das Letras	O Jornalismo que Viaja	08
02/08/1907	Gazeta de Noticias		Chronica de Anniversario	13
01/09/1907	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Terça	16
12/12/1907	A Noticia		O 20:025	18
25/02/1908	Gazeta de Noticias		A Leitura da Manhã	22
14/06/1908	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Domingo	26
08/11/1908	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Terça	28
25/04/1909	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Terça	29
		Portugal D' Agora	Impressões dos Jornaes	32
12/05/1909	Gazeta de Noticias	Portugal D' agora	O Jornalismo Por Dentro	39
13/06/1909	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Quarta	45
25/07/1909	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Paz e Amor	47
08/08/1909	Gazeta de Noticias	Cinematographo	Terça	52
05/06/1910	A Noticia		O Secreta Amador	54
07/08/1910	Commercio de S. Paulo		Literatura e Politica	59
11/09/1910	Commercio de S. Paulo		O Noticiario	62
1910			O Charuto das Filipinas	66
1910			A Futilidade da Informação e os Seis Ministros	70
1911	A Noite		O Muro da Vida Privada	75
24/01/1912	Gazeta de Noticias	O Instante	O Reporter	80
12/02/1912	Commercio de S. Paulo		Geração de Jornalistas	82
02/03/1912	Gazeta de Noticias	O Instante	Espectadores	86
04/03/1912	Gazeta de Noticias	O Instante	Um Uso...	87

04/1913	A Revista da Semana		A Minha Primeira Entrevista e o Meu Primeiro Pedido Chronica	88
16/06/1914	A Ilustração Brasileira			94
11/09/1914	Gazeta de Noticias	A Margem Do Dia		97
28/02/1915	Gazeta de Noticias		Jornaes de Crianças	99
05/05/1915	Gazeta de Noticias		A Imprensa Argentina	104
1915			Oração aos Pharoes	108
14/08/1915	O Paiz		Opiniões de um Jornalista Impossivel	112
06/11/1915	O Paiz		Paiz de Jornalistas	117
20/05/1916	Revista da Semana		Profissões	121
22/07/1916	O Paiz		Carta	123
02/12/1916	Revista da Semana		As Imprevistas Ironias do Jornalismo	128
06/12/1916	O Paiz	Pall-Mall Rio		130
28/03/1917	O Paiz		Como nos Tempos de Aristophanes	132
07/08/1917	O Paiz		O Incêndio	136
13/11/1920	A Patria	Bilhete	A Um Homem Inteligente	139
05/12/1920	A Patria	Bilhete	Secretário Agenor De Roure-Catette	141
23/06/1922	A Patria		Agora	143

TAGARELA, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1902. Pg.6

DIÁRIO
DE PAULO BARRETO

DOMINGO — Almocei deliciosamente e sahi para os esplendores do meio dia invernal. Fazia um tempo de crysanthemos — muito claro, com Phebo nas alturas a estorcer-se em gargalhadas de ouro. No largo da Carioca, envernizei as botas e senti uma baforada de tédio amollercer-me o systema nervoso. Em que entreter o domingo, nesta americana e inspida cidade? Fui á *matinée* do Recreio, levavam a nevrálgica *Fragata Medusa*, entrei para a caixa. Mas por ser domingo e por ser dramalhão, na caixa amontoava-se um pessoal desbragado; e o nosso Dias cochilava a um canto sobre as barcaças de tyrano, irado e nostalgico das pompas do *Quo Vadis*. Era melhor ir para casa escrever. Fui, mas não escrevi.

SEGUNDA — Acordei radioso e mandei vir os jornaes. Dois mocinhos da critica theatral, occupando-se da *Fragatta*, descompunham-me fidalgamente. Porque? Não importa, gostei. Zolla accentuou a necessidade moral e litteraria de se engulir todas as manhãs um sapo. Imaginem eu, que engoli dois burros! — É extraordinário, surprehendi, à porta do Brito, o Japonezinho a discutir litteratura. E sacando citações e compondo phrases. Erudito e imaginoso — o que elle tem progredido na roda litterária! Quando deu por mim, abriu-me os braços e sem tir-te nem guar-te, chamou-me o Paul Adam da Atlantide. — Mas que é isso, menino; quem foi o bandido que maculou a sua lyrical imbecilidade, com esses borrões de beletrista? O Japonezinho fez um gesto, como a dizer que não ficava por alli a sua depravação; e ia a puchar do bolso um soneto, quando se avisinhou, musculoso, e providencial, o Emilio de Menezes.

TERÇA — Voltou ao cartaz do Recreio a Honra, do meu estremecido Cunha e Costa. Lá fui, a dar-lhe os emboras pela reconciliação com o Antoine nacional. Só pude felicitar o Antoine e o seu Brioux, Eduardo Victorino. Depois, deixando-os no *foyer*, a magicar a *mise-en-scène* (tudo à época, imaginem) da *Bohemia*, descí o corredor dos camarins, devassando-os com a impertinencia da lenta assestada: Ah! lá estava a deliciosa Maria da Piedade, robusta e massiça, com aquelles braços de Padeira de Aljubarrota e aquella voz de commando que devia ser a D. Felippa de Vilhena ao mandar os filhos para a guerra. A Cavallier honrou-me ainda uma vez com as suas confidências. Sabem o que adoro as confidências da Helena, soluçando sempre a mesma agonia passional, sulcando de lágrimas d'alma a inextinguivel primavera do mesmo affecto? Oh, adorável!

QUARTA — Recebi duas cartas anonymas — numa promettem-me navalha, na outra dynamite. Isto no anno de 1902! Se não fosse a Réjane, deixava-me ficar em casa. Mas a Réjane, a sua voz, onde as doçuras do

hydromel e os sonhos do absyntho me parecem fundir-se; aquella bulir nervoso de rendas, aquella nuvem, aquella espuma... — Não, filhos meus, cartas anonymas, uma historia. Na balança dos armazens, a Medina num prato, a Réjane no outro, lá vae a parisiense às nuvens; agora na balança do talento... E isto de admirações à pancada, positivamente não é sério...

QUINTA — Soube que o Vladimiro me votava um odio mortal. Viram-no fallar de mim, rangendo os dentes, vomitando fogo pelos olhos...E ha muito que me detesta e lá com os seus punhos ferozes jurou o meu extermínio ... — Mas quem é o Vladimiro? Não sei, nunca soube, provavelmente nunca saberei. Oh, os senhores, mas que mal fiz eu a esse visigodo? Não é só dizer que se estrefega um cidadão; deve-se também explicar por que. Naturalmente porque não sou eu Paulo Barreto e elle é Vladimiro. Esta discordancia tão natural, aliás, accende-lhe furias devastadoras contra mim. Se fossemos ambos Vladimiros ou ambos Paulos, o homemzinho com certeza me adorava. Mas não é possível. A apostar como esse desconhecido inimigo não tinha coragem de dar dois mil réis por este ramo de violetas. Dois mil réis — numa terra em que a violeta é expontanea! O Vladimiro, em vez de comprar as flores, apunhalava o florista!

SEXTA — Declara-se em mim, definitivamente, a polygamia sentimental. O meu coração desdobra-se em trinta corações sensiveis e palpitantes. Hoje, tive vertigens de paixão mystica; invadiram-me labaredas de desejo; os extases do platonismo, os desvarios da escola romantica, a crespa sensualidade dos realistas, tudo o meu amor aceita e retrata, intensa e vivamente. A loira Mlle X com seu ar contemplativo de Madona adolescente; a actriz Y, esgalgada e pallida como a Elvira do Lago; Mme. Z que reproduz o moreno perfil correcto e grave de Mme. Arnoux: a minha lavadeira, que é tal qual, nas linhas do corpo e nos contornos da alma, a Gervasia do Assomoir — todas deslumbrantes, attrahentes, fascinadoras. A noite, ao recolher, entrevi, no fundo de uma vittoria, toda recostada em rendas claras, sazoadada e ruiva Suzanne Castera. Divina!

SÁBADO — Passei o dia em casa, a escrever um artigo para *O Paiz*. Como aquella Salamonde é fino, intelectual, superior...Jornalista — e gosta de litteratura, mantem o culto da fórmula, lê autores, esmera os seus períodos com exigencia de verdadeiro artista. Isto no Rio de Janeiro! Mas deixemos o Salamonde illustre e a terra analphabeta. Passei o dia a trabalhar; e não me aconteceu nada desagradavel, sinto-me bem, feliz, illuminado. Tenho a impressão deliciosa que emmagreci. Decididamente, o trabalho é um bem.

Nota: Esta secção é plagiada dos *Petit carnets de poche*, do *Indiscret*, de Paris. Aviso aos moços eruditos e rigoristas que vão ler as revistas parisienses, de graça, na Casa Fertin.

O GRÃO

Há algum tempo já, à porta de um café, vendo as demolições, um cavalheiro paradoxal dizia-me:

— Não imagine você que me encolarissem as demolições apenas porque a poeira suja o fato ou me faz tossir. Eu odeio a poeira precisamente porque cada imperceptível grão dessa horrenda nuvem que nos envolve é um agente de desorganização cerebral.

Abri com espanto os olhos e olhei o reaccionário cruel. O reaccionario sorriu.

— A população divide-se em dous aguerridos partidos: o que protesta e o que aplaude a transformação da cidade. Ambos são excessivos. No primeiro, o grão provoca a catilinaria, no segundo o mesmo grão é megalsamano, espalha o delirio das grandezas. Já percorreu no Hospício a galeria dos loucos notáveis, os que se julgam habitantes de um paraizo, generaes, imperadores, deuses? Pois a transformação da cidade deve ter augmentado o número desses felizes sonhadores! Cada grão de poeira cria fatalmente um plano, que para nós é resultado de um desequilibrio.

Observe, examine, leia as cartas dirigidas às redações dos jornaes. Talvez acabe dando-me razão.

O jornal preocupa sempre o homem que tem no cerebro uma grande fantasia...

E depois de mais uma vez sorrir, o cavalheiro paradoxal partiu coberto de poeira. Eu fiquei a observar e obedecendo à sua sugestão dei para apanhar na redação da *Gazeta* as cartas que não podiam ser publicadas.

A correspondencia de um jornal é tudo o quanto ha de mais curioso. Ha missivistas de variadas especies. — malcreados, lisonjeiros, amorosos, autores de obras que vão ser publicadas muito em breve, poetas a pedir a insersão de versinhos, ironistas debochando as noticias mal escriptas, denunciadores de crimes horrendos, inculcadores de ligações amorosas, de irregularidades em estabelecimentos publicos, ante militaristas, patriotas — uma série infindável. Após as demolições, as cartas em grande parte passaram a submeter ao juizo dos jornalistas planos de transformações radicaes. Reuni em dous mezes cerca de seiscentas cartas, das quaes pelo menos tresentas têm o celebre grão de poeira, o grão do desequilibrio.

A principio, os autores dos planos lisongeavam o jornal:

— Exmo. e Ilme. Redactor. Dirijo-me á *Gazeta*, a esse extraordinario jornal, ninho de aguias e de corações magnanimos, onde se conserva, como num sacrario, a inolvidavel tradição de Ferreira de Araújo...

Depois, como num tacito accordo, resumiram o primeiro periodo das cartas numa em uma formula que em cem desses documentos é invariavel:

— Para a progressiva *Gazeta de Noticias* lembrar ao activo e pratico governo do Dr. Rodrigues Alves.

Ou então:

— Para a popular *Gazeta* lembrar ao eminente e valente Prefeito.

Algumas são ainda mais laconicas.

— Sr. redactor da *Gazeta*. — Idéas para o illustre Dr. Lauro Muller pôr em pratica para o Brasil.

As idéas nem sempre desarrazoadas e alguns dizem o absurdo com deducções de uma clareza surpreendente. A deducção é as vezes um ponto de contacto entre o homem normal e aquelle que nós combinamos considerar anormal. O *Barão*, um pobre velho que se considera milionário, condecorado por todos os imperadores do mundo, disse-me um dia no Hospicio, chamando-me com mysterio:

— Eu deduzi perfeitamente as necessidades do jornalismo. Preciso de uma campanha seria, capaz de livrar-me dos meus innumerados inimigos. E tirando do bolso a carteira, abarrotada de notas-reclame de certo xarope: — Posso contar consigo? Eu deduzo perfeitamente as necessidades do jornalismo...

As cartas são em grande parte como o *Barão*, deduzem admiravelmente as necessidades alheias. Assim, numa epistola, datada de 8 de dezembro, um cidadão que se assigna — *Patriota admirador do bello* escreve:

“É assombroso como nesse paiz os governos ainda não tivessem deduzido as necessidades da população. Uma das razões da solidariedade da raça é a rapidez das communicações. Entretanto para ir a um dos nossos estados torna-se necessário atravessar terras estrangeiras. Felizmente agora o governo é progressista, tendo na parte da industria um patriota clarividente.por consequencia, sr. redactor, a tão eminente republica¹.”

1º— Estabelecer uma estrada de ferro electrica que liguem todos os estados do Brasil, sendo que o primeiro ramal a construir deve ser o do Rio de Janeiro a Matto Grosso.

2º— A criação de uma grande empreza de navegação costeira, com paquetes confortaveis, genero: os transatlanticos que viajam da Allemanha para os Estados Unidos.

3º— Proteger por todos os meios as tentativas de navegação aerea.”

¹ Duas frases ilegíveis no original.

Por que a navegação aerea? O *Patriota* não diz. Os inventores de balão dirigiveis porém — mais abundantes na cidade que a agua nas fontes, comprehenderão...

Outro fantasista apresenta um plano bellico industrial que devia ser suggerido ao activo e pratico Dr. Rodrigues Alves. Eil-o:

“O arrendamento a Armstrong, Krupp ou outro estabelecimento metallurgico de nomeada da fabrica de Ipanema, onde existem as minas do melhor ferro do mundo.

Sugerir aos governos dos Estados Unidos, da Belgica, da Allemanha da Inglaterra, e de outros paizes industriaes a edificação na Avenida de palacios para exposições permanentes de machanismos para todos os fins — principalmente a lavoura.

Ao de Portugal, para identica edificação afim de installar nella, o Consulado, a Legação e a Agencia Financial, estabelecendo no andar terreo uma exposição de vinhos.

Lembrar o estabelecimento de premios animadores a fabricantes europeus ou norte americanos, de reconhecida competencia e de fortuna, para a fundação, nas circumvisinhança das minas d’ manganez e de areias monasticas, de fabricas de productos de taes mineraes.”

Não é só a industria a preocupação geral. A regulamentação da prostituição interessa na minha colecção quinze cavalheiros. Um delles leu o fatal *Quo Vadis* e a consequente quinquilharia de romances historicos editados em Paris; quer por força, em nome da Moral e das Necessidades Physicas, que o Dr. Cardoso de Castro escolha o quanto antes um dos nossos bairros para crear a Suburra carioca.

“Sim, Sr. redactor, brada elle numa letrinha nervosa, é uma vergonha para as famílias nas ruas centraes esse correr de prostibulos, onde as hetairas tentadoras dos *Ursos* do nosso exercito e da nossa marinha, expõem ao publico semi-nudezes de Venus. Mas como acabar com o horror? Para sustentaculo da pedra triangular da familia, a hetaira é uma necessidade physica. Que fazer? As medidas policiaes do Dr. Garcez são meias medidas, as europeas não se aclimam aqui. Agora que nós estamos num periodo de transformações, porque não lembramos a antiga Roma dos Cezares criando uma outra Suburra?”

E depois de descrever Suburra vivamente, o missivista que assigna — *Um Amante da Verdade* termina:

“Proponho, pois Sr. redactor a criação de um bairro proprio para esta necessidade e não seria mau que fosse no suburbio, por exemplo, em Cascadura.”

O capitulo de divisão de industrias por bairros dá assumpto ainda aos fantasistas amigos da symetria. Duas cartas, de lettra inteiramente diversa,

fazem-me ver a futura belleza do Rio se em cada bairro prosperar uma industria.

“Seria como na Argelia, como na India, em Benares, Sr. redactor. A gente passaria do bairro dos ourives para o bairro dos fabricantes de roupas feitas ou para o bairro das fabricas de moveis. Dirá V. Ex. a sorrir talvez que minha idéa é absurda.

Quem sabe? Della deduza com calma os resultados praticos. De resto eu não exijo propriamente um bairro. Basta uma avenida, uma avenida para cada industria.”

As avenidas são porém o delirio, a preocupação morbida de toda essa população. Das tresentas cartas reunidas em dous mezes duas centenas dão planos de avenidas, conselhos para aformoseamento das avenidas. Suggestionado pelas ideas do Dr. Lauro não fica só o Dr. Satyro Dias querendo abrir uma avenida intelectual. Os grãos de poeira das demolições cream a cada passo, como os lemures demoniacos, planos estranhos de avenidas fantasticas. Ha avenidas por todos os lados, indicadas por meios diversissimos. Revolvo ao acaso a papelada e logo encontro:

“Lembrar ao Dr. Lauro accordar com o Dr. Passos a prohibição de construcções terreas nas ruas fronteiras ao Mangue, pois lindissimo como vai ficar, taes construcções tornar-se-ão indignas delle. Na minha opinião, pela originalidade das bellas palmeiras que alli se encontram em todo o desenvolvimento e num alinhamento sorprehendente bem como do canal que (quem sabe?) talvez se torne futuramente um dos passeios favoritos em gondolas e em outras embarcações de recreio; na minha opinião, dizia, o Mangue será, depois de promptas as obras que nelle estão sendo executadas a primeira avenida do Brazil e quiça da América do Sul!

Combinar igualmente com o precitado Dr. Passos sobre o alinhamento e alargamento de todas as ruas da Copacabana.”

Outro lembra uma avenida que va do Largo da Carioca á praia de Botafogo com cincoenta metros de largura, outro propõe uma perspectiva entre o Mar e a subida da Tijuca, mais outro opina para a transformação geral, clamando:

“Acabemos com os beccos! São uma vergonha para os estrangeiros. Que o Dr. Passos não admita que se façam ruas com menos de vinte metros de largura”. E entre os mais interessantes ha o autor de (...) ² de transformar a cidade em avenidas só percorridas por carros, (...) o serviço de transporte commercial for feito no subsolo — por trens electricos, e o transporte de passageiros em *tramways* aereos, sustentados por pontes pensis...

Os montes que circundam a cidade, diz o autor, estão a indicar que nada mais facil é do que delles se servirem como ponto de apoio para as

² Palavra ilegível.

pontes aereas, os trens subterraneos serão alem do mais pretexto para o concerto radical de nosso subsolo. Garanto que por esse processo as nossas avenidas não terão poeira...

O curioso, porém, é que nessa grande colecção, só um epistolographo assigna. A sua carta tem cinco paginas e procura demonstrar “com a ironia diamantina de Zarathustra” que sendo o Rio a capital de um grande paiz, todas essas reformas são reformas de reles cararacás. As ultimas linhas do requisitorio concluem:

“Avenida? Chamar a isso Avenida quando o Brasil, pela sua extensão devia ter avenidas de 150 metros de largura? É pandego. Essa avenida não é mais que a rua larga de S. Joaquim mais comprida. E não riam. O homem como dizia Milton é o *defect of nature* neste paiz. Creado, obrigado pela publicação — *Eugenio Graça*.

P.S. — Eu genio não tenho nem graça. Que desgraça!

Os outros usam pseudonimos symbolicos: — Patriota, um admirador do Prefeito, Planista, carioca da gemma, um commerciante de idéas largas. Um progressita, Admirador. Assiduo leitor. Assignante da *Gazeta* desde o seu primeiro numero, Governista, Alliado do Dr. Lauro Muller, Vanguarda, e ha até na lista um cultor de Venus...

O resultado é concludente. Nada mais geral do que o anonymato.

Depois de ler tantas cartas fica a gente a pensar nas palavras do cavalheiro paradoxal. Talvez o Rio seja hoje a cidade dos megalomanos, graças ao grão de poeira das demolições.

(João do Rio.)

PEQUENA CHRONICA DAS LETTRAS

O Jornalismo Que Viaja

O jornalismo carioca tem progredido mais nestes dez annos que nos trinta anteriores. Os directores de jornal — dos jornaes que estão sempre a fallar no progresso, na liberdade e em outras palavras de effeito — são profundamente conservadores.

Ousar — era um problema. O publico, porém, começou a demonstrar desejos de mais alguma cousa, surgiu a concorrência á venda, concorrência que, á falta de inventiva, erige em atractivo a imitação, e deu-se essa magnifica aposta de novidades e sucessos, de escandalos — a que o leitor carioca assiste com uma indiferença de imperador romano num concurso de poesias que o bajulassem.

A caricatura, a *interview*, o noticiario alarmante, a photographia instantanea, as revelações escandalosas, as reportagens de costumes, tudo apparece nos *actae diuturnae* da cidade.

Os nossos jornaes apropriaram bem em todos os seus processos os grandes jornaes de Paris, que por sua vez transformaram o velho e litterario diario antigo numa cópia das folhas dos Estados Unidos. Ha vinte annos gastar cem contos com telegrammas por anno — era um excesso. Hoje — é pouco.

Só uma cousa a nossa brilhante adaptação está em atrazo: — a reportagem de viagens, na impressão directa de certos paizes nos momentos de crise.

Os jornaes de Nova York fazem isso ha muito tempo. Jules Huret creou o genero em Paris, e quando se deu a guerra russo-japoneza, todos os grandes diarios mandaram representantes ao theatro da guerra, ao Japão e á Russia. Para não citar um, e dos mais lidos aqui — *Le Journal* tinha Ludovico Nadeau em plena batalha, Paul Adam na Russia, e outro representante em Tokio.

Os proprios jornaes argentinos fizeram o mesmo, e se o delicioso Gomez Carillo escreveu um tão lindo volume como o *De Marselha a Tokio*, foi porque a *Prensa* o mandou como correspondente para que os porteños tivessem impressões directas do Oriente.

O jornalismo invade tudo. A reportagem, que sempre foi o forte das grandes obras, desde a *Odyssea* até os romances de Zola, será, segundo o muito sceptico e elegante Gaston Deschamps — a literatura do futuro. E haveis de notar que, mesmo contra a vontade do Sr. Rio Branco, o jornalista está em toda a parte.

Em toda a parte — não há duvida. No Brasil, porém, em certas ocasiões. O reporter — e o reporter é o jornalista — é o jornal, é a vida — faz o reclamo do baile, da festa da associação, do politico, mesmo dos que mais o merecem e dos que não o merecem absolutamente, o reporter assiste a tudo. Mas quando se trata de uma grande reportagem pelo Brasil ou no estrangeiro — o reporter desaparece e surgem os desconhecidos.

É curiosíssimo.

Hão de lembrar a viagem do Dr. Campos Sales a Buenos Aires. Na comitiva iam homens de letras, e como representantes dos jornaes cavalheiros que podem ser distinctíssimos, correctíssimos, fmissimos, mas que não eram, não foram, e não serão nunca jornalistas. Os magazines illustrados do Prata vinham cheios de photographias de *la prensa del Rio*. E nós aqui saldavamos em retrato moços que evidentemente não se dariam nem ao trabalho nem de escrever o recebimento dos mesmos magazines!

Esse facto, cujo commentario pode parecer uma impertinencia, mostra bem o nosso temperamento bonancheirão e facil, capaz de, para não retirar um jornalista da banca, enviar um moço bonito e fazer de periodista, e mostrar principalmente como nós outros, os jornalistas defendemos pouco os direitos e a superioridade de nossa profissão. Um curandeiro tem trabalho, chega a curar, mas a Academia de Medicina não o recebe. Um rabula é capaz de produzir uma brilhante defesa, mas o Instituto dos Advogados não o tem no seu seio. Esses cavalheiros, de certo distinctíssimos, não tinham produzido nem produziram nunca uma noticia de fallecimento. E entretanto o jornalismo carioca mandava-os ao Prata, como representantes...

Quando o Sr. Afonso Penna resolveu fazer a sua viagem de investigação pelos Estados, podiam aproveitar a occasião para informar aos cariocas, que restringem o seu mundo ás avenidas e aos telegrammas da Havas, o que é o Brasil actual. À primeira noticia soube-se, porém, que o presidente viajaria só, sem imprensa achando a imprensa pouco interessante. Era o contracto: S. Ex. ia com os jornalistas. Quaes seriam os jornalistas?

Fui a bordo, como toda a gente, ver o *Maranhão*, o dr. Affonso Penna, as installações, a despedida. Encontrei três ou quatro jornalistas profissionaes e alguns rapazes mundanos.

— Oh! Por aqui?

— É verdade vou com o Dr. Penna.

— Ah!

— Vou representando o jornal tal...

— Meus parabéns.

E mais adiante:

— Eu estava meio doente, *cacei* esta passeata.

— Então também vais?

— Sou o representante do semanario X.

— Meus parabéns.

Outros que eu não conhecia senão de vista, não me deram a honra da revelação.

Passavam apenas mandando as malas — as malas do dr. Z, do jornal tal — para o beliche.

No outro dia tive a curiosidade de ver alguns dos jornaes que enviavam representantes. Lembro-me que havia um do interior do tamanho de dous palmos, publicava tres dias na semana!

Era a fatal mania de gosar viagens como quem gosa um baile com o convite do jornal...



A viagem como resultado jornalístico, foi inteiramente nula. Podia-se escrever um extraordinario livro de paizagens; podia-se escrever um livro de satyra, apanhando os inumeros accidentes comicos, caricaturando o traço largo dos homens e cousas, podia-se fazer um inquerito estupendo de dor, de miséria, de vida, estudando o novo, pintando progressos e atrazos, estereotypando a alma das cidades, o horror das oligarquias dominantes. Um dos jornalistas de verdade que fizeram a travessia (em muitos pontos nada agradável) disse-me:

— Eu teria vontade de fazer um livro a respeito. Mas ficaria num dilemma: ou desagradar a mim mesmo sendo insincero, ou desagradar aos chefes dos Estados e à verdade bairrista dizendo verdades que não seriam sempre agradáveis.

Essa foi a opinião dos quatro ou cinco que poderiam escrevel-a. Os outros divertiam-se fazendo jornalistas do Rio. E eu já estava acreditando que, além de alguns artigos do Ernesto Senna e de um Diario, escripto *à la diable*, por Paulo Vidal em viagem, nada mais haveria, quando recebi o livro do Sr. Alvaro A. da Silveira — *Viagem pelo Brasil*.

O Sr. Alvaro A. da Silveira, que tambem acompanhou o Dr. Penna, não é bem jornalista, apesar de ser o director do *Minas Geraes*, mas é um homem de talento. Engenheiro, o seu curso na Escola de Minas de Ouro Preto foi brilhantíssimo.

A sua vocação para a mathematica era tanta que tirou o primeiro premio no curso — premio que dá direito a uma viagem à Europa. Verdade

é que foi elle o unico a acabar o curso naquelle anno e mais verdade ainda que não se utilisou da viagem por falta de verba.

Não foi viajar pela Europa, mas viajou pelo Brasil. Quem tem de viajar, tem mesmo...E nessa qualidade fez a viagem do *Maranhão* e escreveu um livro.

Que dizer desse livro de um mathematico político que será dentro de um tempo deputado?

O livro é um livro mathematico. Num estylo de caderneta de engenheiro que, em lugar de levantar uma planta de floresta, se visse forçado a notar quantas persianas têm as rotulas das casas, quantos soldados têm o batalhão de policia, quanto custa por vela a iluminação electrica, e o por cento que atinge o dividendo das companhias de tecidos. Isso alliado a um tom de informação para o commercio de ...Minas.

Todo o livro é assim. Tomemos ao acaso o capitulo intitulado *A Cidade de Maceió*. São cinco paginas.

Eis o estylo que desafia a concisão geographica do fallecido Lacerda:

“A cidade de Maceió, estendida em litoral completamente desabrigado, é dividida em duas partes: a do Jaraguá, à beira mar, e onde se acha o commercio em grosso e importador, e a de Maceió propriamente, que é a maior e onde estão o commercio a varejo, os edificios publicos, etc.

É iluminada a arco voltaico, sendo o vapor a força empregada para a produção de electricidade.

Quasi todas as casas particulares têm iluminação electrica, que custa 170 a 300 réis por vela-mez, conforme o número de lampadas. Está a cargo de uma empreza particular.”

E mais adiante:

“O abastecimento de água esta a cargo de uma empreza particular que cobra por 200 litros diarios 6\$ por mêz.

Comparado com o de Bello Horizonte, este preço é exagerado, pois que sáhe cada 1000 litros a 1\$; entretanto, ainda é a metade do preço por que é paga na Bahia.

Alli, a empreza particular, que explora o abastecimento d'agua, exige 128 mensais por 200 litros diarios, o que dá o preço de 2\$ por 1000 litros.

As ruas quasi todas são percorridas por bondes puxados por animaes e são calçadas a lajões, excepto a do Commercio cujo calçamento é feito de paralelepipedos vindos de Lisboa.

A cidade, cuja população, segundo um receseamento feito a poucos annos, é de 36.000 habitantes, tem 3700 casas que pagam impostos, e tem uma renda de 120:000\$000 contos.

A renda do Estado tem sido ultimamente de 2.200 contos.

Ha uma secretaria do interior e outra da Fazenda.

As funções de chefe de Polícia são exercidas pelo secretario do Interior.

A força policial consta de um batalhão, com 550 praças.

Chamam-se aqui commisarios e subcomissarios os que em Minas se chamam delegados e subdelegados.”

Isto a respeito a Maceió, a terra em que se deram episódios interessantissimos, a cidade em que toda a população opposicionista dos Matta fez aos jornalistas uma estrepitosa manifestação de desaggravo, com incidentes de um imprevisto admiravel. Isso a respeito do Pará ou do Rio Grande.

Verdade é que o Sr. Alvaro da Silveira discute num dos ultimos capitulos o tratamento de “Sr. Dr. presidente, Sr. Dr. chefe de policia, Sr. Dr. delegado”. Para o chronista de viagem pennina isto é impossivel. O correcto é “Sr. presidente, Dr fulano, Sr. chefe de policia, Dr. Cicrano”. Esta questão palpitante encheria columnas de jornaes numa cidade do Brasil em que se discutiu em portuguez, francez, o mesmo cassange, a maneira de tratar as meninas solteiras — se puella, se “madamemoiselle”, se menina, se dona, se senhorita...

Mas não é evidentemente o ideal de uma reportagem de viagem !

(José)

CHRONICA DE ANNIVERSARIO
(1875 — 1907)

A *Gazeta* completa hoje mais um anniversario. E, como é de praxe, commemora-o com prazer. É um costume exclusivo do jornalismo brasileiro esses das festas de anniversario. Não ha um grande jornal que não nos dê todos os annos occasião para mandar-lhe parabéns e para se ver fallado nos outros jornaes — porque, se na imprensa brasileira ha inimizadas, descomposturas e aggressões, no dia do anniversario, como no dia da morte em casa dos valentes, as diatribes cessam e apparece o entrelinhado em que se confessa admiração pelas lutas dos collegas.

Essa admiração é sincera no fundo. Traduz-se livremente por esta frase:

— Folha resistente! Pois não é que atravessou com vida mais um anno?

E o comprimento de anniversario está de tal modo praxe, que quando por acaso esquece o redactor da noticia classica é uma desolação em toda casa.

— Pois foste esquecer a noticia do anniversario?

— É verdade, filho... Emendo a mão.

No outro dia a local é maior: “Embora com 24 horas de atrazo”...

Em compensação há os adiantados (— tudo no mundo tem compensação) e esses saudam, brindam e dão parabens com 24 horas de antecedencia.

A *Gazeta* completa hoje mais um anniversario. E, como é de praxe, comemora-o com prazer. Bem vontade teria ella de à trintona, occultar esse outono anniversarial que lhe traz talvez o seu primeiro cabello branco. Mas há senhoras — há poucas mas há — que não se amofinam em envelhecer, se com as *brancas* vem chegando as glorias.

Ora, sem querer entrar pelo dominio excessivo de um amavel senador, nós poderemos ser os primeiros a abraçal-a, porque se a *Gazeta* está cada vez mais tepida, mais jovem, mais professora do jornalismo indigna, as glorias são em muito maior numero que as *brancas*.



Glorias? Que vem a ser a gloria da imprensa? Victor Hugo, que é sempre bom citar bombasticamente quando se trata das coisas solemnissimas dizia: “A imprensa é a força por que é a inteligencia. É o clarim vivo da humanidade que toca a alvorada dos povos e proclama em

alta voz o imperio do Direito. Não conta com a noite, senão, para no fim della, saudar a aurora; antevê o dia e adverte o mundo”.

Como isso é bonito! Só o prazer de advertir o mundo de que se antevê o dia, só a certeza de ser o clarim do Direito.

Mas o Sr. Alberto Bessa dizendo o que deve ser o jornal moderno, escrevia:

“O jornal tem que ser um órgão vivo, correspondendo a uma actividade necessaria, executando um trabalho fecundo e proveitoso, servindo a intelligencia, a sensibilidade e as energias dos povos que o leem”, e Manoel Victorino a acrescentava: “como os instrumentos scientificos ou os aparelhos e machinas industriaes servem aos progressos e ao desenvolvimento do trabalho e da riqueza humana”.

Já essa vida humana, já esse préstimo real são meritos mais reaes que o antever o dia. O jornal é humano, é um ser feito da vida de milhares de seres. E essa vida é realmente uma gloria, é um altar de culto barbaro, onde vem para os nervos a actividade, o cerebro, as idéas, os musculos, os pulmões de muitos moços — nascidos para desaparecer em flor na atravoragem.

Como é humano não basta ao jornal possuir a admiração dos que o leem; necessita ter a confiança daquelles que o procuram, porque o jornal é mais dos seus leitores do que de seus redactores ou proprietarios. O seu publico não é o governo que caiu ou se levantou; não é o partido que se dissolve ou se desagrega, não é o limitado grupo de amigos que o adulam e o cercam: o seu publico é a multidão desconhecida, que raras vezes ou nunca teve ensejo de ver qualquer daquelles que por meio do jornal, todos os dias lhe transmittem impressões, lhe suggestionam idéas, lhe fortalecem o animo, lhe proporcionam conforto, lhe alimentam a esperanza e lhe incutem coragem.

A dedicação dessa vida assim, feita ao sacrificio de uma porção de vidas, é a sua segunda gloria, quando trinta annos depois, quasi a findar o seu setimo lustro, se verifica, pelo consenso unanime do publico que bem se realizou essa vida de dedicação...



A *Gazeta* podia ter encarregado um dos seus redactores de lhe fazer a biografia. Mas o jornal não tem historia para viver della perante o publico. Com o publico, faz o jornal como o marido com a mulher voluvel: conquista-o todos os dias. Imaginem um senhor, vendo que a dama a abandona por outro, a por as mãos na cabeça e a dizer:

— Eu sou filho de gente honesta! Isso que admira no outro eu já fiz. Eu tenho muitos annos de uma historia refulgente ... A dama olhal-o-á com respeitosa comiserção e será certo que preferirá o outro, que sem historia, lhe dê a rija novidade todos o dia.

É assim a vida. A historia de um jornal é apenas o seu lastro de sympathia no favor publico para tentar com exito tudo quanto é novo e melhor. A *Gazeta* tem feito exactamente isso. Cada dia uma novidade, cada dia um esforço, cada dia um enthusiasmo ou um melhoramento.

Boas ou más, as suas reformas são adoptadas com uma facilidade desvanecedora pela concurrencia— o que mais do que tudo demonstra a satisfação do publico.

Dizem que a *Gazeta* fez a imprensa barata, introduziu o boneco caricatural na folha diaria, creou o folhetim sensacional; inventou a dramaticidade da noticia de policia, foi independente, ironica, impondo não só idéas e actos — como toda uma geração literaria.

Que seria de tudo isso se ella tivesse parado, se não nos tivesse dado os melhoramentos materiaes, a excellencia das machinas, uma dellas unica no Brasil, a nevrose das *interviews* e das *enquetes*, a permanencia da nota sensacional, da informação photographica desenvolvimento de todos os serviços do jornal moderno?

E exactamente ahi têm os senhores mais uma gloria...



Antes de apparecer a *Gazeta*, haviam apparecido no Brasil mais de mil jornaes. Depois de 1875 appareceu o dobro pelo menos. Este paiz é um paiz de poetas e de jornaes. Causa pasmo até que haja leitores. Essa resistencia da *Gazeta* é uma prova maxima porque soube ser lançada e porque tem sido bem conduzida.

Saudando-a hoje por certos e determinados melhoramentos, no anno proximo ninguem sabe porque lhe daremos os parabens.

O jornalismo evolue. A *Gazeta* acompanha-o.

Já um constructor americano de maquinas de impressão, M. Hoe entende que não virá longe o dia em que ha desapareccer a imprensa mecanica, sendo substituida pela photographia; cujas reproduções serão mais rapidas e economicas.

Isso é a meta da economia e da perfeição.

Quem sabe se a *Gazeta* não chegará a ella?



De qualquer forma eil-a que faz annos. E como é de praxe a saudação, não deixemos de nos dizer commovidos:

— Que se repita por muitissimos annos...

(Joe)

Cinematographo

Terça

Na Associação Christã dos Moços o meu melhor amigo faz uma conferencia sobre o jornalismo, e já para o fim vejo-o contar a miseria de nós outros para uma platéa de oitocentas pessoas.

“Atri o velario da miseria espantosa dos que são vistos em toda a parte e julgados felizes pelo mundo. Documentemol-a, como fez Paulo Poltier com a imprensa de Paris, que está exactamente como a nossa.

O jornal é hoje uma empresa commercial em toda a parte do mundo. Ha empresas quê pagam bem e outras que pagam mal. As latinas pagam mal. Deixemos de parte os proprietarios. Esses arriscam capitaes e responsabilidades aqui — num paiz que tem muitos jornaes e não tem 500.000 leitores ao todo. Fallemos dos que fazem o jornal e para os quaes não ha a menor complacencia.

Quanto ganha um secretario do jornal no Rio para estar todo o dia, do meio-dia à meia noite no jornal, lembrar-se de tudo, ordenar tudo, ler tudo? O que ganha mais tem 1:200\$. Ha de 800\$ e até de 500\$. A tabella é mesmo 600\$000.

Um redactor de banca, genero que vai desaparecendo e já não existe na *Gazeta*, o jornal moderno por excellencia, tem 250\$, 300\$ e 350\$000.

O maximo é 400\$ e, quando substitue o secretario. Não ha redactores artisticos. Ja ouve litterários. Ainda restam os chamados “theatraes”.

Mas estes hão de desaparecer, para dar logar apenas a reclame paga pelo emprezario e por causa dos officiosos. Não ha moço com tantas tenções conquistadoras e com vontade de assistir aos espetaculos gratis que não seja critico, a troco apenas das entradas. A collaboração é ainda a mais bem paga — muito mais bem paga que em Paris. E isto por deferencia litteraria, porque a folha não augmenta um numero da tiragem, dando todo dia um artigo do mais festejado e aclamado escriptor. A *Imprensa* de Ruy Barbosa tinha 2000 exemplares de tiragem. Entretanto o *Jornal do Commercio* paga 50\$ e 70\$ e as vezes mais 30\$. O *Correio* dá 50\$. A praxe é trinta para todos e a *Noticia* desde o seu inicio paga 25\$. Os collaboradores fixos como Coelho Netto no *Correio*, Bilac na *Gazeta*, Medeiros na *Noticia* recebem mensalmente.

O redactor que consegue ganhar mais no Rio, o mais aclamado não passa de 600\$. É o máximo. Dahi só para baixo. A redacção da Camara, que ja foi admiravelmente paga, cahiu sensivelmente. Não ha mais escandalos e o publico não a lê.

A força dos grandes jornaes está inteiramente nos telegrammas e na reportagem. Reportagem principalmente. Uma noticia de suicidio tem mais leitores do que a chronica mais lavorada. O jornalismo carioca tem um genero em inicio — o da investigação e o das enquetes como as faz a *Gazeta de Noticias*. A grande base é a reportagem de policia.

Nos temos reporteres capazes de ensinar ao mais esperto agente como se acha o fio de um crime. Sabem quanto ganha essa gente? O chefe chega a 350\$. Ha de 200\$, ha de 150\$ e até de 70\$!

Sim, há homens que são obrigados a usar gravata, collarinho, roupas decentes, que correm sem cessar buscando a nova de um acontecimento, — bando livido de caçadores de escandalos, tristes viajantes de curiosidades miudas, como as chama Carillo. Em toda a parte os recebem mal.

Ao vel-os vir, as portas se fecham, com receio de indiscrição. Não importa. Como duendes, elles colam-se às fechaduras. São os diabos da actualidade. E não fazem como os de Paris que ganham a mesma cousa, mas têm a Bolsa das Noticias, onde as trocam por trabalho menor.

Querem dar o “furo”, querem ser os unicos, desesperam-se, não dormem.

Esse trabalho começa nos jornaes da manhã e termina regularmente às 3 da madrugada. Ha turmas de plantão. Os homens renovam-se, sempre alerta.

— Um grande crime em Moxambomba! É meia-noite!

Deixa ver 5\$ emprestados. Vou lá! E vão. Não dormiram a noite passada. O jornal precisa trazer todo dia seu escandalo. O publico *blasé* exige um assassinato diario do Carlito da Saude ou a descoberta de moedeiros falsos toda noite. A preocupação da noticia sensacional dilaccera todos os cerebros, faz molestias nervosas, actua sobre o estomago.

O reporter não tem familia, não tem amizades: ama o seu jornal. Minto. Ama a sua affirmação diaria.

E para o publico, que nem se apercebe do quanto custou o jornal, desesperam-se sem parar, todos os dia, todas as horas, todos os minutos, todos os segundos, batalhões de homens.

Não têm futuro, senão na hora do dia seguinte. Que lhes importa? O Diabo anima-os. E, se em todas as profissões há a esperança de ser rico, a mais nobre e a mais digna das esperanças, se no commercio a sociedade espera-nos, na burocracia a chefia da secção é a meta, no jornalismo o fim é acabar inutil, sem animo para correr, atirado para o canto como um bagaço.”

Ha um sussuro na platéa. E eu penso por que não fundamos nós uma Associação de Imprensa?...

Joe

20:025*³

Como tivesse assistido ao pavoroso incendio, desde a hora do primeiro alarma até o momento em que se retirou o heroico Corpo de Bombeiros, comprei pela manhã todos os jornaes. Não é que a leitura das folhas alguma coisa adeantasse. Ao contrario. A leitura atrapalha ás vezes. Mas o incendio fôra numa pensão conhecida, frequentada por mim, eu assistira á furia devastadora das chammas, salvára mesmo aos pedaços uma vitrine de salão que um bravo bombeiro atirára da janella do segundo andar, e sentia a necessidade irreprimivel de rever a noite ardente na descripção dos jornaes. Nada mais humano e mais prejudicial.

Fui para o quarto, abri o bico de gaz, abanquei e dispuz-me a ler as informações dos reporters. Que serviço admiravel! Todos os jornaes abriam duas columnas com uns títulos verdadeiramente incendiários e as notas de reportagem acumulavam-se em periodos cerrados por mais uma columna sem títulos. Como poderiam aquelles rapazes ter tempo para vêr tudo aquillo e escrever embellezando os menores incidentes? Era espantoso. A leitura das noticias é que me avivava a memoria um pouco caçada. Estava nos jornaes tudo: a creada que dera o alarma, o visinho que tentára durante dez minutos extinguir o fogo, enquanto não vinha immediatamente, com a presteza habitual, o bravo Corpo de Bombeiros, o ataque ao fogo, a falta d'agua, tudo!

Um noticiarista mesmo descrêvera assim o escorchamento da fogueira. “Então, quando os bravos Bombeiros sentiram agua, pozeram as bombas em posição, soaram toques de corneta e o commandante, que chegava com um pequeno atrazo, deu ordem de ataque. A agua entumesceu a borracha, roquejou nas bombas, e de subito, o brazeiro estalou ao quadruplo ataque dos jactos violentos! A agua cahia por quatro lados, como fantasticos alfanges de crystal, esphacelando a fogueira numa nuvem de fumaça”.

Era exactamente o que eu sentira, era a minha impressão. Quem poderia fazer o melhor juizo da reportagem? Acontece sempre isso quando os jornaes são da nossa opinião...

O sentimento agradável, porem, não durou muito. Os meus olhos viam em letras normandas este subtítulo:

³ Também publicado no volume *Cinematographo*, pg. 51.

O 20:025

“No meio da confusão, ouviu-se um grito angustioso: — Minha filha! Era uma das criaturas da pensão, Jesuína Pereira, de 30 annos, que deixara a dormir no 2º andar, sua innocente filhinha Odalisca de 7 annos, um formoso anjinho. Houve um grito de horror na multidão.

— Onde está? perguntou uma voz. Era a voz de um bombeiro, um rapazola, nervoso. — No 2º andar! — Vou buscal-a! E meteu-se na fogueira. Houve um silencio atroz em toda a rua. Que se iria passar, deuses celestes? O bombeiro desaparecêra na chamma armado de uma bomba. Era como um bicho estranho. De repente Jesuína, que olhava a cena semimorta gritou: Ella! Sim, era ella, a sua filhinha nos braços do heroico rapaz que apenas com leves queimaduras nos braços a depoz aos pés da mãe feliz, voltando logo ao incendio.

O povo fez uma estrondosa ovação ao moço heroico. Conseguimos saber-lhe o numero, é o 20:025”.

Commo? Seria possivel? Mas eu estivera no incendio do começo ao fim e não vira nada disso! Qual! Abri outro jornal. lá estava a scena. Abri mais outro: a scena lá estava. Todos, absolutamente todos, davam, com mais ou menos detalhes, o acto heroico do 20.025. Não havia duvida. Escapára-me o melhor trecho do incendio. Se todos os jornaes tinham visto, eu é que não prestára bem atenção. Talvez o 20.025 fosse o rapaz que attirara a vitrine da janella do 2º andar. Uma creança e uma vitrine! Valoroso homem! E como eu salvára os pedaços da vitrine senti uma intima ligação mysteriosa como salvador, senti-me um addendo ao acto bravo.

Tambem eu estivera ligado á acção heroica! Era preciso que os jornaes soubessem!

Olhei-me ao espelho, vi que tinha uma palidez romantica de quem acorda de uma *resaca*, verifiquei a belleza do acto mais uma vez, e parti para as redações a pôr em evidencia o meu nome — ao lado do numero.

Nada mais facil.

Os jornaes da tarde diziam com entrelinhas: “O Sr. Eleuterio Barroso, que esteve presente ao incendio e viu a coragem sobrehumana do 20.025, trouxe-nos a idéa de uma subscrição para ser dada medalha de ouro ao bravo rapaz. A subscrição, que reputamos justissima, fica aberta no escriptorio de um de nossos collegas da manhã. O Sr. Eleuterio abre as assignaturas com o donativo de 50\$000”.

E eu fui o homem do 20.025! O jornal em que eu abrira a subscrição chamou-me de distinto e digno: os meus amigos sorriam de inveja, algumas senhoras pediam-me detalhes.

— Mas o senhor viu mesmo?

— Como estou vendo V. Ex^a. Nunca pensei, minha senhora. O rapaz entrou desabaladamente no fogo. Os corações estavam pequeninos de medo. Imagine quando elle appareceu, simples e calmo, sobraçando a innocentinha!

— Depois de ter atirado a vitrine?

— Depois, excellentissima. Ah! esses heroes que salvam a vida do proximo é que deviam ter mais que a nossa admiração, o nosso respeito.

Uma tarde, no Club dos Diarios, durante uma *sauterie* de creanças, repeti dez vezes a emocionante anedota. E como frequente (secretamente em virtude da minha posição de homem casado) o Club dos Democraticos, todas as noites deliciava esse remanso da Alegria com a historia commovente do 20.025. Algumas das raparigas, por sentimentalismo, pediram-me mesmo o retrato do heroe.

E eu de tanto cantar o heroismo, capacitei-me de que o tinha visto. Todo eu, da cabeça aos pés, era o 20.025. pintei-o como heroe antigo, indiferente ás glorias mundanas; descobri-lhe uma familia modesta, sustentada á custa de seu labor, insinuei nos jornaes entrevistas e descrições.

A subscrição atingiu a somma colossal. Fui procurar um dos afamados desenhistas e encommendei-lhe a medalha com os seguintes dizeres: “Ao heroico 20.025 — A cidade do Rio de Janeiro”. O ouro em que ella foi moldada era dos mais finos, e para tornal-a mais importante, mandei-a cravar de rubis.

Só faltava descobrir o bravo e modesto rapaz. Atirei-me ao Corpo.

— Faz o obsequio dizer se o 20.025 está?

— Não sei, respondia a sentinella.

Esperava do lado de fôra algumas praças.

— O 20.025?

— Não conheço, não senhor.

Corri assim todas as estações de Bombeiros, inclusive a maritima. Os valentes rapazes — é singular com ha rapazes valentes neste paiz! — respondiam-me invariavelmente.

— O 20.025? Não conheço.

Alguns sorriam com ironia. Que se teria dado, Deus misericordioso? A subscrição fechara, a medalha estava prompta, o povo esperava consagrar o heroe, a minha situação complicava-se. Tomei uma resolução tambem heroica (era a idéa do jovem) e fui decidir o dia da cerimonia— honra ao merito — com o commandante. Fui até de sobrecasaca e chapeo alto, apesar do horrivel calor, para dar um aspecto grave á deliberação.

Recebe-me immediatamente um official. Eu apresentei-me.

— Sr. official, devo dizer-lhe antes de tudo que, como todo bom carioca, admiro está admiravel instituição federal de que V. Ex^a faz parte.

— Muito obrigado.

— V. Ex^a deve lembrar-se, apesar de serem tão constantes os incendios no Rio que, ha tres mezes, no incendio de uma pensão, o Corpo se portou heroicamente. De resto, os jornaes falaram, e falaram principalmente de uma praça, que a esta hora já deve estar promovida. Para agradecer a praça em questão, um jornal abriu subscrição a que o povo concorreu em massa. A medalha esta prompta e eu vinha pedir-lhe marcar o dia da cerimonia.

— Que numero tem ella?

— 20.025.

— Hein? Ah! O senhor deve estar enganado. Nunca existiu o 20.025. Ha aqui o 225. Mas este ja estava na enfermaria no dia do incendio. É engano.

Ergui-me, abri a bôca, quiz falar, pedi um copo d'agua, enguli-o de um trago, tratamudeei:

— E agora?

Olhei ao redor. Estava suando frio. Sim. O 20.025 era um symbolo! Eu não vira o acto! Ninguem vira! Cumprimentei como quem vae suicidar-se e fugi, fugi rua a fôra, encerrei-me no meu quarto, tracei rapidamente esta noticia tremenda: — Falleceu hontem repentinamente o heroico 20.025, a praça que salvou duas miseras creanças no incendio da pensão X, ha tres mezes. Paz á sua alma e honra ao merito.

E nunca mais, juro-o, nunca mais direi que vi um acto heroico de qualquer numero, nem abrirei subscrições mesmo que seja eu o salvado da fatal voragem...

João do Rio

A Leitura da Manhã

Todas as manhãs ao acordar, enquanto o criado prepara o café com leite, abro sofregamente os jornaes e corro aos pequenos annuncios. Não me comovem as lutas políticas, as descomposturas atrozes, os reclamos espalhafatosos, as noticias bombasticas, os annuncios-chronicas da vida urbana.

Quanto maior é o barulho, menos interessante é o assumpto. Assim, os meus olhos correm avidos para as columnas cujas linhas são pagas a tresentos réis, com direito a repetição, e ahi estou certo de não encontrar nem a calunmia dos “apedidos”, nem os elogios reles, mas a alma da cidade tal qual ella é.

Quem fez o primeiro jornal ? Segundo um escriptor celebre, foi Adão, e logo um jornal personalissimo, com reflexões desagradaveis a respeito de Eva e conceitos admiraveis como este: “Deus devia ter feito varios domingos na semana. É exhaustivo passar seis dias a ver trabalhar Eva.”

Depois de Adão, o jornal tornou-se a mutual dos diários intimos e uma gazeta só é realmente uma grande gazeta quando tem muitas columnas dessas discretas e sinceras confidencias.

Quando não há o pequeno annuncio o jornal desespera. Ainda há pouco um italiano chamado (⁴) dava-nos informações curiosas sobre as loucas invenções dos jornaes sem pequenos annuncios para recrutar assinantes. Uma gazeta hespanhola *La Luminaria* chegou a imprimir com tinta phosphorescente para ser lida sem auxilio da luz, no escuro; sahia num pedaço de galo *Diario*, sahia num pedaço de massa para ser comido depois de lido. *A Naiade*, tinha o papel impermeavel podendo ser apreciado no banho; e a Scandinavia que nos deu Ibsen para a ultima enervante attitude da Eleonora Duse, inventou tambem jornaes de cujo papel se faz depois uma corda naturalmente para a gente se enforcar.

Todos esses jornaes naufragaram. Porque? Porque não tinham o pequeno annuncio. Por isso, todo dia de manhã eu corro aos pequenos annuncios a ver a prosperidade da gazeta e a tollice urbana. A minha observação encontra sempre um campo vasto para illustrar-se e é por ahi que eu sei uma porção de necessidades.

⁴ Ilegível no original.

A cidade tem, antes de tudo, uma crise de criados, isto é, as agencias não satisfazem e tanto os criados como os patrões não estão contentes. Assim há columnas e columnas de offerta e procura.

Na offerta o criado mostra a sua superioridade:

“Aluga-se um excellent copeiro, accustomed a casas ricas. Dá attestados da sua conducta, exige vinho às refeições. Ordenado, cento e cincoenta mil réis”.

“Aluga-se uma copeira de confiança. Prefere casa sem crianças e não dorme em casa.”

“Offerece-se na rua Pedro Americo uma governante para passar o verão em Petropolis em casa de familia de tratamento. Conversa em francez puro e pode mostrar os seus conhecimentos de linguas”.

“Chegado da Europa, acha-se a disposição de quem estiver nas condições, um “chauffeur” de primeira ordem. Prefere passar o verão em Petropolis. Vencimentos: 600 francos.

“Um cozinheiro de forno e fogão, aluga-se na rua do Cattete. Exige o ordenado adeantado ou fiança prévia de negociante estabelecido.”

“Um moço de vinte e dous annos de idade, com saúde perfeita, offerece-se para tratar de negocios de uma senhora só. Grande pratica de serviço.”

“Moça de boa educação, offerece-se governante de um senhor viuvo em boas condições de fortuna. Prefere homens de meia idade.”

Nós vemos, por estes exemplos definitivos, em primeiro logar que os criados *chics* gostam de Petropolis porque — felizes almas! não tem a obrigação de ser “diarios”; segundo, que o vinho é para elles genero de primeira necessidade; terceiro, que a desconfiança invade a alma ancillar depois de alguns callotes de gente *comme il faut*.

A governante que mostra o seu o conhecimento de linguas, o moço com grande pratica de servir senhoras sós e a jovem que anda à caça de um viuvo de meia idade, são simplesmente admiraveis, são os criados realmente *up to date*. Já devem estar empregados porque nesta vasta *urbs* cada vez se deseja mais o conhecimento das linguas e mais se procura commodidade amorosa.

Mas há na procura a mesma intensidade. Os patrões não se dão bem. “Precisa-se de uma criada de quarto para casa de familia. Prefere-se de meia idade e que não seja bonita.”

Que drama neste pequeno annuncio! Como se ve a dona da casa, dictando as linhas desse pedido, à arder de ciumes, talvez com a recordação de uma criada bonita que serviu com dedicação demasiada o patrão!

“Precisa-se um *chauffeur*. Atestado de boa conducta. Prefere-se portuguez e moço.”

Para conduzir que automovel? Uma senhora? Um cavalheiro? Por que portuguez? Por que moço? Não seria o mesmo se fosse um velho francez ou um italiano de meia idade, ou mesmo um brasileiro?

“Precisa-se de um arrumador de quartos que seja alegre e de confiança.”

Como alegre? Que genero de alegria? A lista é interminavel.

Entretanto se os pedidos dos criados tem esse lado bisarro, os outros pequenos annuncios são ainda mais interessantes. Outro dia encontro essa maravilha:

“Moço de boa apparencia propõe consagrar-se amigo rico toda a vida.”

Oh! alma ingenua, alma sublime! A candura da proposta, a confissão suave de querer ser um amigo rico, apenas rico dá vontade de abraçar o anjo!

Uma senhora de character violento deseja viver com um homem bem de fortuna que goste de ser dominado.”

Nestas breves linhas há ou não material para um drama doloroso, uma observação de casas de loucos? Ser dominado assim e gostar é uma doença; querer dominar assim é uma nevrose. Imaginem o casal de masochistas, ella de chicote em punho, a espamar e a zurzir; elle enrodilhado, sangrando, gosando os (⁵) de capital a cada molhada! É (⁶)

E os negociantes?

Rapaz do commercio procura senhora commanditaria. Estabelecimento serio.”

“Costureira de primeira ordem propõe sociedade senhor discreto.”

“Viuva ainda bem conservada e de fortuna procura estabelecimento onde possa colocar os seus fundos.”

E os exóticos?

“Jesuina Baldomero de Mendonça dar-se-ia por feliz se soubesse a morte de seu irmão Antonio Baldomero ou o seu paradeiro.”

“Precisa-se de uma velha aseada para dormir numa sala bem mobiliada.”

“Offerecem-se 20 contos a quem tiver a colleção completa do *Jornal do Commercio*.

E os idiotas?

“Meias de fio de escossia para senhoras finas e grossas.”

Hotel de primeira ordem recommendado pela sua cozinha comivel.”

E os amorosos?

“A. Elle nada sabe. Hoje, como sempre, lá estarei. Confiança. Tua X.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

“Hopotepe sempem falpatapa. Apanhepelebapa ipirãpa apa tupuapa daposapa. Beipejaba-tepe.”

“(7). Duas hora no Passeio Publico e na rua Joaquim Silva.”

“Hoje theatro, camarote 18, deixo cahir lenço. (8).O mesmo.”

Oh! Os pequenos annuncios! A vida é toda ella feita de illusões e suggestões. O jornal é a grande illusão e o grande suggestionador. Mas os grandes annuncios, as noticias sensacionaes são os casos anormaes, os banaes a força de excepção. Os pequenos annuncios são a interminavel fita cinematographica da vida da cidade sempre curiosa, sempre vivaz, sempre interessante. Por ella sahe a gente da intimidade dos lares, da ancia de dinheiro, das extravagancias (9), do amor interesseiro, da respeitabilidade da existencia, do desesperado *cake-walk* da vida. É a *piece d'amores*, do anonymo que pessoalmente a gente cumprimenta e respeita, é a chinezice caricatural do individuo é o espelho concavo da alma humana.

Por isso, logo pela manhã, ao acordar, eu corro os jornaes a deliciar-me com o pequeno annuncio, rei do jornal, reflexo da vida, a melhor leitura da manhã.

João do Rio

7 Ilegível, porém percebe-se que é um nome de mulher

8 Ilegível.

9 Palavra apagada no original.

Cinematographo

Domingo

O Irineu Marinho quem me diz, neste cansado domingo:

— Alcindo Guanabara está a completar vinte e cinco annos de jornalismo. Nós devemos fazer a Alcindo uma demonstração do quanto o respeitamos como um mestre.

Quem conhece o temperamento *quaker* algido de Irineu Marinho, naturalmente avesso a hypertrophias admirativas e ainda mais avesso a exhibições, compreenderá por esta frase de Irineu a immensa influencia de Alcindo no jornalismo actual.

Esse homem é simplesmente admiravel e não há, amando a profissão, quem o respeite como o grande e o primacial.

O jornalismo no Brasil ainda não é tomado muito a serio pela maioria. Essa gente que ve os *reporters* em toda a parte e os directores de jornal convidados para todos os logares, pensa que não há pandega maior no mundo do que pertencer a qualquer gazeta. É tamanho o erro que não ha sujeitinho com protecção de politicos capaz de não ter passado pelos jornaes para fazer o fiasco de praxe. Mas quem vive nesta vida tremenda e insana, quem renova por vontade propria o symbolo de Sisipho não pode conter o seu enthusiasmo deante de um homem que se afirma todos.

A primeira vez que eu vi Alcindo Guanabara, era ainda um menino, com grandes pretensões infantis. Tinha uma roda de café, queria apparecer com um manifesto litterario, dessa enorme sandice dissuadiu-me Patrocínio com a bondade suggestiva de um santo deante da rebeldia — e ia a Alcindo pedir a *Tribuna*. Mas intimidei-me na sala do Instituto Profissional, atulhada de livros com estantes de rodizios, uma grande mesa cheia de papeis, e Alcindo no meio, triste, cofiando a barba e como que fazendo as idéas morderem o papel — porque a letra de Alcindo lembra os signaes dentados das fitas telegraphicas.

Depois tornei a ver Alcindo na *Nação*, que elle e Oliveira Gomes faziam quasi toda. Alcindo chegando às 10 horas e sentando-se à mesa para encher uma pagina, como quem senta para tomar chá. E depois da *Nação*, o periodo nervoso do *Paiz*... Alcindo! não é só a bondade para com os moços, os humildes, os fracos, os anonymos; não é só o estylo feito de musculos, de

nervos e de idéas — é o trabalhador, o homem capaz de fazer um jornal inteiro, tratando os assumptos os mais diversos, com a mesma scintillação, numa noite, para no outro dia continuar a labuta feroz, feita de verdades duras e de derrocadas, de construções e ideaes, de desillusões e de fantasia *quand-meme*, que é o jornal...

Que responder a Irineu Marinho?

Que responderemos todos nós de jornal?

A festa das bodas de prata de Alcindo Guanabara com a Imprensa será uma festa nobilante e cheia da esperança e do orgulho de todos nós. E não fosse eu, dos rabiscadores humildes o mais humilde. Só toleravel pela faculdade humana de saber amar e não amar profundamente, seria eu a levantar a necessidade desta festa contra a modestia de Alcindo, para brilho nosso...

Joe.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1908.

Cinematographo

Terça

Será possível que tenhamos realmente uma Associação de Imprensa? A falta de união nas classes elevadas é no Brasil, como em qualquer outra parte, tremenda. Um ensaísta evidentemente muito mais interessante do que o crítico Verissimo, explicou que o principio da desunião das classes liberaes vinha da ambição do Dinheiro. Quanto mais intelligente mais amante do dinheiro é o homem.

“Aujourd’hui l’or vit et respire dans l’homme,
Il est sa foi tenace et son dur (*)
Il (*) éclair livide, gutour de sa folle,
Il entame son coeur. A pourrir sa bonté
Il met sa ale aus yeux divine de la beauté

Entretanto a desunião na Imprensa não era precisamente pelo dinheiro, era por despreocupação, por pouco caso. Os jornalistas dão uma importancia minima à força de sua profissão. E nós vemos sempre naufragados os clubs e associações de imprensa, tendo mais socios que não eram de jornal que jornalistas...

Agora, porém, parece que se dá a formação de uma verdadeira associação. Não é simplesmente decorativa. É practica e util. Fui dos que duvidei della, até o presente momento. Mas já não é mais possível duvidar. Esse trabalhador incansavel que é o Lacerda, socialista convicto e espirito practico, faz da Associação da Imprensa, um admiravel elemento propagador do Brasil, é uma instituição identica a Associated Press. A Associação já tem um serviço de informações com (*) installadas, um serviço de (*) (*) (*) e interpretesé — um facto.

Quem visita o escriptorio que fica numa dependencia do edificio do *Paiz* tem essa agradabilissima impressão. É que o espirito (*) (*) Lacerda, a (*) de Lacerda, que se agita (*) tempo, bigodeira já venerável e (*) pasmo. Conseguirá Lacerda, o espirito animador de toda aquella obra em começo a realização do impossível? Com certeza porque a vitória (*) nos fortes e tenazes. Felizmente — porque como está sendo feito, a Associação Brasileira de Imprensa será um bem não só para a classe como para o Brasil.

Joe.

Cinematographo

Terça

- Conto com V.
- Que há?
- Aparece o meu jornal dentro de um mez. Preciso de seu apoio.
- Como do de toda gente...É independente, de certo?
- Tudo quanto há de mais independente. Sem ligações de especie alguma.
- Afora as naturaes...
- Está bem de ver,
- Pois meus parabéns.
- *Merci.*

Estas conversas, esses pequenos trechos de dialogo são ouvidos pelo menos duas vezes por semana em grupos que ás vezes nada tem de jornalisticos. E o que é mais espantoso, os jornaes apparecem, revistas, magazines, hebdomadarios de critica, de *sport*, de caricatura, de satyra ferina, de devaneio escolar, de combate e de modas, de ensino, de desaforo, muita gente nada dá por elles. Alguns morrem alguns numeros depois, ou sahem só uma vez, ou nem mesmo essa vez saem na convicção dos proprietarios. Outros vingam, prosperam, brotam, fazem-se fortes; vão de vela panda pelo vento da popularidade, á caminho dos ideaes e do veio de oiro, a mais agradavel ancora para fundear no dominio dos nobres sentimentos. E dessa nevrose de publicidade, da epidemia de fazer jornaes, epidemia que é muito mais uma endemia com crises violentas — o certo, o palpavel, definitivo é que dia a dia augmentam no Brasil o número de publicações periodicas, dia a dia as capitaes do Estados mostram mais gazetas e o Rio apresenta agora um phenomeno unico na sua vida, pois nunca, jámais, em tempo algum teve tantos jornaes, tantas revistas, tantos diarios. Só quotidianos da manhã tem nove e da tarde cinco.

Ora, esse factó póde demonstrar varias coisas. Os nossos jornaes estão longe de ter grandes tiragens. Reunidos devem vender diariamente apenas o dobro do “Seculo” de Lisboa, cuja tiragem é bem de 100.000 exemplares, e menos do dobro da “Tribuna Italiana”, ou do Corriere della Sera”. Depoiz, apezar dos artigos que agora, apparecem no estrangeiro, e ainda outro dia um na “Revista de Emigração” a louvar da instrução e o grão da nossa cultura — dentro do paiz não ha quem não brade pedindo

escolas e protestando contra o numero de analphabetos que ainda povoam o Brazil.

Edições pequenas, e pouca gente capaz de ler. Edições pequenas porque mesmo os jornaes carissimos de Londres ou Paris, o “Temps” por exemplo, cuja edição é tranquillamente pequena em comparação com a do “Petit Parisien”, a do “Matin”, a do “Journal”, vendem quasi o dobro dos jornaes que aqui vendem muito; pouca gente que lê porque ahi estão as estatisticas a dar força aos pessimistas e asserção de que, mesmo entre os não analphabetos, não há o habito da leitura, a necessidade do jornal, como nas cidades da Hespanha, de Italia, de Portugal, da França, ou da Inglaterra, o prazer de estar a par dos acontecimentos.

Nada mais verdadeiro. É a verdade nua, sahindo não do poço mais da adicção. Mesmo não querendo ter a vertigem das civilizações absolutas e dos grandes meios, toma-se uma cidade com menos da metade dos habitantes do Rio — o Porto cuja vida não é intensa como Paris e talvez seja mais socegada que a d’aqui, encontram-se dois jornaes pelo menos com tiragens muito maiores que a dos jornes cariocas, lidos pelos portuguezes ao lado dos diarios de Lisboa, vendidos à noite.

E, entretanto, cada vez temos mais jornaes! Poder-se-ia expicar o phenomeno como resultante de uma crise política — a formação de folhas de combate inventadas para dirigir um partido, sustentadas pela politicagem. Poder-se-ia pensar em uma tendencia mattoide de parte da nossa população. Mas não. O nosso jornalismo está cada vez mais longe dessa estreita feição de orgãos de partidos, não ha sacrificios possiveis, não ha muitos artigos de fundo, e os jornaes são à americana e à européa, emprezas industriaes de informação pública.

O nosso jornalismo está, sob esse ponto de vista, como em todos os outros, absolutamente superior ao de muitas cidades européas. A preocupação maxima é o publico, é o facto sensacional, é abundancia do informe. A medida franceza desapareceu; a indigestão norte americana e a abundancia ingleza predominam. O “Matin” pede desculpas aos leitores quando dá 8 paginas.

Os jornaes cariocas cada vez imprimem mais folhas, e salvo o “Jornal do Commercio” — que em lingua neo latina é o assombro permanente, os outros dão sempre mais folhas, e ao domingo — se houvesse um senhor capaz de comprar a colecção inteira de periódicos, esse senhor teria de chamar um moço de frete para leval-a à cabeça até a casa.

Isto não se dá só aqui, dá-se nos Estados. Não ha cidadezinha, não ha villa que não tenha o seu jornal. Poços de Caldas, por exemplo, tem dois. As capitaes, essas, ponto que o movimento urbano seja limitado, e a factura de um diario de informação custe por consequencia um trabalho exhaustivo; ha grandes jornaes como em S. Paulo a rivalizar com os da Europa e diarios e

excellentes em qualquer paiz, como no Pará a “Provincia” e a “Folha do Norte”.

Dedicação jornalística pelo publico que não lê? Parece clara a negativa tanto mais que, se os nossos jornaes não têm as installações nababescas da América do Norte, como não têm também as edições consecutivas, estão, entretanto, quer nos Estados quer aqui, admiravelmente estabelecidos. Os grandes diarios têm palacios de fazer inveja ao “Echo de Paris”, grande diario de immensa circulação, montado no 3 andar de um enorme edificio das proximidades da Opera. Os que appareceram hontem têm casa própria. Os de menos capital estabelecem-se quasi com luxo, para quem viu muita redacção de periódico europeu em salas que lembravam os primeiros tempos da “Gazeta” e o casarão do “Jornal” antes das reformas extenuantes a que com pouco prazer se sujeitavam as coloniaes paredes. Mais. Não só o jornal tem palacio e o jornalista conforto. Ambos assim se fazem para dar novidades ao público no melhor papel, com processos de typographia modernissimos, meios de reportagem instantaneos, machinismos os mais aperfeiçoados. Um leitor compra por 100 réis o conhecimento de coisas para a obtenção do qual só se gastaram contos de réis.

Por que então esse augmentar de jornaes, a preocupação geral de publicar folhas, a apparente prosperidade dos diários, das revistas, dos hebdomarios?

Ainda em outro tempo era possivel explicar a abundante leitura pela mania do emprestimo para meia duzia de gazetas . Hoje, com tantas e ainda relativamente poucas para a cifra da população — é impossivel ver a corrente geral e a apparencia de lucro das emprezas, fazendo no seu colossal desenvolvimento e progresso esquecer a carestia geral e os proprios gastos tremendamente accrescidos — cada explicação é infantil. Ser pastrana, a ponto de pensar em verbas secretas e comezainas permanentes, — a isso ninguem se abalança. A base de todas as emprezas é o anuncio e a venda avulsa. Tentar outro genero é criar o ephemero, o angustioso, o afflictivo, a corda bamba. E se assim fosse, o numero de jornaes firmes não teria ido augmentar progressivamente e nós estaríamos não com um admiravel jornalismo mas com uma palhaçada de feira.

O problema fica de pé, se não quizermos vêr o que é a acção do jornalismo.

Joe

Impressões dos Jornaes¹⁰

A RHETORICA. RAZÕES. “O SECULO”, “O DIARIO”, “O MUNDO”. OS OUTROS JORNAES. A FEITURA DAS FOLHAS. — A VENDA. — ALGUNS EXEMPLOS. — A “VANGUARDA” E AS “NOVIDADES”. — UM JORNALISMO ROMANTICO — BOAS QUALIDADES. — OS VERSOS DE GARÇÃO.

Rio. O artigo tem mesmo o titulo geral: “Assumptos do dia”, e o molde é sempre como o deste começo:

“Curiosissimo o aspecto dos diversos centros politicos durante o dia de hontem!

Nas primeiras horas, a impressão geral, filiada na leitura dos jornaes da manhã, era de que o Sr. Beirão fracassára nas suas diligencias para organizar ministerio, não se demorando porquanto, em declinar esse encargo.

Depois, correu como certo que tal não succedera, antes pelo contrario, porquanto S.Ex. se assegurára do concurso do Sr. conde de Penha Garcia, que convidará, telegraphicamente, para a pasta da fazenda, contando tambem com a adhesão de outras individualidades para as restantes.”

É que o redactor-chefe, Brito Aranha, é um desses espiritos de firmeza e delicadeza, a organização completa que requer o jornalismo moderno, e, dirigindo o jornal de Coelho e Cunha, soube, como mestre que é, rodear-se dessa legião de fortes no continuar, que são os herões de todo o instante na vida contemporanea.

A cor politica desses jornaes? Jornaes nessas condições não podem ser jornaes de partido, são reflexo da vida, são como a propria vida do paiz. É impossivel conceber o “Seculo” de um partido. O “Seculo” informa e age, quando bem lhe parece a favor ou contra qualquer cousa. Eu gosei, como jornalista, presando a informação, no dia em que, depois de ler um dos passeios de propaganda do incansavel Bernardino Machado, por varias columnas a fóra, encontrei sob a rubrica: “Propaganda Republicana” tudo quanto Machado fizera, resumido em duas columnas. Esses jornaes têm de resto o annuncio, o annuncio que elles crearam e que ainda assim está muito por desenvolver, sendo o commercio a dous passos de Paris e Londres, de um retrahimento extraordinário.

Mas para o povo, “Seculo” e “Diario de Noticias”, este e o “Diario Popular” bastam pra a informação e o desejo de sentir o paiz, não tão mal como se pensa. O povo lê os outros, e com excepção do “Diario Ilustrado”,

¹⁰ Artigo publicado no livro *Portugal D'Agora*: pgs. 112-123.

com uma tiragem de oito mil exemplares, jornal elegante e mundano, todos os outros ardem de politica da primeira á ultima linha.

O “Mundo” é o terceiro jornal em tiragem, é um bello edificio proprio, d’apparencia bella com um globo a arder nas sacadas. Lá dentro tem-se a impressão de que é um campo de batalhas; fóra, parece á gente, tanta gente o lê e gente do povo que o pais se republicanisou. Lendo-o, fica-se no bom tempo do jornalismo de idéas, de jornalismo de campanha, a 1848. Aquelles rapazes ali como num posto de sacrificio, á espera dos guardas para alguns mezes de cadeia, o que a varios tem acontecido. O ambiente é de uma nevrose quasi lyrica. A primeira vez que lá fui, era perto da madrugada. O meu companheiro indagou á porta:

— Se não te compromettes, podes subir.

Subimos nas pontas dos pés, como para uma conjuração. Num gabinete encontrei a conferenciar Bernardino Machado, que vinha, não sei de onde e partia para o Norte, pela manhã, a realisar comicios. Chamou-me de patricio (o chefe republicano nasceu no Brasil) e foi de uma gentileza quasi menineira, apesar das suas veneraveis barbas de prata. Entrámos na redacção e derreado por sobre um papel, estava o redactor de plantão a escrever o artigo de fundo. Não me viu bem. Não lhe guardei o nome, como não guardou o meu. Indagou de cousas politicas:

— E o Beirão? Ah! elle não organisou ministerio. Está difícil. Estou a dar-lhe a conta.

Sahi convencido de que a Republica era para o outro dia, e de manhã cedo abri o “Mundo”, ancioso. Que artigo! Aquelle rapaz, em mangas de camisa, pallido, somnolento, tirara d’alma um relho, e era com esse relho, cheio de sangue e de esperanza, que zurzia o manipanço dos partidos politicos, inclemente e feroz. Depois do artigo, porém, a politica continuava, só politica, só cousas de politica até o anuncio, num interminavel loiefullerismo de éco, noticiario, inquerito, informação, mas sempre no fundo, artigo de fundo.

E assim é com a “Época”, as “Novidades”, o “Portugal”, o “Paiz”, a “Republica”, o “Noticias”, a “Vanguarda”, o “Correio da Noite”, a “Lucta”, com todos. Cada um tem o seu partido, obedece a um director que é um general. As redacções são atalaias. É um estraçalhar mutuo, um ranger de dentes continuo, a batalha permanente. Os jornaes começam assim como este começo d’artigo da “Vanguarda”:

“Sem governo ainda, á hora a que escrevemos!”

Sem governo, e a essa crise de natureza politica ha a accrescentar o aggravamento das differentes crises, que apavoram no ambito das finanças e da economia da nação.

As dificuldades quasi insuperaveis, em que se debate o commercio; as complicações que se desdobram em nossas possessões de Oriente; á

carencia dos recursos indispensaveis; á falta de credito no estrangeiro; á crise agricola que mais pobres nos torna; aos duros sacrificios do contribuinte; á desmoralisação dos partidos monarchicos que todo o paiz procuram corromper pela influencia do mando; á desorganisação, emfim, dos serviços publicos — respondem-nos as instituições com esse spectaculo indecoroso de processos de regedoria!

Sem governo, ainda á hora a que escrevemos!

É um discurso de “meeting” inflammavel. Depois segue-se uma secção de “sultos”, que em cada jornal tem um nome diverso, mas persiste em todos e serve para o ataque e a piada sangrenta. Dirão que a furia da linguagem é só dos republicanos ou de, aliás, estão cerebros de alto valor? Não. No mesmo dia em que a “Vanguarda” nos taes “sultos” descompõe o ministro por ter dado um vintem a um garoto deita-gatos, as “Novidades”, do Sr. Mello Barreto fatalmente ministro proximo futuro se não vier a republica, em identicos “sultos” glosa em verso ter o Sr. Veiga Beirão entrado em casa pela madrugada, da seguinte maneira:

Na “lufa-lufa” em que andou
O senhor Veiga Beirão,
Até parece que armou
Em “Argus” da Instrucção.
A tal hora e com taes pennas
Só mostrou á patria amada,
Numa rusga andar apenas
A’ gente de vida airada.

É o momento, a crise a impôr tal virulencia. Os interesses chocam-se. O povo não pôde estar contente com os ministerios, as ambições surgem, os interesses debatem-se, e fóra dessas lutas, de que nós temos alguns exemplos typicos mais abundantes do que era preciso, talvez, verifica-se que no jornalismo da capital portugueza, ha, a par de trez ou quatro jornaes de feitura moderna, contemporanea da Quinta Avenida, e do Boulevard, um jornalismo irmão do tempo em que Girardi vivia, de Hugo sacudira os céos no exilio e Paris começava a ser chamada de cidade radiante, ou se quizerem, filho directo de Rochefort, do “Intransigeant”, mas nascido num meio em que o coração faz amar a rhetorica e em que a palavra tudo domina.

Quando senti o verdadeiro dominio do artigo de fundo sobre a encantadora Lisboa, menos havia de vinte quatro horas que desembarcara, mas esse dominio era tão poderoso, tão infiltrante, que insensivelmente já tambem comprava as folhas, já tambem avidamente corria á primeira columna, já, quando a rhetorica era bem refogada, dizia, segurando delicadamente o lobulo da orelha esquerda:

— Sim senhor, está aqui!

De resto, os jornalistas eram desvanecedores. Risos, amabilidades, um acolhimento por todos os motivos captivante e, mais ainda, pelo carinho que pela representação da hospitalidade. O reporter que me entrevistara era menos um profissional á cata de assumpto que um irmão a indagar das excellencias de uma patria commum, no redactor que me visitava muita vez recebia um velho amigo, nos collegas que me apresentavam, tal era a nota de sympathia que eu sentia no “vossencia” de praxe despontar o tu fraternal. Mas, diariamente, pondo de parte a camaradagem, recolhia a examinar as gazetas, como quem pretende observar um paiz. E nunca mais acertado andei. Quem quizer conhecer o Portugal contemporaneo, sentir a desconexão dos elementos, palpar o embate das idéas, das gerações, ver a alma complexa de um paiz a atravessar de facto uma crise, é ver, ler, examinar esse jornalismo, verdadeiramente unico, já agora, na Europa e na America.

Portugal é de costumes resistentes, como todo paiz de fundo rural. Um infinito sentimento poetico de resignação e de doçura, de um lado, de lyrismo rhetorico e de penacho romantico do outro, enche a alma desse lavrador, que, embora resistente, realisou, antes da America descoberta, o americanismo da vida intensa, descobrindo portos, desbravando florestas, implantando no gentio a civilisação. Hoje, no simples como no culto, ha a religião do gesto e da attitude bonita. D. João de Castro, empenhando as barbas, é bem um precursor de D. Carlos, na sua vida publica dos ultimos mezes. A religião do gesto faz o portuguez escravo absoluto da palavra, mas escravo absoluto da palavra empolada, da palavra sentida ou da palavra dura. A suggestão, a força persuasiva da palavra é tal, que sem ella nada se faz e, precisamente por sua causa, nada se executa. É curioso mesmo o phenomeno dado. O homem deu a sua palavra, que achou de bom effeito. Morre para conserval-a, fiel e escravo, como o rei. O homem embevece-se com palavras e passa a vida como uma criança que ouvisse historias maravilhosas, para raramente tentar uma arteirice: a maioria dos republicanos. Isso, sob o ponto de vista moral é excellente. Depois de algum tempo em Portugal, começa a gente a ter a certeza de que, se não ha povo mais lindo physicamente, não o ha tambem tão bom, tão innocente, tão sincero, em todo o mundo. Dahi a illusão, a nevoa de illusão da generalidade, nevoa creada pela suggestão da palavra, pela fantasia das palavras, creadoras de imagens. Ninguem accredita que haja socialismo em Portugal, e as exasperações do socialismo, como o anarchismo, não porque no éden que é o paiz, não haja angustias, falta de dinheiro e fome, como em todas as terras, mas porque Deus lhes deu uma doce resignação especial. Entretanto, ha anarchistas tremendos pelas ruas, ha homens de letras que pedem a bomba, a metralha, um incendio geral, e os poetas vivem numa

hiperbole hugoana pela liberdade. Muita gente ha a pensar impossivel a republica em terra de tantas tradições monarchicas. Entretanto os jornaes republicanos se vendem immenso, e o “Mundo” e a “Lucta” andam em mãos de empregados de caminho de ferro, de conductores de carros electricos, de operarios, e essa gente, que é bem o povo, quando se falla no caso, vira logo a verso de Hugo com grandes phrases e palavras cheias de infinito.

É todo o paiz, porém? Não. A qualidade fundamental é essa, mas com algumas camadas em que é atenuada, aqui de um modo, lá de outro, acolá mais moderna, adeante muitissimo adeantada. De modo que temos o jornalismo reflexo de tudo isso.

Ha tres jornaes de grande venda: “O Seculo”, o “Diario de Noticias” e o “Mundo”. O “Seculo” deve tirar cem mil exemplares diarios para todo o reino e colonias. É um grande diario de informação, como o “Matin”. Creio mesmo que se inspirou no jornal francez, como allias o “Matin” se inspirou nos diarios americanos. A informação, esse jornal sustenta-a com brilhantismo, sabendo aquecer as vaidades, sabendo conservar o mesmo nervo, a mesma scintillação. É a instantanea dos factos notaveis da terra e do estrangeiro, é o complemento noticioso do telegramma, é a noticia de tudo quanto é possivel interessar, é a maior gentileza para com os homens de letras, cujos trabalhos são sempre de primeira ordem em locaes de cincoenta linhas, e o afastamento desses mesmos homens e das suas producções, no fluxo do noticiario. O artigo de fundo apparece, de vez em quando, mas, como ao chegar áquelle ponto o jornal é uma potencia dentro de paiz com obrigações para cada leitor, como um eleito para os seus eleitores, e como a venda é eleição diaria, nem sempre a politica se apropria do fundo e os problemas são geraes, procurando muita vez o progresso e a civilisação incitando a reformas uteis para defender em outras o “statu-quo”.

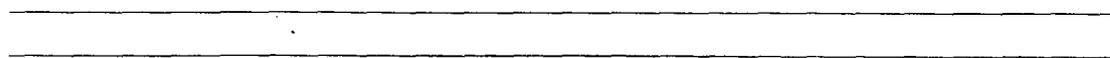
Como o “Matin”, tem um predio inteiramente seu, com officinas admiraveis de installação, salas de redacção confortaveis, salões de recepção da “Ilustração Portuguesa”, que é uma das suas edições semanaes, sob a direcção do fulgurante Malheiro Dias, um corpo de redactores e reporters organizado num regimen de trabalho intenso. E realisa com isso lucros superiores a cem contos fortes por anno — o que é muito agradavel. O director é Silva Graça, com uma influencia de chefe de gabinete, sem ameaça de quéda, que passa a existencia na febre de trabalho, sempre de automovel, a dispor de certo de muito pouco tempo para gozar do seu palacio na Avenida Fontes de Mello. A unica vez que vi esse “yankee” luzitano, foi á tarde, no Rocio, a guiar o seu auto. Parecia cançado, aborrecido e cheio de preocupações — que os homens assim vivem menos para satisfação propria que para a realisacão de uma obra colossal e interminavel como é o jornalismo.

O outro jornal como o predomínio da informação, grave, sensato, ponderado, a que na terra chamam o “Daily News” de Portugal é o “Diario de Noticias”. Esse não tem um edificio inteiro, está num terceiro andar, como o “Echo de Paris”, mas a sua venda é enorme, e vê-se bem o conservador, não o conservador carranço. mas o moderno e pouco fantasista. O artigo de fundo é nelles escripto quasi como uma leve chronica o que lembra muito a “Gazeta”.

E esse jornalismo, na sua feição apparente, tem, como todas as cousas o seu lado bom: os jornaes são creados para defender partidos, para impor homens, senão systemas de governo, gritam, atacam, trazem o povo na zoadada de uma Camara inteira a gritar, talvez não imponham cousa alguma mas não se vê nas entrelinhas o que pittorescamente o Rio chama “cavações”, não se vê a imprensa ao serviço de elogios pagos, não se vêem réles interesses de dinheiro. Entrar num desses jornaes e perguntar quanto custa a inserção de qualquer cousa, a não ser o annuncio, é uma offensa, e para louvar os que a politica não acommette cada qual é mais gentil e mais lhano. Não só. Ninguem ao ler essas folhas, escriptas apressadamente e sem conforto, em andares da Alta e da Baixa, imaginará que ahi, torcida sim, machucada, sangrando ás vezes, e triste, e dolorosa, vibra a alma de Portugal, a alma mais intensa e viceralmente poeta da terra, a verde alma sempre jovem, que não póde fallar de gladios sem fallar de estrellas e de lagrymas, sem lembrar os passaros. Um desses redactores, está, de certo, na duvida de que o povo acredite? Talvez seja de um pequeno partido. Os dedicados — porque imprensa de tal genero tem dedicados — estão convencidos. E, depois de escrever sobre qualquer figura da politica, escreve com a alma na mesma mesa, como Meyer Garção, ao povo:

Tu lutas como luta a natureza, ungida
Ella tem que criar este milagre; a vida,
e tu o de acabar com a tua escravidão.
Derrue a natureza os montes na sua vida.
Pois bem! — humanidade afflicta e oprimida,
— não cumpre o seu dever quem soffre a servidão!
“Germinal”! “Germinal”! — Eis a lição dos soes
ao povo e á natureza.
O que ella aos homens diz não diz aos rouxinoes
que, mais livres que nós, teem maior grandeza.
Cante um Virgillo dôce, a campestre belleza...
— É pr’a Rouget de L’Isle a musa dos heroes, pois
a écloga do povo é esta: a “Marselhesa”

E o povo, que sente e chora commovido, a suggestão da palavra, fica bem como os pastores de Virgilio, quiça não tão esperto, diante do escachoar de marselhasas em todos os tons, que são os jornaes desdobrados na rua...



Portugal D'agora

O Jornalismo por Dentro

A impressão exterior dos jornaes não me bastava, porém “O Século”, cheio de informações, batendo etapas de reclame, o “Diário”, grave e completo de noticiario, “O Mundo”, da primeira à ultima linha a gritar pela República — os outros diários crispantes de política, e mais as folhas de propaganda no grande estylo romantico, inundavam as ruas de Lisboa, faziam-me ledor, comentador, mais nunca o conhecedor dos jornalistas, do mecanismo interno do jornal. O jornalismo actual é a mais bela das belas artes e cada vez mais um sério problema social. Na nossa lingua esse quarto estado e talvez segundo poder foi a custo considerado uma profissão. A principio, o jornal era o redactor-chefe, que por sua vez era um homenzinho político. O homenzinho continuava os seus discursos, seus ódios, através da folha. O resto do pessoal, era a massa anonyma, enfeitada por um outro poeta importante, encarregada de trazer o seu displicente concurso ao mourejar dos servos da gleba typographica.

— V.Ex. é jornalista?

— Não, o meu amigo é deputado e escreve nos jornaes.

Esta era a norma no Brasil — durante algum tempo. Depois a influencia da America, onde um presidente da Republica deixou o poder para redigir um jornal, a suggestão do *boulevard*, em que os poetas e os *conteurs* eram todos cronistas, modernizaram a noção dos jornalistas. Hoje, o reporter impõe a sua profissão, o homem das lettras pede ao jornal a conservação de seu nome na esquecida memória das populações, e tudo converge e tudo (¹¹) jornal. Os ordenados são maos? D'accordo. O jornalista é um pobre diabo sem descanso? Perfeitamente. Mas é também o poder social permanente, o civilizador, o sementeador de idéias, de nomes, de triumphos, de desastres e só há que notar no modernissimo aparelhamento do periodismo brasileiro muita gente com pretensão de ser jornalista, talvez mais do que com pretensões a bacharel, a médico e a professor.

Estaria o jornalismo português, que é o mais vivo reflexo do povo, nas mesmas condições.

A minha primeira impressão foi ver que os homens de lettras procuravam accentuar a differença que os separava dos fazedores de folhas. Em Portugal, ser escriptor, ainda hoje, é uma coisa um tanto diversa de ser

¹¹ idem.

jornalista. Os escriptores solicitam a publicação de trabalhos seus, e a teem mesmo quando grandes (¹²) a sollicitação para collaborar, dão-se com o redactor-chefe, dão-se com o secretário, dão-se com os chronistas, mas ha entre elles o fatal abysmo. Um modesto escrivinhador de romances ilegíveis, de fantasias insulsas, um poeta auctor de varios sonetos, sem nada de notaveis, pôde dizer, cheio de importancia a proposito do grande Fialho, auctor de muitas páginas (*) em (*) e ideias espalhadas nas gazetas.

— Não tem um livro, o jornalismo estragou-o.

Como aliás, diz o fulgurante e delicioso Malheiros Dias:

— Esse rapaz com o jornalismo não faz mais nada!

E Fialho na sua bonhomia ironica de lavrador, desilludido, e Malheiros Dias, com seu elegante espírito, em que se casam a petulancia d’Hespanha e a graça de Paris, dizem, em horas de intimidade, o mal que o jornalismo lhes fez. A noticia do artigo, acha-se separada pela classe. Alguns jornais ainda dão críticas litterarias. A noticia é do jornal; a critica do escriptor. A critica de theatros, amabilissima sempre, em quasi sempre é feita por escriptores brilhantes, como Henrique de Vasconcelos, no “Dia”, o excelente Manuel de Souza Pinto, na “Luta”. Esses escriptores vão aos jornaes apenas nos dias de primeira.

O preparo, o reclamo das peças, aliás muito bem feito, é dos jornalistas. Assim para tudo mais.

Esta separação, este vinco, apenas accentuado, mais forte se nota na distribuição social. A sociedade de Lisboa é conservadora, apesar de republicana, segundo as eleições da camara. A alta sociedade ainda mais. Um conde ou um barão, com condecorações receberá em sua casa, para ornamental-a em dias de festa, um ou outro homem de lettras, dos que não escrevem inconveniencias, receberá os redactores-chefes dos partidos politicos, deputados, chefes politicos, conselheiros, esperanças de conselheiros, mas não lhes passa pela imaginação receber um fazedor de jornal. A afoiteza americana, o convivio intimo do reporter com os ministros do Brasil, a importancia a que tem direito o periodista são desconhecidos. A grande reportagem também ella feita em Norte America, em Paris, na Italia, entre nós, é por essas razões não usada senão por um outro homem das lettras — Carlos Magalheiros Dias, por exemplo, a entrevistar o rei de Hespanha. A rainha D. Amélia pôde ir mostrar os seus hospitaes a Mme Arlam: o rei D. Carlos deu uma entrevista fatal ao representante do “Temps”. Em hypothese alguma soberanos demócratas lembrar-se-iam de fazer o mesmo com os jornalistas portuguezes. Dahi a maioria das informações serem passadas aos amigos politicos e aos redactores chefes, e aos homens de lettras adiddos, e o reporter a ter a

¹² Palavra apagada no original.

função de mero trazedor de notícias. Cada reporter no Brasil é uma influencia tremenda. Em Paris dous ou três reporters, cujos vencimentos são precarios, mostraram-me desde os *restaurants* à Camara de como a reportagem *c'est quelque chose*. Um reporter em Portugal, vendo-me em conflicto com um guarda, por explorar uma pobre mulher, desvelou-se em ir salvar-me mais à mulher, e ao chegar à esquadra, eu sahi porque era um estrangeiro, e se quiz que a coitada em pranto, lá não dormisse, pelo mal de ser maltratada pelos valdevinos, tive simplesmente de pagar-lhe a multa.

Também esse foi o único reporter que conheci, apenas reporter, e a quem falei. Os outros eram mais ou menos homens de letras, quando se aproximavam, e quando isso não eram escondiam-se na sua humildade irritada. Eu vira em Paris os *reporters* politicos, verdadeiros elegantes, conhecia quazi o dandysmo desse genero de reportagem no Brasil. Dias antes de partir, indo no elevador da Gloria com amigos. ouvi d'um (*) cavalheiro, envolto num paletó gasto, com a barba por fazer:

— Então? Novidades politicas?

O cavalheiro respondeu soturno qualquer coisa que, coitado, ia cuidar do filho e mais da mulher.

— Quem é?

Era um “reporter” politico.

Ora, talvez estivesse errado no anatema de impressões. Resolvi interrogar, e uma noite, a jantar com Paulo Osorio, um dos mais brilhantes talentos da geração nova, que fora redactor-chefe de um jornal do conselheiro João Franco, resolvi interrogar-o:

— E *reporters*? indaguei.

— Procura-os? Elles não aparecem? Ah! meu caro. Já disso dei explicação, em chronica, hoje a figurar no volume “Lisboa”. A vida dos *reporters*, tão curtos os seus honorários, é uma verdadeira tragédia, sem meios para aparecer dignamente, não aparecem, no que fazem muito bem. E não conhecem nem os politicos mais conhecidos. Sério! Repete-se uma anedocta, por interessante. Em certas exequias andava um “reporter” tomando nomes, até que na sua tarefa acercou-se de um homem de sobrecasaca, muito grave e severo.

— V. Ex diz-me seu nome, faz favor? — “Hintze Ribeiro”. O “reporter” cobriu-se e desconfiado: — “O senhor está a mangar comigo?...”

O desgraçado nunca imaginara que um grande homem fosse assim.

— Oh!

— Você admira-se? Pois quando a minha chronica foi publicada acharam que o meu proposito era ser desagradavel ao Hintze Ribeiro...

Tudo isso vem de resto da mingua dos ordenados. A vida de Lisboa, salvo casa e criadagem, é relativamente aos recursos de cada um, que não seja rico, carissima. Um sobretudo comprado no Grandella por 10\$ desfaz-

se em um mez, mesmo comendo lá em cima no “Tacão”, preciso é gastar pelo menos 300 réis em cada refeição. Isso é infinitamente infimo, é paupérrimo. Ora, o jornalismo historia não corresponde em vencimento à despeza que cada homem é obrigado a ter. Na lista d’ouro dos grandes vencimentos figurou nos ultimos annos como o “nec-plus-extra”, o Sr. Cunha e Costa fazendo com os ⁽¹³⁾- do “Século” creio que 300\$ fortes. Agora, quem realiza notariamente esse “record” é esse notável jornalista João Chagas, com um trabalho esfalfante, tremendo, e que não se póde dizer que seja de jornal, pois João Chagas tira lucros com as “Cartas”, de que é auctor, impressor, vendedor, distribuidor. Só uma organização fortissima poderia resistir a tamanho labor.

De facto, no jornal os redactores apparecem quando têm tenda em outros empregos. Um ordenado maximo na redacção de qualquer jornal não chega a 150\$, que vem a ser no fraco dinheiro brasileiro 460\$. Mas isso parece que não existe. A chronica paga a 10\$, é um alto “chic” de Silva Graça. Em geral a collaboração é paga a 3\$ ou por 1 libra.

Em certos jornaes, o redactor secretario, o mais ordenado, não excede de 30\$. Os “reports”, em geral, ganham 15\$. Paulo Osório, que aliás os 30\$, com um trabalho insano, ao lado de João Franco, escreve num desabafo de colleguismo, pois tem renda e vive muito bem.

— Sejam justos! Certa imprensa, em Lisboa, é mal feita, porque em Lisboa, o jornalista é mal pago. Ha jornaes em que o maior ordenado não existe à importância de trinta mil réis, em cada mez, e, por menos da metade, já não se exige um mero “reporter” sem responsabilidade de redacção, da cathegoria menor dentre o seu genero, mas, ainda um bom homem das lettras, que tenha forma, fantasia e essa sciencia extensa, embora superficial, que é indispensável a quem queira fazer, com certo brilho da vida de jornal o seu mistér.

Certas folhas, posso garantil-o, pagam aos seus “reports” um ordenado que qualquer dos nossos criados daqui rejeitaria. Por quatro ou cinco mil réis mensaes, um pobre diabo tem de correr de Lisboa de ponta a ponta, em cata do caso sensacional, do crime, do roubo, da chegada real, da sessão solemne, da crise do ministerio, ou do sinistro. E tem de colher, com um paciencia infinita, essa minucia de detalhe que supprirá no seu trabalho o forte, o suggestivo poder de descripção que as minguadas qualidades de prosador lhe não consentem.

Por quinze mil réis, uma gazeta que não seja de grande informação já não pede somente habilidade, já não pede apenas a omnisciencia, pede alguma coisa de mais alto e de mais raro: — o Genio. Por esse preço exige-se todo um completo trabalho de gramatização da eloquencia parlamentar,

¹³ Idem.

por esse preço reclamam-se entrevistas em varios idiomas, com preciosas descrições de scenarios e indumentaria, por esse preço impõem-se a factura d'um romance historico em folhetins.”

O trabalho é realmente enorme. Nos grandes jornaes da manhã deve-se trabalhar umas quatorze horas por dia, nos jornaes da tarde e da noite é o “fervet-opus”. Nunca entrei no “Seculo” que não encontrasse Tito Martins, o querido e incansavel Tito, sem tempo para um bocado de conversa, e às 2 da manhã, para lá telephonando, tinha a certeza de encontral-o. Assim os outros, assim os “reporters”, assim os redactores. E nos jornaes da noite, lembro-me que no dia de minha chegada, encontrando às quatro da tarde um representante das “Novidades”, e trocando com elle tres ou quatro palavras, vi às seis e meia uma columnna e meia de entrevista em que vinham fielmente uma phrase de Olavo Bilac “as minha quatro palavras”.

Quanto aos jornaes republicanos, é de imaginar a dedicação desse rapazes. Há jornalismo, há propaganda. O jornalismo não dá e o pouco que dá a propaganda restringe em virtude de uma hostilidade muito natural. Mas é provavel que essa legião anonyma esteja satisfeita trabalhando altruisticamente. Não arriscam só o pão, arriscam a vida às vezes e arriscam sempre a prisão. Há alguns mesmo, pelos quaes a policia tem uma especial predileção, e uma vez, no “Mundo” mostraram-me um rapaz a escrever, que já não se comove e parte para o calabouço, quando há qualquer motim nos quaes aliás não está, com a calma e a tranquillidade de quem vae para theatro.

E entretanto, apesar de vida tão dura, não há quem não queira ser jornalista. É tal qual como no Brasil — o que talvez retarde a fixação professional. Quando um sujeito não tem mais que fazer é jornalista ou actor, escolhe ou o papel de critico ou o papel de artista e segue avante e triumphal.

Mas certo os jornalistas terão as considerações monetarias que em toda a parte têm, menos no Brasil, dirão: os 20% em todas as compras, os convites, as comissões.

Não, nem sempre. Tem, quando são importantes apenas.

Assim o jornalismo em Portugal servindo aos politicos e os que trepam na politica de ponto de apoio, servindo a mundanice das damas, sobretudo ideaes e idéas, desejos e enthusiasmos, desde os grandes diários, às folhas feitas em familia, como os jornaes republicanos, é um posto de sacrificio para o typographo cuja mão d'obra é baratissima, para o “reporter”, para os redactores. Conversando esses homens são inteligentissimos, ironicos, alegres, esfusiantes, troçando com ironia um tanto amarga os acontecimentos, quer de clava em punho, como Brito Camacho, quer de um humor de “boulevardier”, como Manuel Penteado, a par do que se passou antehontem em Paris e há cinco dias em Londres. Mas

os jornaes, que aliás se vendem como não se vendem os nossos, numa população cinco vezes maior; os jornaes retardam no movimento moderno e parecem, como a sociedade, como a multidão, prestes a uma reforma que já está annunciada, ultimando os ultimos numeros da phase antiga.

Por que? Não há nisso filogismo. Em primeiro lugar ha intelligencia mas falta o dinheiro. O eterno problema. Depois em Portugal na hora actual, nesse delicioso canto da terra, a que um poeta chamou, talvez no seu melhor momento de estro — jardim da Europa à beira mar plantado — em Portugal, só não estão na imminência de uma transformação — a natureza, sonho crystalizado de um paraizo de delicias e o homem do campo, bom e doce, ingenuo e resistente, bello do corpo como bello de alma, porque nos seus *ethos* se revela a innocencia permanente de seu coração. Tudo o mais agita-se. Os preconceitos, os costumes, as tradições, em que se assentam varias artimanhas, as idéas das classes parecem dizer taes cousas. No exercito, ou com os garotos, nas cidades, na litteratura ou nos salões, nos cafés, ou nas livrarias, evidente, palpavel, sente-se o aproximar de peça nova.

Dessa mistura chimica de instinctos que se defendem, de instinctos que se atacam e de almas que sentem os olhos abertos apenas para ver mais o que não viam na doce quietude de obedecer, surgirá o futuro. O jornalismo é assim de sacrificio na sua base, sendo reflexo da sociedade agitada nos seus multiplos apertos, de atrazo, de adeantamento, de excesso, de ideal, de visão prática, de poesia, de rancor, de entusiasmo, de desanimo, de ironia, algumas vezes atrazadissimo, doutras tão bom como em qualquer parte do mundo, e no seu extremo fora do tempo. Ideal capaz de condensar hyperestesiada todas as characteristics da raça.

Ao ler tarde hora da noite todas as folhas do dia publicadas em Lisboa, do alto de minha janella muita vez indaguei com romantismo, olhando a rua como a espera de alguma cousa:

— De que genero será a crise?

Mas ao pensar na vida desse povo cuja qualidade fundamental é a resistencia, e que se conservou atravez dos seculos, o povo mais são da Europa — sentia bem que para bem seria a crise, porque para lá das cidades, meigo e forte sem jornaes, sem nevroses sem as miserias e os esplendores urbanos, um outro Portugal espera esse momento, talvez inconscientemente, resignado e simples, a amaciar a terra, a pascer rebanhos como na Biblia, como em Hesiodo, como no Ramayana os povos puros, que desceram a descobrir novos mundos e a crear civilizações.

João do Rio

Cinematographo

Quarta

No grupo os homens eram amigos. Precisamente por isso, um delles logo que viu o amigo intimo e em evidencia, rir satisfeito, logo exclamou fraternalmente :

— Nem parece que leste hoje uma formidável aggressão contra os teus escriptos, a tua pessoa, a tua honra e quasi contra os teus amigos.

— Contra?

— Pois não leste hoje nos jornaes?

Oscar tranquillamente sorriu.

— Não.

A vida ensinou-me a inutilidade de ler aggressões. Eu era menino, escrevera no “Paiz” o meu segundo artigo quando recebi a primeira carta anonyma. Devorei-a. As cartas, esses interessantes desabafos, continuavam. À principio ainda há. Hoje, abro, leio a primeira linha e não vou adiante integralmente fatigado. Apenas guardo para futuro livro de reflexos essa producção anonyma. É uma questão de “self-controle”. Si em torno de um sujeito, há preocupação, signal é que esse sujeito atrapalha, irrita, incomoda, é um valor. Para que zangar?

Assim com os artigos, á menor allusão desagradavel passo adiante. E nunca li quatro periodos seguidos de um artigo de ataque — ou à minha litteratura ou à boca de minhas calças (porque há cavalheiros que escrevem artigos contra!) Às vezes nessa vaga leitura tenho tempo de sorrir porque ha ataques contra coisas que não escrevi, e porque os proprios auctores vêm depois pretender trocar idéas. Hei de lembrar sempre que na abertura de um salão annual de pintura, sahiu em certo jornal um artigo de uma dolorosa falta de estylo e falta de idéas maior com uma preocupação: dizer que eu era uma reverenda cavalgadura perfida, que não entendia de pintura.

Li os dois primeiros periodos do aleijão e disse:

— Só pode ser de Fulano. É um homem a quem eu tenho elogiado sempre e para escrever tão mal tão convencidamente a copiar rastos do Eça em pedregulhos de difficuldades da propria expressão só esse lamentavel egoista sem coração senão para o interesse.

Horas depois encontrei o homem, que só dá ares de dar conselhos. E o homem para mim:

— Tu é mau.

— Eu?

— Naquelle artigo que escreveste contra o salão.

— Apenas não fui eu. Mas vi a tua resposta. Se o salão é como a resposta evidentemente merecia descompostura menor. E fiquei à espera da nova edição do livro desse generoso camarada para dizer como das outras vezes que o livro é optimo.

Cada um dá o que tem.

Qualquer profissão é uma batalha. Esta de letras e jornalismo onde há tanto peru escrevendo absolutamente de ouvido, ainda mais batalha que as outras. Não ha tempo senão para dizer o que se viu e sente. Quanto ao desespero de meia duzia, não é o caso da victoria.

D'ahi esse principio: não ler nunca as agressões, ter a tranquillidade de parar em meio de um periodo assustador e parar a outra columna como si aquillo não o interessasse. Quando si consegue tal coisa está na nossa terra um homem bom jornalista.

E a roda fingiu rir com agrado das palavras de Oscar. Eram os seus melhores amigos.

Joe.

Cinematographo

Paz e Amor

A verdade é uma necessidade que ninguém faz uso. Não ha propriamente verdade, factor positivo, ha um infinito desdobrar de illusões que no succeder das épocas temos por verdades, aliás mais ou menos relativas. E relativas porque quando chega uma pessoa a julgar que apanhou a verdade foge e vae para muito mais longe, fazendo-se na existencia humana uma espécie de poste do vencedor nunca attingido.

Ora, como nós, a serio, convictamente, nem a nós mesmos seriamos capazes de provar a verdade da nossa existencia e o fundo exacto do sentir a que commum é chamar de alma, nenhum homem tem pressa de chegar ao vencedor, primeiro porque seria desagradavel apanhar a verdade, segundo porque jamais se chegará a tempo de pegal-a.

Florian, que fazia fabulas, imagens da verdade, diz numa dellas:

*La verité toute nue
Sourtaít un jour d'un puite...*

É engano. A verdade não é mais que um colossal novello de illusões. Começou a ser desfiado no dia em que Jehová fez a luz e até hoje continua a correr deixando o fio resistente da illusão ao qual todos nós nos agarramos, pensando talvez apanhal-a um dia. A verdade é uma necessidade de que ninguém nunca faz uso porque de facto não existe...

Como, entretanto, ao que parece a especie humana tem grande dose de pretenção, os homens, todos, numa ignorancia deslumbrada, chamam o certo d'hoje de mentira e erro amanhã e offendem-se com taes palavras e chegam ao excesso de se julgarem possuídores da verdade definitiva. Mal sabe essa gente que o dia do Juizo Final, anunciado ha felizmente algum tempo, nada mais será que o dia em que de chofre e sem querer a todos virá a apparecer o horror da verdade, se a verdade não for ainda ahi a ultima forma de erro.

O mundo é uma admiravel construcção de interpretações apenas.

Ha muito homem que deseja saber a cara dos habitantes de Marte. Eu teria vontade de estar na sensibilidade dos animaes, por exemplo, para saber o que elles pensam de nós. A respeito desses seres temos idéias tão

extravagantes que seria um prazer saber o que as aranhas, os gatos pensam desse outro animal: o homem.

Certo fazem de nós uma idéa inteiramente diversa da nossa. E estão illudidos, como nós, como eu, como você.

Estavamos os dois solitariamente na Tijuca. A noite era de encanto. Uma athmosfera de seda, scintillação de estrelas, briza leve, aroma silvestre e o ruido vago das quedas d'agua. Diogo Pereira continuava a desenvolver sua theoria:

Desde que não ha verdade e tudo não passa de illusão, socialmente, os homens não crearam a fama da mentira util para o desenvolvimento da sociabilidade. Mentir sempre, sythematicamente, é a unica maneira de ser indispensavel. De ser indispensavel e de conservar intacta e inaccessivel a illusão de uma personalidade propria. Para que affirmar um gesto? Todos os gostos são bons. É na arte como nas mulheres. Gosta-se de Wagner e da Maria Cachuca, de Debussy e de “Valsa chaloupée”, de Strauss e do “Tengo-tengo”. É baixeza? Não. É sociabilidade. E, ao mesmo tempo, temos desdobraimento da própria faculdade de sentir, agradando os que sentam com exclusivismo. Encontrar o Luis Castro que ama Wagner e odeia Tengo-tengo, admirar com Castro o Wagner sem atacar o “tengo-tengo” e d'ali gosar o “tengo-tengo” sem atacar Wagner, é positivamente ecletismo social, capacidade maxima de progresso. Assim com a comida. Um homem que aprecia com os respectivos e exclusivos apreciadores, ninhos de andorinha, tutu de feijão, faisões triturados e um puchero succulento põe, em primeiro lugar, á prova o equilibrio do estomago, e vale equilibradamente por um chinez, um brasileiro, um francez e um hespanhol.

A vida é assim. O interesse que é uma illusão real e a maior dos povos organizados, desenvolveu a necessidade dos dois grandes colchetes da sociabilidade: a falta de opiniões e a sympathia. Mas ainda esse desenvolvimento não chegou ao seu auge. O auge está no verbo concordar. Não digo concordar de todo. Concordar sem pouco, sem dizer que discorda uma unha sequer — porque de facto não ha ninguem, que num dado momento, não nos seja util.

Assim para um homem civilisado todas as mulheres são lindas, são bellas e são boas. Com as pretensiosas diz-se o verso de Cesario Verde:

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quasi, Job,
Aceito os seus desdens, seus odios, idolatro-os
E espero-a nos salões dos principaes theatros
Todas as noites, ignorado e só.

É mentira. Mas que prazer damos a essa senhora, apesar della fingir que não o sente. E tambem temos prazeres porque, nos salões dos principaes

theatros, ha outras senhoras que pensarão ser a causa de nossa estadia ignorada e ha maridos amaveis dessas senhoras, e ha uma porção de gente a julgar que lá estamos exclusivamente por sua causa. Até as vezes, as actrizes do palco.

Se assim se faz com as mulheres, sempre d'accordo com ellas, sempre a alimentar-lhes a vaidade para obter sua sympathia e afastar a idéa má de uma antipathia (porque rancor de mulher é peor que curare aos corpos), se dizemos ás que amam os maridos — seu marido é admiravel e as ingenuas, seu noivo é um anjo, e ás ciumentas: o seu amante é um monstro! Se não lhe negamos nada, absolutamente nada, porque diabos havemos de proceder d'outro modo com os homens, que são mil vezes mais vaidosos e mais imbecis, inclusive eu, que as mulheres?

Assim todos os homens fazem muito bem o que fazem. Se são artistas são de primeira ordem, se são commerciantes não ha capacidade commercial iguaes além das outras capacidades que elles desejarem. E como tal para os outros. Quando um descompõe outro, particularmente com cada qual tem-se a sua opinião e da presença de ambos, procura-se a reconciliação, mostrando a intensidade das paixões humanas e a superioridade do (¹⁴) dos cavalheiros em conflicto. Para que brigar? Para que dizer que o Cicrano é um péssimo actor ou um péssimo advogado? Para que afirmar que o Beltrano não é um conquistador ou um dandy? Elles não perdem a mania e quem perde é a gente uma sympathia...Por isso, o homem habil, o homem civilisado, quando encontra outro, diz antes do bom-dia:

— Sim senhor!

Está saudando, está cumprimentando, e está concordando sem responsabilidade. Systematicamente eu digo sempre: sim senhor! E acrescento : sempre bonito: bem disposto...para voltar atraz se o sujeito é neurasthenico e se julga às portas da morte. No dia em que eu precisar de um cocheiro de *bond*, digo-lhe apenas:

— Vaes fazer isso com aquele geito que ninguem mais tem.

Como o mesmo digo ao deputado, ao jornalista, ao politico, certo de que, pelo longo preparo, elles serão incapazes de se negarem ao homem encantador que eu sou.

Não ser contra evita qualquer sorte de humilhações. Ser um admirador perceptivo prepara o cavalheiro para o papel de imprescindivel. O sujeito que seja admirador de tudo: dos anarchistas e dos banqueiros, dos socialistas e dos capitalistas, dos crentes e dos atheos, dos chefes dos partidos politicos e dos chefes das classes sendo tambem venerador dos que querem ser chefes, realisa a perfeição. E, decorrentemente, é o maior.

¹⁴ Palavra ilegível no original.

Para tal não é preciso dobrez de animo ou outro trabalho mal visto pela illusão social. No pasmoso evoluir dos costumes, o contrario já não causa desejo de luta, causa irritação, como as pulgas, as moscas e outros bichos inconvenientes. O favoravel é apenas um espelho onde a humanidade se mira talqual pensa ser.

Não ha ninguem que tenha o topete de dizer que um espelho perde o brilho e a individualidade por mostrar a quem se mira a sua cara exactamente. Ora, a cara é uma illusão, como a belleza, a fealdade, e o proprio espelho. Que mal em ser um delicado espelho bisauté de almas como elas se julgam?

Vejo que você, silencioso deante dessa minha confissão, póde ter um argumento a meu favor ainda: — é que sendo o mundo um colossal hospicio de alienados, eu procedo como os psychiatras modernos, que concordam com todas as manias dos doidos para não os agitar e acabar assim senão curando-os, pelo menos sendo nos manicônios a pessoa mais sympathizada. Pois é verdade. É assim mesmo... É repousante, além do mais. Não se tem o trabalho de pensar, de agir, não se gasta a vida com cóleras inúteis, fica-se com uma capacidade de absorção capaz de engulir o mal e restituil-o intacto, e em pouco tempo só ha um homem para todas as cousas e para todo o resto dos immortaes: o dito...

Isto por emquanto. O mundo será um ideal de harmonia, de bellos, de belleza, o mundo será a valsa da “Viúva Alegre”, o mundo será uma recepção da embaixada perenne no dia em que todos se compenetrem dessas flagrantes utilizações da mentira inexplicável que somos todos nós. Talvez seja metafisica e explicação. Mas na prática é uma forma de desenvolvimento industrial como a captação das quedas d’agua para a energia electrica e a redução das passagens para maior transito de passageiros. Desde que não existe a verdade senão illusoria, a sociabilidade assentou na intima concessão de pequenas mentiras. Conscientemente seguros de que não passam de parcelas dessa mesma unidade, os homens em vez de se baterem por illusões contrarias resolvem respeitá-las mutuamente e cream immediatamente o paraizo habitado na terra.

Desapparece a guerra, desapparece o ódio, desapparece a ironia que faz tanto mal a quem a pratica como a quem a sente. Todos, sem hostilidades inuteis, crendo na incomparabilidade das proprias qualidades (com muito mais força porque ninguem protesta), respeitando as alheias e lisongeando-as mesmo para as conservar. E desse regimen, ultima etapa do individualismo e egotismo, nasce como da flor o fructo a bem aventurança da paz e do amor...

— Mas caramba! Paz e amor é o programma do nosso querido Nilo Peçanha!

— Não, meu caro. O meu é o programma do mundo no anno 3.000. Por enquanto a civilisação caminha para a forma perfeita. Mas d'aqui até lá ha tantos preconceitos, tantas deturpações do bom sentido da illusão a vencer! Os precusores fazem tentativas apenas e incompletas e com sustos. Eu mesmo que explico esta brilhante theoria...

— Do chaleirismo universal...

— Seja. É idiota, mas seja. Eu mesmo, ainda não me eduquei completamente. Ha, por exemplo, duas cousas neste momento cuja persistente illusão não comprehendo com sympathia.

— Palavra?

— Palavra! E duas illusões em que contrario uma porção de gente: o general Pinheiro Machado e a Viuva Alegre.

Cinematographo

Terça

Os revisores vão fundar um centro. Vão fundar, não. Já fundaram. Os revisores teem união e o que pretendem realizar certo, certo realizarão. A classe, por ser serviço transitorio e o que se chama um “achego”, tem tido, tem, e terá muito boa gente.

Raros são os sujeitos mais importantes do Rio que não foram pelo menos um dia : conferentes. Por isso mesmo, imaginei que o centro não pegasse, mas no dia seguinte vi nos jornaes a lista dos socios e entre os socios uma porção de jornalistas.

Pensei, reflecti e pedi tambem para ser socio. Não que eu saiba fazer revisão. Ao contrario. Para mim, depois da revisão só ha uma cousa tão difficil no mundo: regenerar o theatro nacional.

Mas porque comprehendia o pavor dos collegas e porque eu mesmo achava pratico e humano ser do gremio. Pedir para entrar de socio era um cartão de cumprimentos com um pedido no verso: — sendo da casa, tenham piedade...

Oh! O publico não imagina e não sabe que todos os artigos ou quase todos, são devidos a collaboração de tres pessoas: o lynotipista, o revisor e algumas vezes um pouco do escriptor. Digo algumas vezes, porque de vez em quando o auctor-lino está tão zangado e o auctor-reviso tão aborrecido que do auctor-escriptor não resta positivamente nada, senão o ridiculo.

Tenho um grande medo, um grande respeito e um grande carinho pelos revisores d'aqui. Como collaboradores prefiro-os aos que em Paris, na casa Garnier em que os linotypistas são franceses, os revisores hespanhoes, e os escriptores algumas vezes escriptos em portuguez.

Isso não quer dizer que sejam esplendidos collaboradores.

Quantos factos não ha que parecem inverossimeis contados? Um amigo meu já escreveu!

— Bemvindo seja o outono!...

E sahi:

— Benvindo seja o Ottoni!

Diariamente dessas cousas encontram-se em dose bem elevada. O homem escreve um periodo elogiando, e pode ser que noutra dia venha um desaforo. Ainda outro dia escrevia um artigo sobre um homem de talento muito susceptivel e muito preocupado com a collocação dos pronomes.

Logo no segundo periodo, eu escrevera:

— As qualidades que denominam perceptivas.

E li:

— As qualidades que denominam-se...

Senti um frio não por mim, mas pelo juizo do homem. E continuei: Tres linhas abaixo dizia:

— De facto, espirito essencialmente pagão.

Era um periodo que me sahira lindissimo, falando da Grecia, do céu azul, dos marmores da metopes de Phidias. Mas não sei se sahiu porque não passei do inicio. Eu lia isto:

— De facto, espelho essencialmente papão!...

Certo lembro apenas os “gatos”, as “coquilles” mais escandalosas.

Mas se eu fosse revisor seria muitissimo peor. Estar a noite inteira curvado a ler cousas e a emendar, fadiga. E depois nenhum de nós tem a coragem de lembrar as vezes em que esquece palavras, esquece de terminar os periodos, grapha com letras de menos, faltas que os insistentes collaboradores sanam.

Os revisores eram uma pavorosa força. Agora são, com o centro, incomparavelmente formidaveis. Escriptor com quem impliquem está liquidado. É o “boycottage”, é a muralha da China entre elle e o publico.

Felizmente já sou de casa. E sinceramente desejando-lhes a prosperidade, porque a maioria dos revisores d’agora estará dentro de poucos annos nas melhores posições do jornalismo, da advocacia, da burocracia, da politica; mas haverá para os que vierem a essa profissão transitoria o auxilio de uma caixa e a unidade de uma associação.

Joe.

A NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 05 de junho de 1910. Pg.3

O Secreto amador¹⁵

Ha acontecimentos verdadeiramente inesperados. Não vae para muito, consegui estabelecer a lista dos horrores e das pequenas torpezas e das vilanias ignobeis e das delicadas infamias que formam, com outras excelentes qualidades, o carater carioca, a physionomia cinemática da cidade. Eu conhecia o mordedor, o explorador com o nome de jornalista, o vigarista elegante, o ladrão jogador sustentando mulheres caras e fallando de honra, uma infinidade de servicinhos rendosos e inconfessaveis que rendem desde as mais gordas maquinas das advogacias administrativas até as largas gorgetas dos conventilhos. Não só. Vira a melhor gente com varias caras, financeiros, damas do tom, altos politicos — porque todos nós temos várias caras: a cara de entrar no Lyrico, a cara da manifestação, a cara de vêr o credor, a cara de mergulhar em certas portas...

Mas na galeria dos inoffensivos perigosos ainda não tinha encontrado frente a frente com uma dessas creaturas meio inuteis, meio ociosas e inteiramente idiotas, que se classificam sob o rotulo geral de “acompanhadores”.

Ha varios generos: o acompanha-conquistador que se subdivide em fanfarrão ousado, em timido, em cãosinho mimoso; o acompanha-serviçal, sujeito que não larga os conhecidos perguntando-lhes a opinião e carregando-lhes os embrulhos; o acompanha-curioso, o agente de polícia amador, o canalha solto e tão perigoso como um revólver ou um prato envenenado.

De acompanhas-curiosos ha varias prateleiras, isto é, varias classes, desde o furta-empadas elegante das confeitarias até o explorador-ladrão que nas eleições vira representativo das liberdade da urna, e nestes passeios aproveita a ocasião para pedir dinheiro.

Entre os dois extremos, porém, quantos funcionarios, quantos homens de posição!

A um lente de escola importante que anda sempre com um passo de paquiderme ensinadq apontam-me sempre:

¹⁵ Crônica publicada no volume *Os Dias Passam...*

— La vae fulano acompanhado alguém.

— Com que fim?

— Para saber-lhe da vida.

— E com que lucro?

— Especulativo, pura matemática de costumes.

— E depois de saber?

— Segue outro. Às vezes tem em mão cinco ou seis casos. Ha vinte annos que o conheço com taes qualidades inaproveitadas pelo Conan Doyle e os nossos sempre maus chefes de policia...

Entretanto:

Tudo o que a vida contem de grato

De prazenteiro, de caricato

De petulante, de provocante

De extravagante, mirabolante,

parecia-me reservado, como que em mysterio augmentando, com a falta de ainda não ter enfrentado um acompanhador. Com effeito, ha quatro noites, na rua, modestamente a caminhar, eu senti, senti que era seguido... Sim, eu era seguido, seguido por um cavalheiro com papeis e jornaes debaixo do braço, oculos, ar serio, talvez sympathico. O cavalheiro vinha num *bond*. Vêr-me e despejar-se do *tramway* obra foi de momento. Depois parou, farejou e começou a seguir-me.

Oh! factio memoravel! Eu seguia seguido. É uma sensação muito complexa. Vinham-me ao cerebro todas as hypotheses agradaveis à minha vaidade, mesmo absurdas:

— É com certeza um admirador timido, monologava eu, deitando para os vidros das montras illuminadas um olhar de esguelha a vêr se estava sympathico e se era seguido. É um poeta que quer que eu leia um poema... Oh! não! não! É um autor dramatico entre Celestino e Da rosa! Deuses que não seja!... Quem sabe se não é o enviado daquela linda creatura que nos Castellões... Mas não! não! é simplesmente o admirador... Vamos parar e ver o que faz.

Parava, olhava uma vitrine. O cavalheiro a alguns passos parava, olhava uma vitrine tambem. Mas que sujeito! Acompanhar-me? com que fim? Porquê? Metti-me num *bond* que passava rapido. Respirei. O *bond* foi até às Barcas. Ia saltar para tomar outro, quando vi o meu homem com os jornaes, os oculos, a ar sympathico. Viera no banco trazeiro! Apesar de estar com um vago medo — quem sabe se não seria um maluco, um assassino litterario, um sei lá? — corajosamente saltei e fingi um ar de quem passeia. Não ha nada menos parecido com o verdadeiro passeio do que um passeio de mentira. Toda gente repara, inclusive o passeante. Fui ao caes, dei na vista, deixei o caes, metti-me pelos jardins, e ahi não tive duvidas: o

homem de oculos com os jornaes debaixo do braço acompanhava-me. Apressei o passo, escondi-me por traz de um poste, vi-o de nariz erguido, a farejar. E então deu-me uma grande raiva.

— Patife!

Em seguida tive uma idea deductiva:

— Esse sujeito me conhece-me. Acompanha-me como quem provoca ou é um imbecil.

Para livrar-me só há um meio: vou eu segui-lo.

Rodei e surgi-lhe à frente. Eram 10 horas. A aléa deserta, a viração serena, o ceu com a lua... Que se iria passar?

O cavalheiro atrapalhou-se. Eu sorria implicante. O cavalheiro começou a caminhar. Caminhei quasi junto a elle. O cavalheiro sentou-se num banco. Sentei-me voltado para elle, olhando-o serio, com a pupila feroz. O cavalheiro desconcertado ergueu-se. Ergui-me. Seguiu. Segui. Parou. Parei. Foi até a calçada do jardim desarvorado. Fui até lá. Livido, a tremer elle voltou-se:

— Deseja alguma coisa?

— Desejo, desejo acompanhá-lo.

— Para quê?

— Para fazer o mesmo que você faz ha duas horas, pastrana! É a minha vez. Preciso saber onde mora. Levo-o hoje á família...

Esta maravilha de dialogo, ouviu-a apenas o Inverno, estatua de marmore, mas é em dialogo um dos mais verdadeiros. Foi tal qual. O homem não fez nada. Deixou cair os jornaes, balbuciou:

— Está enganado! Está enganado!...

Aquella miseria de reacção deu-me de novo uma raiva, que raramente tenho pelas almas inferiores. Senti-me actor de um drama social.

— Infeliz!

E agarrando-o pela manga:

— Conheces-me perfeitamente; sabes o meu nome. Porque perderes o tempo a acompanhar idiotamente um homem que sabe a terra onde vive, sente a tua especie e, mesmo que tivesse de agir mal, não tinha que dar satisfações senão à sua propria pessoa? Falla imbecil! falla!

Depois dessa tirada, reconheci-me ridiculo. É uma qualidade reconhecer a tempo o ridiculo. E com voz camarada:

— Quem te mandou acompanhar-me?

— Oh! Senhor.

— Então foi expontaneo?

— Senhor!

— Vamos, expontaneo? Já agora não vale zangar. Renuncio a segui-lo eu, mas quero uma compensação.

— Qual?

— Diga você porque me segue ha duas horas.

— Não seguia...

— Ora! Não é bonito negar. Só fallei depois de provas. Diga. Comprehende. Não sei lhe o nome, vejo-o mal à noite, não o comprometto. Ao contrario. Você sabe o meu, conhece-me, já varias vezes me tem acompanhado...

— Não, foi a primeira...

— Então, porque foi? Pareci-lhe suspeito?

O sujeito teve um arranco.

— Não: o senhor quer saber?

— Pois, claro.

— Acompanhei por acompanhar, para saber o que o senhor faz. É maior que minha vontade essa curiosidade. Nem fimjo. Acompanho irresistivelmente. Tenho que saber da vida de uma pessoa sem que ella desconfie.

Às vezes conto. De outro nem fallo. Mas, uma pelo menos por dia, é minha. O senhor talvez me comprehenda. Não posso passar. Hoje acompanhei o senador Francisco Salles horas e horas. Afinal, elle entrou no Palace. Um senador mineiro fica até o fim de espectáculo. Então, furioso tomei um *bond*. Quando o vi não resisti. Este não me escapa! E saltei. Mas estava de mal sangue...

— Mas não escapar de quê, homem de Deus?

— De eu saber qualquer coisa. Eu sei a vida de uma porção de gente. O senhor não imagina o que é este Rio de Janeiro.

— E o que ganha com isso?

— Eu? Eu nada...

— Então, porque se faz *secreta*?

— Tenho uma posição, cavalheiro.

Olhei-o. Era irrevogavel — o acompanhador. É uma especie, meus senhores, que só existe no Brasil e em Portugal. Lembrei-me que numa noite de neve, estando eu á espera de alguém, á porta da caixa da *Porte Saint Martin* em Paris, passára um sujeitinho de guarda -chuva, que ao dar commigo parou adeante, espiando. Eu estava alegre. Fui até ao individuo e disse em portuguez, olhando a rampa do *boulevard*:

— De guarda-chuva e espiando a gente só mesmo guanabara!

O sujeito escafedera-se. Era mesmo. Até lá!... Este era outro exemplo. Que fazer?

— Vá com Deus, homemzinho...

— Devo dizer que não lhe quero mal...

— Sim...sim, obrigado.

— Sou até um seu admirador. E com tristeza: só acompanho gente importante!

— Mas não se metta mais commigo, porque o levo à delegacia. Seja feliz.

E deixei-o. Ha acontecimentos verdadeiramente inesperados. Quantas molestias, quantas infamias de doentes causam-nos raiva em vez de piedade! Esse secreta amator, soldado de um batalhão numeroso, não merece o dó de todos nós, os que aqui não são assim, porque têm mais que fazer?

João do Rio

Literatura e Politica

O Rio de Janeiro, cidade de applauso ao facto consumado, é uma interessante aldeia, onde as creaturas têm o costume de fingir grande espanto a proposito das coisas mais naturaes, apenas com o fim de indagar inconveniencias e falar mal da vida alheia. Ha cinco ou seis annos, sempre que sem a menor pretensão, tomo a liberdade de julgar os actos de um homem politico de meu paiz, varios cavalheiros — principalmente os politicos de que ainda não me aprouve falar bem — exclamam, ao encontrar-me:

— Oh! Gostei muito daquelle seu artigo... Com que então politico?

— Não, senhor.

— Não? Como assim?

— Parece-me que é até melhor não ser politico para julgar o seu semelhante politico.

— Obrigado pela informação.

— E até estou muito admirado do...

— De que?

— Que você elogie Cicrano e poupe Beltrano de politica inteiramente opposta.

— Mas que tenho eu com a politica, se Beltrano é um patriota e um estadista que se revela notavel?

Outros fazem reflexões a respeito da literatura mettida na politica. Esquecem que foi principalmente a literatura que fez a Republica e cáem em verdadeiras crises de furor quando os artigos dos homens de letras elogiam aquellas figuras que não lhe são sympathicas.

— É isso: esses poetas se mettem a dizer coisas...

Ora, como ainda a semana finda, ouvi nos corredores da Camara tal phrase, nas ultimas horas dessa semana pittoresca aprouve-me pensar um pouco no curioso caso das relações entre politica e literatura. A monarchia nunca fez uma grande separação entre politica e literatura. Como o imperador era poeta, o imperador deu aos poetas a maior confiança. Quando elles tinham um pouco de juizo eram deputados. Quando não tinham nenhum, obtinham senecuras e viviam a invadir a Quinta da Boa Vista. Foi a pretensão republicana que pretendeu achar menos valor no julgamento dos homens de letras. Pericles procurava-os. Os bichões da influencia eleitoral achavam-nos inuteis.

— V.Ex. leu o artigo de Fulano, hoje?

— Um desavergonhado!

— É mesmo. Imagine V.Ex. que até tem um volume de chronicas.

— Chronicas? Logo vi que era um chronico. Deu-se então esse phenomeno de um jornalista curioso povoado de trabalhadores, e onde alguns papas, que nunca escreviam os artigos, passavam pelos politicos. Os interessados vinham a elles, davam-lhes as questões a tratar e tinham um desprezo acima de qualquer classificação por todos os outros. Os homens de letras tratavam de assumptos sem monta, o suicidio das meninas romanticas, a temperatura, os tenores das companhias lyricas. E os pensadores, os analysts, se por acaso lessem os nossos jornaes, haviam de pascar para a indiferença dos representantes do espirito nacional, sem uma nota de interesse pelas mais graves questões sociais e politicas de seu paiz.

A literatura, porém, cançou de ser inutil. A nova geração de politicos tinha tambem outra cultura e, collocando em segundo plano a politicagem deixava de ser pratica e de ser intelligentemente instruida. O monopolio da politica reservado apenas para meia duzia de cavalheiros idosos “com relevantes serviços ao paiz”, que ninguem saiba quaes foram a não ser a occupação permanente dos melhores cargos — foi a cair.

Os literatos usaram da troça, da ironia, e sem um fito proposital, trataram menos da temperatura e mais da sua patria. Bem contra a vontade, vendo que na chronica, a opinião insuspeita de um homem de letras acima dos interesses de partidos e das celebradas “conveniencias politicas” era muito mais lida que o grave artigo de fundo; os homens de governo começaram de se interessar por ella. De modo que hoje é absolutamente impossivel encontrar um homem de letras, que não tenha com a preocupação da sua arte a preocupação de politica. Os da geração feita ou estão na Camara como o grande Coelho Neto, como o illustre Felix Pacheco, ou occupam nos jornaes logares em que tratam á vontade de assumptos politicos. Olavo Bilac é o mais prudente, e, entretanto, ninguem nega a Bilac serviços de alcances diplomaticos muito maiores que o de varios diplomatas de carreira. Os novos, no periodo em que é bonito achar detestavel discutir eleições, já perderam essa velha mania bohemia, começam com a preocupação dos altos destinos da sua terra. E d’ahi uma ligação cada vez mais intima entre a literatura e a politica. Não pode, aliás, deixar de ser assim.

Não pode deixar, porque além dessa approximação, nem mais literatura significa sonho sinão para os parvos de espirito, nem é possivel que o escol da mentalidade de um paiz fique sem tomar parte activa na sua administração e no julgamento d’ella, apenas porque sabe ler, enquanto uma familia mais ou menos grande de profissionaes politicos, toma conta de todos os logares e vae para adeante.

Ao demais, na politica não sobram estadistas, não sobram mesmo os pequenos administradores, e mais do que nunca, na hora de progresso actual, é do concurso das intelligencias esclarecidas e dos homens praticos que necessita o paiz. Ha quem seja da opinião que os genios na administração seriam prejudiciais. É tambem certo que os homens sem preparo algum não seriam menos perigosos. O que ninguem contesta, porém, é o efeito benefico do commentario do intelligente a uma administração dirigida por uma intelligencia mediana. Esse comentario se torna bem a opinião publica, uma voz da desencontrada opinião publica.

Todas essas coisas fazem, entretanto, na crescente preocupação geral, só se falla de politica, em que a preocupação unica é a politica, um logar excepcional ao jornalismo. Ao ver a importancia do jornal, do papel impresso na vida actual que diria Comte, o qual promettia o fim do jornalismo para breve? É o jornalismo personalizando todos os paizes, o jornalismo, o “agora” das discussões, o jornal em que as individualidades são discutidas, o jornalismo que faz os homens e destrõe com a mesma facilidade, jornalismo valvula da segurança das tyrannias, das pretenções, dos crimes, valvula de segurança do povo — por mais que essa palavra seja uma figura literaria fora de moda. D’ahi os nervos dos politicos que ainda são do tempo de que a politica é um monopolio, para o qual é necessario curso completo desde a influencia da raça á subserviencia sem idéas pessoas das representações, d’ahi as coleras daquellas a que o alphabeto faz mal e trepados nas posições ficam irritados com o commentario livre dos que são considerados pela opinião sem aquella qualidade dada por Walpole a todos os homens; d’ahi esse frenesi literario da politica que extravaza nas secções livres e onde se insultam os homens serios com diatribes soezas, mas onde tambem crescem as figuras dos verdadeiros administradores, sejam quaes forem os odios pessoas com a ambição de deprimil-os.

Literatura e politica igual a jornalismo, jornalismo e politica igual a desenvolvimento mental do paiz, desenvolvimento que é a segurança do progresso material... mas é todo um problema! É a reforma das antigas formulas! É o desastre para os usos velhos! ¹⁶

¹⁶ No microfilme, enviado pela Biblioteca Nacional, o final do artigo foi cortado.

COMMERCIO DE SÃO PAULO, 11 de setembro de 1910.

O Noticiario

É sempre bom discutir moral. Cada um tem a sua moral, de modo que da discussão são sempre mais moral ou menos moral — o que é o suprasumo da moralidade. Ao saber que o aspirante militar Dilermando estava, apesar de preso, implicado numa scena de violencia carnal, immediatamente os jornaes, abrindo columnas e dizendo a Dilermando, os ultimos nomes, mostraram Dilermando como um patife e um monstro. Esse Dilermando, como sabe toda gente, assassinou, num ímpeto impulsivo, o seu protector Euclides da Cunha, impulsivo genial que nesse dia repousou de uma das mais dramaticas vidas interiores, de um dos mais tremendos dramas cerebraes que é possível conceber. Dilermando assassinou pelas costas, quando o pobre e grande Euclides já se retirava do logar da torpeza, do logar onde se infamara o seu nome.

Os jornaes, tendo deixado passar indiferentemente a data anniversaria do tragico acontecimento, recordaram tudo, entretanto, ao narrar que Dilermando, em pleno quartel, e de artilharia montada, tentara contra a honra de uma menina feia. Uma torrente de moral inundou as gazetas, e a moral jornalística, para mostrar a força monstruosa de Dilermando, sob as cataratas das grandes palavras moraes, mostrou o aspirante como Satanaz intelligente e irresistível, attraíndo meninas incautas para as perder.

Ora, ha moral e ha moral. Acho que estamos um pouco errados no caso Dilermando. Positivamente exageram. Ao terminar a leitura do cabeçalho de uma das noticias da proeza de Dilermando preso, ainda sem chegar á narrativa, exclamei:

— Mas esse Dillermando! Hoje tem com certeza mais uma duzia de velhas e de meninas hystericas apaixonadas por elle!

E realmente. Porque nem de proposito, para ferir imaginações doentias, poderiam transformar melhor um rapagão vulgar, num rapagão para apparecer bem, de exemplar phisico nas festas internacionaes do Sr. Barão do Rio Branco — um fatal irresistível, um D. João fascinante.

Foram aos jornaes, com um “excesso de moral”, que tornaram interessante a figura de Dillermando, e no caso ultimo do Quartel, se o caso se deu, os unicos culpados. Elles é que suggestionaram com as suas fantasias moraes o cerebro da pequena hysterica, romantizando com cores sombrias a primeira scena criminal de Dilermando. São os jornaes que, reincidindo, conseguem por completo mascarar o verdadeiro facto moral do musculoso aspirante e tornal-o o iman de quanta desequilibrada ha pela vasta cidade. É

um phenomeno fatal. Os grandes criminosos do Amor têm o poder de suscitar violentas paixões entre as taradas, e não é preciso ser forte em molestias nervosas e ter curso em manicômios para assegurar o effeito fulgurante dos delinquentes de tal especie nas imaginações hystericas. A moral jornalística está fazendo isso de Dilermando.

Ora, não é bem assim. Em que peze o desperdicio de frases bombasticas, Dilermando não as merece. Esse rapaz é um temperamento vulgar. Nem intelligencia, nem subtileza, nenhum dos predicados dos seductores. Apenas um bom physico e a mocidade impulsiva, não só por indole como pelo amoldamento ao meio em que tem vivido. Foi amante, porque quizeram. Deixou-se gosar. Ha uma parte repugnante posto que muito desenvolvida e aceita quando não escripta nos jornaes; era sustentado pela mulher, segundo se verificou no inquerito. É preciso não ter conversado com o aspirante para julgal-o, uma obra de seducção querendo desfazer um lar. Elle não queria nada, porque não pensava nada. Seguiu conforme os acontecimentos, pandegava. Não tinha moral nenhuma. D'accordo. Era o que os senhores quizerem de feio, mas como a maioria, como o vulgar componente de um rapaz contemporaneo. A scena que o tornou assassino de um dos maiores escriptores é mais que commum nos alcouces baratos, é o instincto. No primeiro momento, deante do direito, fugiu, escondeu-se. Veiu a reacção, correu a ferir. É phenomeno animal que se verifica na escala zoologica inteira até ao homem.

Foi horrivel, foi covardissimo, o Brasil perdeu um espirito extraordinario. Não ha duvida.

Agora, isso não é motivo para transformar um rapagão que aproveita simplesmente o seu physico no seductor, no amoral, no typo dos romances d'Annunzio, no Prida do Quartel de Artilharia Montada.

O resultado não se fez esperar: as paixões doentias surgiram. De uma sabemos nós. Quantas haverá guardando no seio a guapa imagem de Dilermando? A essa hora haverá mesmo mais algumas, graças ao novo escandalo. Mas, que mostra esse escandalo, mesmo se foi tal qual o narra sua vice-victima.

1º) No Quartel da Rua Pedro Ivo os presos militares podem sair e passeiar e têm a maior liberdade.

Isso não chega a ser uma descoberta. Um preso militar, ao que parece, tem a cidade por menagem. E valha a verdade: o preso não abusa, porque elle em geral sabe que a amiga justiça o absorverá.

2º) No dito Quartel um rapagão aspirante solicitado por uma jovem, que dava planos nos parentes e conhecidos para lá ir sozinha, excitou-se, tentou uma coisa violenta sem protesto della, (porque bastaria um grito para que o Quartel inteiro acudisse) não prosseguiu por ella dizer que a maguara, contentou-se com uns beijinhos, levou-a ao bonde e pagou-lhe passagem.

Como se vê, o cumulo da gentileza. Até pagou a passagem! Onde o Satyro? Onde o animal feroz? Que labia sabia do malvado? Colloquemos as coisas nos seus logares, deixemos as tiradas de espalhafato. Um homem de intelligencia superior ou de principios teria provavelmente mandado a menina para a casa e em vez de beijos, dar-lhe-ia bromureto. Mas o commum: um rapagão forte, em que a materia predomina sobre o espirito sem fantasia, tentado (porque não é elle a ir procural-a), excitado com o contacto nervoso de uma mulher que o amava, resistiria? Resistiria o carregador? Resistiria o marçano jovem? Resistiria o soldado adolescente? Resistiria afinal a força impetuosa dos vinte annos sem o açaimo da reflexão? É o instincto. Não finjamos. O mundo não seria mundo, se esse ultimo caso Dilermando não se dêsse sob o sol várias vezes por dia no planeta Terra?

Segundo se deduz do primeiro depoimento da jovem, elle fora mesmo desejoso de uma simples brincadeira, porque, á primeira informação de que era desagradavel, não quizera forçar definitivamente a nota. E em taes condições, em que não são pouco proprios os epithetos de violentador e de Satyro, não ha duvida quem mais ou menos se tenha visto.

Essa é a questão nos seus justos termos. O advogado e o proprio Dilermando procuram provar que a pequena nunca esteve no Quartel e tudo não passa de imaginação de uma hysterica — o que aliás pode ser verdade. Mas se foi, se lá esteve o grande crime com que querem accrescer as culpas de um criminoso occasional e comum divide-se na falta de vigilancia aos presos do Quartel é num attentado que se paga com o casamento.

Não me passa pela idéa um desejo de defesa. Quero apenas annotar mais um caso em que a imprensa modifica inteiramente uma phisionomia, dando-lhe qualidades que ella não possui. O crime de Dilermando, o crime pelo qual se acha livremente preso era um crime vulgar commetido até a marcação habitual em tal genero. Teve uma grande repercussão porque a vitima era de um talento extraordinario. Em tudo Dilermando foi o latagão commum. Só teve um phrase interessante no processo, quando se pretendia como substituto de Euclides da Cunha na linha dos homens uteis pelo cerebro á patria. Os jornaes transformaram-n-o entretanto no irresistivel, possuidor de uma labia diabolica. A idéa causou impressão. Um exemplo é a paixão hysterica da pequena que o ia ver no Quartel. No Quartel deu-se um facto factal e banalissimo. Os jornaes fazem de Dilermando um monstro de seducção, estraçalhando em impetos de satyriases, raparigas puberes no grabato da prisão... A fantasia! A facil fantasia!

Mas a fantasia dando a Dilermando communs qualidades excepcionais não lhe pode fazer mal. Ao contrario. Da-lhe a curiosidade das desequilibradas e faz outras victimas moraes, accorda os appetites do hysterismo. Elle é banalmente criminoso, banalmente um impulsivo. Passa a

D. João, passa a Solleiland, que sei eu? Passa ao papel de Satyro. E deante delle, graças ao Noticiário, todos se julgarão deante de um ser consideravel. Não é. Mas que fazer contra a corrente de publicidade? Mesmo que a scena do Quartel não se tenha dado nas suas justas proporções, as mulheres nervosas appontarão Dilermando:

— Foi aquelle!

E o seu juri será sensacional.

É sempre bom discutir moral. Não discutamos essa interpretação do noticiario do crime.

O facto porém é que no caso Dilermando o noticiário timbrou um exagero de moral de effeitos talvez contrarios.

João do Rio
(Da Academia Brasileira)

O CHARUTO DAS FILIPINAS ¹⁷

Ha nas Filipinas um costume muito original. Esse costume assim original intitula-se o costume do charuto familiar.

Como acontece para todos os costumes, mesmo os mais rebarbativos, houve um observador capaz de interessar pelo charuto familiar a ponto de descrevel-o ao pasmo ouvido da Civilização. O charuto é um movel importantissimo nas regiões em que o ministro da guerra dos Estados Unidos foi a pouco afundar a ilusão de dominio. É tambem o maior charuto do mundo — o maior e o mais grosso. Mede pé e meio de comprimento e tem uma polegada de grossura.

Um charuto com taes proporções não se fuma assim de uma vez, e quando não o fumam, o charuto familiar repousa num buraco propositalmente preparado nas columnas de bambú dos cantos da casa, e feito em altura que qualquer creança o póde agarrar. Porque nas Filipinas todo o mundo fuma: o velho patriarca, o moço patriarca, o filho do patriarca e mesmo os netos. Um filipino de tres annos não deixa de puxar a sua fumaça no charutão desconforme. As creanças de mama variam a chupação entre a mamadeira e o charuto. Quando aparece um hospede, não se pergunta como entre nós nos tempos remotos em que não havia *five o'clocks* e snobismo:

— É servido de café?

Não! Agarra-se o formidavel charuto, puxa-se um trago e oferece-se logo ao visitante:

— Queira servir-se! Tem tres mezes!

Ora, outro dia, passeando pela Avenida, á hora em que acendem as illuminações cegadoras dos cinematographos e do céu foge a luz do dia, encontrei um camarada de jornal, fino, discreto e elegante. Naturalmente falámos mal da vida alheia, e estavamos a desancar uma pessoa qualquer, quando o jovem saudou um cidadão que passava.

— Que é?

— Jornalista.

— Não conheço.

— Ah! parece que começou agora. É reporter e estudante.

A idéa de um reporter tambem estudante pareceu-me exquisita. Mas não tive tempo de commentarios. Passava um homem grosso, um desses homens que cheiram a *bookmakers*, e a viagem de ida e volta a Manãos. O jovem camarada tornou a saudar.

¹⁷ Publicado, em 1910, no volume *Cinematographo*, porém não localizado em periódico.

— E esse?

— Diretor do jornal x que vae sair.

— Santo Deus!

— E está vendo aquelle sujeito grave? Tambem nosso collega. é o diretor de outro jornal que já levou a bréca.

Puz as mãos na cabeça! A Avenida estava coalhada de jornalistas que eu não conhecia.

O meu camarada ria. Resolvi rir tambem. Estavamos ambos indiferentes ao fenomeno, posto que elle nos trouxesse prejuizos moraes e materiaes. E o fenomeno, apesar da nossa indiferença, era alarmante. Para ser jornalista, em qualquer parte do mundo civilisado, é preciso ter vocação e prática. Já se dispensa o bom senso, como se dispensa o estilo e a impertinente gramatica. Aqui não ha estilo, não ha gramatica, não ha pratica, não ha bom senso, não ha vocação. Um pequeno estudante, naturalmente poeta, tem uma crise monetaria. A revisão incomoda-o. É difficil emendar o que os outros escrevem, quando não se tem absoluta certeza. O povoamento do solo já não tem empregos, nem para os mineiros. Que fazer? O pequeno estudante arranja um empenho politico e amanhece reporter, redator, jornalista. Um cidadão qualquer fracassou em todas as profissões, quebrou, foi posto fóra de um *club* de jogo. É jornalista. Aquelle moço bonito, cuja bolsa parca só se compara á opulência de vontade e frequentar as rodas *chics*, vê-se a beira do abismo? Não ha hesitações. Faz-se jornalista. O idiota que quer gastar dinheiro, o industrial esperto, o politico com appetites de chefe, estão em crise? Surge imediatamente o jornal para lançal-os, lançados por elles.

O publico, o publico que não lê os jornaes feitos, ve atonito essa floração de folhas impressas e de novos jornalistas: todas as classes sociaes, dos barbeiros aos *gentlemen* do *Club* dos Diarios, estão na perpetua expectativa, quando falam com um desconhecido, que esse desconhecido seja jornalista.

Os jornaes aparecem. Quem é o secretario? Um cidadão que nunca na sua vida escreveu tres linhas. Quaes são os redatores? Um moço que é advogado, um almirante, um engenheiro, um ocioso. Jornalistas é que não ha. Esses distintos cavalheiros aparecem, fazem um jornal idiota, o jornal rebenta, e com elle desaparece a vocação dos redatores. A um destes que rebentara em certo jornal da tarde, eu indaguei dois mezes depois:

— Que se faz agora?

— Voltei á cavação antiga: sou bicheiro.

E por que essa lamentavel situação? Pela indiferença, pelo scepticismo dos jornalistas profissionaes, pelo *laisser-allor* com que deixam defender e até encorajam todas as manifestações jornalisticas do paiz. Os engenheiros defendem-se do pratico; os medicos fazem uma guerra de

morte ao curandeiro; os dentistas com diploma desenvolvem uma campanha tão feroz contra os sem diplomas, que todos os annos vêmos na Instrução Publica homens de quarenta annos afluivamente desejosos de passar em francez, para poder collocar a sua placa á porta; os actores esmagam os amadores. Não ha profissional que não se defenda. É humano, é animal e é também altamente moral.

O jornalista carioca é o unico que não se defende. Quando é um delles a fundar um novo diario, os pedidos de quanta influencia politica ha são logo atendidos, preterindo nomes honestos de profissionaes. Quando é um cidadão qualquer, deputado ou bolsista, que funda o jornal sem saber o seu valor, então é uma lastima: a lista do pessoal é do começo ao fim de estreantes transitórios.

Isso desmoralisa. Apesar da evolução dos nossos costumes, evolução vertiginosa que foi logo das sobrecasacas conselheiraes ao *smartismo* mais sandeu, ninguem se atreverá a dizer numa roda conservadora:

— Eu sou jornalista! — sem ter como resposta a pergunta:

— Já é profissão o jornalismo? porque infelizmente esse exhaustivo trabalho, esse rude e honesto labor ingrato para os mais delicados, é na maioria a “cavação” passageira de uma porção variada de cavalheiros á espera de outra coisa...

Nós, entretanto, continuavamos a passear pela Avenida, quando encontramos um sujeito, cuja profissão eu sempre ignorei, mas que veste e conversa bem. O meu excellente camarada fez-lhe uma serie de gentilezas. Depois, amavel, batendo-lhe no hombro:

— Você talvez não saiba. O alegre Eusebio vae ser nosso colega.

— Que ! Também jornalista?

— É. Tomei a secção mundana e os theatros do novo jornal.

— Meus parabéns.

Eu estava com uma louca vontade, não de lhe perguntar se elle sabia o que vinha a ser theatro, mas ao menos se sabia escrever tres linhas com sentido. Eu sempre fui um homem pouco exigente. Afinal, não me contive. Cortei um pouco mais o desejo e indaguei:

— Mas, Eusebio, você entende de jornal?

— Ora, meu filho, fez elle. Não queiras vender caro o peixe. Quem não entende desse negocio de jornal? Jornalismo é como o cigarro. Não ha quem não tenha experimentado.

E olhou-me bem d'alto, com a superioridade do forte cavador que estraçalha um pobre diabo.

Foi então que me lembrei do charutão das Filipinas. A imprensa carioca é bem esse charutão que toda a gente chupa, que anda por todas as bôcas, dos pirralhos de mama aos velhos cretinos. Apenas, nós é que guardamos o charuto e lhe chupamos as pontas. E como se decididamente a

amargura (talvez o sarro) desse fenomeno tragico elevava-me a vertigens simbolicas, deixei a Avenida, com medo de vêr mais jornalistas, mais fumadores, nos barbeiros, nos *garçons* de café, nos transeuntes, nos cocheiros, nos motoristas, até nos cinematographos, onde se avolumava a onda de populares.

A FUTILIDADE DA INFORMAÇÃO E OS SEIS MINISTROS¹⁸

O publico quer sempre curiosidades. As multidões meridionaes são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor, são os primeiros *symptom*as da agitação e da nevrose. Em Roma, a antiga, sabia-se sempre muito bem da vida alheia e principalmente da vida dos dirigentes.

Essa curiosidade, cuja *psychologia* está de certo por fazer, ^{ex}presiste na alma da multidão e talvez tenha agora um periodo de recrudescencia aguda. A curiosidade é uma *ancia*...Desde que um homem commete um acção fora do normal ou é guinado a um cargo de responsabilidade, mata outro, atira contra a esposa, suicida-se ou se faz ministro, subitamente esses homem não se pertence mais, começa por pertencer ao publico, e acaba pertencendo exclusivamente á fantasia dos jornaes para parar enfim, ou num apagado inquerito ou num indice que, á primeira vista, parece curto mas, na realidade é vasto — o indice dos antigos ministros.

A monarchia tinha as crises de gabinete; a republica tem a fatalidade dos quatriennios. Um bello dia um jornal, por pilheria, diz que o futuro presidente já pensa nos futuros ministros. Ha palpites, ha apostas. Os homens praticos e interesseiros passam *afflictos* por não saber a quem melhor bajular. Os antigos ministros, nervosos, fazem nomeações a torto e a direito. É de repente ministro um cavalheiro com quem ninguem conta. Ministro! Quanta cousa um ministro pode fazer! A preamar do interesse afoga-o, as *deliquescencias* da lisonja lambusam-lhe os pés, o humilde deputado de hontem, o provinciano de vespera, vê abrir-se com os arcanos nunca desvendaveis de uma secretaria todas as bocas num sorriso, todas as mãos num gesto rapace-affectuoso, e a porta da rua a um reporter que indaga, tambem sorrindo e talvez tambem rapace-affectuoso:

— Qual o plano de v.ex^a?

Na sua confusão e no seu maravillamento, o novo director dos destinos da patria ainda não se lembrou de concertar um plano, mas organiza tres ou quatro ultimos planos de pintura com escapadas de perspectivas immensa, ou põe deante do *interviewer* tres ou quatro proximos actos que entram pelos olhos como as figuras da frente nas fitas cinematographicas e no dia seguinte lê nos jornaes cousas interessantes, acreditando que o povo inteiro se encommoda e pensa com suas idéas.

¹⁸ Publicado, em 1910, no volume *Cinematographo*, porém não localizado em jornal.

Engano! Desastroso engano! A multidão, o povo, quando qualquer tipo chega a uma posição notavel, ou gosta de saber qual a canalhice que o fez galgar tao rapidamente o alto posto ou, quando não ha canalhice, só se preocupa de como vive o cidadão em plena evidencia. É a curiosidade da vida alheia, a hereditariedade latina. Um jornalista pratico não perderá nunca o seu tempo em inventar uma *interview* para esses ingratalhões, de quatro annos. Um jornalista pratico vai ao peor inimigo do homem ex-desconhecido e pede-lhe um *dossier* de calumnias, ou então mune-se de um *book-notes* e, em plena apothose do fucionalismo saudador, indaga: /

— Quantas horas dorme v.ex^a? Qual o seu livro de cabeceira? O seu prato preferido? Passeia a pé, de bicycleta, em fiacre ou d'automovel?

E com essas immensas futilidades tem a certeza de que o publico todo, ávido e nervoso, se preocupa muito mais com o modo de passear do ministro que com seu plano, aliás, sempre irrealizado, de salvação do paiz...

Com essa opinião entranhada, outro dia no Ministerio do Interior, eu descobri que conhecia mais ou menos a vida dos actuaes ministros, os seus temperamentos, o seu trato familiar, e que esse ministerio é a mais desencontrada serie das periodicas arithmeticas da politica quanto a gostos e a modos de vida.

O Ministro do Interior, o sr. Tavares de Lyra, eu o conheci deputado, morando num quarto que era tambem gabinete de trabalho, no Grande Hotel, e tratando da questão eterna do sal com o estado do Ceará. A primeira vez que me recebeu na sua casa foi em chinelas e tratando-me por tu.

Ainda não era celebre mas já era intelligente, bom simples e familiar. A sua qualidade social e irreductivel é que continuará a ser o mesmo Tavares de Lyra, calmo, reconhecendo a intelligencia e o valor alheio, vestindo a mesma sobrecasaca e a mesma gravata de laço dado, incapaz um instante de se deixar seduzir pela vertigem das grandezas. No dia em que não fôr mais ministro, Tavares de Lyra voltará naturalmente ao seu quarto do Grande Hotel com uma grande simplicidade. A sua vida é a de um funcionario publico attento, a sua modestia obriga-o a evitar entradas sensacionaes nas grandes festas, indo sempre na mesma occasião do presidente para ficar pequeno na luz do astro rei. A sua bondade faz um prazer a estadia no seu gabinete, onde não se encontra s.ex.^a, o ministro, mas o homem simplesmente amavel.

Se eu perguntasse qual o seu prato preferido, Tavares de Lyra dir-me-ia, sem pretenção, um modesto prato do norte.

A pasta da Fazenda é o mais violento contraste da pasta do Interior. O seu titular, David Câmpista, tem de Brummel, tem de Rivarol e é um dos tipos mais agudamente modernos que eu conheço pela cultura, pela maneira de falar, pelos gostos, pelas atitudes da vida. Pinta, compõe, anda de

bicycleta, fala, creio que mais de metade das linguas vivas e parece entender profundamente de tudo. Pelo menos, após um segundo de atenção ao interlocutor. Desenvolve vertiginosamente um principio em que a clareza e a synthese se juntam para encantar. Que idéa faz elle do mundo? Que pensa elle de você que acabou de conversar ou de mim a quem acaba de dizer com a sua voz acida de divino egoista.: Viva! não ha mais ninguem que o veja? Mystério! É apenas possivel affirmar a sua intelligencia sempre muito maior que os seus cargos e notar dahi uma ambição afiada por todos os instinctos de refinamento, de esthesia, de aristocracia. E essa ambição de gloria, de brilho, de fulgor, que faz o orgulho da vida actual, dá-lhe á vida uma trepidação assustadora, uma actividade de pasmarr, sempre prompto, sempre sabedor de tudo, sempre muito cuidado na elegancia, á hora em todas as dependencias do seu ministerio, á hora nos theatros, á hora nas recepções, e mesmo á hora no seu salão da Caixa de Conversão, onde conversa ás cinco com os amigos e de leve se abandona o exercicio de uma ou outra ironia que corta, escalpella, assassina. Se eu indagasse a esse homem que prato prefere, elle ficaria sério e diria:

— Conforme V. comprehende que é grave.

E de certo não escolheria um prato mineiro...É o mais parisiense dos brasileiros.

Mas se o sr. David Campista é assim o oposto do sr. Tavares de Lyra, o sr. Miguel Calmon é integralmente diverso de ambos. Na idade em que os cariocas fazem versos babosos, o sr. Calmon viajava pela India, estudando a irrigação de Calcutá e de Bombaim; na idade em que todos nós aspiramos a um lugar no povoamento do solo, caçando e apanhando em emprego nessa cobiçada repartição, elle é solteiro e ministro. Austero, sêco, com a cabeça quasi branca, deita-se em geral ás 10 horas da noite, acorda ás 4 ou 5, trabaha até as 11, sae para o serviço exterior do ministerio, encerra-se na secretaria até ás 8, dando um trabalho bruto aos funcionários, janta depois de tudo isso e dorme logo em seguida. O sr. Lauro Muller fez a Avenida Central. Elle quer cortar o Brasil de norte a sul de estradas de ferro e povoar, encher de gente, abarrotar os braços, os seus nove milhões de kilometros quadrados. É, evidentemente, muito mais. A vontade torna-o despegado do mundo, indiferente ao amor, ao prazer, ás blandicias da vida. Aos trinta annos é feito de aço, todo de aço, com um cérebro que tem a força de Querer, Querer somente e Dominar. Deve ter um orgulho formidavel, uma noção de si elevadissima, e essa qualidade diamantina fal-o o eterno victorioso na politicagem dos velhos chefes cavilosos e na sã politica de empreendimento e capacidade.

Se eu perguntasse a Calmon qual o seu prato preferido, elle de certo modo não saberia dizer. É um homem sem os appetites de toda a gente: quer o mundo enquanto os outros querem jantar.

O ministro da Guerra, entretanto, o Marechal Hermes, dir-me-ia logo, acrescentando:

— Ai menino, olha que é gostoso.

Porque o marechal reúne as qualidades máximas do soldado brasileiro: a coragem, a finura da campanha e a franqueza rude. Na sua casa entra toda a gente que lhe quer falar. Nada de orgulhos, nada de vaidades. Elle é o Hermes, marechal, ministro, mas um homem como outro qualquer. Disciplina, respeito, sim senhor. Mas nada de effeito de scenario.

— O Marechal Hermes está?

— Está, diz o ordenança. Póde entrar.

Entra-se pelo jardim, bate-se á porta da sala de espera, que por signal está aberta. Ás vezes é o proprio marechal que aparece de calça de brim branco e casaco de alpaca, fumando um charuto:

— Entre. Acabei de jantar, é servido? Vamos lá. Que deseja?

Fica o sujeito muito lisonjeado, pensando que é um favor pessoal de s.ex^a o ministro. Não é. É apenas o sentimento de hospitalidade patriarchal que torna delicioso e incomparavel o lar brasileiro. No ministerio, Hermes é sêco e responde de pé: — a disciplina.

Até hoje foi o unico homem com que eu não fiz uma entrevista sensacional, mesmo porque para fazer uma entrevista sensacional, o processo é sempre fazel-a. E a razão é simples. Quando fui indagar seus planos, o marechal disse-me, simples, carinhoso e franco:

— Eu tenho um plano de mobilisação, de defeza de fronteiras, de preparo de soldados. Se conversar com você digo tudo. Mas acho que qualquer cousa publicada faria mal ao Brasil.

— Pois pode ter a certeza que não escreverei uma linha.

E perdi de boa vontade o meu dia — sem ter de resto a idéa de que o marechal viesse a me ser util por qualquer motivo.

É o que não se póde pensar acedendo a uma opinião do almirante Alexandrino de Alencar. Como acontecia com o sr. Seabra, desde que se trata com o titular da Marinha, tem se a impressão de que se lhe vai ficar a dever um favor. Qual? Ninguém sabe. Talvez não se saiba nunca e só o ministro tenha realmente um resultado pratico. Mas é definitivo. O almirante Alexandrino de Alencar tem a elegancia da marinha, rodeia-se de moços que se vestem bem, tem gestos bellos, e recebe no seu gabinete como se estivesse num salão em noite de baile. Todo elle é amabilidade, gentileza, e todo elle nos dá uma grande intimidade — que realmente não existe.

A lisonja e o elogio parecem ser para a sua alma o perfume inebriante, o seu gesto consente, acolhe, anima, as suas frases são largas. Entretanto, toda essa apparencia encobre uma vontade de aço, que sacudiu e faz cumprir um programma ruidoso, e se fortifica numa vida solitaria —

porque o almirante Alexandrino gosta de passear só, de chapeo mole e bengala, como qualquer mortal.

Se eu indagasse de que prato gosta, havia de responder:

— De todos, meu bem.

Quando realmente só gosta de alguns e só desses se alimenta.

Finalmente, ha um que é immenso, é grande, é bom, e que a fantasia da informação póde pintar com todos os exageros sem conseguir pintal-o um homem tremendo, que já deu ao Brasil pedaços do tamanho da França e que o faz, com calma e altivez, no mundo. Esse homem é o Barão do Rio Branco. Não se sabe quando dorme, quando trabalha, a que horas come. É irregular. Trabalha quarenta e oito horas a fio, ou passa a noite tomando sorvete de fruta e conversando, almoça ás dez da manhã ou ás tres da tarde, mas é grande Senhor, aquelle a quem os Deuses bemditamente deram os destinos do Brasil e os destinos de uma porção de meninos pretendentes á diplomacia. O seu palacio é a morada do Luxo; o seu quarto tem um simples cabide, a mesa atulhada de papeis e pingos de espermacete por todos os lados— porque na alta noite, o estadista admiravel diverte a sua insomnia ou a sua preocupação caçando moscas com a vela.

Oh! Essa intimidade, desvendada pelos seus amigos, e que o torna bem superior, bem o irreal homem capaz de esculpir no momento a estatua futura do maior dos brasileiros d'agora! Essa intimidade e todas as outras em que se misturam o orgulho do mundo, a posse de tudo, o bohemio antigo e o espirito clarividente! Essas e todas as seguintes que completam e fazem de cada acto seu, simples e calmo, mais para o Brasil do que todos nós a gritar.

Mas esse — oh? a esse francamente eu juro que se lhe perguntassem qual o prato favorito, não adivinharia, emquanto durasse o seu silencio, o que me diria elle...

Tanto a multidão curiosa, como eu novidadeiro, verificariamos que tanto maiores os homens e de vida mais publica e de maior *stock* de frases e gestos no dominio popular — menos a nós pertencem nos tempos modernos. E, assim, certos, nem a multidão se interessaria pela vida dos notaveis, que lhe é sempre imposta, nem os jornaes indagariam essas futilidades, esses moldes dos homens que são sempre a causa dos grandes factos, essas feições de contacto com os seis homens que conduzem o Brasil agora no infinito caminho do futuro.

Mas o mundo quer curiosidades sempre. Os ministros pertecem-lhe. E a cidade discutiria um mez, e a democracia rejubilaria se o ministro do Exterior declarasse solemnemente o seu gôsto pela cozinha abundante do restaurante do Minho.

A futilidade da informação.

A NOITE, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1911. Pg. 4.

MURO DA VIDA PRIVADA¹⁹

Quando o pobre homem mais ou menos notavel saltou no Cães Pharoux, encontrou uma dupla fila de photographos e de reporters. Os photographos armados de kodacks logo apanharam a sua physionomia um pouco fatigada. Os reporters precipitaram-se perguntando cousas futeis a que elle respondia de um modo sollicito mas vago. Um dos jornalistas porém veiu até a portinhola do automovel.

— Faz obsequio, que idade tem?

— Cincoenta e dois.

— É casado?

— Sim senhor.

— Muitos filhos?

O homem mais ou menos notavel respondeu sorrindo:

— Dois apenas... Sempre às suas ordens.

O carro pode então partir. Era um automovel aberto, e nós tres ainda riamos das perguntas do jovem reporter.

— Que se ha de fazer? disse o homem mais ou menos notavel.

Onde vou, apparecem-me logo esses rapazes. Já respondo sem sentir. Mas o peor é depois. Os jornaes contam que eu cheguei e dão-me o retrato. O hoteleiro põe-me como cartaz. Os meus menores gestos são espiados. Os creados entram-me nos aposentos sem serem chamados. Ha gente que se engana no numero dos quartos para entrar no meu. Ao jantar, seguem a lista que eu escolho. Peço pimentas; ha sempre reflexões: “como gosta de pimentas! não lhes farão mal?”. Prefiro fructas aos doces. “porque gosta mais de fructas?” Nas ruas olham-me como um animal raro. Tenho a sensação de estar sempre preso num aro de olhos. E a vida é para mim infinitamente triste porque não tenho a liberdade de fazer o que eu quero, porque estou sempre amarrado ao terror da opinião publica.

Então, um dos amigos do homem mais ou menos notavel atirou fôra o cigarro, e exclamou:

— Não tens razão de queixas.

— Porque?

¹⁹ Também publicado no volume *Vida Vertiginosa*.

— Porque és apenas uma victima um pouco mais victima de um mal da época. A curiosidade é tão excessiva que perdeu o pudor. A vertigem da vida é tão intensa que não póde mais separar a vida publica da vida particular. Antigamente havia o recesso do lar. O homem retirava-se para a sua casa e contra a má lingua, a bisbilhotice malsã protegia-o o muro da vida privada. Hoje, a necessidade urgente é pular esse muro importante, é espiar o que se passa do lado de dentro. E não ha quem ponha os intrusos para o lado de fóra do muro porque estamos sempre a trepar nos muros vizinhos. Um mal particular e geral. Como mal particular, cada um o tem mais ou menos forte e mais ou menos o soffre conforme o ambiente. Conhece-se um homem, que é admiravel pelas suas obras. Imediatamente recebemos informações quasi sempre não verdadeiras sobre sua vida intima. Fulano? Vae semanalmente de carro a casa de uma cocotte. Cicrano? É um digno homem publico? Pois ha dous mezes não paga ao jardineiro e aos domingos como uma vez só por economia. Beltrano? Mas Beltrano, que na vida publica é um benfeitor não passa de um tratante, filho de mãe incognita. Um tal? Um tal, coitado! tem a esposa, a linda esposa... Não ha de quem não se fale mal. Outr'ora era preciso uma certa importancia para ter disso. Hoje, qualquer mortal. Nesta capital do mexerico e da calumnia perdeu o seu prestigio porque uns e outros não fazem o dia inteiro senão estraçalhar a vida intima do proximo e levar encarapitados sobre o muro da vida privada a gritar com esaggero o que lá se passa.

— Nem todos gritam.

— Todos.

— E os amigos?

— Os amigos intimos são os peores, porque inteiramente de dentro, sem precisar saltar o muro, inventam com mais foros de verdade e maior credulidade do publico. E quem hoje tem amigos intimos? Hoje, ha apenas camaradas ligados pelo interesse, as conveniencias occasionais. Veja os homens. Á primeira desintelligencia, ao primeiro amuo do que explora menos e levanta a cerviz, immediatamente se tratam de bandalhos e ladravazes.

A sympathia moderna é leve e impalpavel. Não assenta, não se solidifica. O muro da vida privada começou a perder o prestigio graças a ella.

— Pessimista!

— Oh! não. Analyso apenas e com um certo carinho. Falaria uma hora a citar essas amizades que se rompem com escandalo, entre politicos, entre jornalistas, entre homens de posições muito diversas — “Oh! meu caro” equivale sempre a um interesse.

— Você inventa o thermometro das phrases.

— Nesta época de arrivismo desenfreado, de egoísmo feroz tem de ser assim. Houve um homem ultimamente que quiz inventar a expressão exacta das sensações. As palavras não davam bem as nuances e o homem recorreu ás mathematicas, aos numeros.

Assim, tendo de dizer que o sol tinha um calor um pouco demasiado o homem diria: o sol tinha um calor mais — do commum. Era um phantasista. Entretanto podemos estudar o valor das amabilidades pelas cifras, a inflexão pelo interesse qualquer que seja o interesse. O caso aliás já está no *Roi* de Caillavet e Flers, na scena da recepção...

— Você é desolador.

— Em glorificar o interesse e o senso pratico da vida?

— Sim, porque ha cousas que ninguem diz, apesar de todos pensarem de accôrdo.

— E nós pensamos de accordo, tacitamente achamos horrivel o esboroamento do muro da vida privada, mas consentimos que delle em breve nada mais exista. Porque temos o appetite do escandalo, temos a raiva da detruição e o civilizado faz carnificinas moraes apenas. Si todos prestam attenção malevola á vida dos outros — como uma resultante desse accentuado de bisbilhotices perversas, como expoente moral dessa derrocada do velho symbolo que separava o homem publico do homem privado surge a exasperante furia de informação, a fome feroz do noticiario, a irresponsabilidade da calumnia lida com um prazer satanico. Não acredite você que só o homem de notoriedade soffre taes cousas. Soffre talvez mais porque subiu e tem maior sensibilidade. Mas de facto todos soffrem. Espiam as repartições publicas, espiam os quartos, as salas, logares secretos, espiam as bodegas, as casas modestas, os anonymos. A uma simples palavra os jornaes fazem juizos integraes. Contam se adulterios com os nomes por extenso das tres victimas, contam-se defloramentos com as notas do exame medico-legal por extenso. Homens mediocres veem impressa a historia da sua familia, quasi sempre mentirosa. Casos de honra não os ha mais porque a publicidade nulifica a honra em theatralidade, espiano os bastidores da scena. Como o homem é um animal com dois sentimentos fundamentaes: o amor do lucro e ao amor do goso, as baixezas do dinheiro e os desvarios da carne são o escandalo permanente aqui, como em toda a parte. Derrubado o muro da vida privada, ha um sentimento de insegurança moral generalizado. Faz-se de tudo ás claras mesmo quando não se quer. E quando não se faça, a imaginação intervenha como inventava contra Catão o antigo, que em Roma teve a tollice inutil de transformar o muro da vida privada numa casa de vidro.

— Encaras com má vontade o problema.

— Com a má vontade secreta de todos nós. Derrubado o muro, não se respeita nem a morte. O sujeito depois de morto tem retrato, tem

noticiario e tem calumnias e serve para calumniar aos outros. O menos que delle se diz é que morreu por imprudencia, pela sua vida má; o mais que se diz é que o pobre falleceu por causa dos medicos ou da incuria dos enfermeiros.

— Já via a vida assim o *Misanthropo* de Molière.

— E a vida, apesar disso está cada vez melhor. O cavalheiro pessimista que falava tanto irritou-se.

— Mas de certo. Secretamente, somos contra o esboroamento do muro, quando é para o mal, mas ficamos contentissimos quando satisfaz o nosso desesperado exhibicionismo, porque sem o muro os annonyms têm retrato, jornaes, os mediocres se affirmam pela insistencia do nome impresso, as vaidades se aguçam pela publicidade. Você mesmo, tal o estado da nossa moral, si fosse Corneille.

— Não sou Corneille.

— Ou Lavoisier.

— Não sou Lavoisier.

— Não responderia ao reporter.

— Perdão. Nos tempos desses cavalheiros eram as proprias figuras de realce que aboliam o muro compondo auto-retratos.

— Aboliam depois de arranjar a vida como os salões para os grandes bailes. Mas não me interrompá. Você mesmo fez um ar de victima depois de responder ao reporter. Entretanto, si não houvesse reporters e photographos você estaria furioso agora.

— Maldizente!

— Verdadeiro.

O automovel parára á porta do hotel. Saltamos. O gerente, sem ter sido advertido, agiu com indifferença.

Não havia ninguém á espera do homem mais ou menos notavel. Senti que o homem procurava com os olhos alguma cousa. Subimos num ascensor ao terceiro andar. O semblante da creatura annuviara-se de repente. Fazia um grande esforço para sorrir e mostrar-se alegre. O gerente tratava-nos como toda gente.

— Que tem?

— Nada.

— Alguma dôr. Saudades?

— Não, nada.

Ficou num quarto enorme e mal mobiliado, sentou-se a beira da cama.

— Que hoteis os nossos! que horror!

Os quatro, meditativamente, exclamamos:

— Que miséria!

A tristeza envolvia-nos. Nisso bateram á porta. O homem mais ou menos notavel virou a cabeça ancioso, gritou soffrego:

— Entre!

A porta abriu-se, appareceu um menino armado de lapis e tiras de papel, nervoso por apparecer não á porta só mas tambem ao mundo.

— V.exa. dá licença? É o illustre escriptor? Venho em nome de meu jornal cumprimentar v.exa. e pedir algumas notas...

O gerente voltara-se rubro, com um olhar de quem pede perdão. O homem mais ou menos notavel, de novo radiante, ergueu-se, estendeu a mão:

— Muito obrigado, meu caro amigo, o que quizer...

Então o nosso pessimista berrou com escandalo geral:

— Que dizia eu, meus senhores, que dizia eu? Não é o que eu dizia?

O homem sorriu para nós, como a confessar-se:

— Sim! Sim! Tem razão. Somos todos assim! Derrubar o muro da vida privada é horrivel quando é para mal. Mas hoje, com a nossa vida vertiginosa, com a nossa ancia de sól e de liberdade, de exhibicionismo, de vaidade, do que quizeres, quando por alguns segundos o tal muro sentimos, é como si sentissemos a asphixia, o vasio, a rarefacção da vida. Não somos mais nada...O muro está felizmente acabado. Graças! Porque só a sua illusão por segundos entenebrece a alma!

E acompanhado do gerente amabilissimo o homem mais ou menos notavel levou pelo braço o reporter, a picareta symbolo, destruidor do velho e arrazado symbolo do muro da vida privada.

O INSTANTE

O Reporter

O reporter não dorme ha quinze dias. O reporter anda sem poder entrar em casa, atrás dos ministros que não saem. Diariamente, mal o sol raia no horizonte, correm boatos de demissões.

— O da fazenda?

— E o do Interior!

— Só?

— E o da Guerra!...

O reporter corre exausto, toma automoveis, tóca o telephone. Pediria mesmo demissão o ministerio inteiro? Em cada esquina, encontra um boato mais extravagante, e por isso mesmo, nos tempos que correm, com mais visos de possibilidade.

— Que me diz?

— Palavras textuaes do Hermes!

— Mas o texto do Hermes é como o da Biblia. Varia segundo o traductor do dia.

— Brinca, brinca e depois levas o “furo”.

A politica do reporter é não perder o emprego. O reporter é exactamente como qualquer empregado da politica. Inclusive os deputados. Não pode ser furado e perder o emprego. E vai dahi, o reporter corre, vôa, interroga, acompanha o Azeredo, faz plantão em frente à casa do Rivadavia, o sempre bello Sr. Rivadavia; dialoga com as criadas mineiras do airoso Chico Sales, o largo estadista altivo, agita-se entre as casas dos ministros — menos a do Dr. Pedrinho Toledo, que o mundo inteiro sabe inabalavel no desejo de ficar.

Não só. O pobre reporter tem ainda trabalho maior: o de estar ao lado do marechal presidente. Ora, o marechal ficará na história como o presidente das cem casas. Quando o reporter pensa que S.Ex. está no Guanabara; quando chega ao Guanabara, o S.Ex. despacha no Cattete, S.Ex. faz a sesta na residência particular.

— Caramba! Grita o reporter, ao fim da noite, colligindo as notas. Se isso continua, eu morro...

Apenas o fino reporter carioca está virando phóca. Eu se fosse reporter eu passaria o dia dormindo e redigiria a noite a seguinte nota: “Hontem todos os ministros pediram demissão. O Sr. Presidente não concedeu a nenhum — apellando para a lealdade, o patriotismo e affeição pessoal de cada um”.

E dava certo. É isso em resumo o que nos dizem os reporteres depois de dias do terrivel trabalho, porque a situação é dos saem todos mas não sae ninguem.

Joe

Geração de Jornalistas

Ora, aconteceu que outro dia calhasse estarmos a vêr um grande jornal de ha vinte e cinco annos. O director jornalista, que commigo passava os olhos sobre a collecção, sorria. Eu sentia um incrível vasto, e accudiam-me á mente todas as tradições veneráveis do jornal.

— E era este o bom tempo!

— Quando muito, duas páginas de redacção e as chronicas com “continuas”...

Fechamos o livro desilludidos. Tinhamos verificado a absoluta insignificancia do jornalismo no tempo dos grandes jornalistas e dos incorrigiveis poetas bohemios. Esse genero de verificações é sempre aborrecido, tanto mais que depois de ter a certeza da vagabundagem dos predecessores, depara uma pessoa com o mais delirante dos trabalhos a dizer-lhe:

— Multiplica-te, ou deixa-te esmagar!

Ao voltar de vêr os velhos jornaes, vi, sobre a mesa, os novos, os do dia. Era, em cada um, maior o desejo de chamar o leitor; era, em cada página, um trabalho desabrido para fazer o novo, o sensacional, e era, principalmente, o jornal escripto, todo elle “feito” da primeira columna á ultima, pela vontade intelligente e cohesa de um grupo. Eu cahi numa cadeira, com saudade do tempo em que não existia, apavorado deante do renovado e diario problema:

— Que faremos de novo amanhã?

Sim! Andamos a falar, a cada passo, do progresso, do nosso adeantamento em varias coisas, e esquecemos, com lamentavel descaso, a obra colossal do jornalismo, a sua directa acção na transformação material da cidade, na mudança dos usos, dos costumes, a verdadeira obra da civilização que a sua constancia realizou e, principalmente, o exemplo estupendo da sua propria metamorphose.

O publico, relativamente, não lê; o nosso meio não deixa de ser hostil. Como explicar essa estupenda vibração de vida, de modernismo, de nervos e de idéas que faz dos jornaes do Rio, actualmente, os únicos jornaes parisienses que se publicam fôra de Paris? Como accentuar sua adaptação

de raio que colloca o periodismo carioca acima de vários paizes latinos da Europa, e, positivamente, unica na America do Sul?

Apenas é possível explicar tão forte obra por um milagre de energia moça. Tudo vem dessa leva de novos jornalistas que tiveram a dita de encontrar a mocidade espiritual de trez ou quatro directores de jornal. Os principaes redactores dos jornaes cariocas não têm mais de trinta annos. E ha muitos de 20 annos, que sem tenções de serem poetas, surgem no jornal maravilhosamente aparelhados de noções practicas e do “sentido de novidade”, que é na profissão o mais necessário dos sentidos.

Ainda agora, o grande successo politico-jornalístico é a primeira columna da “Noticia”, onde brilhava o espirito incomparavel de Medeiros e Albuquerque no diario comentario á vida politica.

Tendo Medeiros partido, indagavam todos:

— Quem poderá substituil-o?

Parecia impossivel. E, uma bella tarde, com um grande vinco de modernismo e uma larga visão global do momento politico, appareceu nessa mesma columna, em artigo sem assinatura, que exigia e impunha attenção. Desde esse dia, a columna continuou a vibrar de independencia, de ironia, de verdade impiedosa, e o publico a indagar e a dar a auctoria de taes artigos a vários “gros homets” da politica, que, mesmo muitos despeitados, seriam incapazes de escrever aquellas linhas ardentes e vivas. Os artigos são simplesmente de Oliveira Gomes, que foi, com o seu livro “Terra Dolorosa”, um dos chefes do symbolismo literario, que se fez chronista de jornal com uma elegancia pouco commum, que dirigiu a “Noticia” com o sentido de novidade durante annos, e que, finalmente, se faz, na época do fallecimento do artigo de fundo, o seu vigoroso ressucitador, dando-lhe um sabor inteiramente novo. E, modesto, simples, trabalhando a sorrir, desfazendo a vida na obra de Sysipho do artigo diario, artigo que é feito por elle, a pedra das fulgurações a rolar o despenhadeiro da nossa politica.

— Oliveira Gomes? Mas, só elle? — indagava-me um incredulo.

E isso diz o valor de seu labor luminoso.

Assim como Oliveira Gomes, na “Noticia”, quantos ha que surgem e que se impõem immediatamente? Um movimento jornalístico de menos anno veiu pôr em foco o valor de varios jovens: a sahida de treze rapazes da “Gazeta” para fundar a “Noite”. A “Noite”, sob a direcção do admiravel Irineu Marinho, admiravel pelo tino jornalístico e pela alma impolluta, foi de um exito instantaneo. Estavam e estão nella Victorino de Oliveira, o principe dos reporters Castellar de Carvalho, João Brandão, uma das mais completas organizações jornalísticas da geração moderna, quantos! Mas, no momento em que se pensava a “Gazeta” incapaz de apagar a falta tão grande, a “Gazeta” mostra uma brilhante continuidade de interesse, uma vida imprevista e intensa com jornalistas como Carlindo Lellis, o perfeito

poeta, e o rutilante prosador como Abadie de Faria Rosa, que, apenas, sahido da Faculdade de São Paulo, dá-nos uma série de artigos cheios de novidade e de brilho, como Nogueira da Silva, Sebastião Sampaio, Zadir Indio, e principalmente como Baptista Junior, escriptor feito aos vinte e quatro annos, “conteur” impressionante, chronista dos primeiros sinão o primeiro da nova geração, acutilante “interviewer” politico, ironia chispante que a Academia receberá um dia.

Esse movimento não é apenas de trez jornaes. É geral. Quem dirige o formidavel “Jornal do Commercio”? Felix Pacheco, com trinta annos deputado pela segunda vez, poeta glorioso, articulista incisivo e também com a cabeça quasi branca... E no “Jornal”, os que dão o impeto novo? Humbero Gotuzzo, physionomista tirado a Watteau, com a ellegancia de Marivaux e a ironia de Rivarol, Victor Vianna com seu colossal aparelhamento jornalista, o homem que sabe tudo e mais alguma coisa, Joaquim Eulalio, uma das sensibilidades mais finas e um dos talentos mais perceptíveis da geração. E assim nos outros. Na “Folha do Dia”, Heitor Modesto, no “Diario de Noticias”, Baptista Ferreira ; na “Tribuna”, Manuel Duarte; na “Gazeta da Tarde”, Alvaro Paese Marques Pinheiro, na “Imprensa”, Bueno Monteiro e Alvaro Guanabara; no “Paiz”, Belisario Junior, e quantos outros dão a physionomia permamente do jornalismo actual:

— Quem é aquelle jovem moreno, bonito e talvez um tanto gordo?

— É o Heitor Modesto.

Apenas ninguem dirá que elle faz, na “Folha do Dia”, às vezes, desde a primeira até a ultima columna.

— E aquelle que parece sempre aborrecido?

— Belisario Junior.

E não se explica enfarada “nonchalance” encobre nervos, trabalho e vibração de idéas.

— E aquelle nervoso que parece não escutar?

— É Lindolpho Azevedo.

E não se comprehende o intenso e brilhante e diario trabalho daquelle feixe de nervos.

E o mesmo se dirá de Costa Rego, no “Correio da Manhã”, com a responsabilidade das notas politicas, nas suas mãos modelos de perversidade mortal, e com uma chronica feita de azougue e vermelho de Sienna, onde a sua alma impetuosa faz o julgamento instantaneo.

Certo, os jornaes cariocas têm directores, proprietarios, redactores-chefes. Certo cada um delles poderia fazer o grande trabalho. Citar Manoel da Rocha é citar o mais completo e mais perfeito dos jornalistas donos de jornal. Citar João Lage, é mostrar uma dessas atiladas e perceptivas intelligencias com um poder de ataque ironico violento. Notar Carlos

Rodrigues é fazer recordar o muito que já se tem dito d'elle. Mas para mim, o grande valor desses redactores proprietarios de jornal foi saber vêr a mocidade e dar-lhe toda a importancia e toda a liberdade — para que Ella fizesse o que faz: — o actual jornalismo carioca, o mais elegante da America, um dos primeiros do mundo.

João do Rio
(Da Academia Brasileira)

O INSTANTE

Espectadores

Não tenhamos duvida. É curioso, mas é verdade. Neste grave momento que o paiz atravessa a maioria da imprensa em geral tomou o papel de espectadores. Nós assistimos a farça tragica.

Desde o inicio do governo do Sr. Hermes que veiu a taxa do progresso, com um augmento colossal de despesas, os jornaes fazem o que os noticiaristas de antanho faziam dos espectaculos, contam o enredo da peça, sem opiniões, senão leves e ironicas.

Dá-se a tragédia de Pernambuco. Retratos, photographias e commentarios de espectador. Dá-se o caso das Alagoas, o do Piauhy, o da Bahia, o de varios outros Estados.

Salvo duas ou tres folhas interessadas, o processo é o mesmo: retrato, photographia e noticia desenvolvida. Não se pode dizer que o publico não está informado.

Os jornalistas não se mettem no barulho, nem quando começa a era dos empastellamentos dos jornaes! ouvi eu hontem um cavalheiro.

Esse cavalheiro e os outros esquecem positivamente que não ha organismo capaz de reflectir o ambiente, como o jornal. A imprensa está assim porque o nosso povo está assim. Desde que o paiz senta, sorri, acredita a politica um café cantante, e ri, esperando pelos desfechos de varias peças, (porque nós assistimos a um cyclo dramatico, escripto pelo Fonseca Moreira e representado por um deplorável “mambembe”) a imprensa não póde fazer outra cousa senão reclamar os artistas, publicar-lhes os retratos, dar-lhes as opiniões, expôr todas as versões e ficar vendo em que param as modas.

Somos todos espectadores. O publico não toma a serio a gravidade da situação. O seu melhor reflexo reflecte esse estado d'alma.

Mas eu sempre desejaria ver até onde levamos esta elegancia de “snobs”, num ensaio geral da roça.

Paulo José

O INSTANTE

Um uso...

O jornalismo carioca tem alguns processos que a tradição tornou hábitos respeitáveis, realmente curiosos. Um delles é o qualificativo que precede o nome do cavalheiro a que o jornalista se refere. Desde o artigo de fundo até a última pagina de redacção, o qualificativo antes do nome é fatal. Parece haver uma lei para isso:

— Não ha nome de pessoa sem qualificativo.

Apenas dá-se o caso do que na maioria das vezes, quando esses qualificativos não parecem ironia, são inteiramente inúteis, e por consequencia quasi insolentes. Assim, por exemplo, um articulista pèga da penna e tem de referir-se ao presidente da Republica, ou a qualquer ministro. Escreve: “o honrado Sr. Fulano”. É inutil. Não se comprehende que o cidadão sendo presidente ou ministro não seja honrado. Qualificar assim é querer accentuar uma qualidade que não é commum nos presidentes ou nos ministros. Ha tambem “digno”, “preclaro”, que estão nas mesmas condições, como os ha de ironia irreflectida “illustre”, “eminente”.

Quem quizer admirar um paiz abundante e, homens “illustres” e “eminentes”, basta abrir um jornal. O qualificativo perdeu inteiramente a significação propria. São todos illustres, eminentes.

— O illustre senador Machado...

— O eminente general Sotero...

É de facto pilheria. Mas o abuso dos qualificativos fez-me lembrar um secretario de redacção indignado com um cumprimento de anniversario:

— Faz annos hoje D. Fulana, virtuosa esposa do Sr. Cicrano! Virtuosa! Como se fosse uma qualidade a pôr em relevo, o que é o dever de todas as esposas! Córte esse virtuosa em nome do respeito que nos merece tal senhora.

E de facto, tinha razão. Esse secretario havia, porém, de ficar atrapalhado vendo que os qualificativos que servem para homens como Pitt, como Gladstone antecedem sempre os nomes do general José Gomes, do Sr. Toledo e de outros fulminantes estadistas nossos.

Paulo José.

A REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro, abril de 1913.

**A MINHA PRIMEIRA ENTREVISTA
E O MEU PRIMEIRO PEDIDO...**
(simples nota íntima sem intimidade alguma)

Então, o meu coração começou a bater demais. O velho carro rangia na aspereza da areia, vagorosamente arrastado pela magreza melancólica dos cavallos veranistas. Em baixo corria fio d'água barrenta e da ribanceira exaggerada dessa desprezenciosa e pequena corrente, arvores empoeiradas esparramavam ramos, aqui e alli, dominando os montes de terra. Um integral silencio parecia desdobrar-se na luz do sol. Estavamos na Westphalia.

O carro parou. Parou sossegadamente. Depois o cocheiro, esperando em vão que eu descesse, voltou-se:

— É aqui.

Era alli. Era a primeira porta a que minha mocidade ia bater. Tumultuariamente mil pensamentos escachoavam-me no cerebro. E não sabia bem por que subira, porque estava diante da casa notavel. Atirara-me á vida, com uma vontade frenética. Os jornaes, fechados ás minhas revoluções literárias, de adolescente, tinham cedido de subito á pressão de um homem intelligente. Entrara para o jornal considerado incapaz de agir e quisera logo, escudada a minha timidez na representação da folha, ver os deputados, ver os politicos, ver os diplomatas.

Não comprehendia bem a principio e affirmava.

O jornal dava-me a impressão do turbilhão, onde fôsse preciso bracejar incessantemente. E eu via a inveja forgicando a calúnia sordida, sentia a peçonha dos literatos e masculados, a ignorancia recalcitrante dos politicos, a trama da ambição e do negocio. Teria de viver toda a vida assim; resistiria, naufragaria? E eu que sonhava escrever livros importantes!

Então nesse estado de medo, diante do soffrimento que a vida proporciona ao mais feliz, quiz recuar, pensei em profissões tranquillias, um momento chegou a passar-me pela mente a possibilidade de vir a ser empregado publico. E estava assim, quando um dia Mario Cattaruzza, um dos talentos mais estranhos que têm apparecido no Brasil, ergueu a sua voz estentorica.

— Por que não és diplomata?

Generoso e bom, Mário, ás quatro ou cinco chronicas escritas por mim, estabelecera um escandaloso reclamo. Com seis meses de jornal, o unico amigo de jornal era elle. Andavamos sempre os três: elle, Carlos Silva, amizade de rapaz, e eu. As suas palavras fôram uma subita revelação.

Lembrei o remodelamento do Corpo Diplomático, os meninos que o Grande Homem civilizava, creando a nova geração sob a sua alta influencia. Quantos companheiros de exames se tinham feito secretarios de legação! Surgiam-me scenas fugitivas, anedoctas. O Francisco Pimentel, tão distincto e ellegante, visitara uma vez apenas o Cancellor e fôra no dia seguinte despachado para Londres. Carlos Silva, approximado por Cattaruzza da personalidade de Enéas Martins, seguira para a Colombia. Se eu fosse para a Colombia também?

Então, á porta da Gazeta, encontrei Domicio da Gama. Domicio da Gama fôra discipulo de meu Pae, quando estudava para engenheiro. De uma intelligencia penetrante e cauta, de uma polidez perfeita, eu o sentia dessa fornada de homens cujo poder mental se allia á habilidade de não querer contrariar o semelhante, de crear sympathias. Da Academia celebre literariamente, tratava-me accentuando bastante o ar confrade — o que collocava a minha occulta timidez a uma incommensuravel distancia.

Disse-lhe de um folego o meu desejo. Faltava-me a justeza da expressão. Sentia-me ridiculo. Não chegava a pedir e queria como uma creança. Domicio foi perfeito.

— Sim, realmente, para a literatura, a vida de jornal... Devo dizer-lhe que é, entretanto, um pouco difficil. Em todo caso... tem alguém que se interessa pêlo seu nome?

— Terei o senhor...

— Nada vale.

— Mas é impossivel então?

— Quem sabe? Em todo caso posso apresentá-lo ao Barão...

— Quando?

— Quando? Amanhã, se quizer... Subo agora para Petropolis; appareça amanhã, ás duas da tarde; farei o possivel para que o nosso Ministro o veja.

Não dormi. Via-me em presença do homem formidavel, acolhido por elle. Via-me em viagem. Via-me em Paris, de casaca. Quem não se imagina uma vez em Paris, de casaca? Ergui-me ás cinco da manhã, fui na barca das seis no tempo remoto em que havia barcas até Mauá; e crispado, nervoso, com um terrível nó na gararanta, fizera o carro rodar até aquella hora pêlas alamedas da cidade, que toda a gente acha interessante.

— Voltamos? indagou o cocheiro.

— Não, eu salto.

Saltei. Estaquei no portão entreabero. Bati palmas. Havia no lado esquerdo do jardim uma espécie de barracão. Do lado direito baixo, com um ar de construcção alemã em Santa Catarina, a velha casa do Chancellor debruçava uma velha varanda para os canteiros pouco tratados.

Bati de novo. De repente o ar escureceu e uma lufada de vento passou. Era o annuncio da chuva fatal que incessantemente cae todas as tardes sôbre Petropolis. Então, arrisquei-me pêlo jardim, cheguei á varanda e ia bater, mas vi-me no vidro da porta. Concertei a gravata, mirei-me. Que impressão causaria?

Nesse momento appareceu um creado loiro. Estava de casaca e com o collarinho e a camisa bastante sujos. Olhou-me rispido.

— O Sr. Barão não recebe. Está em conferencia com o Ministro da Italia.

— Entregue meu cartão ao Sr. Domicio.

— Também não recebe.

— Elle marcou-me hora.

Com mau modo, o importante famulo tomou o pedaço de papel onde ia o meu nome de menino, nome ignorado e soffrego e pedinte. Dez longos minutos, os dez primeiros minutos de espera na vida, os terriveis dez minutos. E cada um desses minutos irrevogavelmente arrancava-me uma esperança pueril.

Via bem a ousadia daquella investida sob a complascencia scpetica de Domicio. Que estava alli a fazer? Ia pedir, pedir só — pedir! Um desesperado orgulho quebrava de subito a phantasia pueril. Que era eu, no meio de tudo aquillo, deante daquelle creado sujo e de casaca? Os velhos esquecem sempre os primeiros desgostos, as primeiras dores que a vida lhes proporcionou em rapazes. Se relembassem um segundo sequer, esses instantes seriam muito melhores para os que com vinte annos lhe vão pedir auxilio. E o mundo não seria tão continuamente mau...

Quando o creado voltou, eu era bem outro. Ainda assim, entrei para uma sala, onde Domicio appareceu pouco depois, com aquelle ar suave e espreguiçado superiormente diplomatico. Sentindo a minha emoção, Domicio distrahia-me.

— O Sr. Barão recebêl-o-á logo que termine a conferencia com o Principe de Cariati. Conhece? Homem encantador. O senhor nunca veio cá? Então deixe mostrar-lhe o retrato do Kaiser. Sua Majestade offereceu-o ao Sr. Barão — offerecimento do proprio punho. Em uma honra excepcional.

Esticámo-nos ambos para ver a letra imperial, eu pensando em mim; Domicio com a elegancia de quem já fizera o movimento pêlo menos uma vez por dia.

— O Sr. Barão agora é que está mandando vir os seus móveis, continuou o bondoso amigo. Ha objectos aqui esplendidos. Veja o senhor estas figuras de Tanagra. Sabe que são authenticas. Tanagra era...

— Pensei que Domicio julgava pouco dos meus conhecimentos. Fiz nervoso:

— Eu sei o que é Tanagra.

Como me arrependo dessa phrase! Que importava mostrar a Domicio que eu já vira algumas dessas figuras antes e que já abrira um dictionario encyclopedico?

O creado appareceu á porta. Cariatti saira.

— Um instante, meu amigo, disse o embaixador. Era o grande momento. Escostei-me a um *puff* cheio de musicas da senhorita Hortencia do Rio Branco. A cabeça andou-me á roda. Como outros companheiros de collegio e de *music hall*, eu ia ser julgado, avaliado pêlo Maior Homem do Brasil!

Um resposteiro arrepanhou-se, a figura fina de Domicio surgiu:

— Entre meu amigo.

Avancei. O ouvido direito zunia-me como se tivesse arrebrandando qualquer coisa dentro.

Sentia-me feio, deselegante, desajeitado, antipatico, idiota. Oh! Principalmente idiota! Eu, que me julgava o mais intelligente dos meus collegas de estudo, não diria uma phrase ao Ministro. Curvei-me.

Era elle.

O Homem Extraordinario estava de sapatos pretos, calça de brim branco, collete de brim branco, jaquette de alpaca negra. Tinha a mão direita no bolso da calça. Na cabeça dominadora, os seus dous olhos percorriam-me frios. Estendeu-me a mão.

— Sente-se. O Sr. Domicio falou-me do senhor. Está ha muito tempo em Petropolis?

— Subi hoje, Excellencia.

— Então trabalha em jornal?

— Transitoriamente, Sr. Barão.

— Tambem trabalhei em jornaes. Gosto muito. Os meus primeiros tempos da mocidade passeio-os a escrever nos jornaes.

— Sei que V. Ex. foi um dos nossos mais notaveis jornalistas.

— Simples rabiscador.

— Oh! Não...

Um silencio caiu. Lamentavel scena. Domicio era unico espectador, com sensibilidade bastante para ter pena do pobre principiante. Como sahir dalli? Como chegar ao meu pedido? O proprio Domicio ajudou-me:

— Vae demorar-se cá?

— Eu vim apenas para pedir ao Sr. Barão a sua protecção.

— O Sr. quer entrar para a carreira? É preciso concurso.

— Eu desejaria ir na missão especial do Sr. Enéas.

— É o Sr. Enéas quem escolhe. Parece-me que chega tarde. Acho, entretanto, o concurso indispensavel para a carreira. Quando houver concurso tem a minha melhor vontade.

Ergueu-se. Ergui-me tartamudeando não sei que frases apagadas. Estava julgado — enfastado, polidamente liquidado. E ainda tenho vivo aquelle momento em que Domicio discretamente me consolava falando de concursos e que a cortina se cerrou sôbre o Homem Formidavel, em pé; a mão esquerda no bolso da calça, a direita apertando entre os dedos um cigarro de palha.

Desci desesperado. Á noite, encontrando Henrique Chaves, contei-lhe tudo:

— Mas é uma creançada, menino. Tudo depende de empenhos. Se me tivesse falado, não terias tido esse trabalho. O Domicio, aliás, deve saber que para tal comissão já estão feitas as nomeações. O Barão já os nomeou. E, qualquer cargo que quiseses, has de levar muitas influencias e pedir muito... todos têm empenhos. O Domicio não te quis desilludir...

— Mas é preciso empenho mesmo com o concurso?

— És creança demais!

E deu-me as costas.

Então, eu, que vira o mundo se abrir tão claramente, resolvi não pedir. Era continuar no caminho para onde os deuses me tinham conduzido, e trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Caminhei sem illusões, sem phantasia, amargamente. O transitorio exito deixou-me frio sempre.

Nesse periodo, cada vez que se offerecia occasião, escrevia longos artigos de louvor ao immortal brasileiro. Considerava-o como o Fetiche que me fizera ver a vida e deixar de ser creança.

Oito annos depois, o Presidente da Republica pediu-me um dia que passasse pêlo Itamaraty a ouvir o Barão do Rio Branco sôbre uma questão diplomatica. O Sr. Barão dar-me-ia as notas para o artigo a sair no jornal.

Fui lá á tarde. O illustre brasileiro, a quem foram prevenir dous diplomatas amigos, teve a bondade de receber-me logo. Estava na sua sala de trabalho, fumando incessantemente. Duas horas ouvi-o. Ora de pé, ora descansando o joelho no *puff*, ora sentado, o eminente estadista illuminava-me. Com desvanecimento, S. Ex. falava de sua obra, da sua sempre esplendida personalidade. Que memoria de minucias, que largo vôo intellectual!...

Ao despedir-me, lembrei-me de repente do dia de Petropolis e não me contive que não fizesse o meu agradecimento.

— O Sr. Barão não imagina de certo o grau de veneração em que o tenho. E não imagina porque, além de ser o sentimento de todos os brasileiros pêlo maior dos brasileiros; é principalmente egoismo — porque é gratidão. Cada passò que dou na vida faz-me lembrar que, se ha oito annos a minha creançada lograsse merecer a sua bondade, eu seria mais inutil do que sou...

Essas recordações não interessam ninguém. Nem mesmo a mim. Trago-as a lume, tomando antes da velhice o ar dos velhos escriptores que não têm mais o que fazer, primeiro porque ellas não exprimem nada; condição de boa diplomacia; segundo porque entre os multiplos artigos laudatorios ao Grande Brasileiro, ficará menos desinteressante lembrar o estado d'alma dos meninos de 1902, quando o Barão reformava o Corpo Diplomatico.

Talvez seja futil. Mas esse Homem, como todos os homens notaveis, exerceu uma influencia e uma acção não só de sabedoria na Paz, de Intelligencia Dominadora para o Paiz no continente e mundo, como de Elegancia e Mundanismo em pequenas cousas internas, de gôsto e de civilização. Como dilatou o territorio nacional, trouxe aos receios coloniaes a convicção da honestidade do carro aberto, como fêz a diplomacia nacional moderna, creou os chás da cinco horas e os meninos vestidos em Londres, como lançou o Brasil em Haya, foi quem accentuou a corrente de estrangeirismos de que todos nós soffremos e cujo nome hoje é *snobismo*.

Ninguem ainda o estudou tão complexamente — porque sôbre Rio Branco até agora nós oscillamos entre a panegyria de oratoria e a relação de anedoctas intimas do Coronel Senna. É, pois, perdoavel, que, sem competencia para a panegyria ou para a relação de anedoctas e muito menos para o trabalho complexo que se ha de fazer um dia, peça eu a ajuda do egoismo e narre as impressões de um ingenuo rapaz de 1902, que veio á realidade da vida por ter visto de frente o vulto formidavel de Rio Branco recusando polidamente á sua phantasia o arduo trabalho dos secretarios de legação.

João do Rio

CHRONICA

Os discursos violentos, os deputados de revólver em punho desfraldando palavrões como os vexillos dos ideaes politicos, a crise, a ancia de dinheiro, sob uma avalanche de nickeis e de pratas novas, a extravagância da moda, a incontinencia dos costumes, o desvairamento das opiniões e a série dos desastres, catastrophes, das mortes... Nestas manhãs claras, cheias de uma luz suave, os jornaes devem dar ao simples leitor uma asphyxiante impressão. Se de facto houvesse na cidade um homem neurasthenico, o homem irresistente já teria fugido.

— O jornal é o reflexo da vida! Mas se o jornal é isso, a vida que os poetas cantam, a vida deliciosa é o immenso horror. Só ha coleras, so ha desillusões, só ha ingratidões, só ha odios e só ha miserias.

O amor é a mentira, a amizade interesse, a intelligencia vil objecto de mercancia, e todos esses sentimentos mascarados — os inevitaveis instrumentos de defesa contra a calamidade da existencia.

E o homem irresistente, sem as impertinentes reflexões do *Mysantrope*, sem as coleras epicas de Timão, na tragedia de Shakespeare, depois de fugir, talvez pensasse em nunca mais ler jornaes...

Eu, entretanto, se o encontrasse a esse homem, como se fosse possivel ainda encontrar Alceste, o celebrado milionário perdulario de Athenas — eu lhe diria:

— Ide para o seio das florestas lutar com a hostilidade da natureza em vez de defender-vos das miserias dos homens, recolhei-vos, se quizerdes, ao deserto para fugir do ladear das ingratidões e dos horrores varios da vida vivida. Mas levae convosco os jornaes, levae-os como consolo, levae-os como lição, levae-os para meditar e reconciliar-vos com os homens desgraçados e mortaes!



Porque eu leio os jornaes e só nelles aprendi a meditar na vida e a perdoar e a amar os homens. Porque os jornaes conseguem dar-me a impressão global da alma das cidades. Porque os jornaes são a democratisação do cerebro e do coração, numa epoca de bancarrota de ideias e do fechamento alarmante das cotações affectivas. Porque eu sou um

sentimental, e para que os sentimentaes ainda desconfiem de que ha almas, preciso se faz ler os jornaes. Porque, aos caçadores avidos da flôr cara do amor só os jornaes podem dar o prazer de saber da existênciã d'essa flor.

Certo ha nos jornaes, dias e dias, miserias apenas. Pretenções, desconhecimento dos valores mentaes, a feira das vaidades na lanterna magica dos horrores. Mas o primeiro consolo é ver que no desesperado egoismo da existencia — o jornal falla de todos, do ministro, grande estadista emquanto estiver na pasta, e do miseravel que quebrou a perna do famigerado gatuno e do anonymo que passa. Depois, para os que sabem ler jornaes a buscar meios de não morrer com medo à vida, não está a descoberta na leitura dos discursos da Politica varia, nos artigos solemnes, nos entrelinhados de sentido duplo, nas reportagens chamadas sensacionalistas pela sua normalidade banal. Para os que sabem ler os jornaes a flor de maravilha e de consolo está quasi sempre na pequena noticia perdida, numa phrase reproduzida pelo “reporter” sem sentir. De repente, quando menos esperamos, quando já nos sentimos desesperados no vazio mortal d'essa immensa campanha pneumatica do Não-Sentir que é a Civilisação — ella refulge como uma estrella. E o sentimental sente toda a alma em luz e freme, e alegra-se e resigna-se a continuar, a seguir, a sofrer. Talvez na vida ainda encontre o amor, talvez no desesperado egoismo, na furia do “depois de mim” seja possivel sentir de perto a dedicaçã e a affeicã...



Assim nessa ultima quinzena, curvado ao peso de regougos sem grammatica da incontinencia parlamentar, tremendo do amor mysterioso do allucinante noticiario — encontrei numa pagina de jornal uma pequena informaçã perdida fulgindo — pharol na noite procellosa do monstruoso refletor da vida .

Que era? Uma banalidade, um suicidio. Quanta gente se suicida nas grandes cidades! O suicidio é uma endemia da Civilisação como a tuberculose. Mas o suicida ainda estava moço. Vinte e dous annos simples e humildes. Tãõ humildes que eu mesmo que guardo na memoria o nome de infinitos cretinos politicos, autores de diversos males da patria, de assassinos terriveis, de pseudo poetas e homens de lettras mais cretinos que os politicos e mais perniciosos que os assassinos — eu esqueci o seu pobre nome obscuro e para sempre perdido. Apenas na banalidade do suicidio, o rapaz deixou uma carta que era o seu coração. Porque deixou elle de viver? Porque? Porque cuidara da mãe doente, vira-a morrer, enterrara-a, e sentira apõs uma saude tãõ funda, tãõ grande que se matava por não poder viver sem sua mãesinha...

Ha banqueiros que arrebentam os miolos, amorosos que se esfaqueiam na serie imensa dos suicidas. Vemos apenas egoismo mesmo nesses, mesmo nos que com horror à molestia incuravel que se matam porque sabem contados os dias. Na atroz seccura da vida, os filhos cada vez em maior quantidade levam com leveza d'alma ao cemiterio os paes; e desde a comedia grega esses filhos esperam a morte dos progenitores como quem espera a herança. O proprio symbolo da corrida do facho na sua seccura tragica resume a energia inclemente da vida: recebe o facho e corre a dal-o a outro, sem te importares como que fica atraz! Esse pobresinho recebeu a luz e ficou embevecido deante de quem a dera, e não comprehendeu no seu amor que devia seguir e deixal-a. Mas a vida corre. Afastado para sempre de seu Deus, com o facho na mão mas com o coração muito palpitante de paixão para poder correr e entregar a carga ao futuro — rodou attonito no mundo ermo do carinho materno, e juntando as energias só teve um gesto — para soprar a chammada vida, que o fazia chorar...

Para o pragmatismo da vida como esse sem energia é destoante e comico! Para os scpeticos, que pobre rapaz! Mas para as mulheres, resignadas portadoras da doçura e do amor, para as feridas da maternidade, com a dôr secreta de ver cada dia mais afastado da sua carne os filhos mesmo bons — que maravilhoso conto de azul, que mentira deliciosa, que legenda de santos! e para as velhas que contam fantazias à segunda geração, com os filhos já tão longe, que meditação de lagrimas a historia do filho que morreu de amor por sua mãe!...

E esse conto foi verdade e passou nos jornaes entre as miserias e os horrores.



Por isso leio sempre os jornaes. Por isso eu diria aos que pensam como Timão pensava:

— Leiam os jornaes. É inteiramente inutil encontrar o Sentimento. Cada vez elle dá menos. Mas consola. Consola sempre. E é tão bom — quando ainda se tem coração!

João do Rio
(da Academia Brasileira)

A MARGEM DO DIA

Monsenhor Walfredo Leal (Walfredo e não Walfrido como teimam em escrever-lhe o nome tão respeitavel — ⁽²⁰⁾ — deu hontem o prazer de sua palestra. Monsenhor Walfredo annunciava o poder da Imprensa.

— Nada ha no mundo maior, abaixo de Deus! Ainda agora acabo de verificar a sua suprema força.

— Como?

— V. conhece o edificio da Cadeia Velha?

— Donde a Camara são?

— Exactamente.

— Vai cahir, ameaça ruir...

— Pois é isso. Trata-se de uma grande pilheria dos jornalistas. V. conhece aquellas paredes? Têm mais de metro de espessura. Aquillo é uma fortaleza. Um dia em que não havia sessão, dois jornalistas junto à Camara resolveram intentar a “blague” de que as paredes abriam.

— Mas havia rachas.

— Nenhuma. O engenheiro chamado pelo formidavel (formidavel como todos os rio-grandenses) Soares dos Santos jurou pela sua carta, pelo seu saber, pelas academias no tempo em que academias eram cousas sérias, jurou tres vezes a completa solidez do edificio. Mas os jornalistas faziam a campanha, os deputados já tinham medo de entrar no recinto — e de repente foi preciso arranjar um sitio qualquer para alojar a Camara. Veja V. se amanhã nos jornaes disserem que o Pão d’Assucar é de papelão — o Pão d’Assucar transforma-se em mata-borrão do Oceano...

Depois Monsenhor Walfredo (e não como teimam em escrever nome tão estimado pelo Sr. Simeão Leal) suspirou insinuante:

— Os jornalistas não vêem o Senado...

— Que? monsenhor, tambem a ruir?

— Uma lastima, ao que parece. Porque não insistir na idéa de mudar o Senado para o palacio do Cattete?

— E o marechal?

— Esse vai embora...

Suspirámos todos profundamente.

²⁰ Frase suprimida por estar totalmente ilegivel.

— Mas o Dr. Wenceslão?

— Esse vai para o Guanabara. Até ficava melhor. O Guanabara é uma casa para família numerosa...

Eu falo a vontade a monsenhor Walfredo (e não Walfrido como não o chama o general Pinheiro Machado). O edificio do Senado, tal como o da Camara, ameaça ruir. Porque não o mudava para o Museu Nacional, que nessa epoca de economias, é inteiramente inutil, mesmo fechado?

Resistiremos com essas pilherias que tem alguma força, força menos forte, contudo que a do excelentissimo e illustradissimo Ladisláo Herculano de Freitas, até o dia de todos os santos.

Joe.

JORNAES DE CRIANÇAS

Outro dia — era um dia muito cinza e muito triste — estava eu descançando numa poltrona da sala de um jornal. Como fosse cedo da tarde, a redacção era deserta e eu lia fatigado a fúria informativa dos jornaes quando surgiu à porta um rapazola de treze para quatorze annos. Hesitou um instante enleiado. Depois corando tomou o ar de quem se atira á lucta e veiu a mim:

— O sr. redactor chefe?

— O Sr. redactor chefe não está.

— Mas não é o redactor chefe?

Fixei o pequeno que insistia em tão curiosa pergunta.

— Por isso mesmo, meu amiguinho. Quando um homem é redactor chefe é exactamente para só vir quando quer ao jornal que dirige.

— Eu pensei que o redactor chefe estava sempre.

— Como Deus talvez, em torno e dentro de todas as cousas. Mas a maioria das vezes invisivel, como Deus.

O menino sorriu sem achar graça. Grossas gottas de suor caminhavam-lhe o rosto e seu labio tremia. Voltei da ironia e accudi solícito:

— Mas si é alguma coisa de grave, qualquer pessoa attende.

De novo o menino fez um esforço e tirando debaixo do braço um embrulho, sacou delle uma pequena folha impressa e falou tão espectacularmente firme que sentia a leguas a phrase decorada.

— É que eu venho em nome dos meus collegas offerecer a s.exa. o primeiro numero do nosso modesto jornal pedindo ao mesmo tempo a nota de recebimento.

— Pois deixe o jornal e conte com a noticia e receba os nossos cumprimentos agradecidos.

Elle collocou o jornalzinho na mesa, recuou, fez uma grande mesura e desapareceu. Eu, ou fosse do dia ou fosse do estado de nervos, estava comovidissimo. Aquella criança de collegio, trazendo um jornal era um mundo de cousas melancolicas para mim. As crianças que fazem jornaezinhos. Deuses! Quanta recordação! Aqui no Brasil a mocidade sempre soffreu de uma molestia: a precocidade e principalmente a precocidade artificial. Um petiz ao deixar de engatinhar, começa logo a aprender para ser velho homem de juizo. Dahi na epoca de estudo, a

desproporção do sentimento dando o desespero dos versos e dos jornaezinhos. Os pequenos não tem outro desejo a não ser fingir de homem, fazer constar o seu profundo conhecimento da vida. Os sonhadores são poetas, falando mal da vida com ares de Manfredo. Os praticos redigiam jornaes mimando attitudes dos paes. Da familia ao professor esses traquinas são considerados inteligencias profundas, e talvez não haja ninguem a pensar que essas crianças, com o espirito tendido desproporcionalmente abrem buracos na grande muralha da vida, para imaginar portas abertas; ninguem poderá considerar o quanto esse mentir de que se enfeitavam os *boys collegiaes*, irá fazer soffrer a sua pobre alma em botão, com violencia aberta antes do tempo.

Oh! Eu tambem sentira aquellas estranhas dôres sem dôr que deixam tão fundo sulco tão funda que augmenta à proporção que se caminha na *selva selvaggia*: a dôr de ser criança querendo ser homem. E, em tropel vinham-me à mente as recordações. Em mim, a vaidade fôra tão grande que eu resistira à criação de fazer da redacção de um jornal. No meu collegio havia entretanto um. Chamava-se *O Ensaio*. O mais idiota dos rapazolas collegas fizera-se redactor em chefe. Um outro, não menos parvo, era o secretario. Mais outro que acabou encostado de sacristia e ajudante de missa, thesoureiro. E esse bando de pirralhos que sahira apesar de não ter apprendido portuguez doutrinava, soneteava, contava.

Como as crianças que escrevem parecem velhos conselheiros pastranas! Toda a obra de jornaezinhos de collegio podia ser assignado pelo conselheiro Accacio. A egualdade de enunciar da idéas, as expressões eram absolutamente identicas. Eu, grande jogador de pelota basca, imaginado frontões em cada parede, ria daquelle dogmatismo e de uma feita tambem quiz escrever por despeito. Escrevi. Não podia deixar de ser um exercicio de composição. E eu aos doze annos, achei-me sentado à mesa com a mão na frente, escrevendo a psychologia da mosca. A meu lado dois dictionarios, no chão papel rasgado em torno a algumas moscas naturalmente assustadas com o que poderia resultar da catilinaria. E escrevi solemne entre outras cousas congeneres, como o fecho de ouro do trabalho magistral: — a mosca é o exemplo da volubilidade humana...

Oh! Essa frase! Talvez as moscas m'a tenham perdoado. Eu, porem, quando vi impressa negrejando logo acima do meu nome, senti uma tal dose de ridiculo, que passei o dia inteiro a architectar a maneira airosa de escapar à responsabilidade della. E no outro dia, quando um dos literatos escolares chasqueou:

— Então, p̃ilotari, a mosca....

Eu tive um lampejo:

— Mordeu-te? Pois não era contigo. Aquillo é uma pilheria com o redactor-chefe.

— Em chefe — que é mais classico.

— Isso.

E hoje, que a tal phrase ainda me agonia, dando-me a dôr sem dôr do reconhecimento da propria tolice é que vejo claro. Tudo se encadeia nesse movimento artificial e desastrado. Os pequenos faziam-se conselheiros mas só a organização desse Horror que se chama o jornal dava entre as calças curtas, a parodia da vida de egoismo canalha dos homens feitos : a estupidez do redactor em chefe, cavallando nos outros, os corrilhos, as intrigas, as pilherias crueis, a vaidade envenenando a alma, e até, Deus da misericordia! o desfalque dos agenciadores de assignaturas...

Os precoces! Quantos vieram à tona? Nenhum, absolutamente nenhum. Dos taes redactores, um encontrei-o ha dias, enfardelado numa roupa suja, porteiro, da caixa de um theatro. Quando entrei, ergueu-se e disse: — sr. doutor!

E esse encontro de romance-folhetim sensacional, deu-me a noite inteira estragada.

Por isso, por todas as cousas que depois de homem observei, uma grande penna e una atroz melancolia enchem-me a alma, quando encontro um jornal de crianças. Encontro, leio, enchem-me os olhos d'agua e guardo para comparar depois. São todos eguaes. Podiam ser assignados pelo conselheiro Accacio; são assignados por meninos que ainda não tem quinze annos! Ha certo, de vez em quando, talento. Mas para que fingir de homem antes de o ser? Essa mesma folha, que eu tinha entre os dedos, era de uma grande innocencia de parodia. Ninguem rirá della. Os homens melhores sorrirão apenas com esse sorriso cheio de tristeza, que é a expressão de uma série de cousas que não se dizem por não valer a pena. Logo no cabeçalho ha a informação de que nós estamos a ler o organ da mocidade util à patria. Ha tambem um artigo de fundo . Lá se diz:

“Não nos avassala a mente a idéa de imaginarios lucros, o que fôra rematada tolice; preencher lacunas sensiveis no nosso meio jornalístico conforme archaica chapa é presumpção que não alimentamos. Introduzir novidades, si isto é possível, no maravilhoso invento de *Gutemberg*, eis cousa que não pretendemos. E em que jamais pensamos. Nas columnas do nosso jornalzinho não se encontrarão noticias sensacionaes, *furos* que revolucionem o mundo politico-social nem tão pouco emitiremos opiniões que exerçam qualquer influxo na massa popular, pois para tanto nos falece a competencia, e além do mais, aprendizes que somos, não podemos doutrinar”.

É tal qual como todos os jornalecos da roça, e até termina com um grito: Avante! classico repetido nos finaes congeneres. Depois um moço assigna uma philosophia sobre o Porvir:

“Conhecer o futuro? Adivinhar? Das duas uma: sou filho do seculo ou a minha mente é acanhada em intelligencia.

Crêde-me leitor amigo, seria para mim um verdadeiro martyrio poder conhecer o futuro.”

É gravissimo como se vê. Depois, outro rapazola informa-nos que tendo tres irmãzinhas no Collegio de Santa Theresa, teve de aprender a historia da Virgem d’Avilla para contal-a uma das irmãs mais curiosas.

Depois ha sonetos, sonetos. Os petizes ainda não estudam algebra e já se atiram contra o soneto. Para finalizar, um mocinho mesmo lamenta o triste fim do Theatro Nacional, pedindo para resuscitarem a infeliz arte dramatica envenenada pelos algozes e enterrada no mesmo tumulo de João Caetano.

A tristeza de ver um menino de collegio a querer resuscitar a arte dramatica! As crianças que fazem jornaezinhos! Deuses!... Como as olho com pena, como sinto a alma apertada de amargura deante dessas parodiuzinhas de gravidade na época que quer o desenvolvimento physico, o suar, a corrida, a cor na face e a despreocupação!

Como me entristece ver um menino de quinze annos em vez de jogar o *foot-ball* ou de patinar, adestrando e flexuando o corpo, que é o estojo da alma para tornal-o forte e formoso, em vez de ser alegre, escrever com a preocupação do publico, já cabotino, já com *poses* fataes, rimas difficulosamente apanhadas sobre a desgraça do amor e as ingratas imaginarias!

É uma impressão de caricatura a impressão que se tem deante dos meninos filhos de militares, fantasiados de coroneis de cavallaria ou de majores de bombeiros aos quatro annos. Diz-se:

— Que gracinha! Como está bonito!

Mas a vontade intima é desenfardar o bebê e espancar a tollice dos paes.

E deante dos jornaes de crianças, abundantes porque cada collegio tem pelo menos um, a mesma covardia nos empolga. Achamos mão, achamos o crime da desproporção, achamos caricatura dolorosa. Mas nenhum de nós tem a força de o dizer, por uma série de motivos dos quaes o primeiro é a timidez de offender a ingenuidade que é o olor da vida. Os pequenos barcos soltam-se nos tanques fingindo de vasos de guerra em mar alto e todos nós dizemos que elles vão para o oceano. É a convenção, é a miseria de ser amavel, que nada adeanta, si é que alguma cousa adeanta nesta vida de trabalho...

Ainda com o jornal na mão, lembrei que si o deixasse por cima das mesas, talvez aquelle petiz da entrega não tivesse a noticia da recepção e ficasse querendo mal tanto ao jornal como a quem o recebera. Peguei da pena e tracei uma linda convicção: — “Mais um jornal acaba de apparecer.

É o *Porvir*. Organ de preparatoria — nos inteligentes, de esperanças da patria que se bacharelam num collegio equiparado, o *Porvir* vem cheio de producções de talento e de mocidade. Vida longa ao jovem collega”. E convencido elegantemente de que não tinha cumprido meu dever, fui tomar chá à Cavé esperando o sorriso do menino no dia seguinte, talvez uma commissão, talvez uma mensagem...

Mas ia commigo subtil e envolvente a tristeza. Jornaes de crianças!... Porque, Deus do céo, porque? Talvez para mostrar como desde o começo nós fazemos errada a vida, esta vida triste de cabotinismo e de penas, de penas e de esforços vão....

João do Rio

A IMPRENSA ARGENTINA

Jornaes! Jornaes! Sou de ha muito velho leitor dos jornaes da Argentina. E, jornalista, ha cinco dias não leio jornaes. É, pois, com uma quasi volupia — a volupia do que nos faz mal, que tendo ido a Palermo, quasi pela madrugada, paro, ao voltar, num kiosque de jornaes e compro todos: os de hontem à tarde, os de hontem á noite, os de hoje pela manhã, as revistas illustradas. Subo carregado de papel impresso para os meus aposentos e, até uma da tarde, leio jornaes, attendendo apenas aos chamados dos jornalistas.

Emfim! Não se imagina a extraordinaria differença que vai entre ler um jornal à hora em que elle sai e na sua cidade, a lel-o cinco, dez, vinte dias depois, em outras terras, em outros climas.

É possível comprehender sensivelmente o “New York Herald”, vinte dias depois, no Rio de Janeiro? É possível não ter crises de raiva, lendo os nossos jornaes com atrazo de dezoito dias, nas mesas do Credit Lyonnais, ou em algum centro de Londres?

O jornalismo argentino preoccupa-me ha tempo. Conheço os que organisam os jornaes, conheço o modo de fazer de cada folha, tenho annos de leitura quasi consecutiva desses diarios. Mas é a primeira vez que os leio “in loco”. E teria vontade de algumas explicações, quiçá de algumas comparações exemplares. Certo não me abalanço a fazer o que toda essa gente faz: descrever a magnifica installação da “Prensa” ou dizer o mecanismo surprehendente da “Nacion”. Desejaria antes explicar o prodigioso dynamismo moral e a sua ação effectiva no paiz.

○ jornalismo argentino é o primeiro da America do Sul e um dos mais perfeitos que conheço.

Em primeiro logar, esse jornalismo é original, profundamente pessoal. Reflecte bem o aspecto moral do argentino, que absorve, mas é sempre elle proprio. Em Buenos Aires ha talvez a despreoccupação pelas obras de ficção. Em compensação, a arte immediata, a arte de jornal tem um desenvolvimento extraordinario e possui artifices de mestria technica.

Um cavaleiro dizia-me:

— Os jornaes argentinos, pelo menos os grandes, são como o nosso “Jornal do Commercio”.

Era fazer o elogio dos jornalistas e do publico ledor, quando, pelo menos, dous diarios com o nosso “Jornal” têm, na Argentina: formidaveis

tiragens. Mas não é bem com isso que se parece o jornalismo portenho? Com o de Paris? Apesar de grande parte do mundo pretender copiar o boulevard jornalístico, Buenos Aires não tem uma só publicação fingindo Paris traduzido. Com a Alemanha? Com a Italia? Não. Talvez os jornaes argentinos pensassem um pouco em *Fleet Street*, na solidez tranquila de Inglaterra e em Norte-America, onde o jornalismo é metade inglês, metade *bluff*, mesmo colorido. O facto é que, feitos esses jornaes, essas revistas têm o aspecto original e dão a impressão de uma grande imprensa, como as mais poderosas do mundo: a ingleza, a norte-americana, a franceza.

Tudo é original. O molde é proprio — para os diarios como para os semanarios. Nos diarios, a informação é copiosa, sensacional, mas sem necessidade de recorrer ao excesso americano ou dos diarios de grande tiragem francezes que nós copiamos de um modo lamentavel. Além dessa informação, que se torna universal pela abundancia do serviço telegraphico, os diarios não desconsideram do artigo doutrinario ou do commentario e mantem um serviço de chronicas impressionistas assignadas por grandes nomes mundiais.

Para compor essas obras de todo dia fazem-se necessarios directores como conhecimento da profissão e um profuso pessoal. Cada jornal tem um character, exprime uma modalidade. A "Prensa" é uma cousa, "El Diario", outra, A "Nacion" outra, A "Razon", ainda outra. Leiam esses jornaes. É possivel distinguir um artigo do admiravel homem que é D. Manoel Lainez, é possivel perceber, mesmo sem assignatura, o impeto alegre de D. Francisco Uribusu, na Manaña, ou a segurança de Pinero, ou a reflexão de Dunham, na "Nacion". Mas todos os jornaes, todos, são escriptos por profissionaes adestrados, com viveza, com scintilancia, com elegancia e vertiginosamente. Os de ultima hora têm uma aguda scintillação de malicia e de graça, como, por exemplo, "Critica", chispante de "verve", e "Ultima Hora", cheio de "humor".

Avalio da montagem dos serviços, pelo pequeno e insignificante facto que sou eu na capital da Republica. Logo que começo a ler os jornaes, às 9 da manhã, retine o telephone. É o representante de um jornal, de "El Diario", por cujo director tenho a carinhosa admiração que se tem por um varão do bom tempo grego. Póde ser uma cortezia pessoal. Mas logo depois o telephone continua a retinir, e são outros jornalistas que descobriram a minha *adresse*, e mandam photographos e enviam colegas. Um desses confrades é Josué Quesado, da "Razon", forte e amplo jovem, de physionomia franca e intelligente, descendente de diplomatas. Conheço um pouco todas as modalidades do jornalismo e converso com Quesado uns dez minutos. Falo em portuguez. Quesado não toma nota. À tarde, "Razon" publicava uma entrevista de uma tal fidelidade escripta que eu pensei não ter falado, mas éscripto.

Para mostrar a sua agudissima civilização, a Argentina não precisaria mais que mostrar os seus jornaes — o que ha de perfeito na arte do jornalismo.

Claro que para a realização diaria dessas obras, que são os jornaes, as empresas devem gastar sommas consideraveis. Ha, porem, a compensal-os o publico que lê os jornaes, que não pode deixar de ler os jornaes e lê os jornaes pelas informações dos jornaes e não pelos escandalos e os insultos que elles pudessem ter. E ha tambem a rapidez de communição da capital com as outras cidades argentinas, o que centralisa o jornalismo e o faz espalhado no mesmo por quasi todo o paiz.

Os jornaes da capital do Brasil, no nosso paiz de amadorismo, em que o jornal se tornou, como o soneto, a obra irresponsavel de variadissimos cretinos, centralisam tanto e incomodam-se tanto com os diversos Estados como alguns ministros secretarios do executivo. Na nossa immensidade ha duzias de jornaes em cada capital de Estado e é possivel encontrar municipios em assustador atrazo, mas nunca sem dous papeis: um a favor do chefe politico, coronel e vereador, e outro contra, da opposição que, em toda a parte, capitaes ou aldeias, não passa da tradução daquela phrase:

— *Ote-toi de lá que j'y me mette!*

Os jornaes de Buenos Aires prendem o paiz à capital. Qualquer um delles, por menor que seja a sua tiragem, sai para quasi dez milhões de habitantes e tem o direito de julgar que informa e faz opinião não só em Buenos Aires mas na Argentina.

Por isso mesmo, é claro, ha a concorrência e a luta pela tiragem. Apenas esse jornalismo, que tem homens de espirito e homens mordazes, homens de saber e homens de cultura, age na concorrência e na luta pela tiragem com compostura. O principio geral é ignorarem-se uns aos outros, para, com mais liberdade, acertar no agrado ao leitor. Mas pódem discutir, defender idéas integralmente oppostas, fazer críticas acerbas aos homens publicos, desenvolver a caricatura, nenhum esquece o respeito de si mesmo, para cahir no insulto soez, na miseria da mofina, ar(**) mentaes.

Tambem na Argentina não ha o panorama ignobil das “secções livres”, e é por isso talvez, pelo nosso exclusivismo em materia de jornalismo, que a secção livre apparece tão commummente nos editoriaes.

Os jornalistas argentinos obedecem, de resto, à noção do patriotismo defensivo. Elles pódem dizer muita cousa. Não dizem nunca o que indirectamente possa fazer mal à Argentina. E daqui, o enorme valor permanente dessa imprensa. Os jornaes têm dado ministros, presidentes, deputados — que continuam jornalistas. O jornalismo é bem o poder permanente, não o poder que se teme, como o de um navalhista, mas o poder do soberano, o poder de fazer a opinião, que os governos transitorios sempre desejam como a miragem da eternidade.

Talvez seja eu um idealista em erro. Mas imprensa alguma, de qualquer paiz, synthetiza para mim tão amplamente a ardente arte que não concretisaram as republicas gregas, nenhuma exprime como a de Buenos Aires o que o jornalismo deve ser, ouvido e respeitado pelos outros como por si mesmo: — a força vigilante, permanente e guiadora das democracias!

Americano, para comprehender sem illusões o dever da America, assaz viajei por terras antigas que nos deram o molde do espirito e nos dão o sangue formador do verdadeiro typo dos nossos povos no futuro. Mas onde a generosidade dos homens teve por bem dar-me acolhimento agradavel, em Portugal e em Hespanha, na Grécia e na Turquia jamais o meu coração bateu com tanta força nem a minha voz teve este augusto tremor da responsabilidade, o divino tremor da juventude diante do futuro.

Por que?

É bem simples a razão para a minha grata sinceridade. Este jantar reúne jornalistas. Somos todos jornalistas, a começar pelo illustre ministro das relações exteriores, jovem triumphador intellectual na gloria frenetica do momento. E na vida contemporanea, na vida americana só uma força ha cada vez maior, só uma arte existe creando sem desfalecimentos: — o jornal!

Sim. No nosso excesso democratico são os governos transitórios, as administrações inconsistentes, a arte fantasia menos considerada, os deuses, as leis, os costumes materia em respeito discutida. Nada resiste, tudo se esboroa para de novo erguer-se no movel areal da opinião. Só fica de pé sempre, firme, definitivo, cada vez maior e mais formidavel o jornalismo pastor das almas, o jornalismo supremo, o jornalismo tyrano, o Jornal-Rei. Surjam idéas de diamante, apareça, à luz solar creações admiraveis, desabrochem à flor da terra sonhos portentosos, realizem os homens obras de super humano esforço. Se o jornal não os quizer ver, sonhos, idéas, creações, esforços tudo é como se não existisse. Há uma sentença de morte: o silêncio do Rei. Sacrifiquem-se os corações, dediquem-se as almas ás causas justas, brilhe em bondade, em honradez, em genio, alguém. Se o jornalismo quer ver d'outro modo, vê, como faz do mau bom e do pessimo optimo. Um simples reporter pôde assassinar por desfastio a reputação de grandes e fazer a gloria transitoria do anonymo, para a verdade, para a mentira, indiferentemente, confundindo heróes e bonecos, frioleiras e energias.

Da Imprensa surgiu a democracia contemporanea — a plana egualdade de todos os seres, de todos os valores deante do deus unico, que é a Imprensa. E assim fez ella, para ser o Artista Omnipotente, o creador de todas as tragedias e de todas as comédias, o folhetinista da vida, e principalmente o esculptor dessa coisa vaga, amorpha, poderosa, terrivel que se chama — Opinião Publica.

A opinião que a todos apavora é também a opinião que não pensa, não tem boas nem más intenções, acompanha urrando ou aplaudindo. É a opinião dos povos, transformavel, variavel, inconstante, capaz e incapaz de tudo, quer deante do crime, quer deante da virtude — só opinião sob a influencia dos jornaes. E, se no mundo inteiro é cada vez mais assim, na

América o jornalismo, mesmo variando de ideal e mudando de opiniões, é o único guia, o único condutor dos povos, a voz do oceano multidão.

D'est'arte, senhores, jornalista americano entre jornalistas americanos de outro paiz, pela primeira vez na vida, nada mais justo do que a minha emoção, este tremor da responsabilidade. Porque, talvez sem isso cremos muito somos nós os factores da futura America e do nosso querer, do nosso estado do espirito podem emanar as mais imprevisas ações desse oceano multidão — para o trabalho fecundo como para a desordem esteril, para as competições pueris como para a união dos interesses praticos de cada um.

Sou brasileiro. Mas, depois de ser brasileiro sou sul-americano, crente no ideal do maravilhoso futuro da America Iberica. Ha meio século realisamos a estupenda obra do mundo que ha de dominar. É a desesperadora luta de afirmação. O Brasil combate entre florestas immensas e os rios caudalosos. Vós guiae a agua e fertiliza essa planura. A Argentina dá-nos o exemplo do trabalho como o Brasil mostra a consciencia da obra a realizar. Mas ha tanto que fazer no Brasil, tanto ainda a crear na Argentina como em todos os outros paizes sul-americano, que qualquer idéa de competição momentanea é uma criminosa infantilidade inutil, a infantilidade em guerras de generaes por causa do vélo d'ouro quando somos, temos de ser soldados da mesma hoste com o encargo e o destino de fazer aqui, na América — a terra da promessa, a chanaan das velhas raças, de crear com alegria e harmonia o sangue das arterias, o suor da fronte, o labor e a fé, o maior bem, a maior ventura, a maior graça: o rejuvenescimento do mundo.

O agradecimento deste amavel fim de comida, marcado com diamante no meu coração, não póde ser senão o voto ardente pelo futuro que estamos realisando. Todos os laços praticos, todos os interesses economicos, todas as atitudes do espirito ligam providencialmente os nossos povos, não permittindo dissenções e, o que é mais, não permittindo o maior dos crimes: a mutua indiferença.

Mas há o Jornal Rei.

Os jornaes são nas democracias os pharóes da opinião, os guias da agitação sem rota das multidões. Ha pharóes vermelhos que fazem deter a corrente, que convulsionam, que entrechocam as forças cegas em ondas de sangue. O pharoleiro não sente o crime e muita vez para divertir usou dessa luz. Ha pharóes verdes, que abrem caminho à felicidade, à paz, à projecção dos povos. O pharoleiro sente que procedeu bem e a elle guia a propria luz do pharol verde.

Que os deuzes protectores da vida façam de modo que nós, guardas diurnos desses pharóes, guias transitorios da multidão, tenhamos a consciencia americana de manter nas altas torres a luz gloriosa da Esperança — luz da cor da árvore de Athenê, luz que é a vida impetuosa da terra na

época ardente da primavera, luz que anuncia a liberdade de ir adiante com a confiança que fortalece. Por que se assim fôr os povos do que de novo anhelam o paraíso, os povos sul-americanos poderão realizar no ímpeto da livre ascensão o sonho magnífico que foi sempre o desejo do homem — o sonho de abundância, o infinito e incommensuravel sonho da energia e da força no trabalho realizado.

Senhores confrades — guardas dos phároes guiadores, guias da opinião temerosa, factores Moraes do futuro de um continente, jornalistas — a minha emoção inclina-se ao fulgor da vossa hospitalidade.

OPINIÕES DE UM JORNALISTA IMPOSSÍVEL

O coração tem fraquezas que o cérebro não pode reprimir. A mim me affligiu muito mais a demissão de um pobre homem do que a nomeação de cavalheiros, admiravelmente incompetentes, para os cargos de insignificante responsabilidade, taes como o ministro da fazenda, director da companhia, delegado de policia ou crítico dramático. Patrioticamente devia ser ao contrario. Mas o coração sente.

Assim, quando outro dia, na redação de um jornal, ouvi o secretario (muito meu amigo) anunciar a demissão de um auxiliar, mesmo sem conhecer o confrade, resolvi interceder a seu favor. O secretario sorriu com amavel superioridade.

— Tudo tem limite. Esse sujeito, que aliás, não conheces, não pode ser jornalista. Aceitei-o como auxiliar. Vinha recommendado pelo gerente de um banco e —que tenho algumas promissórias dilataveis conforme a elasticidade da minha gentileza. Mas depois soube. O pedido não tem importancia alguma. O gerente pediu porque o tio de um amigo do seu preclaro irmão...

— Como se chama o irmão?

— Não conheço, mas deve ser preclaro. Foi graças a sua intervenção que o pedido do tio do amigo conduziu até nós esse inútil sob o patrocínio de um coronel reformado. Miserias, meu filho! Até parece pilhéria tanto pedido para tão pouca coisa...

— E se o homem tem talento?

— Talento! Mas talento para que? Eu não preciso de talentos. Quando a folha está muito sem talento, faço uma entrevista com o Ruy Barbosa. Dá para um mez.

— E quando acaba?

— Faço outra. Mas o homem é maluco além do mais. Resolveu corrigir outro dia todo os erros de portuguez da folha que já estava em circulação, deu-me o plano de um curso de jornalismo e de uma biblioteca para os meus collegas, achou perfeitamente idiota uma reportagem do nosso grande Adhemar...

— Que Adhemar?

— Um rapaz que veiu de Minas com o Léon, Roussoulières, e , apesar de não ter muita leitura, conseguiu a sensacional reportagem de entrar para a maternidade incognito, vestido de mulher.

— E Que aconteceu?

— É boa. Foi descoberto. Ha escandalo maior? Pois o nosso homem achou idiota essa reportagem, assim como um artigo de fundo em que eu arrazava o Prefeito porque uma rua que dá para o morro do Cavallão tem capim em vez de sargetas.

— É definitivamente um cretino.

— Um maniaco apenas. Olhe, você ainda se preocupa com esse negocio de literatura? Pois o homem é um especialista no assumpto. Escreve agora um livro acerca do valor symbolico de Adão nas legendas árabes e medievas. Que interessa Adão á humanidade?

— Nada, ou pouco menos.

— Está a ver. Eu cá quero escandalos, descompusturas, coisas fortes. Sinto o meu publico. E conheço-o. O publico não quer outra coisa, porque afinal de contas esse mundo não passa de uma corja de cavadores. Não! Voce é um rapaz sympathico. Mas eu tenho a opinião do Senador Bernardo Monteiro: é preciso energia sempre que for possível. Demitto o homem!

Deixei o secretario sem arrependimento, e encontrei á porta do jornal um cavalheiro magro, bem vestido e muito educado!

— Sei que V. mostrou por mim ha minutos um certo interesse, apesar de não me conhecer. A sua bondade não podia ser senão uma forma de elegancia moral. A bondade, a gratidão e os outros sentimentos generosos não são senão attitudes elegantes do espirito. Não se pode exigir de uma palafreneiro ou de um caixeiro viajante, mesmo aposentado, taes gentilezas que em nada modificam a vida. Deixe, pois, que o cumprimente e que me apresente. Chamo-me Justino Pereira...

— Muito prazer.

— Pelo que lhe deve ter contado o pobre homem que lá em cima dirige a opinião, não posso parecer aos seus olhos senão um cavalheiro imprevisto e mais ou menos maluco. Ora, eu só posso parecer doido no vasto hospicio em que está transformado o Brasil, graças ao fenomeno collectivo e alarmante da menopausa economica. Atravessamos a crise do analphabetismo agudo, da neurasthenia, da incompetencia e da furia do pernoticismo. E, coisa curiosa! esse phenomeno ataca apenas as classes dirigentes. O Brasil não mudou a capacidade de comprehender, trabalhar e seguir ⁽²²⁾. As condições de cohesão das diversas classes persistem. O sentimento patriótico, quer na sua feição egoistica de triumpho, quer sob o aspecto altruistico do sacrificio, é sem limite.

Grave erro seria dizer que o Brasil se transformou na pan-beocia. Para conhecer um povo não basta consultar o appetite das algibeiras ou das pretensões e berrar descomposturas para ter o gosto de vel-as abafadas pela

²² Palavra apagada no original.

posição ou pela chelpa. Esta grande crise é uma prova de resistencia das populações. Apenas os povos precisam de conductores, de energias, de capacidades que os dirijam. E aqui as duas classes dirigentes, a politica e o jornalismo, tornaram-se a razão inicial do desvario. A politica precisa de homens de saber e de decisão. Onde estão os homens de saber e de decisão? Amordaçados e algemados pela immensidade da estupidez ambiente, que é das peiores pois está convencida de ser capaz de tudo. As posições ou são tomadas de assalto ou recebidas como as suites de um vasto *baccarat*. Consultar os sucessivos ministros, ouvir os oradores nas camaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma idéia, é ter a visão de frenesi de tolices, em que, como nos maniconios, as questões capitaes do paiz são gritadas com uma inconsciência só correspondente a ignorancia. Se fosse permitido ainda o uso das imagens literárias, eu compararia a minha patria a um grande transatlantico atulhado de gente resignada e dirigido por um bando de bachareis das academias a preço modico.

Eu suspirei.

— Pobre patria!

O homem continuou muito calmo:

— Tome tres ou quatro projectos capitaes ora em discussão. Todos têm opiniões, ninguem tem opinião, todos gritam, ninguém se entende e é uma ancia, um desespero de hospicio em que apparecem todos os tipos esdruxulos, desde os histéricos que fazem espirito a dar guinchos, aos agitadores feitos de papel mata-borrão.

O povo sabe disso, o povo vê tudo isso; o povo resiste, à espera da força conductora. Havia a possibilidade de uma energia que attenuasse o charivari do barco. Essa energia seria o jornalismo. Que diz V. do jornalismo?

Não digo nada.

Pois digo eu. O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o publico deseja exactamente isso. Ora, o público pôde concordar que varram a pão um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente boa, ou pelo menos com ideias razoaveis. O jornalismo pôde ser comprehendido como uma sentinela avançada. Aqui transformaram a sentinela em capangada de ataque. Não ha um mal que a imprensa tenha obstado na bacchanal do desaforo. Em compensação a bacchanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é máo, tudo é infame, inclusive os collegas que se mimoseiam mutuamente com taes delicadezas, a proposito dos mais serios problemas nunca discutidos ou das mais estupidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossivel acreditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da politica. Ao demais, varridos das columnas dos jornaes (como da politica os homens de talento) os poetas, os homens de letras, os

homens de opinião, e tendo cada jornal o lema hydrophobo: “você são todos uns refinadíssimos canalhas” — sem mais nada, cada jornal passa á casa de tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega uma espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escandalo de quebrar uma porção de cachimbos, sem saber se acertou, se os quebrou e nem mesmo parece porque os partiu.

Parei. A imagem dos cachimbos fez-me tomar a attitude de José Bonifácio do Sr. Antonio Carlos quando não quer comprometter a unica coisa que não comprometteu, porque não diz a ninguém: a sua sincera opinião. Jornalista, não me ficava bem estar a ouvir aquelle energumeno sem protesto. E jornalista tinha um certo prazer em ver falar mal dos jornalistas, mesmo em these. Nesse estado d'alma, para não pender nem para um lado nem para outro, mudei bruscamente a conversa.

— Disseram-me que o amigo faz estudo das legendas que enriqueceram através das éras o symbolo de Adão...

— Realmente, disse o homem renitente. Tenho lido algumas. E entre tantas ha uma em que a proposito explica exactamente o estado do Brasil neste momento. é uma legenda do seculo XIII. Narra uma viagem de Seth, filho de Adão, em busca da misericordia. Como sabe...

— Eu não sei nada! Não me comprometta...

— Pois Adão passou apenas sete horas no paraíso.

— Imagine se lá ficasse mais tempo.

— Já ás seis da tarde estava expulso. Mas Adão era um sabio forte de quem os archanjos tinham medo, e que conversava com Deus num tom de perfeita igualdade. Depois do caso das arvores, Adão veio crear a vida só, a sua vida que é a de todos nós. E creou sem dar confiança aos anjos, que tinham já a propriedade de violadores das idéias alheias. Afinal, quando estava para morrer, aos cento e trinta annos, lembrou-se de uma certa arvore que logo a entrada do paraíso dava o oleo da misericordia. E mandou Seth buscar o oleo, certo de que, sendo Deus incapaz de cobardias, o anjo da espada não seria estupidamente cruel. Seth foi. O anjo aproveitou a occasião e passou uma tremenda descompostura em Adão, no paraíso, em Deus, no resto do mundo. Depois, negou o oleo com energia e por muito favor deu tres pedras a Seth para que Adão se servisse dellas como entendesse. E conta a legenda que, quando soube do resultado da visita, Adão riu pela primeira vez.

O Brasil está como Adão da legenda. Pede o oleo da misericordia. Os dirigentes não o ouvem, mas negam. A imprensa manda -lhe pedras para usal-as conforme entender. Resta saber se o Brasil terá o riso de Adão, diante das pedras...

E o exquisito homem cumprimentou serio e desapareceu entre os transeuntes.

Eu então segui só. Também sem arrependimento. Mas convecido de que o sujeito em caso nenhum poderia ser um jornalista na altura do secretario tão meu amigo.



PAIZ DE JORNALISTAS*²³

- Ha alguns mezes um velho politico extremamente cortez, segredou-me:

— Meu caro amigo, estamos vencedores!

— Como?

— O presidente tem medo da imprensa e mandou reconhecer todos os jornalistas. A camara está cheia de jornalistas!

— Não exagerará V. Ex.?

— Exagero? V. é ingenuo! Ha duzentas e nove cadeiras e duzentos e treze deputados jornalistas!

— Mas, que me conste, excellencia, profissionaes nem uma duzia...

— E quem fala de profissionaes num paiz de amadores como o Brasil? V. decididamente esquece as qualidades fundamentaes do seu povo. E, esquecendo-as, é com estreiteza de espirito que encara a questão do jornalismo parlamentar. No Brasil, cada vez mais todos são capazes de tudo, sem saber nada. É o paiz da sufficiencia. Ha, porem, quatro vocações que o brasileiro tem sempre: a politica, as finanças, a poesia e o jornalismo. Os meninos mal começaram a ler, fazem versos, redigem os jornaes manuscriptos, atacam o governo e discutem economia politica. O Brasil é assim um composto de Wencesláo Braz, Leopoldo Bulhões e Catullo da Paixão Cearense, dando como solução o desequilibrio poetico, o frenesi jornalístico...

— V. Ex. abusa do paradoxo.

— O paradoxo é o satanaz da ponderação burguesa. Leva-a dizer e a sentir o que não diria nem sentiria se estivesse a sós com o respeito dos logares communs. Reflecta um instante sem preconceito e verá o quanto de verdade existe na minha observação.

Deixei o velho politico extremamente cortez, desejoso de estudar o assumpto. Não ha como os assumptos inuteis para interessar-me. Tenho estudado a salvação da patria, a literatura nacional, as opiniões do Dr. Calogeras, o vôo em trapésios, os despachos do Sr. Bezerra, uma porção de futilidades com verdadeiro amor. Estudei tambem o paradoxo do velho politico. E, de facto, ha no seu paradoxo uma verdade geral. Nós todos somos mais ou menos financistas, politicos opportunistas e poetas. Desse *cock tail* organico resulta o que os senhores estão vendo: — uma colossal

²³ Também publicado no volume *Nos Tempos de Wencesláo*. Pg. 209 a 216

embrulhada em que a politica e a finança têm da poesia. Quanto ao jornalismo, póde-se estabelecer o seguinte principio absurdo: á proporção que se multiplica o número de jornalistas e o jornalismo augmenta de valor, desaparecem os jornalistas profissionaes.

E a razão é simples. Para exercer qualquer profissão é preciso practica, é preciso saber. Tocar trombones ou pratos parece fácil, mas basta chegar os instrumentos para ver que, antes de tocar pratos ou trombone é preciso aprender. Vender jogo do bicho é, segundo muita gente, facilimo. Mas, desde que se entra num respeitavel banco de bicho, é evidente a necessidade de practica e da vocação. D'ahi haver muito mais compradores de bicho que banqueiros, e um número colossalmente maior, em proporção aos tocadores, de ouvintes de trombones e de pratos. E se com essas profissões ou artes mais ou menos faceis, as difficuldades são flagrantes, com as outras então, com todas as outras, ainda maiores se tornam. Por mais academias que haja com cartas a preços modicos, não ha homem que se improvise advogado, engenheiro ou medico, sem a ameaça perenne da cadeia ou de uma sova.

Com a politica, a poesia, as finanças e o jornalismo não acontece absolutamente nada disso. A politica, em ultima analyse, é uma forma de egotismo irradiante. Não ha ninguem que não se julgue com valor para fazer o sacrificio patriotico de occupar um cargo politico. Qualquer cavalheiro, seja engenheiro ou bicheiro, médico ou sem profissão, com talento ou sem talento, erudito ou analfabeto, póde querer ser intendente, deputado, senador, ministro, presidente do Estado. Nesses postos temos tido de tudo e havemos de ter. A reflexão impõe-se:

— Por que não serei eu, em vez de outro qualquer?

A poesia é ainda mais fácil do que a politica. Fazer versos é uma questão de estado de alma. É um devaneio, uma espécie de sobremesa de qualidades que, num povo de apparencias como o nosso, se torna desde logo o prato de apresentação. Já tenho reparado que o brasileiro admite tudo, isto é, pode admitir tudo, menos que não lhe apreciem os trabalhos poéticos. A prosa póde ser censurada; os versos nunca. Quem se arrisca a censuras, arrisca-se a crear inimigos mortaes e muitas vezes a morrer. Dessa intolerancia resulta que, cada vez, a poesia é mais idiota e que o número de poetas augmenta impunemente. Mesmo porque, para ser poeta assim, basta ter a coragem de dizer uma porção de tolices com o auxilio de um dicionário de rimas.

A economia politica é a pedra de toque do nosso idealismo. Encaramos a formação da riqueza com uma fantasia que tem do mediterraneo e tem do tropico. Cada um de nós pode passar a vida inteira sem um vintem de seu, mas cada um de nós tem na cabeça planos irrespondiveis para fazer cair sobre o Brasil um diluvio de ouro. Ainda ha

tempo, quando o Dr. Vencesláo acabou de se capacitar de que o thesouro não tinha nickel, foram tanto os projectos publicamente apresentados e enviados particularmente que, para não augmentar as enxaquecas, o digno homem resolveu emitir mais papel. E, num paiz de sonhadores avidos, de nigromantes, de descobridores da pedra philosophal, de transmutadores auríferos, o papel que representa o dinheiro não é apenas um recibo de lastro sonante, é um attestado de ideal, de sonho, de volupia fantasista. Os poetas dizem:

— Isto é ouro...

E os que vierem depois que se arranjem...

O jornalismo foi com certeza uma árdua profissão. Para exercer essa profissão eram precisos pratica, talento, vocação. O jornalismo se fazia assim uma arma que algumas vezes se tornava apostolado. Mas continuamente os jornalistas eram os irmãos da Cruz Vermelha das ambições e das vaidades. O jornalista não passava de um jornalista, obrigado a vida inteira de servir os outros, porque nesta arte, quando se é apenas o profissional, mesmo atacando, tem a gente de servir os inimigos dos atacados, e, quando se elogia, faz-se a gloria alheia com a certeza da ingratição. Apenas os appetites augmentaram, as vaidades cresceram à proporção que a incompetencia subia. Tanta gente exigia a trombeta dos jornaes, que os jornalistas tiveram a neurasthenia do excesso de trabalho, o esgotamento do sopro. E a população inteira: políticos, poetas, financeiros — resolveu escrever por conta propria, trombetear-se a si mesmo. Os jornalistas eram intermediários de egoismos. Os jornaes marcavam essa attitude calma. Desde que os interessados viravam jornalistas, o jornal foi mais violento em tudo, e os jornalistas ficaram na situação de exercer uma profissão que todos exercem no Brasil, quando pretendem alguma coisa.

Para dar razão, porém, ao velho politico extremamente cortez, contava eu, os jornalistas que, segundo elle, tinham entrado na Camara pelo receio do dr. Vencesláo Braz. Mas, com certa magua, verificava só a entrada de menos de uma dúzia e, por motivos inteiramente independentes da vontade do Sr. Vencesláo, quando o deputado Costa Rego, um dos raros jornalistas profissionaes, subiu á tribuna com a lista de chamada na mão e memoravelmente demonstrou que todos aquelles senhores socios do “Monroe Club” são também seus colegas, são também jornalistas. Do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, além da dúzia conhecida, a representação nacional é composta de jornalistas.

Jornalistas como? De maneira simples. Cada um desses senhores, com a justa aspiração de entrar para a politica e com o lindo ideal de salvar a Pátria, ou comprou um certo número de artigos atacando os dominantes para se fazer notado, ou comprou um jornal para defender as suas aspirações. O jornal é o piano mécanico do louvor ou a espingarda do

ataque. Deixou de ser uma arte para ser uma função ajudativa, o rápido auxiliar da entrega de postos a domicilio.

Enquanto o senhor Costa Rego falava para os colegas do recinto, eu lembrei então o número de governadores de Estado jornalistas, desde as terríveis perversidades de Enéas Martins do Pará, até os doutrinários artigos de Borges de Medeiros na Federação, com passagem pelos trabalhos incognitos de J.J.Seabra e do diabolismo sem rival do jornalista Nilo Peçanha; eu lembrei que todos os nossos presidentes da Republica, salvo os dois últimos e os dois primeiros, tinham escripto em jornaes, e que em todos os ramos administrativos em cada canto do paiz só havia jornalistas.

Estava assim nesta meditação, quando o velho politico appareceu.

— Em que pensa?

— Nos jornalistas?

— Somos todos nós. Você pensa na patria...

— Mas eu penso que V. Ex. quiz rir e o Costa Rego faz *blagues*.

— Pensa espessamente, carissimo amigo, pensa com o preconceito do profiissional, pensa com exclusivismo.

— Os colegas politicos são amadores.

— São os únicos que se servem com utilidade da arte. O jornalismo é uma espingarda. O profiissional faz nella uma exhibição de tiro ao alvo. Os outros servem-se della para uma coisa sempre séria: os progressos da própria pessoa. Eu já lhe disse as quatro vocações do brasileiro. Com ellas, o brasileiro vai indo muito bem, apesar dos pesares...Um homem que é só jornalista numa terra em que todos são jornalistas, com os resultados que podem advir do manejo, mesmo bisonho e, por consequencia, mais perigoso dessa arma — não passa de um especialista maniaco, de uma virtuose de funcções comuns, de um amator, sim, de um amator extravagante. O Brasil é a terra dos jornalistas.

Por isso, cada vez se escreve peor e nós caminhamos para a criação de volapuck recheado de solecismos . Mas, todos são jornalistas, e os únicos amadores são os raros profiissionaes que ainda existem porque amator é o homem que não tira proveito da arte com que se enebria...

O velho politico despediu-se, rindo. Eu olhei com indifferença a bancada da imprensa, e sahi humilde, cumprimentando os mestres, os outros jornalistas, os do Monroe, os da Avenida, os das outras ruas, todos os transeuntes jornalistas, deste paiz de jornalistas.

PROFISSÕES

O homem debruçou-se sobre a minha meza.

— Que fazes?

— Trabalho.

— Em que?

— Escrevo.

— Oh! Inutilidade! De todas as profissões do Brasil é a menos acreditada. Porque se escreves bem, só se servem de ti quando precisam e ficam com medo depois. E se escreves mal ainda é pior porque nem com medo ficam antes ou depois. As profissões são os enterros da vida. A de escrever corresponde ao enterro da ultima classe do Brasil.

— Seja. Como porém é impossivel adivinhar o enterro que se ha de ter, acontece o mesmo com as profissões. De resto qual a profissão segura, prospera, no Brasil? Veja V.os empregados públicos depois de Wencesláo...

— Estão balançados. Mas vencerão, por fim, porque o funcfionalismo é a opinião e a opinião é tudo.

— Vejo que defendes o funcfionalismo.

— Claro!

— E o operariado com certeza todas as classes e os infelizes, até mesmo os felizes! A imprensa é a grande e pathetica defeza dos outros.

— Não só.

— Sempre.

— Quando ataca um é para impor outro. No fundo defende sempre. Não ha profissão mais auxiliar, mais serventuaría, em todo o orbe! Nunca os jornalistas trabalham exclusivamente para o seu proprio interesse. Elles são sempre o socio para os idolos de um dia. Elogiando ou descompondo em politica servem os interesses d'outros.

— E são deputados às vezes.

— Alguns raros. A dadiva é porem transitoria, enquanto precisam d'elles. Assim no theatro. Elogiam ou descompõem artistas, servindo a empresarios.

— Alguns raros. E esses no Brasil sabem o que lhes custa a migalha do aplauso. Os jornalistas! A atacar ou elogiar, servem sempre, sempre. É o destino. Uns são macios, outros são ferozes, ainda outros como Martial, são conforme a paga. Mas Martial apesar das suas baixezas morreu pobre, e Aretino não tinha a fortuna de qualquer secretario, de administrador com

fama de honesto. A paga sempre é ridícula em comparação ao serviço. E em geral não existe. Todos os jornalistas do mundo levam há quinze anos a escrever sobre o Caruso. Esse tenor ganha £1.000 por noite. Não consta que Caruso tivesse pago qualquer coisa a qualquer jornalista.

Máquinas de projecção dos outros — vocês! Todos! Há máquinas de diamante, de platina, de ouro, de prata, de cobre, de bronze, de latão, de alumínio. Há até máquinas de papel de embrulho. Mas todos, na medida das próprias forças, máquinas para uso alheio...

— Acharia melhor definil-os: malabaristas da vida dos outros.

— Pretensão! A imprensa serve sempre a alguém, mesmo quando derruba. E até agora só encontrei uma entidade a que a imprensa não serve.

— Qual?

— A pátria. Também não tem tempo de pensar em coisas sérias.

— É cruel.

— Sincero. O público pensa do mesmo modo.

— Só nós não pensamos, porque temos a ilusão.

— Têm falta de tempo. Também são desculpáveis. Se não pensam na própria individualidade... De todas as profissões — é a pior. São vocês os libertos, os escravos livres de toda a gente. Devem sofrer daquele mal horrendo: o ocio difuso indiferente.

— Mas afinal qual a profissão independente neste vale de lágrimas?

O homem pensou. Depois abanou a cabeça.

— Realmente. Nem a do parasita nem a do milionário... D'ahi talvez se explique a razão de serem vocês tão escravos, mais infelizes que todos os outros. O jornalismo é o resumo da vida. Vocês são dependentes, ó escravos independentes, com a síntese de toda a sociedade, são para uso alheio por todos os outros...

E curvando-se para mim:

— A propósito. Váes me fazer um favor. É possível publicar o retrato deste amigo a quem devo obrigações? Mas com algumas palavras tuas. Só tuas. Porque tanto talento só tu...

(Joe)

CARTA

Meu jovem e arrebatado amigo — Um jornal! Recebi há pouco sua carta e não ha meio minuto que deixei a sua folha, o novo jornal, a tremenda alavanca com que você pretende erguer o Brasil. E estou pasmo e estou aturdido. Não pelo jornal. Não pela carta. Mas pela sua assustadora falta de reflexão. Talvez esse meu estado de confuso espanto venha de eu ter passado o dia a reler Platão, soffrendo assim mais o choque do seu impeto social. Mas, se reflectirmos, eu, que tão bem o conheço, e você, que me sabe tão desinteressado, acabaremos por concordar que o seu temperamento é o contrário do jornalismo e que nada é mais vão do que fazer um jornal.

Você tem vinte e cinco annos e grandes idéias de independência, de arte e de sã política, além da preocupação de escrever com senso e com um certo estylo. Tudo isso é impossível no jornalismo, se você desejar que o seu jornal seja lido. Tudo isso desaparece desde que você é o proprietario ou o director ou o redactor ou o contínuo de um jornal. Acontece com o jornal o que aconteceu com Deus depois de ter feito a asneira de organizar Adão. Apesar das mais severas medidas da parte de Deus, quem governa Deus é Adão. Você ferozmente organiza um jornal com a pretensão de governá-lo. No segundo dia, tal qual Adão, o jornal sabe mais que você. E um mez depois ou você deixou o jornal e está totalmente desmoralizado — tolíce em que não caiu Jehovah, — ou é escravo e o parasita, o apaixonado, e o pobre diabo com a individualidade absorvida pelo jornal e só de facto pensando nelle.

Lembro-me que muita vez o vi rir desses meninos ingenuos, que se apresentam com pompa representantes do jornal. Os verdadeiros representantes, os creadores, não se apresentam de modo tão pueril, mas a sua preocupação é muito mais forte. São como os sacerdotes dos templos oraculares — certos da omnipotencia do deus que anima o templo, mesmo quando calha se servirem das prophcias. E a independenciã, isto é, a capacidade de ser apenas e cada vez mais o cultor de seu eu, desaparece; annullada pela própria vontade do jornalista cheio de paixão.

Dirá você: — “mas o jornal e eu formamos uma expressão unica”. Não! Infelizmente não é assim. Jornal, desde que sae à rua, começa a ser um pouco de toda a gente. Um philosopho dizia: “Sciencia consiste em saber os pontos em que os homens estão de accordo”. Nada mais direi! Homero creou Ulysses, que de certo seria presidente da Republica, como foi o Nilo Peçanha e como ainda o não foi Lauro Müller. E porque Homero denomina

Ulysses o orador certo do exito? Porque fala sempre com “as idéas admissíveis”. Ulysses jornalista defenderá todos os absurdos — porque não ha na vida normal nada mais admissível que o absurdo. Você jornalista é pura e simplesmente, mesmo que não o queira, o homem porta-voz de milhares de vontades desencontradas e, conseqüentemente, para ter leitores, tem de ser absurdo.

Vejo você assegurar com o seu sorriso: — “Saberei defender-me”! É uma affirmação tão vã como a de alguns mancebos, quando juram nunca mais amar. O jornalista tem de ser absurdo, porque é este ainda o unico meio de provar ser alguma coisa: — acarreta com as aggressões. No jornal você não poderá fugir a todas as classes e principalmente à politica. Independente, você, aggreindo uns, faz sem querer, a defesa de outros, que, no dia seguinte se julgam com o direito de usar da sua penna como se ella não fosse independente. Você muda. É transfuga.

E a sociedade inteira que lhe pede favores em segredo, commenta: “pobre jornal! com um sujeito daquelles!” esquecida a sociedade que o jornal é seu, que o jornal é você, e que você é independente, um cidadão sem ligações, livre, podendo achar hoje o Papa um genio e amanhã Pascal uma cavalgada.

Claro que você, vaidoso, modesto ou pratico deixa a abstracção da independencia, escreve como quem grita ou esmurra e aproveita a corrente servida pelos seus impetos. Póde ser deputado, póde ser amigo dos ministros e póde ser também o que os inimigos chamam negociista, isto é, um cavalheiro que, por ser de jornal, está inhibido de fazer qualquer transacção que o honrado vizinho da direita executa sob applausos, sem ser chamado, principalmente pelos confrades, de refinado ladrão. Mas, deputado, amigo, ou negociista você o é por causa do jornal. A sua individualidade some-se secundaria. O jornal inventado por você é o que é o caso serio — a figura influente, o seu protector.

O protector! A palavra diz tudo. Você crea um protector, que o cohibe de fazer o seu desejo, mesmo na hypothese de ser você inteiramente maluco. É terrível. Muita vez você arremete e destroe um homem. Foi obra sua? Foi a intriga subtil dos inimigos desse homem. Muita vez você pensa azul e o seu jornal sae vermelho. Foi obra sua? Foram os seus amigos, foi o seu repórter, foi de repente a necessidade do jornal. E ahi está você fazendo de espantinho, de humilhado, estragado, envenenado.

Certo ha dois consolos. O primeiro é que todos os seus auxiliares, depois de você, soffrem dos mesmos males, tendo ainda que malabarizar as injunções alheias com o medo da neurasthenia — que é a porta da rua, a falta de jornal — a reproducção dramática da sombra que perdeu o seu homem, Nenhum dos seus colaboradores, humildes ou famosos, deixa de ser ergastulado, e o mais futil chronista mundano, como o mais ponderado

articulista; o redactor mais cotado, como o mais apagado continuo, é outra coisa senão o escravo do protheu anonymo, acorrentado o jornal para servir aos outros.

— Que doente! monologará você, que, antes da minha carta, abriu centenas de missivas e de telegrammas capazes de dar a ilusão de que, após o seu jornal, você é quasi o Dalai-lama.

Espere, jovem arrebatado. Ha o segundo consolo, o consolo de que você e seus companheiros participam indistinctamente, o consolo que é a certeza suave da abjeção humana. Jornal, na sua função de bazar socialista, é hospício de alienados, é feira de vaidades, é creche, é tribunal, é empreza do theatro da vida, é agencia de celebridades, é monte-socorro de indigentes mentaes, é casino e fabrica. Todos vêm ao jornal, todos pedem ao jornal, todos dependem do jornal. Como nos grandes armazens, sujeitos ha que, com o auxilio do dono do jornal ou dos redactores, ou dos continuos saem com mobílias inteiras, cadeiras, roupas, títulos, brinquedos para as crianças, espingardas e soldados para matar os adversários, bombons para as esposas. Ha uma infinita serie de secções para o bem dos outros e algumas secções de toxicos e de instrumentos de guerra com um serviço de antidotos e de assistencia só concebível no absurdo. Os caixeiros servem a credito com o sorriso nos labios. Acredita você na gratidão de qualquer dos clientes? Quando elles pedem as chaves da Fortuna e o escravo suspira pela importancia do carroto, elles bradam que pagaram. Dos outros bazares ouvese o grito collerico: canalha! A maioria servida gratis grita tambem. E os que não gritam e foram servidos às vezes com sacrificio, — commerciantes, politicos, industriaes, mundanos, literatelhos, — fallam mal, insultam pelas costas ou pela frente mesmo, às vezes, recusam-se ao menor pedido, acham que estão fazendo favor, quando minutos antes supplicavam a chimica da retorica, que, se ainda não fez o homem physico de Lavoisier, fez, pelo menos no nosso paiz, todas as reputações. É a ingratição imprudente. Em todas as outras profissões a ingratição vela-se. Na imprensa, apparece nua como a Verdade. E ha maior consolo no orbe do que ver, palpar, sentir o monstro da ingratição nivelando a corja humana igual, igualzinha, no presidente de Estado que acabamos de fazer, como no sujeito amalandrado que realizamos ministro, como no patife que livramos da cadeia, como no delegado, como no vagabundo a quem empregamos, como no escrevinhador ao qual chamamos intelligente?

— “Para vingarmo-nos dessa gente basta escrever o contrario!” dirá você. É uma vingança. Nunca um meio de diminuir a fonte da miseria humana. E, depois, não ha nada no mundo que se compare ao ineffavel prazer de sentir a extensão incommensuravel da baixaza alheia.

Só por isso eu poderia comprehender a idéa de fundar um jornal. Mas você não é paradoxal, porque sem á experiencia da idade, o paradoxo é

brincadeira. E, ao demais, para sentir a ingratidão, não é preciso fundar um bazar, tanta é a quantidade de clientes que aparece a solicitar em cada extenuante secção. Basta estar á porta...

Por que então crear um jornal? O momento politico não pode exigir talentos especiaes. Os talentos especiaes foram, aliás, considerados inúteis. Em pleno domínio da ignorancia, do medo ás responsabilidades, dos accordos, dos conchavos e do *puzzle* politico — o jornal é um reflexo. Se você vier de outra forma, ou o esmagam ou ninguém lê *Job* e o *Apocalypse*. O momento social é o cinematographo, com os *films* e as legendas escriptas naquelle espantoso vernáculo dos cinemas. Para ter o publico é preciso ser como o cinematographo, inclusive as legendas. O momento literário tornou-se a literatura substituída por alguns gorillas, que realizam a dupla covardia de escrever com um pão molhado na mioleira apodrecida. Quanto às idéas, não há idéa de coisa alguma. Ha mesmo, ao contrário, um dança selvagem em torno dos raros que se atrevem a pensar.

Assim, para fazer um jornal e antes de o fazer, um homem de espirito como você póde pensar em sujeitar a alma e reler o *Segundo Hypias*, de Platão, para ficar sabendo que, sendo tudo mentira, um homem póde provar exactamente o contrário daquillo que pensa. “O homem é verídico e mentiroso em todas as coisas”, dizia Socrates. Mas o desporto fatiga, como o *foot-ball* e o *rowing*. “No espirito, como na gymnastica, é preciso não exagerar.” E fundar um jornal em dia é o mesmo que preparar um campo de *foot ball*, deixal-o invadir por uma turba de bisonhos jogadores e ficar jogando eternamente, sem descanso e sem redes, uma infindavel partida em que as bolas são a independencia propria, a imaginação, a arte, a idéa, a grammatica, os sentimentos; e em que os jogadores todos formam uma *association* contra a destreza de um só.

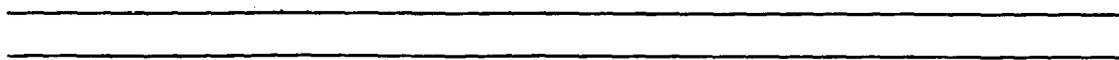
Em meio a partida, — o dono do campo morre ou reunido aos outros, faz voar as bolas por cima do muro, para ser talvez lapidado, se ainda nisso mostrar capacidade.

Você com um jornal! Decididamente ha uma sentença: “conhecermos é conhecer o que há em nós de geral”.

Mas do geral nada tem você, com o arrebatamento de seus vinte e cinco annos. Lembre-se de que todas as virtudes são sciencias e que ha uma sciencia denominada: conveniencia. A sua seria conservar as qualidades que lhe deram os deuses. Deixe o jornal para os outros, os que tiveram illusões como você e os que nunca tiveram nada e, por consequencia, nada perdem. O seu jornal não será lido, ou você deixará de ser você. Como eu. Como tantos outros. E como é preciso responder á sua carta com uma phrase, ouça um conselho:

— Deixe o jornal. Aos vinte e cinco annos a fantasia allucina. Tome um banho frio. Volte à razão. Nada de fantasias no ar frio dos acontecimentos! Danse o tango. Vá ao cinema. Mas nunca pense em dirigir uma opinião que não existe. E creia em quem como o genio do Port Royal *ment en conscience par opinions probables...*

João do Rio



AS IMPREVISTAS IRONIAS DO JORNALISMO

E precisamente na “terrace” daquele café da Avenida, ás onze e meia da noite, eramos tres jornalistas e falavamos do jornalismo. Eu confesso o meu immenso desinteresse pelos “potins” da imprensa. Seria melhor que não houvesse o permanente espetaculo de aggressões, os jornaes transformados em cidadellas contra outros jornaes cidadellas, ou a apedrejar de vez em quando pobres creaturas...Mas se é assim — a “quoi bon” intervir? Por que discutir, dar opinião nessas eternas e secundarias questões?

O jornalismo é o mais penoso, o mais doloroso trabalho da humanidade. Só quem nellle viveu entre os donos do jornal e a opinião publica é que póde dizer que é esse empalamento da alma, esse escorchamento cerebral. Muitos dos jornalistas que me agridem sem motivo (pois a muitos não conheço e a outros conheço demais) — a muitos desses confrades, eu tenho o desejo de dizer:

— Irmão comprehendendo! Foram o horror e a raiva, foi o enervamento! Mais do que os outros tu soffrias — porque só descompões sem razão os que soffrem muito!

Mas eu estava com o deputado Costa Rego, director d’ “A Lanterna”, espirito de relampago, alma de agitação, e com Lança Cordeiro — moço fidalgo portuguez que no Rio faz “enquetes” com despreoccupação e “verve”. E vinham anedoctas sem amargor, anedoctas mais ou menos authenticas, casos e figuras de jornal.

Eu ouvia e francamente ria.

Então Costa Rego conta o primeiro dia do seu jornal, seu entusiasmo, a confusão, os candidatos e, afinal, de repente, o apparecimento de uma figura de orador popular cheia de ardor.

— Preciso trabalhar no seu jornal!

— Mas agora não ha mais logares.

— O seu jornal é um baluarte!

— Mas você por emquanto fica de fóra.

— E onde hei de dar essa noticia completa de um baile?

— Ah! isso...Sente-se você, e escreva. Vae para as “Sociaes”.

O rapaz abancou e logo entrou um collega parlamentar de Costa Rego.

— Venho trazer os meus cumprimentos previos. Então, como vamos?

— Muito bem. Maravilhosamente. Olhe, por exemplo, Fulano. Está a salvar a patria com a noticia de um baile.

Ahi, o jovem ergueu-se e convencido, como a falar às turbas:

— Por que gracejar? Respeito! Um jornal que começa deve saber manter suas tradições...

A phrase faz rir. Foi um disparate, porém? Difficil seria dizel-o Porque de facto, em todos os paizes do mundo, na China como na Inglaterra, na America como no Rio — os unicos jornaes que estão certos de estar mantendo suas tradições, mas absolutamente certos — são os jornaes cujo primeiro numero vae sahir...

Joe

Pall Mall Rio

Confidencias — Há, evidentemente, uma certa curiosidade pelas reportagens confidenciaes da “*Selecta*”. As reportagens começam por não ser confidenciaes. Mas têm duas qualidades admiraveis: não tratam de politica e são como as senhoras. Nem o receio do desmentido, nem o trabalho de escrever as confidencias.

Se há momento que tenha sido publicamente confidencial é o longo momento que vai do começo do nosso século aos fins desse anno, com promessas de continuar. Desde que um escriptor afirmou que só as memórias eram interessantes, na litteratura documentativa não ha quem não tenha escapado de ter um “diário” ou de escrever um livro de recordações. A maioria das princezas têm contado a sua vida assim; as grandes damas elaboram pelo mesmo modo documentos para a historia; e os homens, dos duques aos violinistas, escrevem o romance da sua vida nesse molde profuso e franco.

Nós não temos ainda memórias mundanas publicadas. Algumas pessoas das relações de D. Luiza Cavalcanti de Lacerda sabem apenas que a illustre senhora, de tanto brilho intelectual e largo conhecimento da nossa sociedade, poderia escrever e talvez tenha annotado alguns capitulos interessantes da vida do segundo império e da primeira Republica. Só. Mas, se não temos ainda memórias e “diários” impressos, a revista *Selecta* procura guardar, num pequeno inquerito, as opiniões das senhoras da alta sociedade — exactamente como tem feito outras revistas estrangeiras.

Quantas senhoras já responderam? Muitas. *Selecta* pede os traços de um temperamento, pede um auto-retrato. E manda a todas as senhoras as mesmas perguntas, que não são nem perguntas, porque são phrases para acabar.

O futuro historiador de nossos costumes, destas formidavel transformação dos nossos costumes — notará nos doze annos de Avenida, as qualidades que nascem do *sport*, franqueza, simplicidade, confiança nas próprias acções, segurança de opiniões. E como *coqueterie* feminina talvez apenas a preocupação muito insistente de fazer espirito — o que não chega a ser um mal.

Ainda agora abro o hebdomadario e vou ver as respostas das “reportagens confidenciaes”. Faço como toda a gente. A resposta é da Sra. Hugo Leal, que reúne a uma bellezã de flor um espirito vivaz e mordaz. D.

Heloisa responde de modo verdadeiramente encantador, e faz um retrato tão feminino, que é impossível deixar de dizer:

— Talvez nem todas as senhoras tenham tanto o espirito *frondeur*. Mas quantas pensarão assim?

Nós ficamos sabendo que D. Heloisa Leal gosta de rir e de *robes* e *manteaux*, que considera todas as qualidades masculinas poucas, como não se interessa pelas das outras senhoras.

Não é exactamente assim que as senhoras pensam? Mas resumir é tirar dessa pagina o seu sabor. Assim é melhor continuar a ler:

- O meu sonho de felicidade — o amor e um palácio.
- Qual seria a minha desventura — não ter dono.
- O que eu quisera ser — Theda Bara.
- O paiz que eu quizera viver — sem dinheiro — aqui.
- O que o meu paladar prefere — o jantar dos outros.
- O animal que eu prefiro — o cavallo de corrida.
- O que eu mais detesto — andar de bonde...”

A divisa da Sra. Leal é terminante. Em francez, terminantissima. Ninguém poderá deixar de louvar, entretanto, o familiar dessa franqueza e as *trouvailles* das rápidas respostas. O jantar dos outros não é sempre melhor? Andar de bonde não é mesmo detestável? E há uma phrase que é de um cérebro agudamente imprevisto:

O seu *sport* preferido — caçar a surpresa.

Decididamente, no verão, as reportagens da *Selecta* são o grande êxito. Exito de agora — documentos para servir a historia amanhã, quando a historia tiver de dizer a transformação americana e super elegante da sociedade.

José Antonio José

COMO NO TEMPO DE ARISTOPHANES

Ha uma liberdade que ainda permite aos homens com a má fama de saber ler de uma vez por outra pensar: esses homens podem observar e emitir suas observações. Ninguem os ouve na algazarra geral. Não ha politico tão idiota que nesses tempos prefira ouvir uma intelligencia a qualquer malandrim que berre. As observações passam como os livros dos nephelibatas de ha vinte e cinco annos: “exclusivamente para os raros...” Os raros são no caso alguns individuos de maxima bondade, que murmuram:

— Coitado do pobre homem. A ter o trabalho de fazer observações, quando seria melhor avançar e gritar. Decididamente deve soffrer da cabeça. Não se perde assim o tempo.

Outro dia a proposito do problema das candidaturas à presidencia, como me caisse em mão um jornal feroz, foi-me impossivel deixar de perder assim o tempo. Lembrava-me que com certeza vai se repetir a scena dos quatriennios anteriores, e de certo a crise super aguda da honestidade: os jornaes a exigir a fiscalização dos actos do governo e o governo fazendo a declaração que quer ser discutido e fiscalizado. Haverá coisa mais cheia de fraqueza que essa declaração? No rol das covardias, a primeira é allusão amarga ao governo que sae. A segunda é a bajulação imbecil aos jornaes que representam a opinião publica, porque insultaram o governo que desaparece. A terceira é a inutilidade suspeita da propria declaração. Nunca se pode imaginar um bando de cidadãos subindo ao poder para enganar o povo. E nenhum homem serio tem o direito de pensar que os outros o considerem deshonesto.

Quando os governos declaram que precisam da fiscalização para mostrar como não roubam, eu imagino a cara com que ficaria um marido, se a esposa, depois do contrato, ao passar-lhe a alliança, declarasse:

— Caso contigo no firme proposito de não te enganar!

Por mais amante, o marido desconfiaria. Como desconfiaria qualquer que, ao encontrar os serviços de um criado recebesse este pedido:

— Peça fiscalizar-me para ver que não o engano.

Os governos são mais que esposas e do que criados, são como tutores por nós mesmos eleitos. Nada mais dubitativo, da moral e mais symptomatico do momento em que a sua ausencia de fé na confiança dos tutorados.

Entretanto, os “estadistas” republicanos fazem dessas declarações denominadas plataformas, e os jornaes, tomando ares de matamouros em estylo de guarda nocturna da zona, sorriem satisfeitos. Governos e jornaes completam-se. Quanto ao povo, não sei o que pensa. A fé está na proporção da necessidade. “A necessidade é o cimo”, já dizia um sujeito chamado Carlyle. De resto, seria inutil pensar. Porque, passado o período de conjunção entre políticos que sobem e jornalistas que repousam — tudo fica como era dantes. Os governos achando inutil dar explicações, e os jornaes julgando os governantes de gatunos para baixo, ou de deuses para cima.

A administração fica assim um mysterio confuso, cuja realidade o povo não pode desvendar. A partir dos orçamentos, tudo é aproximação da verdade. Os ministros acabam por não saber bem a quantas andam. Os deputados que levam a salvar a Patria diariamente empregam tanto o tempo nesse mister que, no fim do anno, voltam as leis annuais sem saber bem o que votam. É o chaos. Os jornaes fazem opposição ou defesa. Mas, o ataque é sempre attribuido à zanga do jornalista, por motivos inteiramente alheios ao interesse da Patria. E o aspecto geral é o da exarcebação. Ha muito tempo não ha meios termos. Ha excesso. Pelo mais futil motivo, os ataques deixam a perder de vista o vocabulario da Praia do Peixe — a que, de certo falsamente, se attribue a violencia brutal da linguagem...

Tudo, porem, tem uma causa originaria. Após a leitura do diario aggressivo e da meditação inutil (como todas as meditações de thema contemplativo), abri por acaso na bibliotheca um volume. Era de Aristophanes, “esse velho patriota conservador, que vivia em Athenas, no começo da decadencia de Athenas. E vi o mal originario; e vi que nós estamos exactamente como em Athenas.

Nada mais parecido com uma democracia que outra democracia. Os reinos não se assemelham. Os imperios constitucionaes não ha dois parecidos na historia universal. As democracias em qualquer latitude, têm marcha fatalmente identica. Emquanto ha Freio, representado por um homem que governa em nome da liberdade e da igualdade, os malandros, os pescadores de aguas turvas, os agitadores, e mesmo os ingenuos — (especie de gente nascida para prestigiar os espertos mal intencionados porque acreditam em idéaes) — esbofam-se pedindo liberdade e igualdade. Democracia, de *Demos* — povo, é o governo do povo pelo povo! Ha homens que não são o do povo e governam com intelligência! Fóra! Apedreja-se o valor. A intelligencia é a peste negra. E a furia destruidora vai até o desaparecimento do inominavel tyrano.

Destruído o que elles consideram o obstaculo, estamos na treva da incompetencia que não póde ter nobreza. A lucta é de igual para igual, a ver quem fica dono. O governo desaparece. e a democracia perece: no pantanal

das delações, na desconfiança generalizada, no delirio das explorações, das negações, da falta de autoridade e no mutuo desrespeito.

Athenas teve um Freio, que se chamou Pericles. Considerado ladrão, immoral, patife. Levaram-no à barra do tribunal. Elle mantinha a hegemonia de Athenas, reconstruira os templos do Acropole, respeitava os grandes artistas. Era um miseravel. Isso quatro seculos antes de Christo. Vinte seculos depois de Christo, o Mexico teve Porfirio Diaz, que lhe conseguia uma paz cheia de progresso. Chamavam-no de nomes horrendos. Athenas rolou de Pericles às mãos do sapateiro Cleão, e de Cleão aos trinta tyrannos, foi um passo. O Mexico convulsiona-se na guerra civil. Sem o Freio — as democracias são um desastre.

Nós não parecemos o Mexico. A pretensão de athenienses da America do Sul e a nossa doença oratoria, quasi nos forçariam a opinar por Athenas. E — *mirabile dictu!* na Avenida Rio Branco, como no *agora* da cidade de Pallas, é tão identico o estado das almas, apesar de vinte e tres seculos de intervalo, que o menos observador dos escriptores poderia pintar fielmente o nosso momento, traduzindo apenas Aristophanes — a quem no fim da vida a censura de Athenas cortava as peças, como a policia do Rio decepa as alusões politicas nas revistas do Rocio.

Que era Athenas nas mãos de Cleão? Uma infernal gritaria, um assalto geral aos cargos e ao dinheiro. Oradores por todos os lados, discursando com grandes gestos; calumniadores profissionaes em quantidade enorme; syncophantas exploradores; impostos de arrancar o couro, o cabelo, e, às vezes, os ossos, a advocacia, absolutamente mercenaria e administrativa; à chicana famelica, a intriga, a mentira, o odio à riqueza e ao talento.

— Estás á espera dos impostos como o pescador á espera do peixe, diz Aristophanes a Cleão, o homem dos couros. Muges à bolsa dos estrangeiros opulentos, apalpas os accusados como os figos, a ver que ainda estão verdes e os que já estão maduros. Lembra as amas que sob o pretexto de provar os pratos das crianças engolem metade delles.

Todos exigem moralidade, economia e a guarda do Thesouro, inclusive os patrioticos seis mil heliastes a tres obolos por dia...

— Não me enganas, continua Aristophanes. Montas guarda em torno do cofre e o esvasias pelo fundo!

Nas conversas todos são honestos salvadores, denigrindo o resto, que não está presente. E isso aos berros, com a incontinencia oratoria tão hellenica quanto brasileira.

Aristophanes obriga-os à franqueza:

— Confesso que sou gatuno, mas convem que tu es outro.

— Qual! Mesmo com a boca na botija eu nego!

Nessa liberdade que era escravidão e o começo do fim, a immoralidade e o vicio triumphavam, a religião desmoronava-se. De anno para anno, de dia para dia. Era o frenesi estúpido — todos iguaes, chegando a exploração fatal de um ou de alguns — iguaes apenas em falta de qualidade.

Apreciando o carnaval, lendo os jornaes, conversando com os politicos e falando com o povo, temos cá um completo conhecimento dessa Athenas passada. Aristophanes via mais longe, e ha um pequeno dialogo nos *Cavalheiros*, que é reproduzido nos nossos jornaes de vez em quando sem citação do auctor.

— “Vamos a ver; és de familia séria? — Qual historias! Venho da canalha. — Filho da fortuna! Estás feito para os negocios publicos. — Mas eu não tive a menor instrucção. Sei ler apenas e mal. — Ahi temos um mal: saber ler, mesmo mal. A demagogia não quer homens instruidos e serios. Quer canalhas e ignorantes.”

Infelizmente o Brasil vive assim nessa incontinencia demagogica, nessa furia de insultos e de horrores — realizados em nome da liberdade e da democracia. Não é tempo de suster o desastre, não é o momento de todos aquelles que têm responsabilidades deporem o fardo da conveniencia e se congregarem torno de um homem que seja o Protesto e depois o Freio?

É. Apenas o temor dos homens serios foi sempre a sorte dos bandidos sem escrupulo. E é bem possivel que o Brasil não pare na corrida para a tyrannia, como Athenas no tempo de Aristophanes. Resta-lhe um consolo: a comparação tem prestigio.

João do Rio

O PAIZ, Rio de Janeiro, 6 e 7 de agosto de 1917.

O INCENDIO

Os jornaes são como as cathedraes, as torres, as acropoles das modernas cidades. Ha quem assegure que a imaginação lyrica é um contrasenso na época utilitária. Nada mais enganoso. Todas as épocas são utilitárias e a imaginação lyrica apenas transforma-se, eterna aspiração de idéaes. Um novo Deus existe a juntar aos trinta mil deuses cuja lista nos deixou Varrão²⁴, a augmentar ao numero fantastico dos outros deuses que depois de Varrão surgiram. Esse deus é bem a opinião habitando em cada templo-jornal com uma fórmula differente para a crença de um certo numero de fieis, para a colera dos sacerdotes dos outros templos, para preocupação permanente do publico.

Eu vi na noite dramatica do incendio do “Paiz” a ancia de uma cidade inteira. E desgradadamente eu sentia como o menor auxiliar, eu olhava com os olhos do soffrimento. Como é diverso o espetáculo de um desastre qualquer do espetáculo da labareda consumindo o resultado de um labor colectivo em que ha tanto do esforço material como do esforço do pensamento, da coragem das affirmações, da gloria da idéa!

O electrico choque instantaneo da noticia que tocou os quatro cantos urbanos trouxera-me de roldão na massa que corria. Era como um cachoeirar de gente pelas ruas. E era em mim uma agonia cada vez maior. De repente, em frente, o enorme palacio todo branco e dentro desse palacio, a fornalha, o brazeiro, a cratera. Mil estalidos, dez mil rumores minimos construindo o rumor sinistro da mastigação das labaredas, e na multidão o surdo aspecto emocional em que nada se escuta, apesar de todos falarem, porque mais alto fala a catastrophe.

Eu olhava o desastre e pela primeira vez comprehendia o horror do incendio, a dor da destruição estúpida. O edificio parecia resignado, impassivel. Na torre alta, os ponteiros do relógio continuavam a caminhar. Em baixo a grande porta de entrada esperava a entrada dos redactores. Nos andares de cima os vidros das janelas reflectiam a luz. Mas, as chammas rebentavam ao alto os tectos, espalhando no céu o clarão allucinante e a

²⁴ Varrão, Marco Terêncio (116-27 a.C.) — Poeta e poligrafo latino, nascido em Narbona. (...) Em Roma exerceu a advocacia com Cicero e foi questor e edil. São universais os seus livros, entre os quais se destaca: *De Lingua Latina* (filologia); *Rerum humanorum et divinorum antiquitates* (história da civilização antiga); *De Rustica* (tratado de agricultura).

cada minuto as avançadas labaredas marchavam mais sobre a parte central do edificio. Era diante dos meus olhos a memoria desses brazeiros em que a furia humana transformou cathedraes, torres, igrejas — a torre Dixmude, a igreja de S. Pedro em Louvain, a cathedral de Soissons, sob o fogo dos *shrapnells*. Nas fumaradas subitaneas, grandes resfolegos de agonia em que se abatiam as partes internas do edificio, esguichavam milhões de favillas côm de sangue, de cada estalo de vidraça irrompiam clarões lividos, e no alto, pelas janelas abertas, o fogo, monstro multiforme, fauna ignea de serpentes, de chacaes, de hyenas, desdobrava aos milhares de olhos da turba attonita, o quadro apocaliptico do horror.

Eu desejava pensar com animo. Ninguem morrera. Estavam todos fóra, os homens que realizavam diariamente o esforço do trabalho. No dia seguinte sairia o jornal de outras machinas, com a mesma feição mental, expressão identica das mesmas almas. Os desastres materiais são sempre reparaveis quando se tem energia. Mas todos os meus nervos, todo o meu ser sensivel chorava, chorava pelo que havia lá dentro do inanimado e que de tanta vida era cheio d'alma, chorava pela casa, acolhedora generosa da Intelligencia, chorava o elevado tempo resistente, que era em pedra a fórmula illustre de que o jornal era a tiragem diaria, chorava tudo o que se queimava: arquivos, livros, colecções, residuos de um passado de que não participamos, mas que invisivelmente nos animava: idéas dos espiritos mais notaveis do Brasil, as mais memoraveis luctas pelos ideaes de liberdade. As chammass cerradas, convulsas, fauces hiantes, garras em turbilhões, torciam caibros, enguliam pranchas, violentavam soalhos. Mas o edificio, como desejoso de manter o espirito que o animou — esse espirito de impassivel coragem, era na sua fachada calmo, tranquilo, branco. E o relógio cumpria o seu dever, alheio ao desastre, continuava a mostrar as horas, avançando tão sereno, que a multidão se prendia aos ponteiros a ver o imperceptivel passar de minuto a minuto...



(...)

Só ahi consegui romper o dique policial que me afastava da area em que estavam com as autoridades aquelles a quem o desastre attingia directamente, pois que a quantos pensam e têm nobreza d'alma de qualquer modo attingiu. O fogo diminuia. Não havia mais o que queimar. Agora, fartamente ouvia-se o barulho da agua refrescando a fumarada.

Mas, branca e austera, a fachada do **Paiz** continuava. Na rua, em torno de João de Souza Lage, tão forte a todos os embates e ainda mais forte por sentir com coração humano, sem abatimento, esse desastre, a mocidade illustre que o acompanha era cheia de serenidade.

Na minha pena eu senti esse consolo. Na cidade inteira, no Brasil e no mundo onde este jornal é uma das expressões mais illustres da mentalidade brasileira, sentil-o-hão os outros pelo jornal de hoje. Ardeu o templo. O espirito que o animava continua. E, continuando elle, com esforço maior os desastres materiaies se refarão. Para os fortes os desastres são estímulo e verificação da propria força. E quantos trabalham nesta casa puderam avaliar, no immenso abalo geral, o sentimento de estima em torno da obra continua que, atraves de decenios, altos espiritos realizaram, dando ao **Paiz** a sua autoridade moral de guia das aspirações conservadoras do Brasil.

A PÁTRIA, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1920.

BILHETE

A Um Homem Inteligente: — Li a sua carta e tornei a lê-la. Torno publico o período em que você me censura: “— o grave defeito que encontro em seu jornal é a sinceridade. Isso é contra a ética jornalística. Você é sincero! Haverá maior erro do que ser sincero, sem negociatas e sem alardes de não as fazer? Você pelo Brasil grande, pelos pobres, pelos desgraçados, pela nação, pela raça! Póde o seu jornal ter a grande tiragem que tem; pódem subir as escadas homens sinceros? Quantos serão? Defender os poveiros, gente rude e com vintem; defender os proletários espoliados; defender a formação do grande Brasil num momento em que o governo mostra sympathia pelos pescadores da Avenida, que são contra as correntes immigratorias; opor-se à onda de insonia que se faz contra o inestimável trabalho que nos dão os portugueses! Mas você está doido. Tem de ser infamado, insultado, calumniado. O insulto à sua pessoa, que a inveja e o despeito sempre fizeram largo, tornou-se matéria paga. E a culpa é sua”.

Respondo, meu caro amigo. Quando me decidi a fundar A PÁTRIA contei de antemão com o que teria de acontecer. Decidi-me, resignei-me, “a priori”. Não bastaram as conferencias, os artigos, os livros. Necessitava de seção diaria. Era preciso mostrar que o povo, talvez um pouco aceptico diante de tanto erro e de tanta velhacaria, continuava o generoso povo soffredor, inteligente, capaz de discernir. Era preciso insistir sobre o erro dos governos, sobre a solução dos nossos problemas pendentes de solução urgente.

O povo tomou o mesmo instante neste jornal, que é seu, que é seu de verdade.

Os negociastas mandaram-me insultar e até um desembargador, o Geminiano de Franca, que esgotou a verba secreta pagando gatunos, mandou pregar papéis contra mim nas portas das repartições publicas. Mas que importa!

Essa hypocrisia reles, essa torpeza indecente, essa ignorancia recalitrante de cavadores guindados e apaniguados de um prodigio da roça, com todos os erros, todos os carrancismos, toda a estultice philanciosa de um bacharel pretensioso — não podem impedir o clamor do povo, de todas as classes conservadoras, entre as quaes colloco o proletariado, de todos os que produzem e trabalham, deante da ameaça do *crack*.

Consulte você um banqueiro, um industrial, um commerciante, um operario, um funcionario. Pelà primeira vez você terá a harmonia das

opiniões. Todos são contra a angustiosa situação creada pelo governo, todos bradam. O Brasil grande, o Brasil que deveria ser a maior potencia, graças a guerra, tem uma coisa peor que tudo que entrava: — a ineptia do governo.

E tanto assim é que todos os que eram cegos retomavam os nossos argumentos e vão augmentando a grita do protesto.

Póde ser que não seja de boa ética jornalística a sinceridade. O que tem dado apoio à minha argumentação sempre foi e é exactamente a minha sinceridade. Os meus amáveis collegas podem urrar, infamar, salivar. O público dá-me razão. Desta vez é o país inteiro — porque ninguem mais em condições poderia ser da camarilha que enleia o sr. Epitacio (ao qual pessoalmente só devo gentilezas e atenções excepcionais). Mas, sem interesse prejudicado e sem lhe ter feito pedidos, preferi dizer o que penso a passear com o Geminiano contra os operarios e nos automoveis pandegos que batem o martelo nisto tudo.

A sinceridade é ainda uma coisa muito grave. Eu não tenho lyrismos nem exaltações. Tenho certezas. Você verá ainda o que vai acontecer.

Seu cordialmente.

João do Rio

A PATRIA, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1920.

BILHETE

Secretario Agenor de Roure: Cattete — Meu caro Agenor: Desculpará V. este bilhete público de um dos seus mais sinceros admiradores. V., depois de ser um jornalista illustre, foi durante annos o professor de portuguez da Camara, emendando nas provas escriptas a prova oral dos deputados. Tem por consequencia uma grande paciencia, enfestada daquelle sentimento denominado: — a oportunidade dos estylos. V. sabe bem aturar um sujeito aborrecido e reconhece o momento em que se deve ter o estylo do Padre Bernardes, o estylo do conde Affonso Celso, o estylo do Bastos Tigre, o estylo de Antonio Vieira. Às vezes uma situação depende de uma phrase...

Ora, é exactamente por isso que eu o aborreço para perguntar:

— Quem escreve as notas do Cattete? Quem faz o jornalismo da Presidência?

Andei a querer ver no “entourage” do Presidente o autor. Será o Burlamaqui, esse amavel commandante? Será o Octacillio? Será o Celso Bayma, o grande milionário? Será o Francisco de Pessoa Queiroz? Se são do Celso, o velho rapaz tão gentil anda a fazer progressos. Se são do Francisco — como só lhe falta a Academia de Letras, já daqui lhe hypotheco o meu voto, indo ganhar aquelle cem mil réis que a falta de tempo me faz perder todas as quintas-feiras. Se fôr o Burlamaqui, que era inteligente e habil, começo a tremer.

Porque, meu caro, Agenor de Roure, essas notas são de uma impertinencia de jornalista da roça verdadeiramente calamitosa. Nós sabemos o desprezo colérico que o dr. Epitacio passa e os jornaes ficam expressões da Opinião. E tanto o Dr. Epitacio sabe disso que, quando era poeta, solicitava dos jornaes da provincia a inserção dos seus poemas e alguns dos seus innumeraveis parentes têm jornaes. Não só. O homem que aborrece a imprensa não manda notas retificando o que ella diz. O Presidente vê-se forçado a explicações. Dahi a sua autocratissima colera.

Mas as notas são, quanto à essencia, verdadeiras crises de epilepsia contida. Mentem, desdizem-se e principalmente aggridem. Aggridem num tom pernóstico, de sufficiencia arrepiaada, que não admite observações.

V. sabe, Agenor, que quando a nota do Cattete passa uma capina é só porque o Dr. Epitacio não é elogiado. Elle gosta disso e fica logo convencido de que a folha esteve abaixo da verdade. Mas V. sabe também que os jornalistas enticam com os cavalheiros mettidos a sebo. Ora, as notas não só desmentem a verdade e aggridem os jornaes como, ainda por cima,

tomam aquelle cor espermacético — perfeitamente irritante. Se eu escrevesse como na Academia diria que, as notas S.Ex. o Presidente positivamente estrepá-se.

Dahi, amigo do governo, querendo collaborar nele como o Dr. Epitácio ordena, submeter-lhe uma lembrança. Porque não consegue, Agenor de Roure, escrever V. as notas? Era mais trabalho. Prestava, porém, um incalculável serviço ao Dr. Epitácio, ao paiz, á harmonia geral, á civilização e principalmente á grammática. E ellas, com aquelle senso da conveniencia, talvez fossem menos prejudiciais ao Presidente.

João do Rio

A PATRIA. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1922²⁵. pg.1

AGORA

— Meu caro amigo. Com a publicação da **A PATRIA** realizo um dos meus maiores desejos da minha maturidade — que era fazer um grande jornal da manhã, que fosse o portador de todas as idéias novas, o grande laço federativo da obra que o Brasil tem que realizar.

— Como assim?

— Eu sou um entusiasta. Não se admire.

“La vie est a monter et non pas a descendre!”

Esse verso menos bom resume um programma. Um dos meus mais intimos amigos repete-o sempre. Graças a Deus! Mas para me comprehender, para não sorrir desse director de jornal sem precauções, é preciso que eu lhe explique.

Se a minha acção no jornalismo brasileiro pôde ser notada é apenas porque desde o meu primeiro artigo assignado João do Rio eu nunca separei jornalismo de literatura, e procurei sempre fazer do jornalismo grande arte.

O jornalismo e o cinema são mesmo as duas grandes artes americanas — instrumentos admiraveis da plasmação de idéas, innoculadores de animo nas multidões, transformadors esplendidos. O que na Grecia de Pericles eram o orador e o comediographo é hoje o jornal, o que na França era o theatro é hoje o cinema. Jornal e cinema — tudo. E o cinema é o jornal em figuras e o jornal é o cinema em leitura.

Vim da Europa, sem o sentimento de fazer o jornal, entretanto. Eu queria prestar serviços ao meu paiz e à minha raça d’outra maneira. Mas lembraram-me o jornal como edificar, lembrassem uma cathedral no deserto porque não havia recursos.

— Terás 1000 contos ao primeiro aceno!

Eu não queria acreditar pela simples razão de que desejando fazer um jornal de palpitante interesse do povo, não poderia estar preso a existencia de subserviencias. Com effeito. Disse:

— Vou fazer um jornal.

E logo bradaram:

²⁵ Artigo encontrado pela mãe, sra. Florencia Barreto, nos arquivos de seu filho e publicado dois anos após sua morte.

— Com o preço das machinas, o saque do papel, a indiferença do publico e ninguem querendo incorporar a sociedade com algumas centenas de contos — estás doido.

Então deu-me logo o desejo de fazer. E como me apparecessem hostilidades, fui de porta em porta pedindo dinheiro. No seculo XX, no Brasil, olhem que era bonito. eu contava o que iria fazer e amigos bons davam-me como se dessem para eu comprar um automovel. Era um subscrição ao symphatico trabalhador.

E então vieram as machinas.

E então transformamos uma casa.

E então comprou-se o papel.

E então vou fazer o jornal.

Nós dois eu e o Mosca pelas ruas, cheios de fé...

A fé é irmã da modestia e arrimo ao trabalho. Eu vinha de receber banquetes em que se me louvava um esforço enorme. Que bom não repousar e fazer uma obra maior de mocidade, de intelligencia, de projecção!...

Cá estamos a lançar o jornal pelo Brasil.

Agradará? Não agradará?

Que sei eu?

Não. Eu sei. E conto com o publico, porque elle é o critico da minha sinceridade e jámais abandonou um esforço meu. Ainda não houve um jornal meu que não ficasse. Agora porém é maior o esforço e estou com todo o Brasil. Veremos se não sossobra o barco enorme.

— Mas o litterato desaparece?

— Porque? Que incompatibilidade acha entre fazer um jornal e publicar um livro? Estão a sahir: — “Ramo de Loiro” e “Rosario de Illusão”.

Breve fecharei contrato com uma livraria para uma série de livros em elaboração que faz parte “O Desejo”.

Mas agora é **A PATRIA**.

— Diga-me seu jornal é politico?

— No que essa palavra tem de absoluto. **A PATRIA** não ser por B ou C e fazer opposição ou louvar. Vae ser pelo Brasil contra a apathia, o carrancismo, o negociismo, o imbecilismo.

É preciso pensar no Brasil como pensamos em nós mesmos. O meu desejo é que esse jornal seja o incendio das idéas e das vontades do Brasil inteiro!

Mas chamavam o director de **A PATRIA**. Elle desapareceu.

Fóra na praça os phanaes do jornal cortavam árvores de luz.